



XIV CHELEF 2016

Congresso Brasileiro de História
do Esporte, Lazer e Educação Física

ICOSH I International Congress of Sports History

ANAIS DO CONGRESSO

Financiamento

Capes, Fapesp, Faepex e Unicamp

XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA

(XIV CHELEF/2016)

I International Congress of Sports History (ICOSH)

Tema central

Esporte e Educação na História

Local

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP Centro de Convenções
Campinas - SP - Brasil

Data

8, 9, 10 e 11 de novembro de 2016

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-99688-33-5



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

C76a

Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Recreação (14.: 2016 :
Campinas, SP)

Anais do XIV Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e
Recreação, I International Congress of Sports History, 08 a 11 de novembro
de 2016 / organizadores André Dalben [et al.]. -- Campinas, SP:
FEF/UNICAMP, 2016.

ISBN: 978-85-99688-33-5

1. História do esporte. 2. Educação Física – História. 3. História da
educação - Brasil. 4. Lazer. 5. Recreação. I. Dalben, André. II. I
International Congress of Sports History. III. Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Título.

796.4
613.70981
(dilsa/fef)

ANAIS DO XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA

(XIV CHELEF/2016)

I International Congress of Sports History (ICOSH)

ORGANIZADORES

André DALBEN

Carmen Lúcia SOARES

Daniele Cristina C. de MEDEIROS

Evelise Amgarten QUITZAU

Edivaldo GOIS JUNIOR

Vinicius Demarchi Silva TERRA

Realização	Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas
Financiamento	<p>CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior</p> <p>FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo</p> <p>FAEPEX – Fundo de Apoio a Pesquisa, ao Ensino e Extensão da UNICAMP</p> <p>UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas</p>
Apoio	<p>Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG</p> <p>Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP- Campus Baixada Santista</p> <p>Universidade Estadual de Londrina – UEL</p> <p>Editora Autores Associados</p>
Colaboradores	<p>Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Unicamp</p> <p>Linha de Pesquisa Educação e História Cultural do Programa de Pós-Graduação em Educação – Unicamp</p> <p>Laboratório de Corpo e Arte – UNIFESP- Baixada Santista Grupo FOCUS – FE- UNICAMP</p> <p>Grupo MEMORIA – FE- UNICAMP</p> <p>Grupo Corpo e Educação – FEF- Unicamp</p> <p>Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e da Educação Física da Universidade Estadual de Londrina – UEL</p> <p>Coordenação de Extensão da FEF- UNICAMP – CODESP</p>

Comissão Organizadora

Presidente Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Soares (FEF e FE- UNICAMP)

Coordenação Geral Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior (FEF- UNICAMP)
Prof^ª. Dr^ª. Evelise Amgarten Quitzau
(Secretaria Municipal de Educação – Indaiatuba)

Organização André Dalben
Andrea Moreno
Carmen Lúcia Soares
Carolina Nascimento Jubé
Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros
Edivaldo Góis Junior
Emerson Teodorico Lopes
Evelise Amgarten Quitzau
Maria José da Conceição M. Marques
Rachel Ramos de Souza
Tony Honorato
Vinícius Demarchi Silva Terra

Identidade Visual Luciana Fernandes
Vinícius Demarchi Silva Terra

Website Luís Filipe Mendonça Figueira

Comissão Científica

Prof. Dr. Ademir Gebara (UFGD)
Prof. Dr. Alex Fraga (UFRGS)
Prof. Dr. Alexandre Vaz (UFSC)
Prof. Dr. Anderson Baía (UFV)
Prof. Dr. André Dalben (UEL)
Prof. Dr. André Mendes Capraro (UFPR)
Prof. Dr. André Paulilo (UNICAMP)
Prof^ª. Dr^ª. Andrea Moreno (UFMG)
Prof^ª. Dr^ª. Angela Aisenstein (Universidades de Luján e San Andrés – Argentina)
Prof. Dr. Antonio Jorge Soares (UFRJ)
Prof. Dr. Carlos Fernando Cunha Junior (UFJF)
Prof. Dr. Carlos Herold Junior (UEM)
Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Soares (UNICAMP)
Prof. Dr. Cleber Dias (UFMG)
Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior (UFBA)
Prof^ª. Dr^ª. Denise Sant’Anna (PUC/SP)
Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias (UFPA)
Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (UFPE)
Prof. Dr. Edivaldo Gois Junior (UNICAMP)
Prof. Dr. Eduardo Galak (Universidad Nacional de la Plata – Argentina)
Prof^ª. Dr^ª. Elisângela Chaves (UFMG)
Eustáquia Salvadora de Souza (PUC/MG)
Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB)
Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri (UFPR)
Prof. Dr. Flávio Campos (USP)
Prof. Dr. Gustavo Freitas (FURG)
Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Helena Pimenta Rocha (UNICAMP)
Prof. Dr. Hugo Lovisollo (UERJ)
Prof^ª. Dr^ª. Ingrid Wiggers (UNB)
Prof. Dr. Janes Jorge (UNIFESP)
Prof. Dr. José Luis Simões (UFPE)
Prof^ª. Dr^ª. Josianne Cerasoli (UNICAMP)
Prof. Dr. Leonardo Brandão (FURB-SC)
Prof. Dr. Luis Carlos Ribeiro (UFPR) Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva (UFPR)
Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG)
Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Rosa (UFOP)
Prof^ª. Dr^ª. Marilita Rodrigues (UFMG)
Prof. Dr. Odilon José Roble (UNICAMP)
Prof^ª. Dr^ª. Paola Dogliotti (Universidad de la República)
Prof. Dr. Pablo Scharagrodsky (Universidad Nacional de la Plata)
Prof. Dr. Rafael Fortes (UNIRIO)
Prof. Dr. Ricardo Lucena (UFPB)
Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)
Prof. Dr. Tony Honorato (UEL)
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)
Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra (UNIFESP)
Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr. (UFPR)

Sobre a trajetória do Chelef

A primeira edição do Congresso Brasileiro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física (CHELEF) ocorreu no ano de 1993, na cidade de Campinas e foi promovido pela Faculdade de Educação Física (FEF) da UNICAMP. Sua finalidade era discutir e divulgar trabalhos realizados pelos pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UNICAMP e integrantes do Grupo de Pesquisa em História da Educação Física, Esporte e Lazer da mesma instituição. O evento realizado em 1993, em sua primeira edição, reuniu cerca de 50 participantes e foram apresentados aproximadamente 30 trabalhos, não sendo ainda considerado e nem denominado como um Congresso e sim como um Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Gradualmente e dada a constância dos pesquisadores, o evento ganhou abrangência nacional e em 1994, o Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) se candidatou para organizar o II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. O número de participantes e de trabalhos apresentados aumentou significativamente e a Imprensa Oficial do Estado do Paraná publicou os Anais do Encontro.

Nos anos subsequentes, as edições foram tornando-se cada vez mais procuradas e significativas à divulgação, discussão e disseminação da produção de conhecimento na área da História da Educação Física. O III Encontro ocorreu em 1995, e foi organizado pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a partir da iniciativa de um grupo de professores que se inseria na produção de conhecimento sócio-histórico em Educação Física. Esta edição do evento já contou com apoio do CNPq e do Banco do Brasil. A realização do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, no ano de 1996, foi organizado pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e teve como temática central as questões teórico-metodológicas da pesquisa histórica, contando com um grande número de pesquisadores envolvidos. Este evento foi subsidiado pelo INDESP (Ministério Extraordinário dos Esportes) e pelo Programa de Apoio Integrado a Eventos – PAIE/UFMG. Já em 1997, a V edição do evento deslocou-se do eixo sul-sudeste e

foi realizada no nordeste brasileiro, na cidade de Maceió, pelo Centro Federal Tecnológico de Alagoas e Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O evento contou com o apoio do CNPq, do INDESP e da VASP, e teve a participação de palestrantes internacionais iniciando, naquele momento, uma nova fase do Encontro. Mas, foi a realização de sua VI edição, organizada pela Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro (UGF-RJ), no ano de 1998 que, efetivamente, posicionou o evento na agenda acadêmica da área da Educação Física que, a partir daquele ano, passou a denominá-lo de Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Nesta edição, o evento recebeu apoio do INDESP, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IGHB) e do Ministério da Educação e do Desporto.

Considerando a constância do evento e a regularidade dos participantes, sobretudo, para dar consequência à qualidade das pesquisas apresentadas, decidiu-se que sua realização seria bianual. A VII edição foi, então, organizada pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano 2000, na cidade de Gramado. Esta VII edição contou com o apoio da CAPES, CNPq, INDESP e FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul).

As edições de 2002, na cidade de Ponta Grossa/PR (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG), e de 2004, na cidade do Recife/PE (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE), atestam claramente os avanços qualitativos do evento tanto na qualidade dos trabalhos apresentados por pesquisadores nacionais, quanto na ampliação do número de pesquisadores estrangeiros ao longo de seus 11 anos de existência, sem interrupção. Cabe destacar que na edição de 2004 o evento contou com a participação de Eric Dunning (Inglaterra), Roland Renson (Bélgica), Paulo Coelho (Portugal), Carlos López Van Vriessen e Miguel Cornejo (Chile). Estas duas edições buscaram uma aproximação dos estudos históricos com as ciências sociais. O X Congresso, organizado em 2006, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), na cidade de Curitiba, contou pela primeira vez com uma parceria de caráter internacional: o “II Congresso Latino-americano de História de la Educación Física”. Esta edição foi subsidiada pelo CNPq, SESI e Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná.

A XI edição do evento foi organizada no ano de 2009, pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV), tendo como temática central “Historiografias e fontes”. Contou com apoio financeiro do CNPq, da CAPES e da FUNARBE (Fundação Arthur Bernardes). Com o tema central “Esporte e Educação Física ao redor do mundo – passado, presente e futuro”, em 2012 o XII CHELEF ampliou sua visibilidade no cenário internacional, pois sua edição, organizada na cidade do Rio de Janeiro pela Universidade Gama Filho (UGF), foi concomitante à realização do XIII Congresso ISHPES – International Society for the History of Physical Education and Sport. Além do número expressivo de brasileiros, o evento recebeu mais de 150 participantes estrangeiros e contou com apoio do CNPq e da FAPERJ. Esta edição foi organizada juntamente com a Universidade Estadual de Londrina que, em 2014, realizou o XIII Congresso de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física – CHELEF tendo como temática central: “Naturezas históricas na relação entre o Estado e a Sociedade”. A XIII edição contou com número expressivo de participantes e aproximadamente 70 trabalhos apresentados. Em seu encerramento e a partir das reuniões institucionais realizadas durante o evento, foi definida como sede para o XIV CHELEF, a instituição que teve a honra de organizar a sua primeira edição: a Faculdade de Educação Física da Unicamp. É assim que a FEF-Unicamp propõe este projeto para sediar, em 2016, entre os dias 8 e 11 de novembro, na cidade de Campinas-SP, o XIV Congresso de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física – CHELEF e a sua primeira edição internacional, denominada I International Congress of Sports History – ICOSH.

XIV CHELEF e I ICOSH 2016 – Temática Central

O CHELEF, cuja trajetória foi brevemente narrada no item anterior, é evento reconhecido pela comunidade acadêmico-científica da área de Educação Física, mas, também, da Educação, particularmente da História da Educação, da Sociologia e das Humanidades mais amplamente. Para sua XIV edição, a realizar-se na Universidade Estadual de Campinas-SP (UNICAMP), juntamente com a primeira edição do International Congress of Sports History, entre os dias 08 e 11 de novembro de 2016, o evento toma como tema central “Esporte e Educação na História”.

O tema eleito concebe a Educação como um conjunto de processos culturais

amplios que implicam conhecimento e prática dos usos e costumes de uma sociedade, tendo como finalidade introduzir indivíduos e grupos em distintas esferas da vida pública. Não se trata, aqui, exclusivamente, da educação realizada no interior da instituição escolar, com seus programas, atividades e procedimentos, ritmos e tempos próprios, arquiteturas, mobiliário e tudo o que compõe sua rica cultura material. Ainda que o universo escolar possa também ser objeto da delimitação temática deste evento, trata-se aqui de problematizar e historicizar o lugar do Esporte, da Educação Física e do Lazer na configuração, constituição e efetiva realização de distintos, profundos e extensos processos educativos (escolares ou não) que constituem as modernas sociedades. Nesta perspectiva poderíamos afirmar que o esporte, a educação física e o lazer educam, pois, ao criarem regras e comportamentos comuns, usos comuns do corpo, induzindo indivíduos a cuidarem de si, e, nesse movimento, a protegerem-se de suas próprias forças e impulsos, contribuem para assegurar a vida em sociedade e as trocas entre as gerações.

ÍNDICE DE PRIMEIROS AUTORES

Jacques Gleyse	16
Annette R. Hofmann	19
Ademir Gebara	21
Luiz Carlos Ribeiro	24
Tony Honorato	27
Angela Aisenstein	32
Diana Gonçalves Vidal	34
Elisângela Chaves	36
José Rafael Madureira	38
Vinícius Demarchi Silva Terra	39
Victor Andrade de Melo	40
Ricardo de Figueiredo Lucena	41
Wanderley Marchi Jr.....	42
André Dalben	43
Carlos Herold Junior	45
Janes Jorge	46
Denise Bernuzzi de Sant'Anna	47
Heloísa Helena Pimenta Rocha.....	49
Raumar Rodríguez Giménez	51
Andrea Moreno	52
Evelise Amgarten Quitzau	53
Paola Dogliotti	55
Prof. Dr. Pablo Scharagrodsky	56
Silvana Vilodre Goellner	57
Wagner Xavier de Camargo Pesquisador	58
Natália de Noronha Santucci.....	62
Priscila Requião Lessa	64
Simone Gonçalves de Paiva.....	66

Gabriela Marta Marques de Oliveira.....	68
Natasha Santos	71
Everton de Albuquerque Cavalcanti	73
Ana Claudia Avelar.....	75
Giovanna Garcia Ticianelli	78
Ricardo Martins Porto Lussac	81
João dos Santos Rolim	84
Nilene Matos Trigueiro Marinho	86
Luciana Santos Collier	89
Ester Liberato Pereira.....	92
Sara Quenzer Matthiesen	94
Luana Mari Noda Silvana dos Santos	96
Igor Percilio Moreno.....	98
Reginaldo Calado de Lima.....	100
Antonio Carlos Monteiro de Miranda	103
Rafael Marques Garcia.....	105
Kelwin Santos da Cruz.....	108
Viviane Teixeira Silveira	111
Polline Moreti Soares.....	113
Guilherme Gonçalves Baptista.....	115
Edilson de Oliveira.....	117
Vinicius Eduardo Leite Batista	119
Gustavo da Silva Freitas	122
Amanda Pires Chaves	125
Evandro Antonio Corrêa	128
Kleber Tuxen Carneiro.....	131
Alessandra Vieira Fernandes.....	133
Ronaldo Businaro Ribeiro.....	135
Diogo Rodrigues Puchta	137
Cássia Danielle Monteiro Dias Lima	139

Rachel Ramos de Souza	142
Fernanda Cristina dos Santos	145
Bruno Duarte Rei	147
Anderton Taynan Rocha Fonseca	149
Fernando Paulo Rosa de Freitas	151
Victor Sá Ramalho Antônio	153
Laís Cristyne Alexandre dos Santos	156
Larissa Jensen	158
Gabriel da Costa Modenuti	160
Nara Romero Montenegro.....	163
Igor Cavalcante Doi	166
Alejo Levoratti	169
Verônica Moreira Souto Ferreira	172
Bárbara Schausteck de Almeida.....	174
Geusiane Miranda de Oliveira Tocantins.....	176
José Carlos de Sousa	178
Letícia Paixão França.....	181
Diego Ferreira Lima.....	183
Marina Paradela Gurgel.	185
Maria Luselma de Sousa	188
Riqueldi Straub Lise.....	190
Marcelo Alberto de Oliveira	193
Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires	195
Eliane Regina Crestani Tortola	198
Luiza Darido da Cunha	201
Cahuane Corrêa	204
Leonardo do Couto Gomes	206
Ana Paula Gontijo da Fonseca	208
Carolina Nascimento Jubé.....	210
Mateus Henrique de Oliveira	213

Ariza Maria Rocha	215
Anderson da Cunha Baía.....	217
Leonardo Mattos da Motta Silva.....	219
Gianfranco Ruggiano	221
Silvana dos Santos	223
Gustavo Elias Zaniol.....	225
Sabrina Coelho dos Santos.....	227
Guilherme Mantovan de Almeida.....	229
Christiane Garcia Macedo.....	231
Ingrid Dittrich Wiggers	233
Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros.....	235
Lygia Maria dos Santos Bahia	238
Rafaela Peres Alves de Lima	240
Jennyfer Thais Alves Ferreira	242
Jeferson Roberto Rojo.....	244
Alantiara Peixoto Cabral	246
André Xavier da Silva.....	248
Maria Helena Câmara Lira.....	251
Yuri Vasquez Souza.....	253
Maria Thereza Oliveira Souza	257

Conferência de Abertura**LE CONFLIT SPORT VS EP EN FRANCE ET DANS QUELQUES PAYS DU MONDE. LA CREATION D'UNE METHODE NATIONALE A LA FIN DU XIX^e ET AU DEBUT DU XX^e SIECLE**

Prof. Dr. Jacques Gleyse
Université de Montpellier
Montpellier-France

Résumé :

Lorsque sont créés en France deux structures qui en changeant de nom perdureront pratiquement au long du XX^e siècle il est possible de comprendre que deux « cités » (Thevenot & Boltanski, 1991), deux champs, deux systèmes de valeurs sont en conflit et que leur jonction ne sera pas aisée.

Le Comité pour la propagation des exercices physiques dit Comité « Jules Simon », du nom de son président, ancien ministre de l'Instruction Publique des Beaux-Arts et des Cultes, créé le 1er juin 1888, est essentiellement constitué d'aristocrates (Le Vicomte de Janzé, le Prince Bibesco, Georges de St Clair et le Baron Pierre Frédi de Coubertin en est le secrétaire), de hauts gradés militaires (Les Généraux Lewal, Barbe et Tomassin) de grands bourgeois (Godard directeur de l'Ecole Monge, Georges Picot, Rieder directeur de l'Ecole Alsacienne) ou de Républicains de droite (Jules Simon, Marcel Labbé à l'instar de son président. Dans son prolongement naîtront l'ensemble des fédérations sportives.

Face à ce comité que l'on peut qualifier de droite et de conservateur se crée, sous l'impulsion de l'ancien ministre des affaires extérieures de la Commune Insurrectionnelle de Paris, Paschal Grousset (*alias* André Laurie, *alias* Philippe Daryl, nègre de Jules Verne), dans la filiation de l'Union des Sociétés de Gymnastiques de France, le 14 octobre 1888, La Ligue Nationale d'Education Physique. Son directoire, au contraire de celui du Comité est composé de gens de gauche en général de la bourgeoisie intellectuelle et souvent Franc-Maçons ou membres de l'internationale ouvrière. A sa tête est Marcellin Berthelot (Chimistes de renom, matérialiste et rationaliste, républicain laïc de gauche) et ses membres sont : Georges Clémenceau, Jean Macé (fondateur de la Ligue de l'enseignement et Franc-Maçon), Alexandre Dumas, Michel Bréal (bras droit de Jules Ferry), Ferdinand Buisson (directeur de l'enseignement primaire sous Jules Ferry), Fernand Lagrange, Etienne-Jules Marey, Pasteur, Millerand, Octave Gréard, Jules Verne, Jean Richepin. De cette ligue sera issue l'Education Physique obligatoire scolaire.

Ces deux institutions, pour la France dès leur naissance dessinent un conflit qui perdurera au sein du monde des pratiques corporelles aussi bien dans ce pays que dans d'autres pays (dont le Brésil mais aussi l'Argentine et différents pays d'Europe). Ce conflit oppose le plus souvent les acteurs de l'Education Physique scolaire et pour le dire de manière lapidaire ceux du Sport Fédéral. Il opposera souvent une Méthode Nationale (Le Système argentin de Romero Brest ou la Méthode brésilienne), le plus souvent scolaire et/ou obligatoire, et des pratiques sportives fédérales hors de l'école et laissées à la libre adhésion des participants.

En France, ce conflit opposera l'Education Physique scolaire et le sport fédéral pratiquement jusqu'aux années 1980. Même si l'opposition est moins marquée aujourd'hui elle perdure au travers de critiques de certaines pratiques fédérales (argent, dopage, etc...) mais aussi au travers de la production d'activités physiques scolaires relativement différentes des activités sportives fédérales (par exemple la mixité dans les activités physiques scolaires et la ségrégation dans les activités sportives fédérales ou du moins le démixage).

La conférence s'attachera à décrire ce trajet historique et ce système d'opposition souvent radical et la plupart du temps dénié par les médias.

Bibliographie sommaire :

Gleyse J. *Archéologie de l'Education physique au XXe siècle en France*, Paris : PUF, 1995
1^{ère} Edition.

Gleyse J. & Garcia C. (2002) Idéologie de gauche et idéologie de droite en Education physique et sportive., 1870-1981. In : Vivier C. & Loudcher J.-F. *VIIth International Congress of European Committee for Sport History*, Besançon, 413-425.

Gleyse J. (2004) La Droite et la Gauche en Education physique en France au XXe siècle. Deux mystiques et deux idéologies conflictuelles. In : Seners P. (ed.) *L'EPS Histoire thématique*, Paris, Vigot, 3-58.

Gleyse J. (2005) Taire la chose et dire les mots ou les avatars de l'innovation pédagogique en Education Physique au XXe siècle en France. *Tréma*, 19, Montpellier, IUFM, 65-87.

Gleyse J. (2007) La définition d'une identité spécifiquement française : l'impact de la « Commune insurrectionnelle de Paris » (1871) dans le champ des pratiques physiques. In : Kratzmüller B., Marschik M., Müller R. Szemethy H. D. &Trinkl E., Ed., *Sport and the construction of the Identities. Proceedings of the XIth International CESH-Congress, Vienna, September 17h-20th 2006* : Verlag Turta-Kant, 473-482.

Gleyse, J. (2009) Paschal Grousset, contre le Baron Pierre Frédi de Coubertin : deux idéologies des pratiques physiques au tournant du XIXe et du XXe siècle. Mystique de gauche et Mystique de droite, *Bulletin de la société Jules Verne*, 169-170, mars-juin, Paris, Burlat, 56-70.

Gleyse J. (2010) Olympics, Art and Republic, L'Olimpismo, l'Arte e la Republica, in : Freccero R. (ed.) *Italian Olympic Spirit, Spirito Olimpico Italiano. Educare alla contemporaneità delle culture e alla pace*, (trad. Ralph Griffiths), Casa Italia, CONI, Winter Games Vancouver, Levrotto & Bella, Torino, 62-73.

Scharagrodski, P. & Gleyse J. (2013) El Dr. Enrique Romero Brest, las visitas a instituciones europeas de formación y el Congreso de Educación Física realizado en 1913 como indicadores de la globalización y la nacionalización de la « cultura física », *STAPS*, 100, Montpellier, De Boeck, 50-65.

Gleyse, J., Soares C. Dalben, A. (2014), L'œuvre de Georges Hébert au Brésil et en France, dans les écrits sur l'Education physique. Deux facettes de la Nature (1909-1957) ?, *Sport History Review*, Toronto, Canada, 45, 2, 171-199.

Gleyse J. & Aisenstein A. (2015, *in print*) Recontextualization of Nomad theories in the development of Physical Education in France and Argentina, 1880-1940, *The Open Sport Sciences Journal*, Bentham Open, London.

Conferência de Encerramento

SPORT AND EDUCATION IN HISTORY: AN INTERNATIONAL PERSPECTIVE

Prof. Dra. Annette R. Hofmann
Ludwigsburg University of Education, Germany

Each country and each culture has its own set of sports, games and exercises which are part of a local, national and nowadays also a global identity. They all always have been part of education. Especially the English tradition of sports has become universal and adopted global perspectives. Both of these characteristics are based on local, regional, and national physical cultures. The notion of sport as a dominant but permanently changing its form and content of modern physical culture is described and explained with respect to the work Allen Guttman and Norbert Elias.

The paper wants to discuss four major issues of sportization: First, the story of a more or less linear development from ancient athletics to modern sports. Second, modern international and universal sports are a result of the age of nationalism, which provided the political context for the astonishing evolution of modern sports and Olympics. Competitive sports can satisfy the same elementary human feelings and needs as patriotism and nationalism. Third, modern sport is a by-product of the worldwide, dominant principle of competition. The emergence of this competitive spirit in sport goes back to England since the late 17th century. Fourth, the history of this model of competitive sports has been characterized by the persistence of alternatives to this worldwide concept of physical culture.

In principle, every culture incorporates elements of bodily culture. In Scandinavia and Central Europe, the tradition of Turnen, or gymnastics, emerged during the process of nation building in the 19th century. This alternative concept of body culture was a relevant precondition for contemporary sport and gymnastics to become a mass movement in which people participate through sports clubs and educational institutions.

This paper will show the importance of sport history as an academic field and will give an overview of developments and challenges in this field by looking at the

situation in various countries and the influence on the various systems on physical education.

Mini-conferência 1: História do CHELEF

MEMÓRIAS DO “ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE”

Ademir Gebara Ph.D.
UFGD-FUNDECT-CNPQ

Em 1993, pouco antes do surgimento do primeiro correio eletrônico gratuito no Brasil, Zipmail (1995), com as defesas da primeira leva de orientandos no PPGEF da Unicamp, para não perder a rica convivência desse grupo e dos novos orientandos que se seguiram, resolvemos organizar um Encontro, que eventualmente poderia se tornar periódico. O objetivo era não dispersar o conhecimento, a convivência e o contato construídos até então. Não seria surpresa que dos 34 trabalhos apresentados, 15 eram de orientandos meus em curso ou concluídos. A surpresa foi a presença de colegas de outras instituições, também surpreendidos pela inédita entrega dos Anais no início do evento, foram impressos apenas 50 exemplares, esse apreço para com a necessidade de apresentar um texto escrito prévio ao início do evento, dá a dimensão da preocupação com a produção e discussão dos trabalhos em andamento.

Convidamos para a conferência de abertura o Prof. José Sebastião Witter, então Diretor do Museu Paulista e professor emérito do Departamento e História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ao término do encontro, discutimos a possibilidade de continuidade, de tal maneira que em 1994 faríamos o evento na UEPG de Ponta Grossa e em 1995 na UFPR. Na avaliação final, resolvemos aprofundar o contato com outras áreas de conhecimento, aproximação que se mostrou vital para o desenvolvimento das pesquisas do evento, decidimos também passar a convidar colegas para comporem uma comissão de avaliação do evento, o que se verificou já em Ponta Grossa no ano seguinte.

Se em Curitiba privilegiamos o contato com historiadores, já no UFMG onde se realizaria o quarto encontro, a prioridade foi o contato com historiadores da Educação. Desde Ponta Grossa, contamos com participantes do Chile e 41 trabalhos apresentados para impressão e distribuição prévia, além de avaliadores externos que nos ajudaram a construir

uma dimensão mais ampla do processo em curso. Continuar aperfeiçoando e publicando os Anais, dedicar maior esforço à presença de conferencistas de outras áreas de conhecimento. O evento de Ponta Grossa foi fundamental para consolidar o grupo inicial de participantes e indicar as direções de ampliação da rede que se formava. Estávamos nos tornando um ponto de encontro de pesquisadores com uma perspectiva mais ampla. Denominado inicialmente de Encontro de História da Educação Física e do Esporte, agora nos identificávamos com Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

Em Curitiba 1995, com os Anais financiados pelo Banco do Brasil, com quatro conferencistas (dois historiadores e dois sociólogos), 69 trabalhos impressos nos Anais, o Evento se consolidou como ponto de encontro de pesquisadores da área de Estudos Sociais relacionada aos Esportes, Educação Física e Lazer. UFMG e Belo Horizonte marcaram uma aproximação com historiadores da Educação, afinal ali se encontrava um dos mais prestigiosos programas de Pós-Graduação em Educação, os Anais com 84 trabalhos publicados apoiados pelo Indesp, consolidava definitivamente a dimensão e crescimento da área. Foram muito relevantes a publicação da avaliação efetuada por convidados externos nos eventos anteriores, bem como as sugestões da Comissão Organizadora a partir de avaliação dos participantes. Os IV, V E VI Encontros implicam uma reflexão mais acadêmica e menos rememorativa, são pontos de inflexão do processo.

Uma característica desse grupo foi não constituir uma associação com estatutos e coisas decorrentes, naquele momento, julgamos acertadamente que abrir essa discussão implicaria em perder alguma coisa da dimensão acadêmica do evento. Desta maneira os organizadores de cada um dos eventos teriam total liberdade de fazê-lo tal como julgassem conveniente, seria uma oportunidade de conviver com diferentes culturas de diferentes programas e regiões do país. Sugiro entrevistar os organizadores de cada um dos eventos para constituir um acervo de diferentes experiências e memórias.

Este é um aspecto fundamental para alertar aos jovens que tem me procurado para entrevistas e depoimentos sobre as memórias destes eventos, da atuação inicial como mediador e articulador de diferentes grupos de pesquisa, meu papel na organização dos eventos foi regredindo, na medida em que a autonomia de organização demonstrou ser o melhor caminho para a convivência da diversidade de propostas e, como não dizer, das ricas e diferenciadas maneiras de conduzir estes encontros, quer privilegiando uma determinada temática, diferentes conferencistas ou, como ficou bastante marcado com o congresso organizado pela Gama Filho, um maior contato com conferencistas do exterior.

Parabéns a todos que organizaram estes encontros, somos todos responsáveis e, com eles, divido as homenagens recebidas.

Miniconferência 2**O FUTEBOL NA HISTÓRIA**Dr. Luiz Carlos Ribeiro¹

Universidade Federal do Paraná

A presente comunicação pretende uma abordagem sobre o processo de inscrição da temática do futebol no campo científico da História, bem como propor algumas possibilidades teóricas e metodológicas para o estudo do tema.

Desenvolver tal tarefa é um desafio. De um lado, o reconhecimento do estudo do futebol como tema relevante, na História, pressupõe percorrer um ritual de autenticação acadêmica, qual seja o de estruturar o futebol como um campo histórico-científico de estudo. De outro, até por conta da forma marginal como o tema se inscreveu no debate institucional, tal esforço pode colocar em xeque a potencialidade multidisciplinar que os estudos do futebol adquiriram.

A primeira observação a se fazer é a de que o futebol só se inscreveu como tema de interesse para a História, a partir da crise dos metateoremas estruturalistas, seja os da tradição marxista ou os liberal-iluministas, que ocorreram a partir dos anos 1970 e, sobretudo 1980/90.

Queremos destacar, com isso, que os estudos sobre futebol (ou os esportes em geral) tornaram-se objetos da História, a partir do alargamento do que se entendia como História Social e sobretudo como História Política. É sobretudo a partir do debate epistemológico e temático aberto pela História Cultural que o futebol se inscreve como um tema sério na História ciência.

As condições que possibilitaram essa abertura devem-se tanto a fatores de ordem política quanto epistemológica, evidentemente inter-relacionados.

A ordem política refere-se às transformações no Brasil e no mundo, a partir sobretudo do final dos anos 1970. A pulverização da centralidade do Estado - nos países desenvolvidos o esgotamento do Estado do Bem-estar social, no Brasil o fim da ditadura civil-militar - e a consequente emergência de novos movimentos sociais, pressionaram as Ciências Sociais ao descentramento dos temas de estudo.

No mesmo processo, as preocupações conceituais que eram até então restritas a uma vanguarda intelectual, tornam-se agora correntes no debate intelectual, amplificado no Brasil pela expansão dos programas de pós-graduação.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História, UFPR. Coordenador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade.

É nesses termos que categorias como "experiência" (E. P. Thompson) se contrapõem aos metateoremas explicadores do marxismo tradicional. Agora, a "consciência social" dos indivíduos, grupos ou classes, sai da esfera teleológica da teoria e ganha significado na experiência dos indivíduos.

O mesmo ocorre com relação a conceitos como *habitus* (Bourdieu e Elias), *campo* (Bourdieu) e *configuração* (Elias). Ou mesma a revelação da microfísica do poder (Foucault). São categorias de análise que forçam o rompimento com os a priori do conhecimento.

No Brasil foi a Antropologia que certificou o futebol como tema científico, a partir dos anos 1980/1990, em especial a partir de autores como Roberto da Matta e José Sérgio Leite Lopes, entre outros.

Assim, foi o tema da cultura, trazido no contrapelo dos paradigmas cientificistas vigentes, que inscreveu o futebol como campo de estudo histórico. E, sem dúvida, foram os primeiros CHELEF's que, sociologizados pelas teorias de Elias e Bourdieu, procuraram dar aos esportes e ao futebol o estatuto de tema científico.

Se podemos distinguir uma contribuição específica da História, essa foi a sua insistência no trabalho com as fontes. Isso permitiu os estudos acadêmicos se diferenciarem dos trabalhos jornalísticos, de memorialistas e mesmo os literários. A distinção entre História e memória - cara à História ciência - contribuiu para tirar a leitura do futebol do misticismo. Ao mesmo tempo em que trabalhos recentes sobre os sentimentos na história reconhecem a força das paixões que marcam o futebol. Pensar o envolvimento passional que toma torcedores e faz do futebol espaço material e imaterial de cultura é um desafio ainda inesgotado.

Esses desafios não nos autorizam pensar o estudo do futebol restrito a uma única ciência. Ao contrário, nos incitam a novas abordagens, novas fontes, sempre desacatando fronteiras. Nesse sentido nos encontramos por demais acomodados com a imprensa como documento histórico.

Como exemplo, podemos inquirir de forma mais incisiva sobre as teias de poder que configuram o campo. As redes de poder local, do pároco ao prefeito; do comércio local ao crime organizado e às empresas multinacionais; das instituições governativas do futebol ao tráfico irregular (ou mesmo ilegal) de jogadores; dos cartolas às torcidas organizadas; da estrutura das famílias ao papel das igrejas; do papel dos sindicatos aos partidos políticos.

A avaliação que fazemos é que o futebol experiência no momento um declínio de interesse entre os profissionais da área de História. Renová-lo exige inquietação, buscar desafios. Nossa perspectiva de forma alguma é o de restringir a história do futebol aos muros da área. Ao contrário, a sua riqueza como narrativa histórica tem sido exatamente a

multidisciplinaridade.

A HISTORIOGRAFIA DO ESPORTE NOS ANAIS DO CHELEF

Prof. Dr. Tony Honorato
Departamento de Educação Física – DEF
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPEDu
Universidade Estadual de Londrina – UEL
tonyhonoratu@gmail.com

O Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (CHELEF) ao longo de suas edições publicou a maioria de seus resultados em anais. Nos anais constam informações de cada evento referentes ao tema central, instituições (co)promotoras, apoios de órgãos de fomento científico, programação geral e à produção textual dos participantes. Assim, os objetivos desse texto consistem em (1) apresentar os temas examinados, os períodos históricos pesquisados, a natureza das fontes utilizadas e autores mais citados nas produções textuais sobre esporte publicadas nos anais dos CHELEFs; (2) fazer um breve balanço sobre a historiografia do esporte.

Edição Evento	Ano	Cidade	Promoção	N. Artig	N. Artig	N. Resumos	N. Resumos	TOTAL Text
I	199	Campinas/SP	UNICAMP	37	14			37
II	199	Ponta Grossa/PR	UEPG /UNICAMP	42	21			42
III	199	Curitiba/PR	UFPR/UEPG/UNICAMP	70	29			70
IV	199	Belo	UFMG	81	32			81
V	199	Maceió/AL	ETFAL/UFAL/UNICAMP	103	39			103
VI	199	Rio de Janeiro/RJ	UGF	93	46			93
VII	200	Gramado/RS	UFRGS	133	52			133
VIII	200	Ponta Grossa/PR	UEPG	86	47	88	29	174
IX	200	Recife/PE	UFPE	38	27	42	11	80
X	200	Curitiba/PR	UFPR/Unicenp	191	87			191
XI	200	Viçosa/MG	UFV	133	54			133
XII	201	Rio de Janeiro/RJ	UGF	34	17	123	70	157
XIII	201	Londrina/PR	UEL/UEM	115	66			115
				115	531	253	110	1409

Quadro 1: Elaborado pelo autor.

A pesquisa recaiu-se sobre 13 anais localizados em acervo pessoal e no Centro de Memória, Informação e Documentação sobre Educação Física, Esporte e Lazer (CEMIDFEL/UEL). Os anais foram publicados entre 1993 e 2014, sendo de publicação anual até 1998 e, posteriormente, já na edição de Gramado/RS, sendo publicado bianualmente (exceto o período entre 2006 e 2012). Os textos estão em

suporte impresso (livros: 1993-2000) e eletrônicos (Cd-rom: 2002-2014). O *corpus documental* da nossa pesquisa foi constituído por uma série de 1.409 textos, sendo 1.156 artigos completos e 253 resumos/abstracts, entre estes identificou-se e selecionou-se sobre esporte 531 artigos completos e 110 resumos. Os textos sobre esporte são 45,5 % da produção total. Tomou-se como indicadores para seleção dos textos: leitura dos títulos, resumos, palavras-chave, introdução dos artigos e das referências bibliográficas/documentais listadas ao final dos manuscritos ou em nota de rodapé das páginas. Contudo, fazer um exame da produção historiográfica publicada pelos CHELEFs exige, em nosso entender, a consideração das condições nas quais essa produção foi gerada, pôs-se a circular e como se deu a apropriação. Logo, não temos a pretensão, neste momento, de fazer essa análise. O nosso exame é feito e limita-se ao interior dos textos publicados nos anais. Vejamos resultados parciais, dados os limites deste resumo expandido.

A temática mais pesquisada refere-se ao futebol com 18,1% da produção total sobre esporte. A partir das temáticas identificadas pôde-se sistematizar os seguintes eixos para uma história e historiografia do esporte: (a) escrita da história do esporte (teorias, métodos, fontes, periodizações); (b) identidades de gênero; (c) olimpíadas/olimpismo; (d) esporte nas cidades brasileiras; (e) manifestações de lutas/combates; (f) instituições do esporte (clubes, associações, federações); (g) modalidades coletivas e individuais; (h) esportes adaptados; (i) jogos/competições esportivas (escolares, universitárias, comércio etc.); (j) esporte na escola e na universidade; (k) modelos esportivos em dinâmicas societárias; (l) mercantilização e espetacularização do esporte; (m) políticas e programas de esporte; (n) esportes de aventura/risco/radicais; (o) espaços/lugares públicos de vivência do esporte; (p) etnias/valores socioculturais; (q) trajetórias e biografias de sujeitos do esporte; (r) centros de memória e documentação; (s) violência no esporte; (t) rádio e jornalismo esportivo.

Quadro 2	TOTAL	%
Períodos Pesquisados		
Antes do Século XVIII	11	2,7
Século XIX	24	5,9
Final Séc. XIX/ Início do XX	27	6,6
Século XX	282	69,1
Final Séc. XX/ Início do XXI	42	10,3
Século XXI	22	5,4
Total de	408	100

Elaborado pelo autor.

O quadro 2 demonstra uma tendência, há um número pequeno de produções acerca da história do esporte nos séculos XIX e anteriores (8,6%), grande concentração daquelas que se voltam para o século XX (69,1%) e crescente daquelas atentas ao final do século XX e ao início do XXI (15,7%).

Quadro 3	Número de	%
Natureza das fontes	recorrências	
Escritas	562	77,6
Orais	111	15,2
Imagéticas/iconográficas	29	4,0
Virtuais	19	2,6
Audiovisuais	03	0,4
TOTAL	724	100

Elaborado pelo autor.

As fontes escritas representam tipos como bibliografias, impressos (jornais, revistas, boletins), documentos institucionais, questionários, cartas, dicionários, enciclopédias, legislação, entre outros. As orais estão circunscritas às entrevistas para produção e registro de oralidades. Já as imagéticas/iconográficas são fotografias, pinturas, cartazes. As virtuais dizem respeito aos conteúdos extraídos de *sites*, *blogs*, *twitter*, *facebook*, entre outros. E as audiovisuais são filmes, documentários, radiofônicas e propagandas de TV. Como limite, nos manuscritos analisados observa-se a pouca problematização da natureza e do estatuto das fontes.

Ao ser empreendido o exame quantitativo dos autores citados como referenciais teórico-metodológicos, verificou-se que as referências numericamente superiores são feitas a Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Eric Dunning, Eric Hobsbawm, Jacques Le Goff, Paul Thompson, Nicolau Sevcenko, Peter Burke e outros, em ordem decrescente de recorrências. Na produção da historiografia do esporte, nota-se a influência de sociólogos e historiadores, de obras específicas sobre esporte e outras sobre teoria das ciências sociais e da história, bem como, no caso do Paul Thompson temos um texto também de força metodológica na questão da história oral. O ponto em comum entre eles é o de que todos contribuem, cada um ao seu modo, com a renovação historiográfica no campo da História empreendida a partir do último quartel do século XX, denominada de nova história (BURKE, 1992).

Sobre os autores pesquisadores do esporte brasileiro, verificou-se que as referências numericamente superiores, em ordem decrescente, são feitas a Victor de Andrade Melo, Marcelo W. Proni, Ademir Gebara, Leonardo A. M. Pereira, Lino Castellani Filho, Ricardo F. Lucena, Roberto DaMatta, Silvana V. Goellner, Carmen L. Soares, Inezil Penna Marinho, Valter Bracht, Antonio Jorge Soares, Mauro Betti, Waldenyr Caldas, Fernando de Azevedo, Giampiero Griffi, Kátia Rúbio, Lamartine P. DaCosta, Luiz Henrique de Toledo, Paulo Ghiraldelli Jr, Sebastião J. Votre, Wanderley Marchi Jr. e outros. Este coletivo de autores representa diferentes gerações da historiografia do esporte e da educação física no Brasil e alguns reconhecidamente representam estudos do futebol e de outros esportes na perspectiva das ciências sociais.

No nossa análise, é evidenciado que autores como Victor A. Melo, Marcelo W. Proni, Antonio Jorge Soares, Silvana V. Goellner, Wanderley Marchi Jr e muitos outros aqui não citados, porém identificados na pesquisa, são representantes da renovação enfática dos estudos do esporte no Brasil a partir dos anos de 1990, período que defenderam suas teses de doutoramento.

Como breve balanço, tem-se que o movimento da historiografia do esporte no Brasil vem buscando reconstruir a linhagem essencialista que perpassa seu passado ou partes dele. Em especial, as influências teórico-metodológicas dos *Annales* potencializaram as forças da renovação historiográfica no campo. Contudo, identifica-se ainda pesquisas que visam o esporte em perspectiva microscópica, em detrimento de outros acontecimentos, e colocam o esporte à prova de determinados modelos teórico-conceituais, em detrimento da heurística documental. Tal constatação provoca preocupação na medida que se observa a produção de conhecimento histórico sem conexão com as memórias, períodos e tensões da vida em sociedade e há o encarceramento do *corpus documental* para validar conceitos e categorias.

Para finalizar, ao refletirmos sobre a historiografia do esporte, e incluímos a da educação física e a do lazer no Brasil porque não estão descoladas uma das outras, a nossa premissa consistiu-se em que um historiador/pesquisador do esporte seja capaz de pensar sobre a história da sua disciplina, de problematizar os sentidos vários do fazer histórico, de analisar os movimentos que conduziram ao longo do tempo a estruturação do seu campo acadêmico. Em outras palavras, os CHELEFs e seus anais representam um lugar social-acadêmico de disseminação da produção do conhecimento histórico sobre esporte, bem como é a partir do conhecimento histórico sobre esporte que os CHELEFs foram e vêm se constituindo.

Referências

- ANAIIS. *Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. (CHELEF, Edição: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII). 1993-2014.
- BARBOSA, José A. S. A história dos Encontros de História, o fazer de uma nova história. In. *III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995, p. 439-444.
- BURKE, Peter. *Escrita história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- DACOSTA, Lamartine P. Caminhos, meios e estratégias da história do esporte no Brasil (1925-1928). In. *VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro: UGF, 1998, p. 17-22.
- FREITAS Jr., Miguel A. O I Encontro de História da Educação Física e do Esporte. In. *III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995, p. 352-358.
- FREITAS Jr., Miguel A.; PILATTI, Luiz Alberto. O perfil dos Encontros Nacionais de História do Esporte, Lazer e Educação Física. In. *IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 622-631.
- GAMBOA, Silvio S. Historiografia da Educação Física: questões epistemológicas nos quatro primeiros Encontros de História do Esporte, lazer e Educação Física (1994-1997). In. *IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 79-82.
- MELO, Victor A. “Encontros Nacionais e o movimento da história da Educação Física/Esporte no Brasil – perspectivas internacionais”. In. *IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 393-402.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. Historiografia do futebol brasileiro nos Anais do “Encontro de História”. In. *VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Gramado: UFRGS, 2000, p. 123-126.

Mesa Redonda 1: História da Educação Física Escolar**DISEÑANDO PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN ARGENTINA:
CAMBIOS Y CONTINUIDADES EN EL DISPOSITIVO DE FORMACIÓN**

Dra. Angela Aisenstein
Universidad Nacional de Luján
Argentina

La historia de la formación de profesores de educación física en Argentina puede ser entendida como un proceso paralelo a la incorporación de la asignatura al currículo escolar y, por ello, como política derivada de la sanción de la Ley de Educación Común, N.º 1420/84, que prescribió la obligatoriedad escolar para todos los niños de 6 a 14 años de edad. Cada uno de los artículos de esa ley puede ser interpretado como respuesta a las problemáticas políticas, sociales y pedagógicas que enfrentaba el Estado nacional en su proceso de conformación y estabilización. En ese marco, la educación común y la educación física en la escuela pueden ser pensadas como una de las estrategias del Estado para atender los problemas técnicos derivados del ejercicio del poder en una sociedad que se organizaba de acuerdo con los dictados de la democracia liberal.

Por su parte, la enseñanza de la asignatura en la educación secundaria- dictada en el Colegio Nacional, preparatorio para la universidad y en la Escuela Normal, formadora de maestros generalistas, - también generó demanda de formación de profesores. Y esto fue así porque para fines del siglo XIX y la primera mitad del siglo XX se habían fundado 343 escuelas de distinto tipo (Colegios Nacionales, Escuelas normales, Escuelas de Comercio y Escuelas industriales y de Artes y Oficios) dando evidencia del proceso de expansión del nivel medio para 1916, aún cuando su matrícula estaba lejos de ser significativa si se la compara con la matrícula del nivel primario para la misma época (Fiorito, 2011).

La educación del cuerpo, mediada por ejercicios militares y gimnástica, aparecía en la educación primaria dentro del *mínimum* de instrucción obligatoria; junto con idioma nacional, moral y urbanidad; nociones de higiene, labores de mano y economía doméstica (para las niñas) nociones de agricultura y ganadería (para varones), entre otros ramos, conformaría el currículum moderno para la escuela común de masas, útil para completar una educación integral elemental y, hasta cierto punto, homogénea de quienes conformarían el componente

humano de la base material de la nación. Otra podría ser la función de la educación física en las escuelas secundarias fundadas en las capitales de las provincias (y ciudades importantes) para la formación de las élites locales; en ellas la enseñanza de los ejercicios físicos, las evoluciones militares, el tiro y el sport anglosajón podría aportar a los estudiantes elementos de distinción.

Sean quienes fueran sus destinatarios, la enseñanza de este ramo escolar y la necesidad de contar con profesores calificados se verían potenciadas por otras problemáticas nacionales tales como la necesidad de contar con soldados ante posibles conflictos bélicos con Chile (Bertoni, 2001) o la preocupación por la formación de una raza nacional fuerte y sana en medio del cosmopolitismo y las epidemias que asolaban los centros urbanos (Armus, 2006; Rodríguez, 2006).

En esos inicios, la demanda de formación de los educadores físicos en Argentina es respondida por dos iniciativas diferentes; la militar a cargo de la Dirección General de Tiro y Gimnasia del Ejército y la civil impulsada desde el Consejo Nacional de Educación a través de los cursos temporarios y regulares de ejercicios físicos para maestros. Etapa inicial en la que - con tensiones, oposiciones y enfrentamientos verbales y escritos- coexisten ambas propuestas, triunfa la civil (para la escuela pública) gracias a una correlación de fuerzas favorable que legitima a los médicos y pedagogos y limita – al menos discursivamente - la llegada de la propuesta de educación corporal de los militares al ámbito escolar.

Pero este trabajo pone el foco en una segunda etapa que comienza en 1938, cuando se crea una nueva institución (por desdoblamiento de la escuela civil de la etapa anterior) pero exclusiva para varones reclutados de escuelas normales de todo el país y bajo la modalidad de internado; creación paralela a una sucesión de resoluciones ministeriales que regulan la enseñanza de la educación física en las secundarias de todo el país.

En ese marco el INEF General Belgrano, como nueva escuela de formación, parece haber conformado un dispositivo (Foucault 1991) eficiente para un educador físico deseable. El conjunto heterogéneo de prácticas, discursos, decisiones reglamentarias, proposiciones morales que compusieron su cultura escolar (Viñao Frago, 2002) se caracterizó por actualizar aspectos de la etapa anterior y por alcanzar una síntesis de componentes disciplinarios y pedagógicos diversos con continuidad y persistencia a lo largo del tiempo. De este modo fue un instrumento efectivo de formación y acumulación del saber, de sistematización de métodos de observación, de técnicas de registro, de procedimientos de indagación y control con efectos identificables en los cuerpos de los futuros profesores.

Mesa Redonda I: História da Educação Física Escolar**EDUCAÇÃO DO CORPO E GÊNERO: A GINÁSTICA COMO PRÁTICA
ESCOLAR NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Diana Gonçalves Vidal
FEUSP
Pesquisadora CNPq-1C- CA ED

Os Álbuns fotográficos da Escola Normal Caetano de Campos de 1895 e de 1908 trazem um conjunto significativo de imagens de exercícios de ginástica realizados por alunos e alunas do Jardim de Infância, das Escolas-modelo anexas e da Escola Normal. Como práticas modelares, esses exercícios indiciam concepções de corpo masculino e feminino e sintetizam prescrições pedagógicas sobre a educação física no final do século XIX. Tomando como ponto de partida as fotografias do Álbum, pretendo explorar o ensino da educação física nas escolas que compõem a Escola Caetano Campos, com atenção às questões de gênero e geração, por ele tramadas. Nessa esteira emergem não apenas representações de corpo feminino e masculino, mas também infantil e adulto. Em auxílio, valho-me dos programas de ensino publicados na Revista do *Jardim de Infancia*, em 1896, e na *Eschola Pública*, em 1894, de modo a perceber os conteúdos das disciplinas Gymnástica e Exercícios Militares introduzidas na Escola, nos diferentes níveis de ensino.

Constitutiva de uma preocupação higiênica com a infância e de um interesse pela educação integral (física, intelectual e moral), a Gymnástica, indicada para meninos e meninas, consistia em movimentos regulados do corpo. No Jardim de infância, misturava-se aos jogos infantis. Na Escola primária e Normal, combinava-se, para os meninos e rapazes, aos Exercícios militares, em uma época que não havia instrução militar obrigatória. O expediente de incluir prova de Gymnástica entre os exames finais em cada ano do curso Normal demonstrava o interesse que o cuidado do corpo infantil e adolescente assumia para a formação docente. Os professores responsáveis pelo ensino eram nas Escolas-anexa e Normal para a seção masculina, Baragiola, e para a seção feminina, Maria Moratti.

Em publicação na *Revista de Ensino*, em 1902, assim resumia Baragiola as finalidades da Gymnástica:

A Gymnastica Escolar Moderna não tem por certo fim formar acrobatas, ou artistas de circo: ella foi introduzida nas escolas para desenvolver e fortalecer os organismos, em proveito do espirito e da vida pratica. [...] Foi o começo da lucta dos pedagogistas contra o abuso dos aparelhos

gymnasticos, e a introdução dum systema mais racional, no qual os jogos ao ar livre deviam ter o principal logar. [...] O grande professor E. Paz, encarregado de estudar na Alemanha o ensino da gymnastica, manifesta-se contrario a muitos aparelhos que são o orgulho dos gymnasticos suissos e allemães. (BARAGIOLA, *Revista de Ensino*, 1902, p. 256-7).

Na mesma publicação, afiançava que o melhor sistema a ser adotado nas escolas brasileira era o educativo-militar.

Qual será o systema a se adoptar nas escolas brasileiras? Os systemas adoptados pelas differentes nações nos ensinam como devemos seguir na marcha das innovações. O character da gymnasticabrazileira deve ser eminentemente educativa-militar, mas deve dar uma grande margem aos jogos ao ar livre. Um paiz que não tem o serviço militar obrigatorio, deve dar esse ensino nas escolas, e isso só se póde obter com uma gymnastica militar bem dirigida. Não só conhecendo as evoluções militares que um alumno será um bom guarda nacional; é sabendo manejar com facilidade uma carabina, que o alumno terá obtido um bom resultado physico. Para isso precisa o concurso da gymnastica, para que elle possa supportar o peso da arma, e dos jogos ao ar livre para que ele possa resistir ás marchas. (BARAGIOLA, *Idem*, p. 259).

O recorte de gênero é evidente na argumentação do professor. De fato, a disciplina Exercícios militares, como afirmado anteriormente, era oferecida apenas aos alunos da Primária e da Normal. A distinção de gênero emergia, no entanto, em outras práticas físicas. As fotografias nos permitem reconhecer que as aulas de Gymnástica de meninas e moças em muito se assemelhavam a dos rapazes no que tangia aos exercícios de corpo livre, distinguindo-se, entretanto, no que concernia aos exercícios com aparelhos.

Vale destacar que a divisão sexual da Gymnástica, bem como a prescrição de exames finais para a disciplina e a distinção com respeito aos Exercícios militares e entre exercícios de corpo livre e de aparelho constavam do decreto nº 982, de 8 de novembro de 1890, que criara a Escola Normal da Capital Federal, no Rio de Janeiro, repetindo normativa inscrita 8 meses antes no decreto nº 27, de 12 de março de 1890 que reformara a Escola Normal e convertia em Escolas Modelos as Escolas-anexas em São Paulo. Pode-se afirmar, assim, que as tensões apresentadas não se restringiam à educação paulista. Ao contrário, eram partilhadas por educadores no final do Oitocentos que simultaneamente exaltavam a importância da formação física de crianças e adolescentes, diferenciando práticas para corpos masculino e feminino.

Mesa Redonda 2: História dos Movimentos Rítmicos, Artísticos e Expressivos nos campos da Educação Física e da Educação

Prof^a. Dr^a. Elisângela Chaves

UFMG

A partir dos percursos de pesquisa sobre o ensino da dança em Minas Gérias, serão tematizadas prescrições nos programas de ensino produzidos para o ensino formal na primeira metade do século XX com destaque às práticas rítmicas e expressivas na educação e na educação física dos escolares. Interessa-me as formas de apropriação da dança nas instituições de ensino como um conteúdo integrante de propostas pedagógicas e, portanto, produtora de percepções e sensibilidades com intencionalidade educativa e reveladoras de novos ideários. O intuito será refletir e ampliar da compreensão dos significados destes movimentos de apropriação, inserção, e ressignificação de conteúdos relacionados ao ritmo, a dança e a expressão em sua manifestação nas instituições de ensino. As fontes privilegiadas para esse debate historiográfico foram: a Legislação do Ensino de Minas Gerais, os Programas de Ensino do Estado, a Revista do Ensino de Minas Gerais, A Revista Brasileira de Educação Física, Programas de Ensino e Relatórios da Universidade do Brasil, no período de 1910 a 1950. O recorte abarca um período de intensas mudanças no campo educacional brasileiro, presentes, por exemplo, na ampla reforma do ensino promovida pelo governo mineiro em 1925 e em 1927 (que consolida a Escola Nova como modelo educacional), acompanhando esses movimentos até 1937, imediatamente antes da Constituição do Estado Novo (que impõe novos ordenamentos para a educação nacional). Refletindo sobre este cenário, tenciono os ideários reformadores da educação do período, que dentre os conteúdos dos programas de ensino dos exercícios físicos, e posteriormente da educação física, inseriram a dança, a ginástica rítmica, o aprendizado de cortesias, posições graciosas e o ritmo formalmente nos currículos. Ensinamentos considerados necessários a renovação social, principalmente para educação do sexo feminino, conteúdos prescritos para atender o ensino de expressões da civilidade, do refinamento, da higienização corporal e da modernidade. A ginástica rítmica neste período recebe atenção e destaque, despontando no cenário escolar como uma atividade completa e indicada principalmente para as meninas e mulheres. É uma tradução do novo, uma forma de exercício que concilia a antiga sabedoria da dança em sua sensibilidade, ritmo e

leveza, com os avanços científicos da ginástica, seus efeitos fisiológicos e sua eficiência atlética para os tempos modernos. Essa conciliação se expressa diante das necessidades da corporeidade moderna, principalmente a feminina, de maneira forte e delicada, bela e higiênica, princípios estéticos e eugênicos considerados fundamentais para a constituição de um novo povo brasileiro, em que especial atenção deveria ser dada às suas progenitoras. Posterior a estas reformas localizo na formação das professoras de educação física na Universidade do Brasil a partir de 1939, a explicitação destes conteúdos na cadeira de ginástica rítmica. Em circulação estavam as orientações pedagógicas que valorizavam o ensino atividades rítmicas e expressivas e a sua importância para o desenvolvimento dos alunos. Em destaque os textos produzidos e divulgados na Revista Brasileira de Educação Física pela professora Maria Helena Sá Earp, catedrática da Universidade do Brasil. Seus textos apresentavam as prescrições pedagógicas destas práticas que eram publicizadas como modelares. Há, notoriamente, uma grande gama de tópicos referentes ao ensino da dança, que compunham os programas e relatórios desta cadeira, com detalhamentos de objetivos, concepções de educação, descrição de conteúdos e referenciais bibliográficos. O que tem guiado meu olhar para as tensões vividas por Helena como professora que desenvolve um intenso trabalho de dança inicialmente sob a égide da ginástica rítmica, no espaço universitário onde a cientificidade deveria ser o aporte aos conhecimentos abordados nas formações superiores e não a arte. As práticas corporais rítmicas, expressivas e artísticas, quando incluídas nos programas de ensino dos exercícios físicos ou da educação física se faziam presentes nas comemorações e festividades escolares e prescreviam uma educação corporal pautada no aprendizado de “cortesias”, “posições graciosas” e “ritmo” da aquisição de “saúde e higiene”. Tais questões tensionam as funções destas práticas como educativas que atendendo às especificidades dos espaços e tempos escolares (sejam a escola formal ou na universidade), se apropria, seleciona e reorganiza saberes com o intuito de torná-los objetos de ensino, neste recorte enfaticamente para educação feminina.

**Mesa Redonda 2 : História dos Movimentos Rítmicos, Artísticos e Expressivos
nos campos da Educação Física e da Educação**

**RITMO, MÚSICA E MOVIMENTO: A GINÁSTICA EXPRESSIVA DE
RUDOLF BODE EM CONTRAPONTO COM A RÍTMICA DE JAQUES-DALCROZE**

José Rafael Madureira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

O início do século XX foi cenário de um verdadeiro culto ao ritmo. Eurritmia era a palavra de ordem. Pintores, médicos, coreógrafos, filósofos, compositores e escritores estavam convencidos de que o retorno ao ritmo primordial do homem poderia resgatar a sociedade moderna de sua crise manifesta. Não por acaso, Stravinsky compôs Sagração da Primavera em 1913, estreando-a ao lado de Nijinsky, que desenhou uma dança desprovida de qualquer resquício romântico. Inúmeros sistemas de ginástica desenvolveram-se à luz desse ideal, destacando-se a Ginástica Rítmica de Jaques-Dalcroze, concebida como preparação para todas as artes, em especial para a música, para a dança e para o teatro. Com base na Rítmica de Dalcroze, Rudolf Bode desenvolveu a Ginástica Expressiva (*Ausdrucksgymnastik*). Embora tenha sido discípulo de Jaques-Dalcroze, Bode teceu violentas críticas contra a Rítmica, chegando ao ponto de afirmar que o sistema de Dalcroze não poderia sustentar essa denominação, pois não estabelecia qualquer relação com o ritmo. De fato, muitas dissonâncias e alguns desafetos podem ser percebidos entre os dois autores, mas as semelhanças existem, sendo que ambos se orientaram na experiência do ritmo musical como desencadeador de uma educação mais expressiva do corpo. Enfim, a ideia central desta comunicação é apresentar as bases estético-pedagógicas da Ginástica Expressiva de Rudolf Bode em contraponto com a Ginástica Rítmica de Dalcroze e discutir possíveis ressonâncias desse sistema nas práticas corporais do presente.

Mesa Redonda 2: História dos movimentos rítmicos, artísticos e expressivos no campo da educação física e da educação

O TEATRO ANATÔMICO NO CINEMA DE PETER GREENAWAY

Vinícius Demarchi Silva Terra

UNIFESP (Campus Baixada Santista)

Conduzidos pelo curta-metragem “M is for man, musicand Mozart” (1991), do cineasta Peter Greenaway, assistimos o anfiteatro anatômico como cenografia da gênese e do mito de criação do homem, cujas memórias são cantadas, dançadas (sacralizadas e profanadas) por deuses ambientados num cosmologia renascentista. Seguindo referências da iconografia maneirista de Bosh e Arcimboldo, bem como a escultura de Cellini, as razões visuais de Da Vinci, Michelângelo e as pranchas anatômicas de Vesalius, o filme é montado a partir de uma música em três atos - prelúdio, Man, Music e Mozart -, nos quais espectadores, deuses, matérias, palavras e paixões estão implicados num processo caótico e grotesco de criação de um corpo idealizado, cuja animação dar-se-á em razão de uma música e dança apolíneas. Neste estudo, trataremos das memórias do corpo na filmografia de Greenaway e, tencionando as suas possíveis leituras anatômicas, discutiremos como ideias-imagens de nudez, comida, excesso, seriação, corpo-texto e enciclopédia apontam para uma estética de representação não narrativa que propõe uma outra genealogia do corpo no cinema.

Mesa Redonda 3: História do esporte e do lazer em diferentes contextos educativos**PARA O BOM USO DO CORPO: O ENSINO DE ATIVIDADES FÍSICAS
NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX**

Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Uma maior estabilidade e aperfeiçoamento da burocracia estatal, a melhoria das condições econômicas e o estabelecimento de vínculos mais intensos com o continente europeu marcam, nos anos 1850, um novo momento para o Brasil, cujos impactos foram especialmente sentidos no município neutro da Corte. Nesse contexto, observa-se uma maior valorização e estruturação do comércio de “luxos” e entretenimentos, relacionados, inclusive, à conformação de uma sociedade civil mais organizada, que desejava e necessitava expor publicamente seus símbolos de *status* e distinção. Integrou essa nova oferta de diversões um conjunto de práticas corporais: dança, ginástica, patinação, natação, entre outras. Frente à nova presença social dessas modalidades, tornou-se necessário e usual o estabelecimento de iniciativas diversas ligadas a seu ensino. Essa comunicação tem por objetivo discutir, em cenários escolares e não escolares, a conformação dessas experiências educacionais no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX (anos 1850-1880), suas formas de funcionamento, bem como as intencionalidades que as cercavam, plenamente articuladas com questões candentes na sociedade fluminense daquele tempo.

Mesa Redonda 4: História do esporte e da educação física
SOBRE SER CIVILIZADO, EMOCIONADO E MAL EDUCADO: ALGUMAS
ANOTAÇÕES SOBRE O ESPORTE NO BRASIL

Ricardo de Figueiredo Lucena
Universidade Federal da Paraíba

Desde que as práticas de divertimento que os aristocratas ingleses denominaram de *sports*, começaram a ser praticadas aqui no Brasil, muito se tem falado sobre essa forma de ser e comportar. Ao veicular na edição de 20 de maio de 1906, que, “o verdadeiro *sportman* deve primar pela lhaneza, pela cortesia, pela lealdade e pela educação...” o reporter de A Gazeta de Notícias não estava só se reportando a escolaridade do *sportman*. Ele estava especialmente, demarcando um espaço, definindo uma forma de ser e de se comportar e consequentemente, se expressar. Mas, o que faz, entre nós, essa prática civilizatória ser tão emocionada e mal educada? Na trilha dessa questão, vamos recorrer a alguns conceitos eliasianos na intenção de, resgatando algumas matérias de jornais ao longo do século XX, fazer esse paralelo entre uma ação dita civilizadora e a expressão das emoções e de um esperado comportamento.

Mesa Redonda 4: História do Esporte e da Educação Física
ASPECTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A HISTÓRIA DA SOCIOLOGIA DO
ESPORTE NO BRASIL E SUAS PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DA AMÉRICA
LATINA.

Wanderley Marchi Jr.

UFPR

Pesquisador - CNPq

Pretende-se com esse texto apresentar preliminarmente o percurso histórico da Sociologia do Esporte no Brasil como disciplina acadêmica e campo de pesquisa inserido nas Universidades. Em conjunto tem-se por objetivo trazer a discussão atual em torno dos principais referenciais teóricos e tendências que constituem esse campo do conhecimento, finalizando com os desafios e perspectivas futuras em termos de agenda de pesquisa, objetos de estudo, formação de Grupos de Pesquisa e Associações continentais, numa inserção e correlação do caso brasileiro com a América Latina.

Palavras-chave: sociologia do esporte, história, Brasil, América Latina.

Mesa Redonda 5: História das práticas esportivas e corporais na natureza

PARA ALÉM DO GINÁSIO E DO PÁTIO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE EM SÃO PAULO (1920-1930)

André Dalben¹

Universidade Estadual de Londrina

Na história da educação paulista, diversos atores sociais ligados à educação física e ao esporte foram responsáveis por propor e implementar experiências médico-pedagógicas que priorizaram pelo contato do corpo com a natureza. Em 1939, o Departamento de Educação Física, órgão administrativo subordinado a Secretaria da Educação e da Saúde Pública do Estado de São Paulo, procurou centralizar a criação, disseminação e administração de um conjunto de iniciativas de educação ao ar livre. Apesar de ter sido criado em 1931 com o objetivo de regulamentar a prática esportiva no estado de São Paulo, o departamento passou a se dedicar, a partir de 1939, majoritariamente as questões relacionadas a educação física escolar e extraescolar, após uma grande reformulação em suas estruturas.

A partir dessa data, o Departamento de Educação Física procurou se estabelecer como o principal responsável pela organização de colônias de férias infantis no estado, levando, a cada final de ano, uma parcela das crianças inscritas no sistema público de ensino e acolhidas por orfanatos para o litoral (Santos), para a montanha (Campos do Jordão) e para o ambiente rural (Pindamonhangaba). Durante a estadia nessas instituições, as crianças recebiam uma alimentação substancial, realizavam passeios pela praia e por bosques e se entregavam a uma variada gama de jogos ao ar livre. A iniciativa perdurou até meados da década de 1950.

Em 1939, o departamento foi responsável também pela criação de uma escola ao ar livre dentro do Parque da Água Branca. As atividades escolares empregavam carteiras e quadros negros leves e portáteis para que as turmas de alunos fossem dispostas no ambiente exterior do parque, onde ocorriam não apenas as aulas de educação física como de todos os demais componentes curriculares. A escola permaneceu aberto no interior do parque até 1954, consolidando-se nesse período como uma instituição modelar no que se refere à educação ao ar livre. É possível afirmar que o Departamento de Educação Física foi responsável por consolidar, por meio desse estabelecimento de ensino, uma cultura escolar específica, a qual priorizou o contato com a natureza e organizou o tempo e o espaço de formas bastante distintas dos modelos escolares mais tradicionais.

Um outro estabelecimento criado na cidade de São Paulo que teve grande relevância para a conformação de uma cultura escolar pautada na educação ao ar livre foram os parques infantis. Tratava-se de instituições que ofereciam serviços de biblioteca, assistência alimentar, odontológica e médica e um amplo conjunto de práticas educativas ligadas à educação artística e à educação física. De modo geral, contavam com construções de proporções bastante reduzidas e amplos espaços abertos arborizados. A sua distribuição arquitetônica particular visava garantir que as atividades médico-educativas propostas ocorressem majoritariamente ao ar livre.

Os dois primeiros parques infantis foram criados nos anos de 1930 e 1931 pela prefeitura de São Paulo. A partir de 1934, a administração desses estabelecimentos passou a ser realizada pelo Departamento Municipal de Cultura, órgão presidido por Mário de Andrade. O departamento municipal viria, assim, conferir uma unidade conceitual para os parques infantis previamente criados e promover a sua expansão para outros bairros da cidade como uma política pública própria da prefeitura de São Paulo. O Departamento de Educação Física, por sua vez, enquanto órgão estadual procurou propagar os parques infantis para o interior do estado, incentivando a sua adoção por outras prefeituras.

De modo sucinto, é possível afirmar que em conjunto, os parques infantis, as colônias de férias e a escola ao ar livre, foram, cada uma ao seu modo, grandes representantes de uma educação ao ar livre proposta e implementada na cidade de São Paulo durante a década de 1930. Os movimentos para a criação dessas instituições, no entanto, são anteriores. Foi na década de 1920 que começaram a circular diferentes propostas e algumas experiências educativas localizadas que priorizavam pelo contato com a natureza. A presente pesquisa procura mapear essas propostas e experiências educativas que, de algum modo, podem estar relacionadas com os parques infantis geridos pelo Departamento de Cultura e com as colônias de férias e a escola ao ar livre criadas pelo Departamento de Educação Física. As fontes empregadas foram os periódicos do ensino paulista, disponíveis no Centro do Professorado Paulista, notícias de jornais paulistas, levantadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e documentos consultados na biblioteca e no museu do Rotary Club de São Paulo.

Palavras-Chave: educação física; natureza; educação ao ar livre; São Paulo

¹ Professor do Centro de Educação Física e Esportes da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em educação e mestre em educação física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio sanduíche de doutoramento pela Université de Montpellier III – Paul Valery. E-mail de contato: andredalben@uel.br

Mesa Redonda 5: História das práticas esportivas e corporais na natureza

NATUREZA E EDUCAÇÃO NA EXPANSÃO DO MOVIMENTO ESCOTEIRO.

Carlos Herold Junior

Universidade Estadual de Maringá

Pesquisador CNPq

A criação de variados movimentos formativos voltados à juventude foi um fenômeno de grande visibilidade na passagem ao século XX. O escotismo, particularmente, pela velocidade e pujança de sua expansão, incita uma análise mais detida desse processo pela ênfase por ele dada ao corpo. Na imensa quantidade de registros produzida pelo movimento escoteiro em várias partes do mundo, a relevância educacional das práticas corporais se deu a partir de um conjunto de representações que relacionou natureza, educação e projetos sociais. Pensar essa relação nas primeiras décadas do século XX, além de lançar luzes a um momento de grande valor para a construção da importância das práticas do corpo como meios recreativos e educacionais, possibilita uma reflexão mais matizada sobre as expectativas e os desafios hodiernos atinentes à educação corporal.

Palavras-chave: Robert Baden-Powell, educação do corpo, *Scouting for Boys*.

**Mesa Redonda 5: História das práticas esportivas e corporais na natureza
GUARAPIRANGA: OS ESPORTES ENCONTRAM UMA REPRESA NA REGIÃO
DE SÃO PAULO, 1905-1963.**

Janes Jorge

Departamento de História/UNIFESP (Campus Guarulhos)

A represa do Guarapiranga foi vista como espaço esportivo e recreativo importante para a região de São Paulo, desde 1905, quando começaram a circular as notícias sobre sua construção, muito embora tenha sido feita com o objetivo de aumentar a produção de energia hidrelétrica e de ter assumido, posteriormente, papel fundamental no abastecimento público de água. Ao longo do século 20, muitas vezes, tornou-se local em que eram praticadas atividades que não mais podiam ocorrer nos rios paulistanos em decorrência da degradação de suas águas e várzeas, como foi o caso do remo ou dos piqueniques beira-rio. Ainda hoje é assim. Mas, no futuro, a primeira represa da região de São Paulo ainda receberá amantes do esporte e da natureza ou degradação de suas águas irá impor novo abandono? Além de substituir os rios em práticas costumeiras a Guarapiranga possibilitou que os moradores de São Paulo conhecessem novidades como os barcos à vela que exigem um espelho d'água amplo para navegarem, o que não havia na região antes da represa. Em 1963, quando a cidade de São Paulo sediou os Jogos Pan-Americanos, as provas de vela foram realizadas na Guarapiranga. A chamada “represa de Santo Amaro”, assim, ampliou os horizontes esportivos e recreativos de toda a sua região.

Mesa Redonda 6: História das práticas de saúde e suas relações com a Educação Física

GORDOS, MAGROS E OBESOS NO BRASIL

Denise Bernuzzi de Sant'Anna
Professora Livre Docente-PUC-SP
Pesquisadora 1D-CNPq-CA-História

O texto a ser apresentado está centrado na história da obesidade e das medidas corporais no Brasil. A partir de um estudo junto a jornais, revistas, teses médicas e livros sobre a educação do corpo e, em particular, sobre as transformações dos hábitos alimentares e a crescente valorização das atividades esportivas, pretende-se focar duas grandes tendências que atravessam o século XX: por um lado a progressiva medicalização das aparências físicas, tanto quanto dos pesos e volumes corporais. Por outro, os novos significados culturais atribuídos aos gordos, magros e obesos. A questão que serviu como ponto de partida desse estudo é a seguinte: será que hoje há mais gordos ou a nossa percepção sobre o assunto mudou? Contudo, com o desenvolver da pesquisa, outras questões emergiram relacionadas ao período histórico analisado quando o antigo pecado da gula cedeu espaço para outros valores relacionados ao uso cotidiano da balança e de outros instrumentos destinados a diagnosticar pesos e características físicas individuais. É também quando uma rica trajetória formada por gordos e magros revelou expressões de escárnio assim como relatos comoventes acerca dos volumes corporais. Essa história mostra, igualmente, um dos dramas e venturas das relações dos brasileiros com seus corpos, veiculadas pela mídia nacional, assim como as suas definições científicas, pedagógicas e publicitárias. Percebe-se ao longo das décadas que, dos antigos licores para engordar aos modernos regimes, mudaram não apenas os critérios de saúde e beleza. Houve uma grande transformação no modo de conceber a decência e o pudor, assim como a sexualidade inscrita sobre a forma física. Especialmente no último século, várias mudanças também ocorreram nas maneiras de medir e pesar os corpos, de conceber o significado da gordura e de sua falta. É quando foram descobertos numerosos males da obesidade e da anorexia, além de perigos nunca antes imaginados na alimentação cotidiana. Trata-se, portanto, de uma história sobre receios há muito conhecidos, mas, igualmente, sobre temores que vão além do desenho visível das silhuetas gordas e magras, tais como as ameaças da solidão e do fracasso. Por isso, a principal indagação desse estudo centra-se no desafio de perceber como e por quais

razões a aparência física, com seu peso e volume, tornou-se um índice privilegiado da intimidade e da personalidade de cada um.

Palavras chave: gordura, obesidade, magreza, corpo

Mesa Redonda 6: História das práticas de saúde e suas relações com a Educação Física

EDUCAR O CORPO, PREVENIR OS MALES E PRESERVAR A SAÚDE

Heloísa Helena Pimenta Rocha
Livre Docente-FE-Unicamp
Pesquisadora do CNPq

O período compreendido entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX foi marcado, em algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, pela emergência de inúmeros problemas decorrentes da urbanização, dentre os quais a eclosão de graves surtos epidêmicos e a persistência de doenças endêmicas. O enfrentamento desses quadros mórbidos pôs em cena um amplo conjunto de iniciativas que visavam ao combate e à prevenção dos males que ameaçavam a saúde da população. A recente descoberta dos mecanismos de transmissão de algumas doenças e de meios de combatê-las conferiu ao médico uma autoridade que não se limitava à sua atuação como clínico, ampliando o seu prestígio e a sua legitimidade nas decisões sobre os modos de viver a vida cotidiana.

Em seu afã de debelar as epidemias, combater a mortalidade e produzir novos modos de viver em sociedade, os médicos-higienistas consideraram a escola como objeto privilegiado de intervenção, dedicando-se ao estudo dos tempos e espaços da escolarização, dos métodos e procedimentos de ensino, da constituição física e intelectual dos alunos. Além disso, atuaram na elaboração de propostas voltadas para a difusão das noções de higiene no meio escolar, bem como na produção de impressos destinados, entre outros públicos, às crianças e seus mestres. Nos discursos de médicos, autoridades governamentais e reconhecidos educadores, tornou-se cada vez mais frequente a afirmação dos riscos advindos da concentração de crianças nos espaços escolares e, por essa via, da necessidade de uma inspeção rigorosa da escola e das crianças, sob o ponto de vista higiênico. Por outro lado, tomou vulto a afirmação do papel da escola na prevenção das doenças, tanto pela ação direta sobre as crianças, como pela influência indireta sobre as famílias, com vistas a reorientar as suas práticas cotidianas de cuidado com o corpo, a casa e a criação dos pequenos. Nesse processo, as crianças passaram a constituir o alvo de um amplo investimento que visava incutir um conjunto de hábitos saudáveis, cuja prática deveria reconfigurar não apenas os gestos infantis, mas também dos adultos responsáveis pela sua educação. A escola passava a

ser pensada como um espaço por meio do qual era possível tanto garantir a atenção médico-higiênica à infância, como intervir nas famílias.

Esta comunicação incide sobre esse universo de questões, na medida em que se volta para o estudo dos impressos por meio dos quais se procurou pôr em circulação, no universo escolar, a mensagem da higiene. Busca analisar, de modo mais específico, as formas como a educação do corpo, concebida a partir da perspectiva da prevenção das doenças e da preservação da saúde, foi tematizada em uma coleção configurada como biblioteca popular. Trata-se da *Biblioteca Popular de Higiene*, coleção de livros de formato pequeno, composta por 22 títulos organizados em 27 volumes, versando sobre temáticas ligadas à higiene e à saúde, de autoria do médico Sebastião Mascarenhas Barroso, publicada pela Editora Melhoramentos, na década de 1930. Destinada inicialmente a um público amplo, a coleção se converteu, a partir do lançamento dos primeiros títulos, em obra didática, passando a incluir, entre os seus destinatários, o público escolar, por meio da introdução de uma série de orientações assinadas pelo educador Lourenço Filho, sobre os modos como os professores deveriam desenvolver as temáticas abordadas, com base em propostas de ensino que convocassem a atividade dos alunos.

A iniciativa da Melhoramentos, que respondeu pela publicação da obra *Hygiene para todos* do mesmo autor, em agosto de 1935, alguns meses antes do lançamento da coleção, gravitando em torno de um conjunto de temas bastante próximos, é indicativa de um tipo de investimento que procura alcançar o grande público, recorrendo, para isso, a distintas modalidades de impressos. Afastando-se dos tratados, ricos em detalhes, pretendia-se oferecer ao leitor aquilo que “toda a gente deve saber”: uma ideia sumária, noções gerais, “noções úteis” que permitissem a prevenção dos mais variados males. Distintos dispositivos textuais são acionados no sentido de convocar os leitores visados pela coleção a reconhecer as transgressões às recomendações higiênicas no meio em que viviam, em suas casas, nas suas práticas de alimentação, no vestuário e no seu próprio corpo. O exame da coleção assinada por Barroso permite observar que, lançando mão de recursos retóricos voltados para o convencimento acerca da necessidade de adotar modos de vida saudáveis, os pequenos livros inscrevem-se em um amplo programa educador, que se traduz em prescrições enunciadas de diferentes formas, as quais incidem sobre cada detalhe da vida cotidiana.

Mesa 6: História das práticas de saúde e suas relações com a Educação Física
EDUCAÇÃO DO POVO, MEDICINA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO URUGUAI DO
NOVECENTOS

Raumar Rodríguez Giménez

Universidad de la República (UdelaR), Uruguai

No final do século XIX uruguaio, há uma coincidência: em 1876 cria-se a Facultad de Medicina da *Universidad de la República*. Em 1874 havia-se publicado *La educación Del Pueblo*, cujo autor foi José Pedro Varela, conhecido até hoje como o Pai da escola pública laica, gratuita e obrigatória, responsável pela aplicação e desenvolvimento da maior reforma educativa da história do Uruguai, até hoje.

A atmosfera cultura do fim do século XIX, atravessada pelo viés positivista e pelo ideário progressista, é o pano de fundo de essa “coincidência”. Mas, qual é a dita coincidência? José Pedro Varela, Presidente da *Comisión de Instrucción Pública* desde 1876, e o seu amigo pessoal, Alfredo Vázquez Acevedo, nesse momento *Reitor da Universidad de la República*, eles encabeçaram a divulgação do positivismo, um dentro da escola primária e na formação normalista de maestros, o outro dentro da universidade. Junto com o progresso do positivismo escolar, a educação física vai encontrando o seu lugar no discurso pedagógico vareliano; junto com o positivismo universitário, as ciências biomédicas vão se desenvolvendo não sem tensões entre experimentalismo e espiritualismo. No alvo da cena, como se lembrássemos Rembrandt, o corpo. Em grande parte, a educação do povo consistiu em pedagogizar a medicina.

Mesa Redonda 7: História da ginástica em diferentes contextos

RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DA GINÁSTICA DE LING NO BRASIL: SABERES, PRÁTICAS E DISCURSOS.

Andrea Moreno

FaE/Universidade Federal de Minas Gerais

A ginástica sueca, concebida por P.H. Ling na primeira metade dos oitocentos, circulou por diversos países ao longo de todo século XIX e início do XX. Por onde passou fomentou debates sobre sua pertinência e embates sobre sua adequação, angariando adeptos e críticos de sua prática. O Instituto Central de Estocolmo foi um dos centros irradiadores e divulgadores do método: recebia estrangeiros e enviava médicos-ginastas para diversos países.

No Brasil, até início do século XX, não se tem registros de sujeitos que foram a Estocolmo aprender sobre o método racional e mesmo suecos que aqui aportassem para ensiná-lo, mas, a despeito disso, também chegou a terras brasileiras, através, sobretudo, de discursos de intelectuais e manuais escolares.

O objetivo dessa exposição será mostrar como a ginástica lingiana chega e circula no Brasil, tomando a mesma como objeto cultural, como uma prática que não nasce nem permanece pura e que, em sua circulação, por meio de mediadores, há uma dimensão transformativa.

Mesa Redonda 7: História da ginástica em diferentes contextos
O ASSOCIATIVISMO GINÁSTICO TEUTO-BRASILEIRO (PRIMEIRAS
DÉCADAS DO SÉCULO XX)

Evelise Amgarten Quitzau

Secretaria Municipal de Educação - Indaiatuba

A ginástica que se desenvolveu na Alemanha ao longo do século XIX sob a alcunha de *Turnen* foi um fenômeno que esteve intimamente ligado, desde seu início, tanto ao movimento nacionalista alemão quanto ao associativismo, ou seja, ao movimento de formação de associações de indivíduos livres que se reuniam com finalidades específicas organizando-se a partir de estatutos próprios. Apesar de se declararem constantemente como associações sem fins políticos e partidários, estas associações reuniam indivíduos que participaram ativamente de episódios importantes do cenário político alemão oitocentista, como as guerras da libertação, em 1813, e a revolução de 1848. É especialmente a geração de 1848 que, ao sair derrotada, migra para o continente americano, onde exerce importante papel na emergência do movimento associativo das colônias alemãs em que se inserem, contribuindo para a formação de sociedades beneficentes, escolares, confessionais, de trabalhadores, de atiradores, de cantores e, também, de ginástica.

As primeiras sociedades ginásticas fundadas por imigrantes alemães no Brasil localizavam-se em Joinville e no Rio de Janeiro e datavam de 1858 e 1859, respectivamente. Este primeiro momento do associativismo ginástico, que se estende até a década de 1880, é denominado por Wieser (1990)¹ como “período de isolamento”, uma vez que em cerca de 20 anos foram constituídas apenas quatro sociedades ginástica. É apenas a partir dos anos 1880, no chamado “período de organização suprarregional” que vemos um movimento mais intenso de fundação de sociedades ginásticas, bem como de tentativas de organizá-las em associações regionais, como a *Turnerschaft von Rio Grande do Sul*, de 1895. Este período coincide com a chegada de um grupo de imigrantes que já conheciam uma Alemanha unificada e com a ascensão da noção de germanidade no âmbito do associativismo ginástico.

A noção de germanidade foi o principal norteador das ações das sociedades ginásticas teuto-brasileiras, estivessem elas no Rio Grande do Sul ou no Rio de Janeiro. Ao mesmo

¹ WIESER, Lothar. *Deutsches Turnen in Brasilien*. Deutsche Auswanderung und die Entwicklung des Deutsch-Brasilianischen Turnwesens bis zum Jahre 1917. Londres: Arena Publications, 1990

tempo em que elas tinham como objetivo o fortalecimento corporal, espiritual e moral de seus associados por meio da prática regular do *Turnen*, elas também se compreendiam como postos de preservação da germanidade no Brasil, como verdadeiros lares alemães em que não apenas a ginástica, mas também o canto, a música e a literatura alemã deveriam ser cultivados.

Durante o período em que atuaram no Brasil, estas associações ofereceram uma rica gama de atividades para seus associados. Nos dias da semana, à noite, aconteciam as sessões de ginástica e, durante o dia, muitas delas atendiam às escolas alemãs de suas cidades, sendo responsáveis pela educação física de meninos e meninas matriculados nestas instituições. Aos finais de semana, seus associados encontravam-se nas praças de jogos, locais ao ar livre em que podiam correr, nadar, jogar especialmente punhobol e futebol, além de realizarem frequentemente excursões e caminhadas ao ar livre. Ademais, era comum nestas associações a organização de noites culturais, com apresentações musicais e teatrais, que, juntamente com a prática regular do *Turnen*, deveriam contribuir para a manutenção da germanidade no país.

Como forma de expor suas ações à comunidade os festivais ocupavam um lugar central no calendário destas instituições. Estes festivais eram compostos pelas disputas em exercícios ginásticos, bem como por apresentações coletivas, que se configuravam como seu elemento central. Nestas apresentações, a massa formada pelos ginastas uniformizados e se movendo em perfeita sincronia se transformava numa representação física de determinados ideais que eram constantemente evocados no cotidiano destas associações, como disciplina, autocontrole e pertencimento coletivo. Além disso, ao reunirem sociedades ginásticas de diferentes locais, estes festivais se constituíam como um local de intercâmbio e debate entre os ginastas, o que possibilitou, por exemplo, a criação de outras organizações suprarregionais especialmente durante a década de 1930.

Apesar de uma breve interrupção nas atividades no período da Primeira Guerra Mundial, as sociedades ginásticas teuto-brasileiras atuaram por cerca de 80 anos, sempre buscando seguir o modelo que conheciam da Alemanha e manter-se em contato com os desdobramentos do *Turnen* em sua terra natal, de forma que muitas delas eram filiadas à *Deutsche Turnerschaft*. Somente a partir da publicação de uma série de decretos-lei, em 1938, vemos uma significativa ruptura na atuação das sociedades ginásticas teuto-brasileiras, uma vez que, obrigadas a se nacionalizar, foram proibidas de utilizar a língua alemã e forçadas a abandonar a questão da germanidade

Palavras-chave: ginástica alemã; Turnen; história da ginástica.

Mesa Redonda 7: História da Ginástica em Diferentes Contextos**EL HOMO GYMNASTICUS EN LA FORMACIÓN DE DOCENTES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN EL URUGUAY (1876-1959)**

Paola Dogliotti

Universidad de la República (UDELAR), Uruguay

A la inversa de los países del norte, en Uruguay la gimnasia se despliega, fundamentalmente, a partir del desarrollo de su sistema educativo. Contrariamente a lo que sucedió en los países del norte europeo –en los que surgió en forma predominante dentro de los gimnasios, como el de Ling en Suecia, el de Jhan en Alemania, y, posteriormente fue trasladada a la escuela–, en Uruguay partió de la necesidad de instrumentar el sistema educativo escolar. Es a partir de aquí que comienza a tomar espesura, fundamentalmente a través de la gimnasia de origen sueco. Este trabajo indaga sobre los modos de configuración de la gimnástica en las diversas modalidades que adquirió la formación de los docentes dedicados al dictado de la educación física en diversos ámbitos tanto formal como no formal. Para ello se desarrollan las principales construcciones de sentido en torno a la gimnástica en la estructuración del sistema educativo uruguayo entre los años 1876 y 1911. Se analizan los discursos de José Pedro Varela, el reformador de la escuela pública uruguaya, de Alejandro Lamas, primer profesor de gimnástica, y el primer programa de formación de maestras para el dictado de la gimnasia escolar. En un segundo momento se analiza la gimnasia en el los programas de formación de los primeros cursos de formación de maestros de plazas de deportes en el ámbito de la CNEF desarrollados entre los años 1920 y 1936. En un tercer momento, se analiza la proporción e importancia dada a la gimnasia en los planes de estudio comprendidos entre los años 1939 y 1959 de la formación del profesor de educación física.

Mesa Redonda 8: História do esporte e gênero**EL JUEGO ‘POLÍTICO-IDEOLÓGICO’ DE LAS DIFERENCIAS SEXUALES.
LOS ESPACIOS RECREATIVOS A PRINCIPIOS DEL SIGLO XX EN LA CAPITAL
ARGENTINA**

Prof. Dr. Pablo Scharagrodsky

Universidad Nacional de Quilmes (UNQ), Argentina

Universidad Nacional de La Plata (UNLP), Argentina

En las primeras décadas del siglo XX un conjunto de actores y grupos sociales percibieron la necesidad de construir espacios complementarios y, en algunos casos, alternativos al formato escolar estatalizado que estaba en pleno crecimiento. Entre los espacios pensados para transmitir e imponer ciertos tópicos, se destacaron los recreos infantiles (juegos, gimnasias, deportes, *picnics*, recitación de poesías, coros, orquestas, cuadros filo-dramáticos, etc.). Más allá de las fuertes disputas ideológicas y políticas acaecidas en las primeras décadas del siglo XX en la Argentina, hubo un fuerte consenso sobre la necesidad de disponer de espacios recreativos para la población infantil. Sin embargo, los fines, los sentidos y los significados puestos en circulación entraron rápidamente en colisión dependiendo del grupo social de origen, de la ideología profesada y de la forma de concebir ‘lo político’. Grupos de socialistas, anarquistas y de diferentes congregaciones religiosas (por ejemplo, salesianas) implementaron recreos infantiles en la Argentina. Estos espacios de sociabilidad pusieron en circulación una serie de sentidos y significados sobre diferentes tópicos, entre ellos la ‘cuestión sexual’. La siguiente exposición indaga los significados que se produjeron, transmitieron y circularon en relación a la diferencia sexual, a cierto tipo de feminidad y cierto tipo de masculinidad.

Mesa Redonda 8: História do esporte e gêneroProf^ª Dr^ª Silvana Vilodre Goellner

ESEF-UFRGS

Pesquisadora 1D-CNPq-CA-EF

A partir da experiência com a pesquisa historiográfica pretendo analisar a produção acadêmica em periódicos científicos publicados no Brasil sobre o tema esporte e gênero no intuito de discutir sobre construções, representações e relações de gênero no campo das práticas corporais e esportivas, mais especificamente, no futebol. A categoria gênero é observada como categoria identitária, analítica e política evidenciando alguns dos mecanismos por meio dos quais as práticas corporais e esportivas produzem os sentidos do feminino e do masculino seja para reforçá-los, seja para contestá-los. Da análise deste material abordarei aspectos relacionados a aspectos históricos do futebol com ênfase na interdição das mulheres a sua prática por quase quarenta anos e os desdobramentos dela decorrentes. Ressalto que o pouco reconhecimento que o futebol praticado por mulheres tem no cenário contemporâneo resulta de aspectos históricos relacionados às questões de gênero, as quais, em grande medida estão relacionados à performance dos corpos, à representações normatizadas de feminilidade e à heterossexualidade compulsória. Por fim, elenco alguns temas na tentativa da construção de uma agenda política e pedagógica direcionada para minimizar as desigualdades vivenciadas entre homens e mulheres no futebol em suas múltiplas dimensões. Destaco, ainda, a necessidade de maiores investimento nos aportes teóricos advindos dos feminismos dada sua inegável contribuição para compreender a estruturação do esporte, no caso o futebol, visto aqui como espaço generificado e generificador não porque reflete as desigualdades e diferenciações da sociedade, mas, fundamentalmente, porque as produz e reproduz.

Mesa Redonda 8: História do Esporte e do esporte e gênero**REEDITANDO O GÊNERO NA HISTÓRIA DO ESPORTE: OLHARES
SOBRE CORPOS TRANSGÊNEROS**

Wagner Xavier de Camargo

Pesquisador – CAPES-UFSCar

As discussões sobre gênero e sexualidade no esporte têm demonstrado que, ao se tratar de gênero no campo esportivo, há que se atentar para relações que vão além de “corpos de mulheres” e de “corpos de homens” competindo entre si. A classificação de corpos baseada nos sexos é obsoleta e, se ainda perdura nas práticas e discursos hegemônicos dos órgãos e instituições de controle, não terão vida muito longa nos próximos anos.

Em que pese o esporte (ainda) edificar-se sobre o binarismo de gênero (masculino/feminino) para resguardar a famigerada “igualdade de chances” no processo competitivo, há uma plêiade de sujeitos que, do ponto de vista do sistema sexo/gênero, estão ‘desidentificados’ com o padrão heteronormativo e que, mesmo assim, atuam em arenas esportivas.

Se o esporte é masculinista por excelência e se corpos de mulheres romperam tabus ao longo de sua história, outros corpos ficaram ofuscados pelo brilho da reinvenção de Coubertin. A provocação desta apresentação é problematizar a presença/ausência de corporalidades disruptivas (termos meus) de atletas transgêneros no esporte, no decorrer do século XX. Pretende-se discutir o quanto tais performances esportivas consideradas “dissonantes” foram apagadas ou subsumidas, numa homogeneização histórica do binarismo de gênero reinante no esporte moderno.

Corpos trans: visíveis ou invisíveis?

Durante os *Gay Games* de Chicago-2006 (jogos para gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans) presenciei o desempenho atlético de um homem trans numa prova de atletismo em que eu próprio participava (Camargo & Vaz, 2012). Eram os 400 metros com barreiras da categoria masculina. Mesclando elementos considerados socialmente como “masculinos” e

“femininos”, ele misturava signos assinalados a um e outro gênero, num só corpo. Aquele corpo tensionava, ali, o enquadramento categorial do esporte.

O exemplo do atleta transgênero vem de encontro com algo que atualmente aparece no esporte midiático e sublinha que algumas questões relativas a corpos, gêneros e sexualidades não normativos precisam ser problematizadas. Corpos transgêneros no esporte ainda são invisibilizados e considerá-los não apenas problematiza o binarismo de gênero, bem como se abre discussão sobre a gestão política e técnica do corpo e da sexualidade.

Os Jogos Olímpicos Rio-2016 foram considerados “a Olimpíada mais gay da história” (Franceschini, 2016), tendo-se em vista o número de atletas presentes, que se autodeclararam não heteronormativos (gays, lésbicas, bissexuais, principalmente). Apesar disso, oficialmente não participaram pessoas trans. Cogitou-se considerar Caster Semenya, (corredora sul-africana dos 800 metros rasos) e Dutee Chand (indiana, velocista e recordista das provas dos 100 m) como transexuais, mas logo a própria mídia viu-se instada a deixar de lado essa suposta categorização. Semenya, inclusive, teria assumido um relacionamento lésbico com outra mulher para fugir da pecha.

Mulheres e testes de verificação de gênero

No Jogos Olímpicos de Berlim-1936, a então atleta polonesa Stella Walsh competiu como favorita nas provas de velocidade do atletismo e sua principal opositora era a norte-americana Helen Stephens. Walsh terminou em segundo lugar nos 100 metros rasos e, como consequência, Stephens tem sua feminilidade contestada por vários atletas e técnicos presentes, sendo forçada a se submeter a uma inspeção genital para comprovar que era mulher (RITCHIE; REYNARD; LEWIS, 2008). A suspeita foi dissipada e a medalha mantida. Contudo, ironia do destino ou não, quando Walsh é assassinada em 1980, uma autópsia descobre que Stella possuía uma genitália masculina, apesar da identidade de gênero feminina. Se não bastasse o atestado biológico de um corpo com “dois sexos”, uma investigação em nível bioquímico constatou igualmente cromossomos masculinos e femininos em seu corpo.

O que se seguiu nos próximos anos foi a elaboração de políticas de controle do Comitê Olímpico Internacional (COI) sobre corpos femininos através de testes de “prova de feminilidade” e, mais tarde, de “verificação de gênero”. As Olimpíadas de 1968 no México foram um marco especial nesse tipo de controle. Pesquisas vão questionar as condições do estabelecimento de tais testes e o feminismo vai nos lembrar que o que está em jogo são

questões culturais e políticas em relação à “natureza” ou condição da mulher na sociedade (LAQUEUR, 2001).

O caso de Stella e de tantas outras atletas que surgiram no século XX são exemplos de polêmicas que envolveram os testes de feminilidade (ou de averiguação do sexo) para as mulheres, que cessaram em 2000 (LESSA; VOTRE, 2013), mas que ainda persistem no imaginário social e institucional quando se questiona a legitimidade de um corpo no esporte.

Transgêneros e nova gestão político-técnica do corpo

Em fins de 2015, o COI surpreendeu-nos com o anúncio de critérios para “melhor adequar atletas trans” em seus programas olímpicos. Tais critérios vieram do “Encontro de Consenso do COI sobre Redesignação Sexual e Hiperandrogenia” (2016), ocorrido naquele ano em Lausanne, Suíça.

Apesar de citarem uma preocupação com a não exclusão de atletas trans no esporte de competição e que garantir tal participação é uma questão de direitos humanos, o documento é bastante intransigente quando postula exigências para indivíduos que transicionam do masculino para o feminino, pois explicita que, para competirem na categoria feminina, devem: a) ter declarado há quatro anos ou mais sua identidade de gênero como feminina; b) demonstrar clinicamente seu nível de testosterona no soro abaixo de 10 nmol/l (nanomol por litro) nos últimos doze meses antes da competição e manter abaixo disso durante a contenda; c) passar por completo monitoramento de testes antes e durante os eventos esportivos em que participa.

Assim, percebe-se uma visível tentativa de controle e regulação desses corpos. Portanto, haveria que se despasteurizar as normativas instituídas pelo COI sobre eles, que imporiam uma nova dinâmica ao sistema e outra lógica de tratamento a partir de suas especificidades. Há que se levar em conta as transformações sofridas em cada corpo, não no sentido de observar “como” e “de que forma” aquele corpo está transicionando para um corpo biológico masculino ou feminino, mas que tal corpo poderá permanecer em processo e, muito provavelmente, se alojará em fronteiras categoriais.

E é aí que se aloja o incômodo quando se comparam corpos cisgênero (aqueles que concordam com o que lhes foi assignado no nascimento) e transgênero no meio esportivo: para esportistas cis do sexo masculino o consumo de testosterona é perfeitamente aceitável na aquisição de músculos e rendimento, desde que seja controlado. De outro lado, tanto para homens quanto para mulheres trans atletas a reposição e controle hormonal (testosterona ou

estrógeno) causa indignação, visto que seria motivo de discórdia milimétragens a mais ou a menos de um ou outro em um corpo posto para competir. A “indignação” se materializa exatamente porque corpos trans são considerados desvios de corpos biológicos legítimos (cisgêneros, no caso).

De um ponto de vista mais macro, tal debate tem a ver com a expansão da indústria fármaco-química nos últimos anos, manipulação/consumo de hormônios sintéticos e práticas de *doping*. Portanto, é possível que se encontre curso uma **nova gestão política e técnica de controle/produção do corpo, do sexo e da sexualidade**. Essa é a chave interpretativa para entendermos aonde caminha as considerações acerca dos atletas trans no esporte.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Wagner X.; VAZ, Alexandre. “De humanos e pós-humanos: ponderações sobre o corpo queer na arena esportiva”. In: GOELLNER, S.; COUTO, E. S. (Org.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. São Paulo: Vozes, 2012. p. 119-144.

FRANCESCHINI, Gustavo. “Atletas assumidos são dobro de Londres e Rio 2016 é a mais gay da história”. Disponível em <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/12/atletas-assumidos-sao-dobro-de-londres-e-rio-2016-e-a-mais-gay-da-historia.htm>>, acesso em 15 ago 2016.

“IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism”. <[http://www.triathlon.org/uploads/docs/6.b 2015.11 IOC consensus meeting on sex reassignment and hyperandrogenism-ENG.pdf](http://www.triathlon.org/uploads/docs/6.b%202015.11%20IOC%20consensus%20meeting%20on%20sex%20reassignment%20and%20hyperandrogenism-ENG.pdf)>, acesso em 20 jun 2016.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião. “Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968”. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte** [online], vol.35, n.2, pp.263-279. 2013.

RITCHIE, Robert; REYNARD, John; LEWIS, Tom. “Intersex and the Olympic Games”. **Journal of the Royal Society of Medicine**, v. 101, n. 8, p. 395-399, 2008.

**"UMA DAS DIVERSÕES MAIS FINAS, MAIS ELEGANTES E MAIS ÚTEIS" - O
CICLISMO EM PORTO ALEGRE (1895-1905)**

Natália de Noronha Santucci¹

PALAVRAS-CHAVE: ciclismo; moda; Porto Alegre; história;

Durante os primeiros anos da República, Porto Alegre experimentava a consolidação da burguesia urbana e do positivismo, a presença expressiva da comunidade teuto-brasileira e uma demanda crescente por melhorias na cidade. Buscava-se materializar um ideal de *modernidade* conforme o modelo de metrópoles europeias. Neste cenário foram introduzidas diversas práticas corporais e esportivas na cidade – entre elas o ciclismo.

A escolha desta temática e a pertinência desta pesquisa advém da possibilidade de trabalhar a relação interdisciplinar entre os campos do esporte e o do vestuário. As controvérsias causadas pelo surgimento e difusão de trajes específicos para o ciclismo, sobretudo os femininos, nos motivou a investigar os processos sociais envolvidos. Quanto à história do ciclismo no Brasil e em Porto Alegre, localizamos alguns trabalhos valiosos como referência, mas sob perspectivas distintas da que adotamos. Partimos de uma percepção da moda como dispositivo social sem conteúdo específico (CALANCA, 2008). Assim, trabalhamos com um duplo aspecto - o ciclismo tido como “esporte da moda” e a entrada em voga de roupas específicas para sua prática.

Foi proposta a seguinte questão norteadora: quais conexões foram estabelecidas entre o ciclismo e a indumentária de seus entusiastas com o desejo de modernização de Porto Alegre na virada para o século XX?

Utilizando bibliografia de múltiplas disciplinas buscaremos fundamentar conceitualmente e estabelecer pontos de referência que permitam responder essa questão. A análise de fontes primárias é de importância fundamental – articularemos o amparo teórico com periódicos da época e fotografias dos entusiastas da prática ciclística, com a finalidade de traçar uma breve história do ciclismo em Porto Alegre e refletir sobre questões propostas pelo vestuário, como o aspecto identitário, a importância dos uniformes e a quebra de paradigma que o uso de calças por mulheres ciclistas representou, por exemplo.

A prática de andar de bicicleta foi difundida em Porto Alegre entre os jovens da elite em meados da década de 1890, logo resultando na fundação da União Velocipédica de Amadores, em 1895, empenhada em promover passeios aos arredores da cidade. Esta data marca o início de nosso recorte temporal, cujo término é dado pela apresentação de sinais de

¹ Mestranda da PUC do Rio Grande do Sul

decadência dos clubes em 1905. Um segundo clube surgiu, dentro da comunidade germânica, no final de 1896 – a *Radfahrer Verein Blitz*, que logo desafiou a União para a primeira corrida disputada entre os dois grupos. Desde então, foram rivais durante toda sua existência, que mal atingiu a década de 1910.

Jornais como o *Correio do Povo* e *A Federação* divulgavam as atividades e demonstravam apreço por ambos os clubes – o ciclismo era tido por eles como moderno, uma diversão fina, elegante e útil para a saúde. Contudo, o curto período no qual esses clubes estiveram ativos na cidade nos levam a considerar que foram resultado de um modismo, logo substituído por novos interesses, sem se afirmar como parte da cultura local, diferentemente do futebol, por exemplo.

Por fim, consideramos que, embora as práticas esportivas e a moda pareçam estar em campos tão distantes, ambas possuem o corpo como ponto em comum – corpo este que, nos últimos séculos, tem adquirido novas conotações e transitado por novos espaços, carregando consigo a interdisciplinaridade com a qual procuramos arrematar essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CRANE, Diana. **A Moda e Seu Papel Social: Classe, Gênero e Identidade das Roupas**, tradução Cristina Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916)**. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

LICHT, Henrique Felipe Bonnet. **Ciclismo no Rio Grande do Sul: 1869-1905**, Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física - UFRGS, 2002.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

A FEDERAÇÃO

CORREIO DO POVO

FONTE DE FINANCIAMENTO

Bolsa Capes.

O CICLISMO DE ESTRADA COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: um olhar sobre o *Tour de France*

Priscila Requião Lessa¹
Marcelo Moraes e Silva²

PALAVRAS-CHAVE: Tour de France; Ciclismo de Estrada; Estética.

INTRODUÇÃO

Desde que surgiu no contexto europeu do século XIX a bicicleta atraiu olhares, alimentou a imaginação e suscitou grandes desafios. No início do século XX o andar de bicicleta adquiriu um novo significado que transcendeu o conceito de passeio e divertimento. O ciclismo transformou-se também em uma atividade competitiva, desafiadora e exigente, tornando-se um esporte capaz de transformar indivíduos comuns em heróis. Para consolidar o ciclismo de estrada como um dos esportes mais difíceis do mundo uma grande corrida foi criada na França, o *Tour de France*, que uniu em um único evento o ciclismo e a cultura nacionalista e patriótica dos franceses. Assim, o presente trabalho lançou um olhar sobre a beleza estética do ciclismo e de seus pilotos inseridos no contexto do *Tour de France*.

METODOLOGIA

O material selecionado para a construção da presente dissertação se baseia em uma série de documentos que versam sobre o ciclismo de estrada. Num primeiro bloco se encontram materiais bibliográficos sobre a história do ciclismo que mencionam grandes pilotos e épicas etapas do *tour de france*. Já o segundo grupo refere-se às obras, especialmente da literatura francesa, que discutem sobre a importância histórica e sobre o simbolismo do *tour de france* para a constituição da França moderna. Completando o conjunto de fontes foi utilizado um rico material ilustrado sobre os mais de cem anos da corrida, bem como uma seleção de vídeos profissionais (das transmissões televisivas) e amadores (de espectadores durante etapas), que ilustram a construção teórica desse estudo, reforçando sua perspectiva estética de análise.

Outros textos históricos também ajudaram a completar o quadro sobre a institucionalização do ciclismo de estrada, e investigam e analisam o *tour de france* como um evento de grande influência para a consolidação da identidade nacional francesa no contexto

¹ Mestre em Educação Física UFPR. Email: pryslessa@gmail.com

² Prof. Dr. Universidade Federal do Paraná – Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

do fim do século XIX. Ainda, a literatura francesa sobre o *tour de France* explora o enaltecimento do território francês a partir da construção das rotas das corridas desde sua origem em 1903. Assim, as narrativas sobre as rotas e caminhos do *tour* se transformam também em importantes elementos estéticos. Todas as descrições feitas nas obras bibliográficas e biográficas foram cruzadas com as fontes áudio visuais e iconográficas.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para desenvolver a argumentação o tema foi estruturado em três pontos principais. O primeiro retoma a importância histórica e cultural do *Tour de France* para os franceses e as simbologias criadas em torno do evento e dos seus corredores ao longo do século XX. No segundo concentrou-se o olhar em torno da beleza atlética, tomando os corredores de bicicleta do *Tour de France* como objeto dessa discussão. Por fim, a dor e o sofrimento impostos por um evento com a exigência física da corrida francesa ganha expressão no terceiro tópico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão a pesquisa aponta que a constituição histórica ligada ao nacionalismo francês, o interesse sobre as formas dos corpos dos grandes ciclistas e o fascínio sobre a dor e o sofrimento foram os elementos significativos na construção de uma representação estética no *Tour de France*.

REFERÊNCIAS

- GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LE BRETON, D. **Antropologia da dor**. São Paulo: Fap-Unifest, 2013.
- VIGARELLO, G. **Corrigir el Cuerpo**. Historia de un Poder Pedagógico. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

O NACIONALISMO NA COPA DE 1950: RELAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A ORGANIZAÇÃO DA COPA DE 50 ATRAVÉS DOS JORNAIS.

Simone Gonçalves de Paiva¹

PALAVRAS-CHAVE: *História, Futebol, Brasil.*

INTRODUÇÃO

O futebol criou uma relação muito próxima e forte com o brasileiro. Há muito tempo ele gera um conglomerado de sentimentos, principalmente durante o período de copa do mundo, quando se vê um nacionalismo estampado nas janelas, nos carros e nas camisas. A final da Copa de 1950 foi um marco importante na construção dessa relação. A derrota para o Uruguai em pleno Maracanã foi um capítulo importante na história do Futebol Brasileiro e talvez, um dos primeiros grandes fatos onde se podem observar os sentimentos que esse esporte e a Seleção Brasileira causam nos brasileiros. Assim, enquanto que o futebol amadurecia e evoluía, sua percepção junto à torcida era transformada. O brasileiro começava a vê-lo como razão e solução dos problemas. O Brasil tinha tão pouco para se orgulhar naquela época que o futebol acabou se tornando num meio equivocado de afirmação nacional. Segundo Paschoalino (2012, p.1) “...todo o processo de identificação entre o brasileiro e o futebol reproduz a construção da sociedade brasileira em que valores como a tradição e o sagrado sempre prevaleceram”. Oficialmente, o futebol pode não ser considerado um patrimônio nacional, no entanto é tratado como tal por boa parte desta nação, por de certa forma representar o jeito brasileiro de ser (PASCHOALINO, 2012).

OBJETIVO

O objetivo do presente estudo é analisar como a mídia da época se comportou quanto ao futebol e a realização da Copa do Mundo no Brasil como instrumento de afirmação nacional, na construção de uma identidade nacionalista.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, foi realizado uma pesquisa histórica com fontes primárias e secundárias. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica referente à copa do Mundo de 1950, sua organização, relações políticas, divulgação na imprensa e na construção da identidade nacional a partir dela e do Futebol. Na segunda parte da metodologia deste estudo foi realizada uma pesquisa documental em jornais das cidades do Rio de Janeiro (Gazeta de Noticias e Sport Ilustrado) e de São Paulo (Jornal de Noticias e Mundo Esportivo) no período de 1949 até o ano da realização da Copa em 1950. A busca desses jornais foi

realizada através do banco de dados digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Apenas as edições que apresentavam o tema sobre a Copa do mundo de 1950 foram ordenadas para a pesquisa. No total são 228 jornais e 40 artigos científicos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O futebol já era o esporte que mais movimentava as massas no mundo, e no Brasil estava em uma crescente. De acordo com Costa (2008, p.5) “O tom nacionalista, aliás, marcou a realização da Copa do Mundo de 1950, o que fez com que a partida do dia 16 se afigurasse como o momento inigualável da história de um país que por intermédio do futebol poderia se mostrar vencedor e capaz de grandes realizações”. O Mundo Esportivo já afirmava que apenas “cegos” não viam o poder do Brasil:

Alguém pode conceber que o Brasil não marcha como soberano no campeonato mundial? Não há ninguém que possa ultrajar a soberania do futebol nacional. Isto ficou confirmado, após os dois últimos compromissos.[...]O Brasil vencerá com a autoridade que distingue perante os outros concorrentes. (Vamos, Brasil!, 1950, p.8-9)

Benedict Anderson (1989) afirma que esse sentimento unificado sustenta a uma nação enquanto “comunidade imaginada”, o autor explica que podemos não saber quem são as pessoas que compartilham do mesmo sentimento, mas somos “iguais” por sermos brasileiros e supostamente manifestarmos as mesmas sensações. A mídia vestiu a camisa desde o início do certame principal, a escolha do Brasil como sede. No entanto, como parte de sua função ela criticou quando foi necessário e se posicionou frente a determinados problemas, ações. De certa forma, a ela se colocou como líder da torcida e narrou todo o evento como um torcedor, um apaixonado, que por um lado compreendia mais o jogo tecnicamente que alguns de seus leitores.

Concluiu-se que o futebol desde então deixou de ser apenas um esporte e passou a emergir na sociedade como um espaço onde as relações podem se construir e desconstruir identidades, enfim fica evidente uma representação do futebol como símbolo de “brasilidade”.

REFERENCIA

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

COSTA, Leda. **Hermenêutica da derrota. imprensa esportiva e seleção brasileira nas copas do mundo**. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=7939&Itemid=76>. Acesso em: 20 set. 2014.

PASCHOALINO, C. B. A Construção e (Des)construção da Identidade da Seleção Brasileira. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0811-2.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.

¹ Graduada em Educação Física, FEF/Unicamp, Simone.gpaiva@yahoo.com.br

O FUTEBOL EM SÃO PAULO COMO CAMPO DE CONFLITO DURANTE SUA PROFISSIONALIZAÇÃO – 1930-1935

Gabriela Marta Marques de Oliveira¹

PALAVRAS-CHAVE: futebol; profissionalização; campo de conflito; São Paulo.

INTRODUÇÃO

O trabalho trata da profissionalização do futebol paulista na primeira metade da década de 1930, e se concentra em olhar para este esporte como um campo que evidencia os conflitos da cidade de São Paulo no período. A escolha do problema foi feita com base em nossa percepção sobre como o futebol era apropriado pelos diferentes agentes sociais da cidade. Para isso, nos utilizamos do conceito de “campo” de Pierre Bourdieu, da discussão sobre identidade nacional proposta por Jeffrey Lesser, e de algumas questões levantadas por E. P. Thomposon, como a agência dos grupos explorados, suas formas de negociação e resistência e suas experiências.

OBJETIVOS

A pesquisa tem por objetivo analisar o futebol como campo de evidência dos conflitos entre os diversos agentes sociais que compunham a sociedade paulistana na primeira metade da década de 1930 – como nacionais e estrangeiros, brancos e negros, industriais e operários – sociedade essa que crescia cada vez mais em complexidade e diversidade.

METODOLOGIA

Para atender ao objetivo, contaremos com a análise de jornais a fim de obtermos dados empíricos para verificarmos a pertinência do problema proposto, bem como para analisar a maneira como tais conflitos se davam no campo esportivo e qual sua relevância para as relações sociais na cidade. Por se tratar de um projeto de pesquisa, a coleta dos dados ainda não foi realizada.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Olhar para o processo de profissionalização do futebol paulista é um trabalho que envolve, além do enfoque na prática do futebol na cidade de São Paulo, a tentativa de compreensão do contexto de mudanças pelas quais esta cidade passava, sendo possível então inferir quais foram os motivos, quais os conflitos envolvidos, e qual a necessidade da institucionalização do profissionalismo do futebol na cidade. Segundo Lopes (2004, p.124) “[...] o futebol é um domínio em que conflitos sociais e dilemas nacionais são postos em

evidência com clareza”, podendo-se pensar, então, no esporte, e mais especificamente no nosso caso, no futebol, como campo de conflito em que se davam disputas raciais, identitárias e classistas. Ele teria sido, dessa forma, apropriado pelos diferentes agentes sociais da cidade, que o praticavam e/ou assistiam, e serviria como preenchimento do vazio “da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades” (SEVCENKO, 1992, p.49)

Com relação às disputas raciais, é preciso lembrar que os jogadores negros tinham menos espaço nos clubes de elite, ficando restritos aos campos de várzea. Sobre as questões identitárias, observamos a proliferação de muitos clubes destinados a imigrantes e seus descendentes, como o Palestra Itália e o Esporte Clube Germânia, que contribuíam para a aculturação¹ dos imigrantes, mas também para o compartilhamento de experiências, gerando um sentimento de segurança nessas pessoas. Já as disputas de classe se davam de duas maneiras: no interior dos clubes, onde jogadores filhos da burguesia se recusavam a jogar em um time que fosse composto por filhos das classes populares, mesmo que isso significasse um declínio na qualidade do time, o que ajuda a impulsionar a regulamentação do profissionalismo desse esporte, pois “ao diferenciar claramente jogadores de sócios, ele permitia que fossem respeitados os critérios técnicos de escolha das equipes sem que se dissipassem o preconceito e as discriminações raciais” (PEREIRA, 2000, p.325); e no interior das fábricas, onde os industriais passam a incentivar a prática esportiva como tentativa de controle ou como forma de motivar um sentimento de grupo, formando na fábrica a ilusão de um “grande time”. (ANTUNES, 1992, p.38-39).

CONCLUSÕES

Acreditamos que um olhar mais atento para o futebol nos ajuda a compreender a sociedade, com suas complexidades e conflitos. Sendo assim, nos dedicamos a olhar para o futebol paulista em um momento em que a cidade mudava, juntamente com o próprio futebol.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fatima M. R. F. Futebol de fábrica em São Paulo, 1992.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-153.

LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

¹ O conceito aqui utilizado é o apresentado por Lesser. O autor define aculturação como: “modificação de uma cultura em resultado do contato com uma outra”. (LESSER, 2001, p.22).

LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M. et al (Org.). Culturas de classe. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p.121-166.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

FONTE DE FINANCIAMENTO

PIBIC - CNPq

¹ Graduanda em História pelo IFCH- Unicamp. gm_oliveira@ymail.com .

O FUTEBOL EM NICKY HORNBY: UMA ANÁLISE DA OBRA “FEBRE DE BOLA”**(1992)**Natasha Santos¹*PALAVRAS-CHAVE: autobiografia; literatura; história; futebol.***INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o futebol na obra *Febre de Bola*, escrita por Nick Hornby em 1992, tomando como ponto de partida as relações construídas a respeito do clube Arsenal. Embora *Febre de Bola* se refira a uma autobiografia, cujos elementos centrais se pautam no vínculo passional entre autor (autobiografado) e clube, é possível localizá-la em um período de significativas mudanças no futebol, sobretudo no que se refere à transição do profissionalismo para a espetacularização.

A partir do que se poderia chamar de crônicas autobiográficas, Hornby transforma em linguagem a íntima relação entre elementos de sua própria vida e as partidas do Arsenal. A narrativa se localiza entre os anos de 1968 e 1992. Ou seja, o autor busca um autorretrato dos 11 aos 35 anos, como se a vida em si tivesse se iniciado apenas quando se viu torcedor. Assim, por meio da descrição dos jogos ao longo de 24 anos, é possível perceber não apenas as mudanças do campo esportivo, como também (e por consequência) as mudanças na maneira de torcer.

Daí a importância da análise da obra: a autobiografia se respalda essencialmente na memória do autor, a qual, como nos aponta Michael Pollak (1992), é modificada com o passar do tempo, ainda que inconscientemente. Mais do que isso, Pollak aponta para o fato de a memória ser, portanto, seletiva, em diálogo com as preocupações pessoais e políticas. Esta seletividade parte, também, de elementos herdados; isto é, mesmo a memória individual – como no caso da autobiografia – é construída coletivamente, o que permite pensar esta memória íntima como uma das pontas de reverberação de uma memória maior, pertencente a um grupo social determinado. Dessa forma, ao pensar a autobiografia de Hornby, pode-se conjecturar representações comuns a um grupo – no caso, os torcedores ingleses.

Nesse sentido, de que forma Nick Hornby representa o ser torcedor? De quais apropriações se utiliza? Para tanto, buscou-se respaldo na análise literária, optando pela proposta de Antonio Candido (1992, 2000), que considera tanto as questões do texto por si só, quanto os aspectos do contexto que, inevitavelmente, permeiam a obra. E explica-se o motivo

de tal escolha. Pensar a autobiografia, seria pensar a transformação do vivido no contado, isto é, a reinterpretação da vida do autor por ele mesmo, influenciado por sua visão de mundo atual. É esta característica que confere ficcionalidade à autobiografia – ficcionalidade, mas não falseamento (DOS SANTOS, 2006; CALADO, 2009). Ou seja, o autor ficcionaliza sua própria vida, escrevendo-a como se fosse a um enredo. Um enredo da vida (re)contada. Sem invenções, mas repleto de ficção, sendo isso o que dificulta a localização da autobiografia enquanto História ou Literatura, sendo mais cabível pensar em um espaço entre ambas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a literatura de Nick Hornby, é possível apontar que o autor, a partir de suas próprias tragédias, estabelece um enredo em que o futebol é tratado como obsessão. Hornby lança uma tese a esse respeito: a febre de bola, que se poderia compreender enquanto a passionalidade (sobretudo clubística) que promove um amálgama entre viver e torcer, tornando-os elementos quase indistintos.

REFERÊNCIAS

- CALADO, Eliana Alda de Freitas. Da História ou da Literatura? O Limbo das Autobiografias. **Saeculum - Revista de História**, João Pessoa, n. 20, p.103-110, jan./jun. 2009.
- CANDIDO, A. et. al. **A Crônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Quieiroz, 2000.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- DOS SANTOS, M. P. A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições ricoeurianas na escrita da história. **Emblemas** – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais, Goiás, v. 1, n. 2, 2006.

FONTE

HORNBY, N. **Febre de bola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

¹ Doutoranda em Educação Física, pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: natashalise@gmail.com.

RELAÇÕES INTERDEPENDENTES NO FUTEBOL: QUEM É O EMPRESÁRIO DE FUTEBOL NAS NARRATIVAS DOS PRÓPRIOS ATLETAS

Everton de Albuquerque Cavalcanti¹

André Mendes Capraro²

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Memória; Atleta; Carreira profissional;

RESUMO

Considerado uma temática emergente no campo científico, o futebol foi contemplado como temática central de um número considerável de pesquisas em diferenciados campos analíticos (RIBEIRO, 2012). Entretanto, ainda não são volumosas as pesquisas que tratam a modalidade pelo viés reflexivo da história e memória a partir de relatos orais, os quais, no campo futebolístico, podem ser uma possibilidade inovadora de analisar o futebol em períodos recentes.

Além do que, o processo de constituição do futebol enquanto espetáculo esportivo e a eminente globalização do mesmo (PRONI, 1998) possibilitaram o estabelecimento de novas relações profissionais no esporte nos últimos tempos. Dentre elas, destaca-se a figura do empresário; agente que, aparentemente, passou a ter maior circularidade no meio futebolístico, tornando-se o mediador nas negociações entre clube e atleta.

Portanto, essa pesquisa tem por objetivo analisar a carreira de três ex-jogadores de futebol profissional, especificamente, a interpretação das suas memórias acerca de suas experiências com empresários de futebol.

Partindo das propostas teóricas de Meihy e Holanda (2014), a pesquisa é caracterizada como história oral pura, utilizando como fonte três entrevistas com ex-futebolistas pouco conhecidos em nível nacional. As entrevistas – que constituem parte de uma pesquisa de doutoramento – foram temáticas e a técnica utilizada foi a da transcrição proposta por Alberti (2005), como forma de passagem do oral para o escrito.

No caso do jogador 1, notou-se que a ausência do empresário foi prejudicial, já que, devido sua inexperiência, não foi capaz de fazer prevalecer a sua vontade quando uma transferência se mostrou vantajosa em relação à situação em que se encontrava. A partir de sua narrativa, foi possível perceber que o empresário se consolidou no meio do futebol como sujeito dotado de poder (ELIAS, 2011) suficiente para estabelecer negociações que, de certa forma, podem beneficiar seus agenciados, contrapondo-se ao poder que inicialmente era concentrado apenas nos clubes e ampliando o campo de trabalho dos atletas a partir da Lei Pelé.

No caso do Jogador 2, percebeu-se que o empresário consolidou o seu espaço na estrutura organizativa do futebol, estabelecendo relações positivas com o atleta, como quando descreve como foi a sua primeira transferência para o exterior. Porém, há também aspectos negativos, como, por exemplo, quando seu empresário não fez prevalecer sua vontade em transferir-se para um clube romeno, aumentando os valores da negociação em vigência e aproveitando-se da situação para obter vantagem financeira, além de beneficiar o clube no qual o atleta atuava e com o qual mantinha relações estreitas.

No caso do jogador 3, esse apresentou uma série de experiências negativas com empresários. Essencialmente, estes fizeram promessas de contratos para atuar profissionalmente no futebol europeu, mas que, no fim, concretizavam-se apenas testes, realizados em condições precárias. Tal narrativa explicitou a dependência que a maioria dos atletas tem de empresários – que, comumente, aproveitam-se de seu capital simbólico (BOURDIEU, 1983) para obter vantagem em negociações.

Concluiu-se que as memórias expostas pelos entrevistados colaboram na compreensão do submundo futebolístico. Local permeado por conflitos de interesses, dos quais, por vezes, os empresários atuam como mediadores diretos, nem sempre de modo ético, na relação entre clube e atleta.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

ELIAS, N. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PRONI, M. W. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998. 262p.

RIBEIRO, L. C. Futebol: por uma história política da paixão. História Questões e Debates, Curitiba, v.57, n. 2, p. 15 – 43, jul./dez. 2012.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Este trabalho contou com o apoio financeiro da CAPES.

¹ Doutorando em Educação Física pela UFPR, profevertoncavalcanti@gmail.com

² Doutor em História pela UFPR, andrecapraro@onda.com.br

“PREPARAR A MULHER PARA SUA MISSÃO NO LAR”: PRESCRIÇÕES DA REVISTA DO ENSINO DO ESTADO DE MINAS GERAIS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO DE MENINAS (1946-1971)

Ana Claudia Avelar¹

Marina Guedes Costa e Silva²

PALAVRAS-CHAVE: educação física; feminino; gênero; Revista do Ensino.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de compreender as diretrizes para a Educação Física no ensino primário e secundário para as meninas no Estado de Minas Gerais no período entre 1946 e 1971, realizamos uma pesquisa mobilizando a Revista do Ensino de Minas Gerais como fonte. Este periódico foi um impresso oficial do Estado de Minas Gerais que tinha por objetivo “orientar, estimular e informar” professoras e professores do Estado, e as e os outros funcionários das escolas públicas e privadas do Estado, como nos conta Tarcísio Mauro Vago (2006, p. 106).

O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar as prescrições da Revista do Ensino do Estado de Minas Gerais, para o ensino de educação física de meninas. Todavia, operamos com a idéia de que ela foi construída a partir de sua relação com as prescrições para os meninos. O recorte temporal é delimitado pelo período entre 1946 e 1971, pois em 1946, a Revista do Ensino retoma as publicações depois de interrupção ocasionada pela Segunda Guerra Mundial, que havia encarecido a “mão-de-obra e privando-nos da importação do papel de imprensa.” (MINAS GERAIS, 1946, p.3). Já 1971 é o ano no qual acontece a última publicação dessa Revista, como informa Miguel Fabiano de Faria(2009).

Faz-se necessário, então, explicitar as noções teóricas que elegemos para a produção do estudo. No campo da Educação Física Eustáquia Salvadora de Souza (1997) e Silvana Vilodre Goelner (2003), afirmam que as construções psicológicas e sociais dadas na cultura é que são determinantes nas construções dos gêneros. Na educação Guacira Lopes Louro (2013), pontua que esta construção se dá a partir da relação entre feminino e masculino. No campo da filosofia, Judith Butler (2003) ao escrever sobre as relações de poder existentes nas relações entre os gêneros, nos faz pensar sobre a hierarquização construída entre os gêneros. No entanto, ressaltamos que em nossas análises sobre a educação de meninas, nos idos de 1946 a 1971, em Minas Gerais, nos atentamos para evitar os riscos de cometer anacronismos ao transplantar as noções acima explicitadas para um contexto histórico no qual identificamos, pelos indícios encontrados nas fontes, que as características biológicas seriam essencialmente definidoras das concepções sobre ser menino e menina, sobretudo, na infância.

METODOLOGIA

O estudo abordou as prescrições da Revista do Ensino do Estado de Minas Gerais, nos anos de 1946 a 1971, referentes às aulas de educação física, às relações dos gêneros e às construções das feminilidades.

A Revista do Ensino foi eleita por ser um impresso oficial e, que, portanto, tinha marcas do projeto de educação do Estado Mineiro nos fornecendo elementos para investigar as expectativas para a formação de meninas e meninos. A importância dada a esse impresso pelas autoridades que regiam a educação pode ser percebida no texto de abertura da edição de 1946,

que afirma que a revista é um “órgão de propaganda e divulgação das nossas realizações e dos nossos propósitos”. (MINAS GERAIS, 1946, p.3-4)

Para tanto, a pesquisa foi realizada no Arquivo Público Mineiro e na biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG. As revistas foram lidas buscando artigos nos quais as temáticas se relacionassem com educação física e educação de meninas.

AS PRESCRIÇÕES PARA O ENSINO PRIMÁRIO

No período estudado, a educação física, aparece em dez números dos trinta e três publicados, sendo que, o artigo com o título: *Educação Física* é replicado sete vezes entre os anos de 1948 a 1952.

Esse texto trata da importância da educação física para a educação das e dos estudantes, dos conceitos de educação física da época e das diretrizes para o ensino primário.

Nessas diretrizes, não ficam claras as diferenças nas proposições para meninas e meninos, entretanto, mesmo não ficando evidentes, os ideais de constituição da Nação, propagados pela revista, produziram expectativas diferentes para elas e eles.

AS PRESCRIÇÕES PARA O ENSINO SECUNDÁRIO

Para o ensino secundário, as diretrizes foram definidas a partir das finalidades da educação física, determinando quais eram as expectativas para a ação social de meninas e de meninos. Para elas, a “missão no lar” e para eles “ação, física e moralmente sadia”. (MINAS GERAIS, 1947, n. 187, p. 140)

A lista de materiais exigidos aos “estabelecimentos de ensino secundário”, também diferenciam, e, principalmente, qualificam as potencialidades de meninos e meninas. A citar o exemplo dos pesos esféricos. Para os estabelecimentos femininos eram de 2 e 3 quilos e para os masculinos eram acrescidos os de 4 e 5 quilos. (MINAS GERAIS, 1947, n.187, p.141)

Com relação às atividades e provas práticas existiam algumas restrições para as meninas de alguns jogos – a citar “Cabo de Guerra, Bola Militar” e desportos – “Basket-Ball, Foot-Ball” e as capacidades – “fôrça” (MINAS GERAIS, 1947, n. 187, p. 149-150).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da Revista do Ensino do Estado de Minas Gerais, dos anos de 1946 a 1971, percebemos que foram produzidas prescrições que pretendiam diferenciar meninas de meninos a partir de uma essencialização do que seria feminino e masculino. O corpo feminino pertenceria predominantemente ao mundo privado, a partir da veiculação de prescrições que sugeriam que caberia à Educação Física prepará-lo para as questões do lar e para os cuidados com a prole. Já ao corpo masculino, designou-se a força como principal atributo de investimento da Educação Física, remetendo à ocupação do espaço público pelos homens a partir do mundo do trabalho e dos ideais de defesa da Nação.

REFERÊNCIAS

BICCAS, Maurilane de Souza. Da revista à leitura: Formação dos professores(as) em Minas Gerais (1925-1940). ... Anais II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução: Renato Aguiar.

FARIA, Miguel Fabiano de. A Educação Física na Revista do Ensino: Produção de uma disciplina escolar em Minas Gerais (1925-1940). Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na*

Revista de Educação Physica. Ijuí: Unijuí. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, v.19, n.2. 2008. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013

SOUSA, Eustaquia Salvadora de. *“Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!”: A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Tese (doutorado em Educação) Campinas: UNICAMP, Departamento de Educação, 1994.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935): organizar o ensino, formar o professorado. Revista Brasileira de História da Educação. v. 6 n. 11. 2006.

¹ Professora de Educação Física. Mestranda do Programa de Pós-graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação (UFMG). avelar_anaclaudia@yahoo.com.br

² Professora Mestre da Universidade do Estado de Minas Gerais e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. guedesnina@gmail.com

MARIA ESTHER BUENO: ENTRE SAQUES E VOLEIOS ELA FEZ HISTÓRIA

Giovanna Garcia Ticianelli¹

Helena Altmann²

PALAVRAS-CHAVE: tênis; esporte; Maria Esther Bueno; gênero;

INTRODUÇÃO

Maria Esther Bueno — importante tenista brasileira detentora de 19 títulos de Grand Slam — nasceu em São Paulo no dia 11 de outubro de 1939, tendo se aproximado do tênis por influência do seu pai Pedro de Oliveira Bueno, um homem de classe média, que a incentivou a jogar desde criança. Além do seu pai, seu irmão, dois anos mais velho, também praticava o jogo com ela no Clube Regatas do Tietê.

Maria Esther Bueno é um exemplo de mulher que conseguiu inserir-se no esporte em uma época em que a participação das mulheres, embora permitida nesta modalidade, enfrentava dificuldades e obstáculos. No Brasil, a ampliação da participação de mulheres no âmbito esportivo se deu no começo do século XX. O país passava pelo contexto da industrialização e urbanização, o que permitiu a prática esportiva pelo incentivo à educação do corpo, expresso na construção de novas praças, parques e lugares destinados aos momentos de lazer e divertimento, com o objetivo de fortalecer os corpos para o desenvolvimento e fortalecimento da nação (GOELLNER, 2005).

OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho foi investigar a trajetória da tenista ao longo da sua carreira através de fontes históricas (jornais e revistas). Pretendeu-se identificar suas facilidades e dificuldades como atleta no período em que praticou o tênis, o contexto brasileiro da época e quais foram os elementos que tornaram possíveis as conquistas ao longo da sua carreira.

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto foram utilizadas três fontes: as revistas “O cruzeiro” e “Manchete” e o jornal “Tribuna da imprensa”. Foram analisadas todas as incidências da tenista nesses veículos de informação entre 1950 e 1970, através da Hemeroteca digital e dos exemplares presentes na biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Os anos pesquisados são justificados por constituírem o período em que a tenista estava presente no circuito internacional de tênis.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Pelo levantamento feito, é perceptível a falta de destaque no cenário brasileiro das conquistas adquiridas por Maria Esther Bueno. O incentivo dado à tenista pelo Brasil também foi escassa, Maria Esther iniciou sua carreira e suas conquistas ainda nova e passou a viver muito tempo sozinha em suas viagens internacionais, as quais foram financiadas por amigos e por incentivos negociados e conquistados por ela mesma. Além de preocupar-se com o seu jogo, precisava dar conta de suas viagens, hospedagens, alimentação, relatando ter vivido situações difíceis por falta de dinheiro.

A partir das fontes foi possível perceber o sentimento negativo da tenista para com o país, uma vez que o representou sempre com grandes dificuldades e obteve pouco reconhecimento das suas conquistas. Foi encontrada também dificuldade para a construção da trajetória da tenista, já que a maioria das informações publicadas são notas de resultados de campeonatos, não há muitas informações sobre os seus treinos, suas viagens e o seu dia-a-dia.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o país além de não ter dado incentivo a carreira de Maria Esther, algumas vezes a dificultou, cassando o seu passaporte e taxando os seus troféus na alfândega. Seu destaque como tenista foi maior em âmbito internacional do que nacional. No exterior conquistou espaço e reconhecimento através do seu jogo de tênis potente e então de suas vitórias, sendo considerada a rainha do tênis.

REFERÊNCIAS

CARTA, Gianni. MARCHER, Roberto. **O tênis no Brasil**. De Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten. São Paulo: Códex, 2004.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abril/jun. 2005.

SCHPUN, M. R. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, M. R. **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

Revista “O Cruzeiro”. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20195&pesq=Mar%20Esther%20Bueno>. Acesso em: 17 set. 2015.

Jornal “Tribuna da Imprensa”. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&PagFis=41663&Pesq=Mar%20Esther%20Bueno. Acesso em: 17 set. 2015.

¹ Bacharel em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Unicamp e estudante dessa mesma faculdade na modalidade licenciatura em Educação Física, <http://lattes.cnpq.br/3304989248835824>.

² Profa. Dra. Helena Altmann, é professora doutora da Universidade Estadual de Campinas, na Faculdade de Educação Física, e também professora do Programa de Pós-graduação em Educação, <http://lattes.cnpq.br/5864710654350240>.

RAUL PEDERNEIRAS E A CAPOEIRA: IDEIAS DESENHADOS EM IMPRESSOSRicardo Martins Porto Lussac¹

PALAVRAS-CHAVE: capoeira; iconografia; impressos; Raul Pederneiras.

Nas primeiras décadas do século XX, período em que a capoeiragem estava criminalizada por meio do Código Penal de 1890 e de leis complementares posteriores, assim como pelo estigma que advinha do século XIX, o artista visual carioca Raul Pederneiras (1874-1953) destinou seu lápis para desenhar e escrever, tanto sobre o aspecto popular, como também, sobre as possibilidades de aproveitamento da capoeira como ginástica e esporte. Considerado no campo da História da Arte como um dos mais importantes caricaturistas de todos os tempos do Brasil, foi também, jornalista, escritor e professor de Direito e de Belas Artes, colaborando com ilustrações e textos em diversos periódicos de várias partes do país (FONSECA, 1941, p. 414).

Dentro de sua enorme produção, Raul Pederneiras publicou as seguintes obras – utilizadas como fontes documentais nesta pesquisa – pelas quais dedicou sua escrita e sua arte visual à capoeira e seus respectivos agentes: o artigo *A Defesa nacional*, na *Revista da Semana*, anno XXII, nº 29, de 07 de maio de 1921; o livro *Geringonça carioca: verbetes para um dicionário da gíria*, de 1922, cuja segunda edição revista e aumentada é de 1946; dois álbuns de caricaturas, um de 1924 e outro de 1935, chamados *Scenas da Vida carioca*, os quais, segundo Herman Lima (1963, p. 990), tratam-se de coletâneas com algumas de suas produções do *Jornal do Brasil* e da *Revista da Semana*; o artigo *O Capoeira*, publicado na *Revista da Semana*, anno XXXI, nº 49, de 22 de novembro de 1930; e *O Nosso Jogo*, um conjunto de desenhos com movimentos e golpes da capoeiragem, contendo legendas didático-explicativas, publicadas possivelmente, em 1935, na *Revista de Educação Física do Exército*. Pela importância de sua produção para o campo de estudos sobre a capoeira, esta pesquisa objetivou compreender os sentidos e significados dos desenhos e das escritas de Raul Pederneiras, a fim de compreender as ideias e as respectivas objetividades e subjetividades iconográficas de suas ilustrações relacionadas com o jogo-luta da capoeira. Para isto, por meio de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica e pelos métodos de pesquisa documental e histórico, este trabalho se valeu de uma análise qualitativa das fontes primárias, ou seja, dos livros e artigos de Raul Pederneiras até a primeira metade do século XX. Gondim da Fonseca (1941), pela contribuição sobre os periódicos nos quais Raul

trabalhou, e Herman Lima (1963), pelos fatos dados sobre a história pessoal e profissional de Pederneiras, foram os principais autores que compuseram o arcabouço complementar deste estudo.

Raul não possuía o saber corporal da capoeiragem, entretanto, como ele mesmo afirmou, conhecia de perto a prática e alguns de seus elementos, os quais procurava transmitir por meio de sua escrita, e de seus desenhos e respectivas legendas, muitas vezes com acentuada característica pedagógica, ensinando como realizar os golpes e movimentos do jogo-luta. Esta característica pedagógica presente em alguns desenhos de Raul Pederneiras sugere que o artista tinha a preocupação com um possível desaparecimento da arte da capoeira a qual habitava os costumes do povo carioca.

Assim como o seu grande amigo e exímio caricaturista Calixto Cordeiro (Kalixto), que também destinou o grafite de seu lápis para ilustrar o jogo-luta, Raul Pederneiras assistiu o apogeu da capoeiragem e seu respectivo declínio após a repressão com o advento da República e sua respectiva criminalização pela legislação penal. Propiciou, por meio de suas artes e suas escritas, ricos elementos e valiosas informações sobre a capoeiragem do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Ao final da primeira década do século XX, sugeriu e apoiou, inclusive, a abertura de uma escola de capoeiragem no Rio de Janeiro por meio do aproveitamento de Cyriaco, um capoeira portador da herança cultural corporal das maltas cariocas e vencedor da luta contra Sada Myako, lutador e instrutor de jiu-jitsu.

Entretanto, o artista que amava os costumes do povo carioca, anos depois de não visualizar o êxito da transformação da capoeira em uma luta (jogo/ginástica) nacional/defesa pessoal, devido à morte de Cyriaco e insistindo em sua ideia de aproveitar a capoeira como uma prática esportiva, deixou de lado estes mesmos costumes e práticas populares que tanto o encantaram por meio das façanhas dos capoeiras, ao prestigiar uma forma de apropriação do conhecimento popular da capoeiragem por meio do sistema de defesa pessoal mecânico, racionalista e europeizado proposto pelo professor Mario Aleixo.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Gondin da. **Biografia do Jornalismo carioca (1808-1908)**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. 4 Volumes. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1963.

PEDERNEIRAS, Raul. **Scenas da Vida Carioca**. Primeiro Album. Rio de Janeiro:

Officinas Graphicas do Jornal do Brasil, 1924.

_____. **Scenas da Vida Carioca.** Segundo Album. Rio de Janeiro: Oficinas Graficas do Jornal do Brasil, 1935.

_____. **Geringonça Carioca:** verbetes para um dicionário da gíria. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Livreiros Editores, 1946.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Este trabalho é derivado de parte de uma tese de doutorado financiada por meio de bolsa de pesquisa do CNPq.

¹ Doutor em Educação. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: ricardolussac@yahoo.com.br.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA E DA PRESENÇA NEGRA EM LONDRINA-PR (1930-1957)

João dos Santos Rolim¹

André Dalben²

PALAVRAS-CHAVE: História da Capoeira; História Afro-Brasileira; História de Londrina

O planejamento e construção da cidade de Londrina na região noroeste do Paraná, na década de 1930, visou impulsionar os investimentos na economia cafeeira do estado. Entre 1930 e 1935, foram vendidos 3.428 lotes de terras para imigrantes e brasileiros (BONI, ALEGRO, MORAES, 2014). Os imigrantes, no entanto, foram os que mais se beneficiaram com a construção da cidade, sendo a eles reservado um maior número de lotes. Na história oficial de Londrina, os ingleses são aclamados como os grandes colonizadores da cidade. Uma memória coletiva foi criada na cidade em estreita relação com o capital financeiro deste grupo populacional, sendo lembrados quase que exclusivamente como os únicos responsáveis pela sua criação e desenvolvimento (SILVA, PANTA, 2014).

Entre as décadas de 1930 e 1950, Londrina era anunciada nos jornais como uma região promissora, o que atraiu um grande número de trabalhadores de Minas Gerais, São Paulo e da região Nordeste do Brasil. Apesar de pouco conhecida, a participação da população negra e afrodescendente foi de grande importância no nascimento e consolidação da cidade (SILVA, PANTA, 2014). Ao chegarem em Londrina, no entanto, tiveram grande dificuldade para acessar a escola e espaços de lazer. Embora não houvesse segregação oficial, havia uma distinção social bastante evidente entre a população branca e negra. Impedida de frequentar os espaços de sociabilidade restrito aos ingleses e demais imigrantes europeus, a população negra começou a se organizar para a criação do seu próprio clube, a Sociedade Beneficente Princesa Isabel (SBPI). O maior objetivo do clube foi o de conferir suporte aos negros da cidade nas áreas do lazer e da educação (DINIZ, 2015).

Segundo a UNESCO (2014), a capoeira é uma prática corporal que promove a integração de grupos sociais e principalmente a preservação da memória referente à opressão histórica da população negra. As suas origens estão ligadas aos movimentos de luta e resistência às condições impostas pela escravidão no Brasil. Na década de 1930, iniciou-se um movimento de intelectuais da educação física brasileira e políticos do governo Vargas para afirmá-la como a ginástica brasileira, agregando valores nacionalistas a sua história.

Observa-se, assim, a tentativa de alterar os seus sentidos históricos e seus significados sociais e culturais, a partir de um processo de “esportivização” de sua prática (PIRES, 2001).

De acordo com Caldas (2012), os primeiros capoeiristas chegaram em Londrina como seguranças dos magnatas do café na década de 1960, no entanto o primeiro a realmente “desenvolver um trabalho com capoeira na cidade” foi mestre Lampião a partir de 1979. Nesse sentido, questionamos o porquê da capoeira não se fazer presente na cidade de Londrina nas suas primeiras décadas se havia um clube voltado especialmente para a população negra. Tendo em vista o farto conjunto de pesquisas já desenvolvidas a respeito da história da capoeira, da presença negra em Londrina e da SBPI, decidimos pela realização de uma pesquisa de revisão bibliográfica. Como marco inicial para a investigação adotaremos a década de 1930, momento de fundação da cidade de Londrina e como marco final do recorte temporal da pesquisa adotaremos o ano de 1957, quando a SBPI passa a se chamar Associação Recreativa Operária Londrinense (AROL).

A pesquisa se insere na metáfora construída por Walter Benjamin (1971) sobre a necessidade da narrativa histórica assumir o ato de escovar a memória a contrapelo, ou seja, do ponto de vista dos vencidos e não apenas a partir da empatia pelo vencedor. Compreendemos, desse modo, que ao narrar a história da capoeira em Londrina, estaremos também conferindo voz a sua comunidade afrodescendente, muitas vezes esquecida das páginas da história oficial da cidade e do estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, W. **Poésie et révolution**. Paris: Lettres nouvelles, 1971.
- BONI, P. C.; ALEGRO, R. C.; MORAES, V. Norte do Paraná: um caleidoscópio de povos. In.: CARVALHO, M. C. W. (Org.). **Paisagens culturais brasileiras: rumo ao Norte do Paraná: fronteiras, fluxos e contatos**. São Paulo: Marcos Carrilho Arquitetos, 2014.
- CALDAS, A. **Valentia e linhagem: valores sociais em negociação e mudança entre os capoeiristas**. Dissertação (mestrado em ciências sociais), Londrina: UEL, 2012.
- DINIZ, L. M. **O clube negro de Londrina: uma experiência contraditória**. Dissertação (mestrado em ciências sociais). Londrina: UEL, 2015.
- PIRES, A. L. C. S. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea: 1890-1950**. Tese (doutorado em história), Campinas: UNICAMP, 2001.
- SILVA, M. N.; PANTA, M. **Território e segregação urbana: o “lugar” da população negra na cidade**. Londrina: EDUEL, 2014.
- UNESCO. **Roda de Capoeira**. Disponível em:
<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-cultural-heritage-list-brazil/capoeira/#c1464969>> Acesso 17/08/2015 15:26.

¹ Graduando da Universidade Estadual de Londrina-UEL, joao.srolim@gmail.com

² Prof. Dr. da Universidade Estadual de Londrina-UEL, andredalben@uel.br

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ABORDAGEM PARA A CAPOEIRA PELOS MESTRES BIMBA E PASTINHA NO BRASIL DA DÉCADA DE 1930

Nilene Matos Trigueiro Marinho¹

Ricardo de Figueiredo Lucena²

PALAVRAS-CHAVE: capoeira; repressão; esportivização; mestres de capoeira;

INTRODUÇÃO

Como sujeitos de pele negra e de condição social desfavorecida, como Mestres Bimba e Pastinha conseguiram influenciar de maneira tão significativa a capoeira moderna, permitindo-a ganhar notoriedade e reconhecimento nacional ainda no início do século XX?

A prática violenta da capoeira nas ruas das cidades como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, no século XIX, vai culminar com a sua repressão em diferentes estados do país. Conforme Lucena (2002), a princípio a Capoeira foi rechaçada por se assemelhar a ações “primitivas”, depois é vista como um componente lúdico e, por fim, mais recentemente, aproxima-se de um fazer esportivo cada vez mais “cheio de aparato”.

A partir da década de 1930, esse cenário se modifica e a prática da Capoeira ganha uma nova configuração, com a presença, na Bahia, de sujeitos como os Mestres Bimba e Pastinha, criadores da Capoeira Regional Baiana e da Capoeira Angola, respectivamente.

Consciente da estigmatização preconceituosa que a Capoeira portava, mestre Bimba empenhou-se em um processo de valorização, disseminando-a para além das periferias de Salvador, tornando-se um dos responsáveis pela miscigenação da Capoeira.

Mestre Pastinha também exerceu um papel relevante na esportivização da Capoeira, sua academia, Centro Esportivo de Capoeira Angola, aberta em 1941, fazia alusão ao ideal de modernização que influenciava a Capoeira neste período.

O interesse em estudar as temáticas referentes à Capoeira partiu das vivências da autora do trabalho, que é praticante de Capoeira há mais de quinze anos e atua como docente na disciplina de Metodologia do Ensino das Lutas no curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Ceará, *campus* Juazeiro do Norte.

OBJETIVOS

O trabalho assume como objetivo geral: analisar a influência dos Mestres Bimba e Pastinha no processo de esportivização da Capoeira no início do século XX. Como objetivos específicos: perceber a Capoeira no contexto das relações interpessoais possibilitadas pelo esporte, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil; compreender como grupos marginalizados lutaram, através da Capoeira, pelo reconhecimento social no século XX.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfico-documental predominantemente qualitativa que, pretende encontrar na sociologia configuracional elisiana as respostas para a compreensão do processo de esportivização da Capoeira.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A Capoeira perseguida até o início do século XX torna-se valorizada a partir de 1937, com a liberação de sua prática em recintos fechados, pelo Presidente Getúlio Vargas, assumindo a conformação de luta ou ginástica nacional.

Advindos de uma condição social desfavorecida, os Mestres Pastinha e Bimba, ambos na Bahia, foram responsáveis por modificações consideráveis na Capoeira, introduzindo um sistema de representação particular para a luta, ao adotar a punição dos integrantes do grupo flagrados em arruaças ou brigas de rua e vestimentas próprias para a prática que, deveria ocorrer em ambientes fechados denominados de centros ou academias. Eles também foram responsáveis pela inclusão de sujeitos de pele branca e da elite baiana na prática da Capoeira, assim como, pela criação de métodos de ensino para a modalidade.

CONCLUSÕES

Diante das discussões torna-se possível compreender o movimento assumido pela Capoeira, no interior do processo civilizatório brasileiro, expresso nas condutas corporais sob um controle mais específico dos gestos, do corpo e das emoções a partir de 1930.

As mudanças realizadas na Capoeira, por mestres como Bimba e Pastinha aconteceram na tentativa de sobreviver às pressões sociais instauradas pela elite dirigente do país, todavia não se pode desconsiderar o caráter de resistência do negro presente na Capoeira, posto que, consoante Elias (2000, p. 31), “um dos fatores capazes de modificar o impacto da situação dos grupos outsiders é a sua posse de uma tradição cultural própria”. A Capoeira pode ter contribuído para a modificação do estigma criado para justificar a

escravidão, de representação social do negro como um sujeito violento e sem conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LUCENA, Ricardo Figueiredo. **O esporte na cidade:** aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Professora do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Ceará, nillene.trigueiro@gmail.com.

² Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, Professor da Universidade Federal da Paraíba, cacolucena@gmail.com.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELAÇÕES HISTÓRICAS

Luciana Santos Collier¹

Cláudia Teresa Vieira de Souza²

PALAVRAS-CHAVE: educação física; promoção da saúde; autonomia; capacitação.

INTRODUÇÃO

Dentro do contexto da Promoção da Saúde, o professor de Educação Física (EF) tem possibilidade de se inserir tanto na prevenção, como na educação. As ações preventivas são intervenções orientadas a evitar o surgimento de doenças específicas, reduzindo sua incidência e prevalência nas populações. As ações educativas possibilitam os sujeitos a compreender e controlar os fatores determinantes da sua saúde, estimulando-os à resolução de problemas de ordem biológica, psicológica e social, segundo suas próprias necessidades e expectativas. No âmbito da prevenção a prática regular de atividade física vem sendo recomendada para evitar o surgimento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). No âmbito da educação, a intervenção da EF se dá através da capacitação (*empowerment*) dos sujeitos (BUSS, 2000) ampliando o entendimento do binômio atividade física-saúde. Assim as pessoas tornam-se capazes de selecionar as atividades que satisfazem suas necessidades e interesses, resolvendo seus próprios problemas de saúde (FERREIRA, 2001). Sobral (1990) ressalta que a associação sem reservas entre atividade física e saúde, pode nos levar ao campo do “otimismo ingênuo”, no qual as alterações fisiológicas promovidas pelo exercício são consideradas suficientes, isoladamente, para tornar as pessoas mais saudáveis. Segundo Ferreira (2001) tais alterações não correspondem necessariamente à melhoria do status de saúde.

OBJETIVO

Neste estudo tivemos como objetivo ampliar as discussões e reflexões sobre a atuação do professor de EF na área da saúde, relacionando a referida atuação com o desenvolvimento histórico da saúde e do movimento de Promoção da Saúde.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa teórica de abordagem qualitativa, na qual foi utilizada a pesquisa bibliográfica como procedimento de investigação. Buscamos descrever as relações entre o desenvolvimento histórico da saúde e do movimento de Promoção da Saúde com a atuação do professor de EF nesta área a fim de ampliar o diálogo sobre o problema estudado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Algumas definições sobre a saúde marcaram de forma acentuada o processo de constituição do campo de conhecimento. Mesmo ultrapassadas, ainda servem de base para o desenvolvimento inúmeras práticas relacionadas à saúde. Uma delas é o dualismo corporemente, considerado como herança negativa por Farinatti e Ferreira (2006), permanece presente no discurso dos profissionais da saúde e da sociedade, divergindo frontalmente do princípio da integralidade defendido pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Outra visão difícil de ser ultrapassada é a de saúde como norma ou padrão. Seguindo a mesma orientação, temos a noção de saúde em oposição à doença. Este talvez seja o entendimento mais simples e popular sobre a saúde. Quem tem qualquer alteração que foge à normalidade – uma doença qualquer – não tem saúde.

A ampliação do debate sobre a saúde, situando-a não como um análogo inverso à doença, mas como um conceito a ser socialmente construído, acontece a partir do final do século XX (FINKELMAN, 2002). Esta discussão passou a ser feita de forma sistemática com a realização das Conferências Internacionais sobre Promoção da Saúde, inaugurando o movimento homônimo. Tal movimento insere a multicausalidade nos estudos das concepções de saúde, chegando aos modelos mais atuais de determinação social da saúde. Alves Júnior (1991) lembra que a participação da comunidade passou então a ser fundamental para a conquista da autonomia, sendo capazes de interferir nas decisões relativas à saúde, desenvolver soluções, aplicar e avaliar programas e políticas públicas.

CONCLUSÕES

Diferentemente do dualismo corpo e mente e das concepções de saúde como norma ou em oposição à doença, a ação da EF dentro da Promoção da Saúde precisa focar na formação de sujeitos autônomos dotados de consciência crítica capaz de avaliar, optar e realizar atividades físicas que lhe proporcionem bem estar e não corpos domesticados apenas repetidores de movimentos sem significado para a promoção da sua saúde. As atividades desenvolvidas pelo professor de EF devem ampliar a compreensão dos aspectos multifatoriais que interferem na saúde, além de colaborar com o empoderamento dos sujeitos, visando dar-lhes autonomia na elaboração de suas práticas corporais cotidianas.

REFERÊNCIAS

- ALVES JUNIOR, E.D. *O idoso e a educação física informal e Niterói*. 1991. 121 f. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade federal do Rio de Janeiro, 1991.
- BUSS, PM. Promoção da Saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p.163-177, 2000.
- FARINATTI, P.T.V.; FERREIRA, M.S. *Saúde, Promoção da Saúde e Atividade Física: conceitos, princípios e aplicações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na Educação Física escolar: ampliando o enfoque. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 41-54, jan. 2001.
- FINKELMAN, J. (org). *Caminhos da saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2002. 328 p. Disponível em <http://static.scielo.org/scielobooks/sd/pdf/finkelman-9788575412848.pdf>. Acesso em 18 jan. 2016.
- SOBRAL, F. Investigação das relações entre saúde e desporto: história, estado actual e perspectivas de evolução. In: BENTO, J. O.; MARQUES, A. (Eds.). *Desporto, saúde, bem estar*. FCDEF, Porto, 1990.

¹ Doutoranda em Ensino em Biociências e Saúde (Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz), Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF), lucianacollier@gmail.com.

² Doutora em Saúde Pública (Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz) com pós-doutoramento em Sociologia da Saúde: Epidemiologia das Doenças Infecciosas (Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra, Portugal), Pesquisadora titular em Saúde Pública da Fiocruz, clau@fiocruz.br.

PRÁTICA DA EQUOTERAPIA: UMA CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA (1990-2000)

Ester Liberato Pereira¹

Janice Zarpellon Mazo²

PALAVRAS-CHAVE: Equoterapia; pessoas com deficiência; equitação terapêutica; esporte.

INTRODUÇÃO

No Rio Grande do Sul, o cavalo era utilizado como meio de transporte, trabalho, lazer e, posteriormente, para a prática esportiva. Somente na década de 1990 que se passou a observar iniciativas concretas a fim de expandir o seu emprego como recurso terapêutico. Trata-se da prática da equitação terapêutica ou Equoterapia, termo designado no Brasil pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL), fundada em 1989. Conforme a ANDE-BRASIL, a Equoterapia é uma atividade equestre realizada como recurso/método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo como facilitador de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, tendo em vista o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência (ASSOCIAÇÃO..., 2015).

OBJETIVO

O objetivo deste estudo é investigar como se configurou a prática da Equoterapia no contexto histórico e sociocultural do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1990 a 2000.

METODOLOGIA

Realizou-se a coleta de informações em fontes impressas de diversas naturezas, a saber: álbuns de sociedades hípicas; estatutos da Associação Gaúcha de Equoterapia (AGE/RS); reportagens de jornais e revistas sobre a Equoterapia no Rio Grande do Sul; Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul; Atlas do Esporte no Brasil, Álbum do Rio Grande do Sul *Sportivo*. As fontes foram submetidas à técnica de análise documental (BACELLAR, 2010) e analisadas com base nos pressupostos teóricos de Burke (2005), Elias e Dunning (1986).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A utilização do cavalo como recurso terapêutico e educacional da Equoterapia emerge no contexto da promulgação da Constituição Federal de 1988, a qual elegeu como fundamentos da República Brasileira a cidadania e a dignidade da pessoa humana, além da

promoção do bem de todos sem quaisquer formas de discriminação. Nesta conjuntura, aumenta a preocupação com métodos que auxiliem o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência, sendo fundada a ANDE-BRASIL, em Brasília, no ano de 1989. Em meados da década seguinte, no Rio Grande do Sul, ocorreu a organização da Associação Gaúcha de Equoterapia (AGE), na cidade de Porto Alegre, em 1995. A partir de então, novos centros de Equoterapia foram instituídos no Estado, pela iniciativa de oficiais da cavalaria do Exército. As entidades militares promoviam, tradicionalmente, desde o princípio do século XX, práticas esportivas equestres. De acordo com a ANDE-BRASIL, o 3º Regimento de Cavalaria de Guarda do Exército – Regimento Osório (3º RCG), situado na capital Porto Alegre, é a entidade militar pioneira na Equoterapia. Além disso, reconhece que Uruguaiana, em 1992, foi a segunda cidade sul-rio-grandense que ofereceu a prática da Equoterapia. Ressalta-se que, Uruguaiana, pela localização fronteiriça, é uma cidade que abriga um número significativo de entidades militares.

CONCLUSÕES

As fontes revelaram que a prática da Equoterapia, no Rio Grande do Sul, foi introduzida pela iniciativa de entidades militares e mantém-se, predominantemente, atrelada até os dias atuais a estas entidades. Este fato ocorreu, provavelmente, em razão do padrão adotado por ocasião da fundação da ANDE-BRASIL, mas também pelo pioneirismo dos militares nas práticas esportivas equestres como, por exemplo, no hipismo clássico, de onde se originam os princípios básicos e técnicos da Equoterapia.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Equoterapia [homepage na Internet]. Brasília: ANDE - Brasil. Disponível em: < <http://www.equoterapia.org.br/site/>>. Acesso em: 06 Abr. 2015.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, C. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23 - 80.
- BURKE, Pierre. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹ Professora do curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); ester_lp@yahoo.com.br.

² Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); janice.mazo@ufrgs.br.

O ENSINO DA HISTÓRIA DO ATLETISMO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM AUXÍLIO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: SOBRE A PRODUÇÃO DE UM BANCO DE DADOS DIGITAL

Sara Quenzer Matthiesen¹, Guy Ginciene², Bruna Feitosa de Oliveira³, Denis R. Del Conte⁴

PALAVRAS-CHAVE: Atletismo; História do Esporte; Tecnologias da Informação e Comunicação; Educação Física Escolar.

INTRODUÇÃO

No atletismo, é notória a quantidade de livros e materiais de consulta destinados à execução técnica dos movimentos sem que haja uma maior preocupação com outros conteúdos passíveis de serem ensinados em aulas de Educação Física, a exemplo da história desta modalidade esportiva (FAGANELLO, 2008; MATTHIESEN, 2014). Portanto, como bem observaram Matthiesen, Ginciene e Freitas (2012), há uma carência enorme de referências desta natureza, fato que reforça a necessidade de produção de materiais didáticos capazes de subsidiar o trabalho docente, como apontado por Justino e Rodrigues (2007). Contribuindo com essa temática, notou-se que as Tecnologias da Informação e Comunicação podem ser bastante úteis à produção de materiais didáticos voltados a esse fim, tendo especial destaque os vídeos disponibilizados na internet, especialmente, no *Youtube*. Não por outro motivo, esse trabalho teve como objetivo investigar, com o auxílio das Tecnologias da Informação e Comunicação, a história do atletismo produzindo um material didático digital com base em vídeos do *YouTube*, disponibilizado em um *blog*, visando subsidiar o trabalho do professor em aulas de Educação Física na escola.

METODOLOGIA

Foram três as etapas dessa pesquisa: 1ª etapa: pesquisa bibliográfica a fim de se reunir informações para a produção do material didático digital; 2ª etapa: investigação, análise e categorização dos conteúdos da *internet (YouTube)* relacionados à história do atletismo; 3ª

¹ Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Unesp-Rio Claro, Coordenadora do GEPPA-Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo da Unesp-Rio Claro, saraqm@rc.unesp.br

² Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – Unesp/RC, membro do GEPPA, guy_ginciene@hotmail.com

³ Graduanda em Educação Física da Unesp-Rio Claro, membro do GEPPA-/Unesp, brunaffeitosa@hotmail.com.

⁴ Mestrando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, membro do GEPPA, dendjfrc@yahoo.com.br.

etapa: Organização do banco de dados digital, o qual foi disponibilizado em um *blog*, visando ampliar suas possibilidades de acesso e divulgação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Do total de vídeos identificados nesta pesquisa, foram selecionados 10 relacionados à história de cada conjunto de provas, quais sejam: corridas (velocidade, meio-fundo e fundo e maratona), saltos (salto em altura, salto em distância, salto triplo e salto com vara), arremesso do peso e lançamentos (do disco, do dardo e do martelo). Assim, 110 vídeos, que podem ser utilizados pelos professores de Educação Física em suas aulas, compuseram o referido material didático. Difundido por meio de um *blog*, o referido material didático foi organizado de acordo com o que segue: “Nome” (título do vídeo no *YouTube*); “Tempo de duração” (duração do vídeo); “Endereço” (*link* do endereço do vídeo no *YouTube*); “Acesso” (data de acesso do vídeo); “Breve descrição” (apresentação do conteúdo do vídeo). Para ampliar sua divulgação foi criado um *blog*, atrelado ao GEPPA da Unesp-Rio Claro/S.P., o qual pode ser acessado pelo endereço eletrônico: <http://geppaunesprioclaro.blogspot.com.br/>.

CONCLUSÃO

Espera-se que esse material didático digital, disponibilizado em um *blog*, possa auxiliar e incentivar os professores de Educação Física a ensinar o atletismo na escola, em especial, a sua história, tendo em vista a importância deste conteúdo.

REFERÊNCIAS

FAGANELLO, F. R. **Análise dos livros de atletismo como subsídio para o seu ensino no campo escolar**. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

JUSTINO, E. O.; RODRIGUES, W.; educacaofisica.org Atletismo na escola: é possível? 2007. Disponível em: <http://educacaofisica.org/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=186&Itemid=2>. Acesso em 27 jan. 2012.

MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G.; FREITAS, F. P. R. Registros da maratona em jogos olímpicos para a difusão em aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)**, v. 26, p. 467-476, 2012.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo na escola**. Maringá: Eduem, 2014.

Fonte de financiamento: Núcleo de Ensino, PROGRAD/Unesp.

RELAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O A PRÁTICA DO BALONISMO COMO ATIVIDADE DE AVENTURA E ESPORTE

Luana Mari Noda

Silvana dos Santos

PALAVRAS-CHAVE: Produção do conhecimento 1; Atividade de Aventura 2; Esporte 3; Balonismo 4; educação física 5.

INTRODUÇÃO

O balonismo é um esporte de aventura na natureza, prática de lazer e turismo que embora presente no imaginário e canções pouco se sabe sobre a sua história e sua prática esportiva. A prática esportiva é restrita a poucas pessoas, especialmente porque os custos para aquisição e manutenção de um balão são altos, os procedimentos para se tornar piloto e tirar o breve pela ANAC são complexos e dispendiosos e também se requer um apoio logístico com veículos apropriados. Por isso muitos procuram nos voos turísticos suprir a vontade de encontrar a natureza e experimentar a sensação de voar em um balão. O balonismo que surgiu do sonho de voar se tornou aeronave de guerra e hoje prática de lazer e esporte. O Brasil atualmente é o terceiro no ranking mundial, sediou o Campeonato Mundial de Balonismo em 2014 (*Fédération Aéronautique Internationale-FAI*) e é um dos principais fabricantes do mundo de balões. Apesar da sua importância no cenário mundial pouco se sabe sobre a história da modalidade. Sendo assim o objetivo desse estudo foi investigar a produção acadêmica sobre a história do balonismo no Brasil.

Metodologia e Resultados

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa descritiva, para tanto foi desenvolvida uma revisão sistemática segundo Clarke e Oxman, 2000, é uma revisão planejada que utiliza métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos.

Assim foram selecionadas duas palavras chaves (balonismo, balão de ar quente). Para realizar as buscas nos seguintes indexadores CAPES, SciELO e Google Scholar.

Os critérios de exclusão foram artigos que tratam do balão gástrico, balão meteorológico, balão de papel e balão de gás. Artigos repetidos e citações também foram excluídos nesse estudo. Ao todo, foram obtidos três artigos voltados genericamente para as

palavras chaves em português e um em espanhol. O assunto aqui investigado, a história do balonismo foi tratada em apenas um artigo: “Bartolomeu Lourenço de Gusmão: o primeiro cientista brasileiro” embora o artigo tenha sido publicado na Revista Brasileira de Ensino de Física o estudo trata da história do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão que em Lisboa pediu patente para um "instrumento para se andar pelo ar" que se revelaria ser, mais tarde, o que hoje se conhece por "aeróstato" ou "balão" concedida no dia 19 de abril de 1709.

Conclusão

Com base nos resultados é possível visualizar a carência de estudos que tratam do desenvolvimento cultural e esportivo do balonismo brasileiro. Apesar de o Brasil ser presente na história da criação do balão, referencia na produção tecnológica e esportiva não encontramos estudos que credibilizam o que é apontado em blogs e sites na internet

REFERÊNCIAS

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL AERONAUTICA. **Ballooning**. Disponível em: <<http://www.fai.org>>. Acesso em: 23 de março. 2016.

CLARKE, M; OXMAN, A.D. **Cochrane Reviewers' Handbook 4.1** [updated June 2000]. In: Review Manager (RevMan) [Computer program]. Version 4.1. Oxford, England: The Cochrane Collaboration, 2000.

VISONI, R.M.; CANALLE, J.B.G. **Bartolomeu Lourenço de Gusmão: o primeiro cientista brasileiro**. Rev. Bras. Ensino Fís. vol.31 no.3 São Paulo July/Sept. 2009.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA BOLIVIANA

Igor Percilio Moreno¹
Antonio Carlos Monteiro de Miranda²
Larissa Michelle Lara³

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Educação Física; Bolívia

O presente estudo teve por objetivo analisar o processo histórico e a evolução da educação física na Bolívia. O levantamento dos dados coletados ocorreu por meio de revisão bibliográfica, com o intuito de se obter uma compreensão da história da Bolívia e como os fatos históricos interferiram na estruturação da educação de um modo de geral, que também acabou refletindo no âmbito da educação física, assim modificando os parâmetros para a fundação de cursos, formação de professores e mestres, atuantes em todos os níveis de ensino. A realização deste estudo faz parte de um projeto em andamento que trata sobre o panorama geral da educação física na América Latina, intitulado CEQUA¹ (Centralidade da Cultura e Qualidade na Educação: Perspectivas da Educação Física Escolar na América Latina).

A jornada da educação física boliviana teve início na primeira década do século XX, os professores pioneiros, Saturnino Rodrigo e Celestino López, foram responsáveis pelos primeiros eventos relacionados à formação para professores de educação física, a ponte para esses acontecimentos foi o decreto supremo de 07 de maio de 1926 possibilitando a fundação dos INS (Institutos Normais Superiores) primeiro curso para formação de professores de educação física. Outro fator importante para a consolidação da área na Bolívia foi o decreto no capítulo IX da constituição, abrangendo os artigos 90º e 91º, assinado pelo então presidente Victor Paz Estenssoro, tornando obrigatória a presença professores de educação física em todos os níveis de escolaridade, nos meios urbano e rural, porém, a medida não trouxe apenas benefícios, mas também consequências que aceleraram um processo de “sucateamento” dos métodos de ensino com diversos mestres sem especialidade definida (CAÑETE, 2015). Diante do período de “sucateamento”, em 2009, o então presidente Juan Evo Morales Ayma, assinou um decreto supremo que culminou na lei de Educação nº 70 “Avelino Siñani – Elizardo Pérez”. O projeto de Modelo Educativo Sociocomunitário Produtivo (MESP), embasado em dois preceitos: I) o Programa de Formação Complementar

¹ O projeto Cequa está organizado a partir de três fases, sendo que na primeira foram pesquisados os países Chile, Argentina e Colômbia, na segunda, México Venezuela e Uruguai e a terceira e última, Cuba e Bolívia..

para Mestres e Mestras (PROFOCOM), no intuito de adequar Mestres (as) ao modelo prescrito pela lei de educação nº 70 citada anteriormente; II) O MESP define como objetivo da formação de professores um perfil profissional crítico, reflexivo, autocrítico, inovador, investigativo, comprometido com a democracia, as transformações sociais e a inclusão plena de todos (as) bolivianos (as) (BOLÍVIA, 2013).

À partir da promulgação da lei de esporte nº 2770, universidades tanto públicas como privadas incorporam no seu método de ensino acadêmico a formação profissional de recursos humanos para fomentar o esporte do país e a criação de escolas superiores de formação de mestres com currículo unificado, contemplando a formação a nível de licenciatura, além da designação da Universidade Pedagógica Mariscal Sucre como centro de formação em pós-graduação.

Diante dos fatos destacados podemos inferir que a nação boliviana ao longo do último século abriu cada vez mais novos horizontes para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e humana a todo cidadão, seja no meio urbano ou rural ou do primário à pós-graduação, não deixando de lado as peculiaridades de cada indivíduo, visando uma formação “holística” do cidadão, termo muitas vezes citado no plano de desenvolvimento nacional de educação. Diante do exposto foi possível perceber que ao transpormos esses fatos para a realidade brasileira, podemos viabilizar diversos questionamentos de como a educação nacional pode aproveitar experiências de outros países para um refinamento no seu próprio método de ensino, agregando fatores positivos e possíveis dentro da nossa realidade nacional, o que tornou relevante o presente estudo e sua contribuição para outras pesquisas fomentando discussões acerca do diálogo entre as diversas formas de Educação Física da América Latina.

REFERÊNCIAS

ALTUVE, E., MOLINA, V, OSSA, A., ¿Cuál educación física para América Latina? **Espacio Abierto** [en línea] 2009, 18 (Enero-Marzo): [consulta feita: 1 de abril de 2016] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12211304004>> ISSN 1315-0006.

BOLÍVIA, Modelo Educativo Sociocomunitário Produtivo. Ministério da Educação do Estado Plurinacional da Bolívia. Disponível em: <http://www.minedu.gob.bo/index.php/ministerio/documentos-normativos/category/33-disenho-curricular-2013>

CAÑETE, L. D. M., La formación profesional en educación física y deportes en bolivia In: SILVA, A. M.; BEDOYA, V.M, Formação Profissional em Educação Física na América Latina: Encontros, Diversidades e Desafios, Jundiaí - SP, Paco Editorial p. 37-52. (2015).

¹ Graduado em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Participante do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação. igormorenocoach@gmail.com.

² Doutor em Educação Física, professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Participante do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação. antoniomonteirouem@gmail.com

³ Doutora, professora do Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação. lmarauem@gmail.com

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROCESSO DE MASSIFICAÇÃO DO ESPORTE EM CUBA

Reginaldo Calado de Lima¹
Antonio Carlos Monteiro de Miranda²
Bruna Solera³
Larissa Michelle Lara⁴

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; Esporte; Massificação; Cuba

INTRODUÇÃO

Cuba é uma República socialista onde o Estado é responsável por orientar, fomentar e promover a educação, cultura e as ciências em suas mais diversas manifestações. Tomando o esporte como elemento da cultura cubana, seu acesso está garantido na constituição, mas nem sempre se deu dessa forma. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo apresentar aspectos do processo de massificação do esporte em Cuba. Para tanto, utilizou-se como estratégia metodológica a pesquisa de cunho bibliográfico.

Antes da revolução de 1959 o esporte era prática seleta (OLIVEIRA e CARTIER, 2011). Superar o status de prática elitizada do esporte exigiu a implementação de um processo de massificação da prática esportiva. A massificação do esporte sugere o sucesso dos ideais revolucionários, mediante a proposta de que a revolução “deu certo”. Ainda de acordo com Oliveira e Cartier (2011) o esporte serviu em Cuba como instrumento dos anseios revolucionários, bem como meio de propaganda de uma nova ordem social que se estava construído.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

A revolução acarretou uma reestruturação social em Cuba, nesta senda, o processo de massificação exigiu que as esferas política e educacional passassem por readequação. O que outrora constituía-se prática seleta, passa a configurar direito referendado pela Constituição da República de Cuba de 24 de fevereiro de 1976, que em seu artigo 52 expressa que “ Toda pessoa tem direito à educação física, esporte e recreação. O gozo deste direito é garantido pela inclusão do ensino e prática da educação física e do desporto no currículo do sistema de educação nacional⁵”.

Para Córdova e Rodriguez (2015) uma das maiores riquezas na realidade desportiva em Cuba é justamente a garantia do acesso ao esporte como um direito de todo cidadão. A partir da constituição política se verifica a elaboração de uma estratégia de massificação do esporte que se vale da estrutura educacional do país, o ensino da cultura física ocorre por meio da educação física. Guardadas as devidas proporções, a cultura física é o equivalente brasileiro a área da educação física, enquanto que o termo educação física se refere ao componente curricular escolar. Existe em Cuba uma tendência nacional para o esporte de alto rendimento, nesse contexto a educação física representa a base da pirâmide e figura no currículo em todos os níveis de escolaridade (MEDEIROS, 2009).

Com o objetivo de efetivar o acesso ao esporte a toda população cubana, foi criado em 1961 o INDER - Instituto Nacional de Esporte, Educação Física e Recreação. Antes da criação do INDER as iniciativas referentes à educação física em Cuba ficaram a cargo do Ministério da Educação e do Ministério das Forças Armadas Revolucionárias, ou ainda de algumas organizações de massa (INDER, 1986).

Para efetivação do projeto de massificação do esporte por intermédio da prática massiva da educação física no ambiente escolar, foi lançado em 1964 o “plano INDER-MINED”, plano que promoveu a formação, por meio de cursos de curta duração, de 26.000 professores. Para Córdova e Rodriguez (2015) esta estratégia possibilitou o acesso de milhares de crianças à prática esportiva por meio da educação física no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos como objetivo apresentar aspectos do processo de massificação do esporte em Cuba é possível constatar, a relevância da educação física. Verificamos que o esporte em Cuba passou de uma prática reservada a poucos, para uma tendência nacional de realização em alto nível, e que essa mudança passou necessariamente pelo âmbito escolar. Inferimos ainda que o desenvolvimento estrutural da educação física cubana teve por objetivo atender ao anseio de massificação do esporte.

REFERÊNCIAS

CÓRDOVA, Beatriz Sánchez; RODRÍGUES, Gloria Barroso. La formación del profesional de la cultura física y el deporte: experiencia cubana. In: SILVA, Ana Márcia; BEDOYA, Victor Molina. **Formação profissional em Educação Física na América Latina: Encontros, Diversidades e Desafios**. Jundiaí: Paco editorial, 2015. p. 119 – 148.

CUBA. Constitución (1976) Constitución de la Republica de Cuba. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/cuba.htm> Acesso em: 21 mar. 2016.

INDER. **Mensaje deportivo**. Número especial. Mayo de 1986. Cuba

MEDEIROS, Mara. Socialismo e Educação Física. **Estudos**, v. 36, n. 9/10, p. 941-957, set/out. 2009. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/1168/811>
Acesso em: 21 mar. 2016.

OLIVEIRA, Carolina Machado de; CARTIER, Eduardo. Educação Física e Revolução cubana. **Fiep bulletin**, v.81, Special edition, 2011. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/215> Acesso em:21 mar. 2016.

1 Doutorando, Participante do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação, Universidade Estadual de Maringá-UEM. antenamuzenza@gmail.com

2Doutor em Educação Física, Participante do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação, Universidade estadual de Maringá-UEM. antoniomonteirouem@gmail.com

3 Mestranda, Participante do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação, Universidade Estadual de Maringá-UEM. brunasoleraef@gmail.com

4 Doutora, professora do Departamento de Educação Física. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação-Universidade Estadual de Maringá-UEM. laramlara@hotmail.com

5 Artículo 52o.- Todos tienen derecho a la educación física, al deporte y a la recreación.

El disfrute de este derecho está garantizado por la inclusión de la enseñanza y práctica de la educación física y el deporte en los planes de estudio del sistema nacional de educación; y por la amplitud de la instrucción y los medios puestos a disposición del pueblo, que facilitan la práctica masiva del deporte y la recreación.

A EDUCAÇÃO FÍSICA PARISIENSE EM 1940 E OS DESDOBRAMENTOS NA FORMAÇÃO DE JACQUES LECOQ

Antonio Carlos Monteiro de Miranda¹
Larissa Michelle Lara²

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Jacques Lecoq; Paris 1940

A presente pesquisa teve como foco analisar o contexto histórico da Educação Física de Paris em 1940, momento em que Jacques Lecoq teve sua formação em Educação Física, e os desdobramentos dessa conjuntura na formação do referido autor, professor. Lecoq (1921-1999) estudou Educação Física em Bagatelle e trabalhou com a área de 1941 a 1945, neste período conheceu Jean-Marie Conty que lhe apresentou o Teatro e despertou em Lecoq a paixão pelas duas linguagens. A permanência no Teatro levou Lecoq a criar em 1956 a Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq que existe até hoje em Paris, fazendo com que ele se tornasse um dos grandes nomes do teatro mundial do século XX.

O período de 1940 foi marcado por grandes transformações, haja vista que em setembro 1939, se inicia a segunda Guerra Mundial que envolveu a maioria das nações do mundo. A Alemanha invadiu a França pelo fato de os franceses concentrarem suas tropas ao longo da fronteira franco-germânica - a dita “Linha Maginot”¹ e os alemães invadiram a França pelo território franco-belga. Nessa situação a França foi derrotada e, em primeiro de Julho de 1940, a bandeira nazista era hasteada na Torre Eiffel. Iniciava-se um governo colaboracionista liderado pelo Marechal Pétain e por Pierre Laval, que governariam uma parte do país, com capital em Vichy, e outra parte, incluindo Paris, que seria administrada diretamente por Berlim, enquanto uma terceira seria entregue à Itália (PITA, 2012).

Tal cenário levou a uma preocupação relativa ao reerguimento da França. Para isso, o foco de políticos e pedagogos voltou-se aos jovens, com o fito de se criar um novo país. O futuro da nação deveria ser preparado para situações de defesa da pátria. Por isso, a Educação e a Educação Física foram meios privilegiados para alcançar essa juventude, incluindo-a neste plano de moldar o físico e a moral daqueles que seriam a França do futuro. Vislumbramos, assim, uma Educação Física no período de guerras com um caráter militarista e para fazer frente às imposições da expansão nazista.

¹ Batizada com o nome do ministro da Defesa francês [André Maginot](#) (1877-1932).

Foi mediante esse cenário que Lecoq estudou Educação Física, com influências de uma formação militarista e de reerguimento da França, no entanto, por mais que Lecoq tenha sofrido esse modelo de formação, suas ações direcionavam-se para outros objetivos, já que como ginasta, esportista e professor de Educação Física sempre teve interesse pelo corpo na dimensão da interpretação e da expressão do ator. Em seu livro *Theater of Movement and Gesture* (LECOQ, 2010), ele descreve suas primeiras experiências com esportes e a significância que eles tiveram em seu desenvolvimento.

Eu sempre amei o movimento. Meu primeiro contato com ele foi em estádios e piscinas, onde eu podia simplesmente apreciar o ato de se mover: a extensão do corpo ao jogar o disco, ritmando minha respiração e dando passos longos em corridas, aquele momento de suspensão que você passa por cima da barra no salto em alturas. Essas ações expandiram minha mente, e eu conseguia me sentir pulando alto, nadando rápido com a corrente do rio. (LECOQ, 2010, p. 95, tradução nossa).

Nesse sentido é que, por meio do levantamento dos escritos deixados por Jacques Lecoq, de sua história de vida e das diferentes experiências vivenciadas pelo autor, conseguimos visualizar um sujeito que mesmo tendo uma formação durante um período de guerras e uma Educação Física pautada nos discursos de caráter militarista e de domínio Alemão, o sentido poético e sensível do autor sobressaíram esses ensinamentos e contribuíram para uma constituição de um sujeito que percebia e conduzia seus trabalhos de uma forma diferente, buscando na relação Teatro e Educação Física uma forma de proporcionar aos seus alunos uma formação diferenciada pautada no olhar sensível de perceber o movimento não apenas na perspectiva motora ou técnica, mas com a proposta de um corpo plural e diverso.

¹ Doutor em Educação Física, professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Coordenador do projeto de pesquisa institucional: Corpo Poético em Jacques Lecoq: práticas corporais e interfaces com a Educação Física. antoniomonteirouem@gmail.com

² Doutora em Educação Física, professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do projeto de pesquisa institucional Panorama da Educação Física Escolar latino-americana: dimensões da cultura e qualidade na educação. lmrlarauem@gmail.com

REFERÊNCIAS

- LECOQ, J., **Theatre of movement and gesture**. Trans. and ed. D. Bradby. London: Routledge. 2010b.
- PITA, L. F. D. Teatro de operações: a Segunda Guerra Mundial nos palcos da revista. **Revista Tessituras**, nº 4, 2012.

O PROCESSO MIGRATÓRIO E O RANQUEAMENTO NO VOLEIBOL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Rafael Marques Garcia¹ - GECOS- EEFD/UFRJ

Diego Ramos do Nascimento² - GECOS- EEFD/UFRJ

Erik Giuseppe Barbosa Pereira³ - GECOS- EEFD/UFRJ

Palavras-chave: História; Migração; Voleibol; Ranqueamento.

INTRODUÇÃO

O fenômeno migratório também pode ser constatado nas redes do voleibol. O processo de profissionalização deste no Brasil ocorreu entre 1980 e 1990 com a persistência de Nuzman, então presidente da CBV. Sua proposta inovadora de associar empresas, clubes, atletas e mídia, deu liberdade às primeiras para patrocinarem os clubes e a seleção brasileira, que se destacava internacionalmente (MARCHI JUNIOR, 2001). Neste cenário, o voleibol nacional teve um salto qualitativo tanto em nível de competições quanto em surgimento de jogadores talentosos. O autor já destacava o esporte como um dos mais praticados no Brasil, devido aos fatores supracitados, o que fortaleceu as competições nacionais e reforça a atual posição das equipes masculina (1º) e feminina (3º) adultas do Brasil.

A década de 90 foi marcada pela saída de muitos atletas em direção ao exterior, fato decorrente da crise pela qual passava o esporte brasileiro, onde jogadores de diversas modalidades emigraram, não sendo diferente no voleibol, que perdeu grandes nomes para clubes europeus e nipônicos. Essa movimentação esportiva desperta a implementação de mecanismos gerenciadores neste processo.

Desde a 16ª edição (2009-2010), o campeonato vem sendo marcado pelo retorno de muitos brasileiros devido à organização e alto nível. A temporada contou com a repatriação de 43 atletas e o recorde de equipes participantes, com 30 times (CBV, 2015). Tais ordenações porém, podem ter sido modeladas pela crise financeira mundial de 2008/2009, onde o Brasil mostrou razoável contraste à condição global neste período

Atualmente, as conquistas internacionais das seleções brasileiras, garantiram essa imponência nas quadras, sobretudo depois do bicampeonato olímpico feminino e das segundas colocações do masculino nos Jogos Olímpicos de 2008 e 2012. Outro fator a se considerar é a constante renovação das seleções mantendo o nível elevado.

Após o exposto, o **objetivo** deste é analisar, ao longo da história, a influência do mecanismo de ranqueamento no processo de migração de atletas no voleibol brasileiro. A partir desse, **perguntamos**: Como a política de ranqueamento vem interferindo neste processo?

METODOLOGIA

Este estudo é de natureza qualitativa, utilizando como estratégia a análise de discurso. No que tange aos instrumentos, foi utilizado uma entrevista semiestruturada, contendo 1 roteiro com 8 perguntas sobre a temática. A amostra contou com 10 entrevistados, sendo 2 técnicos e 8 atletas das equipes detentoras do título na época.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O Ranking Oficial de Atletas (ROA) entrou em vigência na edição de 1992/1993, sob a justificativa de elaborar mecanismos reguladores conforme o nível técnico de atletas das equipes atuantes na Superliga. A adoção desta estratégia vem trazendo consequências ao mercado de trabalho e impondo limites à circulação de jogadores nessas equipes.

De certa maneira, os treinadores afirmam que o ranking, mesmo adequado à questão migratória, pode trazer problemas com o estouro de pontos com jogadoras estrangeiras, onde há a possibilidade de uma distribuição de atletas de alto nível entre as equipes. Os mesmos acrescentam que o ranking tem poder de controle total, coibindo a livre circulação dos atletas.

Entre os atletas, nos é revelado que o teto salarial baseado no ROA faz com que as atletas busquem outros mercados, pois algumas equipes não conseguem arcar com os mesmos. Porém creem que o ranking não seja o maior responsável por esse êxodo. Para os estrangeiros, as imposições são válidas visando a proteção dos atletas que jogam por sua nação. A valorização no time formador, que bonifica com pontuação 0 os atletas inscritos desde determinada categoria é outro argumento. Todavia, tal mecanismo apresenta exceções que privilegiam o surgimento da dinastia de clubes, como a manutenção de determinado elenco, o incentivo da CBV ao repatriamento de atletas brasileiros, a vigência de regulamentos anteriores sob a atual regulamentação acerca da contratação de estrangeiros e a bonificação por idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo inferiu que o fenômeno da migração transforma de forma incisiva o voleibol em um campo profissional de certa lucratividade. A CBV impõe medidas para preservar o mercado interno e, para além desta imposição, pudemos observar que o mercado atrelado à valorização financeira e os aspectos culturais e sociais são fatores influentes na movimentação dos atletas.

Ao atentarmos para as últimas dez edições da Superliga, notamos que as finais são protagonizadas pelas mesmas equipes repetidas vezes. Embora cumpra com o papel mantenedor no mercado aberto para jogadores de nível intermediário, o mecanismo de ranqueamento mostra-se responsável direto no fluxo migratório dos atletas brasileiros desde a sua criação, alterando o curso da história do voleibol nacional.

REFERÊNCIAS

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL (CBV). História do Voleibol. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/institucional/histvolei.asp>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

MARCHI JR., Wanderley. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)**. 2001. 282 f. Tese (Doutorado), Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

¹ Graduando; GECOS- EEFD/UFRJ, rafa.mgarcia@hotmail.com

² Especialista; GECOS- EEFD/UFRJ, personalnascimento@gmail.com

³ Doutor. GECOS- EEFD/UFRJ, egiuseppe@eefd.ufrj.br

O JOGO DE “TRÊS TOQUES”: ENTRE RUPTURAS E CONFLITOS, UMA ANÁLISE DO SURGIMENTO DE NOVAS INSTITUIÇÕES FOMENTADORAS DO VOLEIBOL EM CURITIBA/PR

Kelwin Santos da Cruz¹

Leila Salvini²

Wanderley Marchi Júnior³

PALAVRAS-CHAVE: História do Voleibol; Curitiba/PR; Federações; Ligas.

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

Em um dado momento histórico a reunião de associações e clubes resultou na formação de entidades reguladoras de diversas modalidades esportivas, passando a atuar tanto em nível regional, nacional e internacional com suas federações e confederações. Nesse processo de evolução institucional, algumas modalidades esportivas enfrentaram conflitos e disputas em seus mais variados contextos e universos, chegando ao ponto de grupos de pessoas organizarem novas instituições fomentadoras de modalidades já difundidas e, atuando em paralelo com as federações e confederações já existentes.

Na tentativa de buscar uma maior compreensão desses fenômenos, temos como objetivo investigar como ocorreu a formação de novas instituições responsáveis por fomentar o voleibol em Curitiba/PR, e como influenciaram o desenvolvimento da modalidade em âmbito regional.

Para atender o objetivo proposto, a metodologia empregada para este estudo foi de caráter qualitativa, documental e descritivo. Tendo por base a análise dos estatutos da Federação Paranaense de Voleibol (FPV) e Associação de Voleibol do Paraná (AVP), como também o levantamento de notícias em sites e jornais que mencionassem o fomento da modalidade na cidade de Curitiba e no estado do Paraná.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com o surgimento dos primeiros clubes no Paraná que em quase sua maioria eram formados por imigrantes vindos da Europa, o esporte aparece como um dos itens da bagagem cultural dessas pessoas, dentre os vários grupos de imigrantes um que leva notado destaque pela formação dos clubes são os alemães, ainda que a formação dessas entidades não fosse exclusiva só a eles (MEZZADRI, 2000). Em 1909, é criada na cidade de Curitiba a associação “Tiro de

Guerra 19 Rio Branco”, também chamada de “Sociedade Rio Branco”, sendo essa – o tiro – a primeira modalidade regulamentada institucionalmente (SILVA E CAPRARO, 2015).

O primeiro registro que se tem do voleibol no estado é datado do ano de 1932, período em que a modalidade era organizada pela Liga Atlética Paranaense (PILATTI, 2006), somente em 1953 é criada a FPV. Até os anos 80, o voleibol era exclusivamente amador no estado do Paraná, período esse em que a modalidade viveu franca ascensão no Brasil (MARCHI JÚNIOR, 2001). Até que em 1997 é criado o projeto Rexona, que tinha como proposta trabalhar tanto no âmbito social, com a iniciação e aperfeiçoamento da modalidade para crianças e adolescentes, como também em nível de alto rendimento, com a constituição de uma equipe profissional feminina. Após alguns anos é perceptível a transformação estrutural que ocorre na modalidade em âmbito regional, havendo uma maior demanda e procura pela prática do voleibol institucionalizado em seus diversos níveis e categorias, com isso a formação de novas instituições fomentadoras da modalidade acabam emergindo. Em 2001, é fundada a Liga de Voleibol do Paraná (LVP) e em 2005, a Associação de Voleibol do Paraná (AVP).

CONCLUSÕES

Ao final concluímos que com o surgimento de novas instituições fomentadoras do voleibol na cidade, aliadas a parcerias entre os poderes públicos e privados, foi possibilitado um maior aprimoramento de novas formas e estratégias de organização e gestão do voleibol que, por sua vez, acarretou em um maior desenvolvimento da modalidade em âmbito regional.

REFERÊNCIAS

- PILATTI, L.A. O efeito de trava de um habitus: anotações sobre o papel da lei da nacionalização no esvaecer do habitus esportivo do imigrante alemão no estado do Paraná. In: GEBARA, A.; PILATTI, L. A. Ensaíos sobre História e Sociologia nos esportes. Jundiaí – SP: Fontoura Editora, 2006. p. 125 – 158.
- MARCHI JÚNIOR, W. “Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000). 267 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- MEZZADRI, M. F. A estrutura esportiva no estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais. 169 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MORAES E SILVA, M.; CAPRARO, A. M. O tiro de guerra 19 Rio Branco: apontamentos acerca da institucionalização esportiva de Curitiba (1909-1910). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 29, p. 229-243, 2015.

¹Licenciado em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, kelwinc@gmail.com.

²Doutoranda em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, leila.salvini@gmail.com.

³Pós-doutor em Sociologia do Esporte, Universidade Federal do Paraná, marchijr@ufpr.br.

ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: UM RESGATE DA TRAJETÓRIA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNEMAT¹

Viviane Teixeira Silveira²
Kleber Tuxen Carneiro³
Riller Silva Reverdito⁴
Lilian Rodrigues Moretti⁵
Dominique Stefany Gomes dos Santos⁶
Miriam Katiuscia Ribeiro Basto⁷
Filemon Rodrigues de Lourdes⁸

PALAVRAS-CHAVE: Memória; História; Educação Física; UNEMAT.

INTRODUÇÃO

A preservação dos registros da memória individual e dos aferentes da memória coletiva são essenciais para consolidação e expansão de uma memória institucional (HALBWACHS, 1990). Pois bem, face a essa conjectura, resolvemos nos lançar, ou melhor, empreender uma investigação cujo objetivo fora resgatar, descrever e registrar a história (aspectos mnemônicos) do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Mato Grosso. Pretende-se assim, transformar as reminiscências (difusas) individuais dos autores/atores que instituíram o curso, com os elementos e “representações” da memória social, para que os mesmos atuem como “afluentes” e formas de registro da memória institucional. A fim de que o tempo, com sua marca inexorável, não dissolva ou extinga um conteúdo histórico tão importante para identidade de uma instituição formativa, notadamente quando essa se trata da única universidade estadual existente.

METODOLOGIA

Adotamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa (MARTINELLI, 2003). Em termos de procedimentos técnicos (método), utilizamos a História Oral. Tal método de pesquisa defende que pessoas que participaram, vivenciaram e presenciaram fatos ou situações ligadas ao assunto em estudo, podem fornecer depoimentos e informações relevantes, importantes, significativas para a questão (ALBERTI, 2004). Para a coleta de dados utilizamos entrevista semiestruturada, comumente utilizada na metodologia da História Oral. E para análise qualitativa das narrativas orais temos utilizado a técnica da Triangulação dos dados.

ANÁLISE E RESULTADOS

A pesquisa encontra-se em andamento. Inicialmente fizemos um mapeamento documental, com o objetivo de identificar nos acervos documentários, ou mesmos nos canais

mediáticos informais, informações, imagens, conteúdos, cuja essência denote o percurso do curso, etapa já concluída.

Num segundo momento, estabelecemos a rede de depoentes, isto é, os “personagens” cuja trajetória, nos revelam elementos e conteúdos sobre a trama da história do curso, narrada por seus autores(as)/atores(as), subdividido em 4 agrupamentos, sendo eles: 1) Gestores (reitores e ex-reitores; pró-reitores de graduação e o pró-reitor da época; coordenadores e ex-coordenadores); 2) Docentes (professores/as que ministraram aulas no curso) participantes e construtores da história do curso; 3) Profissionais técnicos (que mantinham vínculo e relação direta, ou indireta) com o curso e, 4) Acadêmicos/as (alunos/as e ex-alunos/as) cuja trajetória formativa está amalgamada com a existência do curso. Para cada segmento (ou agrupamento) quatro depoentes foram e serão entrevistados, etapa que segue sendo desenvolvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, entendemos que a preservação dos constructos da memória são essenciais para consolidação e expansão de uma memória institucional, por essa razão, lançamo-nos nesse projeto com o propósito de dar voz aos personagens que constituíram a história do curso de Educação Física da (UNEMAT), tendo em vista que a memória é diretamente afetada por vários fatores, podendo sofrer perdas, desapegos e esquecimentos, o que em nosso entender seria um prejuízo incomensurável para a instituição e o curso.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. São Paulo: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

MARTINELLI, M.L. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Editora Veras, 2003.

¹ Fonte de financiamento: O presente trabalho recebe financiamento do CNPq na forma de uma Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

² Doutora em Ciências Humanas e Professora do Curso de Educação Física da Unemat. viviane.silveira@gmail.com

³ Doutor em Educação Escolar e Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Unemat. kleber2910@gmail.com

⁴ Doutor em Educação Física e Professor da Unemat. rsreverdito@gmail.com

⁵ Acadêmica do curso de Educação Física da Unemat. Bolsista PIBIC/CNPq. i-moretti@hotmail.com

⁶ Acadêmica do curso de Educação Física da Unemat. Bolsista PIBIC/CNPq. domy_stefany@hotmail.com

⁷ Acadêmica do curso de Educação Física da Unemat. imp.amb.tcc@gmail.com

⁸ Acadêmico do curso de Educação Física da Unemat. filemonrodrigo@hotmail.com

**MEMÓRIAS: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES E PRÁTICAS CORPORAIS NO
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE, CAMPUS CAMPOS-CENTRO/RJ**Polline Moreti Soares¹Marco Antônio da Silva Moço²Thamara Cardoso Gomes dos Santos³Emerson da Mota Saint'Clair⁴

PALAVRAS-CHAVE: memórias; educação física; esportes; práticas corporais.

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) possui como um de seus compromissos com a sociedade brasileira a formação histórico-cidadã e a preservação da cultura local. Assim, o Centro de Memória Nilo Peçanha é responsável por coletar, tratar, preservar e divulgar o acervo histórico e cultural produzido pelo *campus* Campos-Centro do IFFluminense. O presente projeto surge a partir da necessidade do resgate, da preservação e de investigações acerca da memória de educação física, esportes, práticas corporais desde a criação da Escola dos Aprendizes Artífices de Campos dos Goytacazes, em 1909 (GOELLNER *et al.* 2007; TAVARES; VOTRE, 2014). Essa pesquisa está na fase inicial com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do *campus*, e é oferecida uma bolsa para discentes do curso de Licenciatura em Educação Física.

OBJETIVOS

Investigar a memória da educação física, esportes e práticas corporais do IFFluminense, a partir da década de 1909. Objetivos específicos: (i) mapear os documentos sobre a memória em educação física, esportes e práticas corporais; (ii) identificar e analisar o acervo documental da educação física, esportes e práticas corporais da instituição; (iii) identificar e analisar os depoimentos dos atores sociais que contribuíram com a história da educação física, os esportes e as práticas corporais do IFFluminense do *campus*.

¹ Licencianda em Educação Física, IFFluminense, *campus* Campos-Centro, pollinemoreti@hotmail.com

² Licenciando em Educação Física, IFFluminense, *campus* Campos-Centro, marcotst3@hotmail.com

³ Licencianda em Educação Física, IFFluminense, *campus* Campos-Centro, cgs_thamara@yahoo.com.br

⁴ Mestre, docente do IFFluminense, *campus* Campos-Centro, emersonsaintclair@gmail.com

METODOLOGIA

O percurso metodológico baseia-se nas seguintes etapas: (i) mapeamento de documentos sobre a história da educação física, esportes e das práticas corporais da instituição; (ii) identificação e análise do acervo documental de educação física, esportes e de práticas corporais; (iii) identificação e análise de depoimentos dos atores sociais que contribuíram com a história da educação física, os esportes e as práticas corporais do IFFluminense do *campus*. Para a coleta de dados utilizaremos as fontes historiográficas, como por exemplo, diários das aulas de educação física, imagens, jornais impressos, dentre outros, assim como as entrevistas individuais. Para o tratamento dos dados recorreremos aos referenciais teórico-metodológicos de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e História Oral (MEIHY, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificamos em algumas fotos do acervo da instituição, em 1910, a existência de atividades cívicas e de práticas esportivas no pátio interno da instituição. Porém, entre 1910 a 1950, ainda não foram identificados indícios de aulas de educação física, práticas esportivas e corporais. Em 1950 a 1960, foram identificados nos diários de professores de educação física curricular, conteúdos como, por exemplo, sessões de ginásticas, jogos e esportes coletivos. Nas décadas de 1960 a 1980, havia a preocupação com exames biométricos para os discentes do Ensino Médio; foram introduzidos os esportes individuais; foco nos Jogos Estudantis Brasileiros do Ensino Médio. Em 1980, era oferecida somente a ginástica para as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa encontra-se em fase inicial, mas já identificamos algumas características e lacunas. Esperamos dar continuidade através de levantamento de dados, entrevistas, podendo assim analisar de forma sistemática a história da educação física, esporte e as práticas corporais da instituição.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70, 2011.
- GOELLNER, S. V. et al. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul. In: _____. (Org.). *Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- TAVARES, A. B.; VOTRE, S. J. Estádio do Maracanã 1950-2010 na memória de torcedores. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1017-1038, jul./set. de 2014.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFRJ (1979-1985): VESTÍGIOS DO SENSO DE JOGO DISCENTE

Guilherme Gonçalves Baptista¹

Gustavo da Motta Silva²

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação Física; EEFD; formação de professores; senso do jogo.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, alguns estudos sobre a Educação Física no período da Ditadura (1964-1985) vêm priorizando o universo das representações dos sujeitos a fim de estabelecer uma história mais encarnada. Todavia, as representações discentes permanecem marginalizadas na maioria desses estudos. Ao considerar a teoria dos campos (BOURDIEU, 2011), este trabalho investigou a relação entre os discursos presentes na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD-UFRJ) na formação de professores (1979-1985) e os dispositivos usados pelos alunos para obter sucesso em seus caminhos. Foram produzidas 3 entrevistas com professores envolvidos com a instituição e, também, foram analisados 71 documentos produzidos no período de 1979 a 1985: 13 atas de Congregação e 58 de Conselho Departamental da EEFD/UFRJ. Os dados foram tratados sob as luzes de Bourdieu (2011), sendo tomada a noção de capital e de senso de jogo como categorias de análise.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao vivenciar pelo menos durante quatro anos a EEFD/UFRJ, os alunos circulavam em seus diferentes espaços, o que os permitia conhecer o universo em que estavam inseridos e suas regras. Um dos primeiros indícios de que os alunos “jogavam o jogo” se refere as suas compreensões do valor do “capital físico” (SHILLING, 2005) associado ao corpo performático, aquele valoriza aspectos físicos como a aptidão física e determinadas habilidades motoras, no interior da Escola. O professor Waldyr Ramos descreve que, quando era aluno da Escola, conseguiu convencer uma professora a dispensá-lo da disciplina obrigatória Natação I (onde objetivo principal era aprender as técnicas de nado) com intuito de descansar para sua prática esportiva e trabalho. Por outro lado, em caso semelhante de pedido de dispensa da Natação I, Dimas não consegue liberação da disciplina.

Observa-se que Waldyr procura agir dentro das representações vigentes, exaltando a importância da aprendizagem das técnicas de nado para a disciplina em seu pedido e,

simultaneamente, expõe vantagens tanto para si quanto para professora, o que lhe permite obter inclusive uma posição de “ajudante”. Nesse caso, o capital físico é convertido em um capital, se assim pode-se dizer, acadêmico, já que a dispensa das aulas práticas implicava em sua aprovação automática na disciplina. Já Dimas não busca estratégias de convencimento em consonância com os aspectos valorizados na disciplina, recorrendo a motivos pessoais.

Os alunos “menos aptos” também se utilizavam de algumas estratégias para obter grau nas disciplinas onde a parte da técnica era essencial, como outro aluno executar a prova prática em seu lugar. Com isso, os discentes usavam seu capital social, a rede de amigos, como uma estratégia para falsear um tipo de capital físico que era essencial para aquela disciplina, o rendimento. Essa estratégia colaborou inclusive na transformação das práticas docentes na tentativa de evitar esses casos.

Outra possibilidade de conversão de capital está associada às oportunidades de bolsas e estágios para os alunos, uma vez que muitas dessas oportunidades dependiam de indicações de professores. O capital social e, do mesmo modo o capital valorizado em determinadas disciplinas - corpo performático, por exemplo - podem ter sido importantes elementos para usufruir dessas oportunidades pelos alunos. Cumpre assinalar que todos os entrevistados tornaram-se docentes na Escola em disciplinas nas quais eram atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de lançar um olhar que não fragmentasse a realidade no sentido de entendê-la como conflituosa e não monolítica, entende-se que as considerações postas permitiram evidenciar o papel de protagonistas dos indivíduos dentro desse campo. Apesar da análise das fontes não alcançarem as diferentes estratégias discentes em suas práticas cotidianas, notou-se que havia estratégias de jogo nas lutas objetivas na EEFD/UFRJ e eram as posições nesse campo que orientavam as tomadas de decisão dos alunos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradutor Fernando Tomaz (português de Portugal). 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SHILLING, C. *The body and social theory*. 2 ed. London: Sage Publications, 2005.

¹ Mestre em Educação Física, Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: baptista.ufrj@yahoo.com.br.

² Mestre em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: gustavomotta1990@hotmail.com.

ESTABELECIDOS OU OUTSIDERS? INTERDEPENDÊNCIAS PRESENTES NOS CAMPEONATOS AMADORES DE FUTEBOL EM PONTA GROSSA – PR

Edilson de Oliveira¹

Miguel Archanjo de Freitas Júnior²

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; sociedade; configuração; poder;

INTRODUÇÃO

Através de uma análise das relações existente entre o futebol e a sociedade, temos a possibilidade de visualizar tanto generalidades quanto as particularidades de determinados contextos, pois como destacou Freitas Jr “[...] enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria sociedade, sendo expressa através de seus atores, regras, objetos, ideologias, etc”. (2006, p. 1). Nos campeonatos amadores de futebol, organizados pela Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG)¹ - PR, pode-se verificamos ligações, elos de afinidade e pertencimento. Neste sentido, o objetivo do presente estudo é refletir sobre as interdependências² presentes “dentro” e “fora” de campo, decorrentes das relações entre os indivíduos e a sociedade.

METODOLOGIA

O presente texto é um recorte de uma pesquisa de campo, realizada entre os anos de 2013 a 2015, durante 51 jogos do Campeonato Amador Máster e do Campeonato Amador Divisão Especial, disputados em vários campos de Ponta Grossa e região dos campos gerais. Optou-se por utilizar a etnografia interpretativa sugerida por Geertz (2008) e entrevistas em história oral descrita por Alberti (1989). O uso concomitante destas metodologias possibilita a realização de tencionamentos entre as narrativas dos atletas e as interpretações dos autores.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Na vida em sociedade todos exercem uma função, histórica, socialmente estabelecida e mesmo que desejemos mudar radicalmente nosso estilo de vida, isso não é possível em um piscar de olhos, pois para tais mudanças, será necessário um longo processo de reorganização pessoal. (ELIAS, 2005). Entretanto, observou-se durante o estudo de campo, que ao menos no

¹ Desde sua fundação em 12 de março de 1928, a LFPG é o órgão responsável pela organização do campeonato amador da cidade. Possui filiação com a Federação Paranaense de Futebol (FPF).

² Segundo Elias (2005), a interdependência é uma relação, em que o poder não é exercido apenas por uma das partes envolvidas, em maior ou menor quantidade, proporcional ou desproporcional, há um equilíbrio de poder sempre que há qualquer tipo de valor para os indivíduos naquela relação.

tempo em que dura a partida, esta percepção poderia alterar-se. Ou seja, visão de outsider vivida ao longo da semana, por exemplo, é colocada em “xeque” no momento em que adentram na estrutura futebolística e são reconhecidos. Deste modo, o esporte auxilia no empoderamento dos indivíduos marginalizadas em outros setores da sociedade.

Certamente os “estabelecidos socialmente” possuíam poder desigual na estrutura, porém, somente o status social não lhe era suficiente. Visto que ao adentrarem neste ambiente eles deveriam se submeter aos códigos consolidados perante o grupo, a presença de novos elementos, como - critérios de escalação, a figura do técnico e principalmente a torcida, tencionam o status construído fora da estrutura esportiva, resignificando a ordem de poder.

CONCLUSÕES

Constatou-se que a socialização e coesão grupal, essenciais neste ambiente, exigem dos indivíduos que os frequentam, padrões de comportamento e valores que tencionam suas realidades sociais. A ilusão de ótica (ELIAS, 2000) construída nas imagens sociais entre o bem sucedido e o fracassado é problematizada, ao passo em que o estabelecido socialmente perde protagonismo nas relações e os outsiders ao adentrarem nestes ambientes deixam o estigma da marginalidade e assumem um papel diferenciado nesta nova ordem construída.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro, Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, 224 p.
- _____. **Introdução à sociologia**. Lisboa, Edições 70, 2005. 203 p.
- FREITAS JR, Miguel Archanjo de. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. **Efdeportes**, Buenos Aires, Ano 10, n. 94, p. 1, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1ª Ed, 2008. 323 p.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG). Possui graduação em Licenciatura em Educação Física (UEPG), Universidade Estadual de Ponta Grossa, edilsondeoliveira@outlook.com.

² Pró-Reitor de Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Possui doutorado em História (UFPR), mestrado em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), graduação em Licenciatura em Educação Física (UEPG), Universidade Estadual de Ponta Grossa, mfreitasjr@uepg.br.

REGISTROS HISTÓRICOS DO FUTEBOL PASSENSE NA DÉCADA DE 1980: UM DIÁLOGO COM AS FILMAGENS DE ITAMAR BONFIM.

Vinicius Eduardo Leite Batista¹
Kleber do Sacramento Adão²

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Clube Esportivo de Futebol; Itamar Bonfim; Passos – MG.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca resgatar parte da história do futebol da cidade de Passos, Minas Gerais, a partir das memórias do cinegrafista Itamar Bonfim, precursor nos registros videográficos de futebol na cidade, bem como a partir de alguns de seus registros. O estudo apresenta parte das coberturas videográficas do futebol Passense nesse período, tendo como foco a trajetória e conquistas do Clube Esportivo de Futebol, agremiação local que obteve destaque no cenário estadual de futebol na década de 1980.

OBJETIVOS

O presente trabalho visa resgatar parte da história do futebol da cidade de Passos/MG, entender o que ocorreu no futebol passense na década de 1980, bem como analisar e entender a importância dos registros de Itamar Bonfim para o futebol de Passos

METODOLOGIA

Este estudo constitui-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, e tomou como base o levantamento de parte do acervo videográfico de Itamar Bonfim durante a década de 1980. Além do levantamento das filmagens, essa pesquisa se pautou também na realização de uma entrevista, que teve como intuito investigar como ocorreu o desenvolvimento do futebol passense nesta época, enfatizando a importância de Itamar Bonfim e seus registros na cobertura do Clube Esportivo de Futebol.

No início da pesquisa, foram levantados referenciais bibliográficos relativos a inserção da mídia no esporte, em especial no futebol brasileiro. Após o levantamento e estudo dos referenciais que deram embasamento para o restante da pesquisa, foi selecionado parte do acervo videográfico de Itamar Bonfim. Por fim, foram levantadas fontes orais oriundas diretamente de Itamar Bonfim. Para esse levantamento de dados utilizou-se de uma entrevista semi-estruturada visando facilitar a exposição dos fatos ocorridos na cidade de Passos na década de 1980 por parte de Bonfim. A respeito da construção de uma entrevista semi-estruturada, Trivinho (1987, pág. 146) afirma que:

“Entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”.

É importante salientar que os dados levantados no decorrer pesquisa foram confrontados entre si, bem como com outras fontes, no intuito de fomentar ainda mais a discussão sobre a trajetória do Clube Esportivo de Futebol na década e 1980 e a importância social de Itamar Bonfim e seu trabalho na mesma época em Passos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa se baseiam no levantamento de duas principais fontes. A primeira fonte a ser utilizada se refere à parte do acervo do cinegrafista em questão, e a segunda uma entrevista realizada com o mesmo.

Analisando as filmagens constata-se que condições para aquela época eram bem adversas em relação aos dias atuais. Este material levantado se mostra de grande importância para difusão do futebol de Passos a partir da figura do Esportivo devido à singularidade das situações vividas, além de recordar momentos áureos do futebol profissional passense. Na entrevista Itamar Bonfim deixa claro que trabalhava por iniciativa própria, pois amava o que fazia e achava necessário que todos os fatos da cidade deveriam ser registrados. Para ele, a época do Esportivo trouxe grandes momentos, que não fugiram de suas lentes.

CONCLUSÕES

Concluindo este estudo, foi constatado que o relato de Itamar Bonfim, bem como seus registros videográficos comentados nesta pesquisa contribuem para a preservação de um legado a respeito do futebol local nos anos de 1980, bem como da atuação deste pioneiro na cinematografia passense, buscando o não esquecimento da história do esporte e difusão do mesmo em Passos.

REFERENCIAS

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. 174p

¹Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), e professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Campus IX (CEFET/MG).
vbatista@nepomuceno.cefetmg.br

²Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e professor associado da Universidade Federal de São João del – Rei (UFSJ). kleber@ufs.edu.br

HETEROTOPIAS DE UM BAIRRO-BALNEÁRIO: OS INFAMES E AS PRÁTICAS DE DIVERTIMENTO NA PRAIA DO CASSINO/RS EM MEADOS DO SÉC. XX

Gustavo da Silva Freitas¹

Méri Rosane Santos da Silva²

PALAVRAS-CHAVE: balneário; práticas de divertimento; infames; heterotopias.

INTRODUÇÃO

Cassino ou Praia do Cassino é o nome dado a um balneário planejado localizado no extremo sul do Brasil, pertencente ao município de Rio Grande/RS. Inventada por uma elite de origem europeia que se instalou na região no final do séc. XIX por conta da prospecção do desenvolvimento industrial e econômico advinda das transações do porto marítimo local, a criação da estação balnear respondeu aos anseios de uma cultura espelhada ao que vinha acontecendo em praias daquele continente, representando um espaço de lazer das famílias ilustres durante os períodos de veraneio. No entanto, essas formas de estabelecer vínculos de pertencimento com o local não foram harmônicas se tomarmos as práticas sociais como resultantes de relações de poder (FOUCAULT, 2008). Nesse sentido, há que se pensar que uma gente não famosa igualmente circulava no balneário, trazendo configurações que tencionavam com o quadro antes imaginado. O estudo em questão investiu, assim, na potencialidade da presença de uma gente infame (FOUCAULT, 2006) no Cassino, construindo algumas de suas memórias no balneário em meados do séc. XX, utilizando as práticas de divertimento como recorte analítico.

METODOLOGIA

Na impossibilidade de nomear os infames em seu estado livre, optamos por fazê-los aparecer no encontro com famosos, sempre no nível da oralidade. Foi através da entrevista com dois famosos que construímos um rosto para a infâmia no Cassino, cujos feitiços foram desenhados mais à base de ocupações, tais como, domésticas, charreteiros, pescadores do que propriamente por sobre(nomes). Assim, localizamos e entrevistamos cinco infames que se intitulavam cassineiros legítimos. Todo o processo foi referenciado teórica e metodologicamente na história oral de Portelli (2010) para quem a subjetividade de quem fala parece ser fundamental quando o que importa não é o fato em si, mas a oralidade do fato.

DISCUSSÃO

As falas dos entrevistados nos levaram a uma compreensão do Cassino/RS que se pôs a desnaturalizar uma associação linear entre Cassino e balneário chique. O movimento de rachar as palavras pela oralidade dos infames nos conduziu a um Cassino mais bairro do que balneário, mais pela via do trabalho do que pela via do divertimento. Em linhas gerais, chamou atenção a tímida representatividade com que a praia foi apropriada pelos infames enquanto um local para práticas de divertimento, algo que merece reflexão através de dois fatores mutuamente relacionados: o de não serem interpelados pela esfera do empreendimento balnear; nem pelos fins terapêuticos preconizados pela voz médica à época. Assim, acompanhamos os rastros de Ferreira (2012), quando afirma que “a relação dentre o discurso terapêutico e a criação do balneário merece cuidados” (p.87), uma vez que é na vivência do local planejado que vai se encorpar o argumento dos fins terapêuticos junto à natureza, principalmente, vinculados aos banhos de mar.

CONCLUSÕES

Em síntese, num período caricaturado como sociedade de classes (elite versus assalariados), a informalidade parece reforçar a ideia de que os infames entrevistados pertencem a um *Cassino outro*. Por sua vez, as práticas de divertimento acompanharam essa lógica do invernar. Se, por um lado, os famosos cassinenses criaram o balneário como um espaço de veraneio, férias, em que o descanso e os benefícios da natureza eram contrapartidas ao modo de vida urbano (MARTIN-FUGIER, 2009), os infames cassineiros confiaram a produção daquele local numa lógica do invernar, como um *outro espaço*, de “contestação mítica e real” (FOUCAULT, 2009), uma heterotopia de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, F. N. **Ao sul do sul o mar também é pampa**: sensibilidades de verão na Villa Siqueira, Rio Grande/RS (1884-1892). 2012. Dissertação (Mestrado em História) – PPG História, UFRGS.
- FOUCAULT, M. Outros Espaços. In: MOTTA, Manoel B (org.). **Ditos e Escritos III**: Estética: literatura e pintura, música e cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.
- _____. Sobre a História da Sexualidade. In: _____. **Microfísica do Poder**. 25 ed. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2008. p. 243-276.
- _____. A Vida dos Homens Infames. In: _____. **Ditos e Escritos IV**: estratégia poder-saber. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203-222.
- MARTIN-FUGIER, A. Os Ritos da Vida Privada Burguesa. In: PERROT, M. (org.) **História da Vida Privada 4**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

¹ Prof. Dr. do Instituto de Educação – FURG, gsf78_ef@hotmail.com.

² Profa. Dra. do Instituto de Educação – FURG, meri.rosane@hotmail.com.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: FORMAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR SUPERIOR BRASILEIRO

Amanda Pires Chaves¹, Rafael José Espindola²

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; História; Currículo; Formação.

Este resumo retrata parte de uma dissertação de Mestrado e tem por objetivo apresentar um breve histórico dos currículos de formação do profissional de Educação Física no Brasil. O trabalho justifica-se a partir da necessidade de constatar a trajetória histórica dos processos de formação e atuação em Educação Física. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, caracterizando-se como um estudo bibliográfico, baseados em alguns principais autores da Educação Física e Leis e Resoluções nacionais.

Na Educação Física brasileira, a necessidade de se formar professores, surgiu em 1851, com a Reforma Couto Ferraz, e a Lei nº 630 que regulamentou e conferiu a obrigatoriedade da ginástica nas escolas. De acordo com Pereira Filho (2005), somente a partir de 1854, foi legalizada a função do profissional de Educação Física, permitindo somente sua atuação no âmbito escolar. Neste contexto, apenas era permitido ensinar aquele que tivesse licença ou autorização do Estado para exercer tal função. Todavia, o número de professores era insuficiente, o que não contribuiu para a efetiva legitimação da Educação Física, além das limitações e resistências impostas pelos militares.

Segundo Ghiraldelli (1998) nos anos finais do Império e início da Primeira República (1889 – 1930) a Educação Física escolar no país apresentava uma perspectiva higienista de educação, com concepções hegemônicas do culto a alma e ao corpo, advindas do Militarismo. Em 1933, a Escola de Educação Física do Exército (EsFEEx), instituída pelo Decreto nº 23.232, no Rio de Janeiro, formou militares e civis para lecionarem ginástica nas escolas.

No ano de 1939, foi criada na Universidade do Brasil (UB), a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) por meio do Decreto nº 1.212 e, por conseguinte, foi criado o primeiro modelo de currículo de formação de profissionais de Educação Física a ser seguido nacionalmente. As titulações que poderiam ser obtidas por esse primeiro currículo eram de: licenciado em Educação Física – 2 anos; normalista especializada em Educação Física – 1 ano; técnico desportivo – 1 ano; sendo o currículo composto por disciplinas específicas de cada Curso (PEREIRA FILHO, 2005).

Em 1969, trinta anos após o primeiro currículo, com a Resolução nº 69, foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE) no Brasil, o segundo modelo oficial de currículo

para a formação dos profissionais de Educação Física. Definiu-se um “currículo mínimo”, com o intuito de elaborar uma formação mais pedagógica, estabelecendo como Cursos de Ensino Superior: Licenciatura em Educação Física e Técnico em Desportos, abolindo os demais Cursos paralelos, equiparando a formação do profissional de Educação Física às demais licenciaturas já existentes (PEREIRA FILHO, 2005; PASENIKE, 2010).

Aproximadamente vinte anos depois, com a implantação da Resolução nº 3 de 1987 do CFE, as Instituições Superiores de Educação Física (ISEFs), passaram a ter total autonomia na composição curricular dos Cursos. O currículo mínimo deixou de conceber disciplinas obrigatórias; passou a ser estruturado por áreas de conhecimento. A carga horária mínima do Curso de Educação Física passou a ser de 2.800 horas/aula, com as possíveis titulações de Licenciado em Educação Física e/ou Bacharel em Educação Física (PEREIRA FILHO, 2005).

Já o quarto modelo curricular foi estruturado após dezessete anos, desta vez, sob o amparo de bases normativas que se referem de modo diferente às integralidades e terminalidades da “licenciatura” – que se modificou tecnicamente para Formação de Professores na Educação Básica (Resoluções nº1/2002 e nº2/2002 do CNE – Conselho Nacional de Educação) e do “bacharelado”- Graduação na Educação Física (Resolução nº7/2004 do CNE).

Atualmente, a Educação Física está regulamentada na Lei 9.696/98, pelo Sistema CONFEF (Conselho Federal de Educação Física) e CREF (Conselho Regional de Educação Física. Conforme mencionado por Taffarel e Lacks (2005), o tempo de integralização dos Cursos de Educação Física, deve ser delimitado pelas próprias instituições, todavia precisa respeitar um tempo mínimo de duração de quatro anos e carga horária mínima de 2.800 horas, subdivididas em: a) oitocentas horas destinadas à prática de ensino e ao estágio supervisionado; b) 1.800 horas para os conteúdos científico-culturais; e c) duzentas horas para outras atividades acadêmico-científicas.

Diante desse contexto, concluímos que a trajetória histórica da formação do profissional de Educação Física incita amplas discussões a respeito da organização curricular, as possíveis titulações e campos de atuação no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 01, de 18 de fevereiro de 2002*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professor em Educação Básica. Brasília, 2002a.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 02, de 19 de fevereiro de 2002*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professor em Educação Básica. Brasília, 2002b.

_____. Conselho Federal de Educação. *Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987*. Currículo Mínimo de Educação Física. Brasília, 1987.

_____. Conselho Federal de Educação. *Resolução nº 69, de 6 de novembro de 1969*. Currículo Mínimo de Educação Física. Brasília, 1969.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 7, de 31 de março de 2004*. Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Educação Física. Brasília, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Estatuto*. Disponível em: <<http://www.confef.org.br>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

GHIRALDELLI, Paulo Junior. *Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 10 ed. 2007.

PASENIKE, Sílvia Costa de Oliveira. *Docência universitária: o professor de educação física e sua prática pedagógica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

PEREIRA FILHO, Ednaldo. Educação física: limites da formação e exercício profissional. In: FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. (Org.). *Formação profissional em educação física e mundo do trabalho*. Vitória: Ed. da Faculdade Salesiana, 2005.

TAFFAREL, Celi N. Zulke; LACKS, Solange. Diretrizes curriculares: proposições superadoras para a formação humana. In: FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. (Org.). *Formação profissional em educação física e mundo do trabalho*. Vitória: Ed. da Faculdade Salesiana, 2005.

TAFFAREL, Celi N. Zulke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira. Nexos e determinações entre formação de professores de educação física e diretrizes curriculares: competências para quê? In: FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. (Org.). *Formação profissional em educação física e mundo do trabalho*. Vitória: Ed. da Faculdade Salesiana, 2005.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

¹ Licenciada em Educação Física pela FCT-Unesp; Especialista em Metodologia do Ensino de Educação Física pela Uninter; Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Doutoranda em Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO). amanda.pireschaves@gmail.com

² Licenciado em Educação Física pela FCT-Unesp e Mestrando em Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO). rafael_espindola92@hotmail.com

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: JOGOS, BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E ESPORTES

Evandro Antonio Corrêa¹

Fernanda Rossi²

Dagmar Hunger³

PALAVRAS-CHAVE: Infância; História; Cultura Corporal de Movimento.

INTRODUÇÃO

Os jogos, brinquedos e brincadeiras estão presentes no universo infantil e nos contextos educacionais formais. Na cultura infantil, a realização do movimento corporal se dá através do lúdico, especialmente do jogo que tem sua essência no divertimento.

Marcellino (1999) constata que está havendo o “furto” do componente lúdico da infância. Nota-se, cada vez mais, a restrição de tempo e de espaço para a criança, o que reduz a cultura infantil ao consumo de bens culturais (produzidos pelos adultos para ela e não por ela), transformando o brinquedo em mercadoria. Esses fatores revelam a dominação exercida sobre a cultura da criança e comprometem a evasão do real e, conseqüentemente, a imaginação de novas realidades. De acordo com Kishimoto (2009, p.11) “com a urbanização, industrialização e novos modos de vida, esqueceu-se a criança, encurtou-se a infância, a criança tornou-se um precoce aprendiz”

Assim objetivou-se realizar uma pesquisa histórica de levantamento acerca de jogos, brinquedos, brincadeiras e esportes infantis, tendo em vista a elaborar novos conhecimentos passíveis de serem trabalhados com as crianças. Nesse sentido, vincula-se a pesquisa, a construção de conhecimentos e a intervenção imediata no contexto educacional.

METODOLOGIA

Para tanto, realizou-se levantamento das experiências históricas da infância dos familiares (avós, pais, tios, primos) de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, no que se referem aos jogos, brinquedos, brincadeiras e esportes, considerando sua relevância como fator de ampliação cultural nos diferentes segmentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I (alunos, professores e família). Foram aplicados 62 questionários aos avós, pais, tios, primos por intermédio de crianças, estudantes do Ensino Fundamental, 6º ano, na

faixa etária de onze e doze anos, de três Escolas Públicas de Ensino Fundamental, das cidades de Bauru e Jaú-SP.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nesta pesquisa permitem evidenciar algumas experiências históricas da infância (jogos, brinquedos, brincadeiras e esportes) mediante o relato de parentes de alunos das escolas mencionadas e, conseqüentemente, sua sistematização a fim de trazer ao professor indicativos de resgate da cultura dessas atividades no contexto educacional.

As atividades mencionadas com maior destaque foram esconde-esconde 8%, pega-pega e corda ambos com 7%, a boneca e amarelinha com 6% cada, a queimada com 5%, e, carrinho, polícia e ladrão, carambola, passa anel, roda, lesca, pipa, bicicleta, bola, burquinha (bolinha de gude) e jogo de taco completam o rol de atividades entendidas como jogos, brinquedos e brincadeiras.

Observamos que, talvez, pela localidade e período da infância dos participantes da pesquisa, a rua é o local onde mais se jogava e brincava com 31% das indicações, e se somado a 3% em frente de casa, 3% na praça e 5% em parques, representando 42% do total. Fator esse que vem se perdendo ao longo do tempo, por diversos motivos, entre eles a violência, o aumento de veículos nas ruas etc. O quintal e a casa seriam outros locais de destaque que somados representa 20% (15% e 5%, respectivamente), sendo que as atividades foram realizadas na extensão da residência.

Referentes as pessoas que mais gostava de jogar e/ou brincar 33% são familiares [20% irmãos (ãs); 2% pais; 7% primos (as); 2% tios (as); e, 2% parentes], já 51% indicaram amigos (as), 13% eram vizinhos e 2% professores.

CONCLUSÕES

Os resultados mostram que os jogos, brinquedos e brincadeiras tem presença marcante na infância dos participantes das pesquisas, fortalecendo a ideia de buscarmos mecanismos de identificar, conhecer, sistematizar e aplicar estas atividades no contexto escolar.

Constatamos, ao se realizar levantamento das experiências históricas da infância no que se referem aos jogos, brinquedos, brincadeiras e esportes enquanto fator de ampliação cultural nos diferentes segmentos da Educação, que a diversidade de atividades, locais e pessoas podem corroborar com o resgate e vivência no âmbito escolar com a interação de

alunos, professores e família. Busca-se, assim, apreender, preservar e disseminar a história dos jogos, brinquedos e brincadeiras vinculando-a a construção de conhecimentos escolares.

REFERÊNCIAS

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCELLINO, N. C.. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1999.

¹ Mestre, Unesp Bauru, prof.evandrocorrea@gmail.com

² Doutora, Unesp Bauru, fernandarossi@fc.unesp.br

³ Doutora, Unesp Bauru, dagmar.hunger@fc.unesp.br

O OLHAR E A (IN)COMPREENSÃO DOS/AS ACADÊMICOS/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUANTO À DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Kleber Tuxen Carneiro¹

Eliasaf Rodrigues de Assis²

Maurício Bronzatto³

Roberto Carlos Vieira Junior⁴

PALAVRAS-CHAVE: Disciplina História da Educação Física. Ensino. Concepção. História.

INTRODUÇÃO

É comum alunos ingressantes na graduação demonstrarem insegurança diante de alguns saberes. Esse fenômeno, também presente na formação em Educação Física, se acentua quando uma diversidade de conhecimentos afigura-se, no dizer de Betti (2008), como uma espécie de “povoamento epistemológico”. Uma breve revisão da constituição curricular da Educação Física evidencia a influência das ciências da saúde, biológicas e, mais recentemente, das ciências humanas (BRACHT, 1999; SOARES, 1992 e CARNEIRO, 2012).

Muitos acadêmicos/as indagam: “*Por que estudar história em um curso de Educação, no interior da Faculdade de Ciências da Saúde?*” (MELO, 1997). Problematizando essa indagação, buscamos averiguar a (in)compreensão dos ingressantes no curso de Educação Física quanto à disciplina “História da Educação Física”. Intercruzando o perfil do aluno/a, sua concepção quanto à História ao longo da escolarização e a constituição epistêmica da Educação Física, intentamos mapear narrativas que distorcem a compreensão da História enquanto disciplina da Educação Física.

METODOLOGIA

Adotamos duas metodologias complementares: a pesquisa exploratória, para proporcionar familiaridade com a problemática, e a descritiva, para delinear o fenômeno identificando relações entre variáveis (GIL, 1991). Utilizamos um roteiro de perguntas (abertas e fechadas) e registros de conversas em aula.

OBJETIVOS

Conhecer a concepção dos ingressantes no curso de Educação Física sobre a legitimidade da disciplina “História da Educação Física” e os saberes que tal disciplina deveria disseminar ao longo da formação profissional.

LOCUS DA PESQUISA

Participaram da pesquisa 55 alunos/as ingressantes no curso de Educação Física da Universidade do Estado de Mato Grosso, entre 2015 e 2016.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os dados se agrupam em três categorias: 1) Um mapeamento do “perfil” dos entrevistados; 2) Trajetória escolar que levou o sujeito a escolher o curso; e 3) Concepções da relevância da disciplina “História da Educação Física”. Dos 55 entrevistados, 41 se escolarizaram em instituições públicas; 11, em particulares. Quatro entrevistados optaram por Educação Física para melhoria estética e corporal; 25, devido às vivências com o esporte; 7, porque são praticantes de atividade física; e 8, porque desejam ser professores. Os demais apresentaram respostas difusas. Quanto à categoria 3, 51 participantes mencionaram que “História da Educação Física” é importante; 4 afirmaram que não. Ao justificarem a resposta, 48 ressaltaram o ensino de “fatos do passado”; 4 foram evasivos, e apenas 3 afirmaram compreender a disciplina como uma forma de ressignificar a história pessoal e coletiva.

CONCLUSÃO

Pudemos tirar duas conclusões: 1) Há fragilidade conceitual da formação em História, refletida em concepções errôneas; 2) A trajetória do alunado, atrelada majoritariamente às vivências esportivas, é restrita à dimensão procedimental, em prejuízo dos significados conceituais historiográficos.

REFERÊNCIAS

- BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n 48, p.69-88, Agosto/1999.
- CARNEIRO, K. T. **O Jogo na Educação Física**. São Paulo: Phorte Editora, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- MELO, V. A. de. Porque devemos estudar História da Educação Física/esportes nos cursos de graduação? **MOTRIZ** – v. 3, n.1, p. 56-61, Junho/1997.
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

¹ Doutor em Educação Escolar, Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso). kleber2910@gmail.com

² Doutor em Educação Escolar, UNINOVE/FAC São Roque. eliasafassis@hotmail.com

³ Doutor em Educação Escolar, UNINOVE/FAC São Roque. maub1970@ig.com.br

⁴ Mestre em Biociências, Professor dos cursos de Graduação da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso). rcvieirajr@gmail.com

DESENVOLVIMENTO DO PARKOUR NO BRASIL

Alessandra Vieira Fernandes¹

Giuliano Gomes de Assis Pimentel²

PALAVRAS-CHAVE: Parkour; Parkour no Brasil; Atividade de Aventura; Lazer.

INTRODUÇÃO

O Parkour é uma prática corporal popularizada na França na década de 80 através de um grupo de jovens. A sistematização da prática, a partir de 1993, que consiste na nomeação dos movimentos básicos e da atribuição de um nome à modalidade (LORDÉLLO, 2011), contribuiu para que as técnicas físicas e os fundamentos filosóficos do Parkour fossem disseminados pela internet.

No Brasil, o primeiro registro data de 2004 (STRAMANDINOLI; REMONTE; MARCHETTI, 2012). Atualmente, devido sua disseminação, o país vive o aumento do número de praticantes, eventos e projetos sociais associados ao Parkour. Todavia, como prática recém-sistematizada, o conhecimento sobre o desenvolvimento e a sistematização da modalidade no país não está sedimentado na literatura acadêmica. Os registros estão presentes em sites de praticantes, o que demanda uma análise dessas fontes.

OBJETIVO

Analisar os relatos sobre a história do Parkour no Brasil e identificar as mudanças da modalidade no país nas publicações de praticantes em “websites” brasileiros.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo documental. Foram selecionados, de modo intencional, os dez “websites” mais populares na comunidade Parkour no Brasil, criados e conduzidos por praticantes brasileiros e foram analisados, à luz da análise de conteúdo web (HERRING, 2010), os textos sobre a história e o surgimento do Parkour no país, assim como a organização de grupos e a criação de eventos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nos textos analisados, observa-se que, em diferentes regiões do país, no mesmo período, várias pessoas conheceram e iniciaram a prática através de informações diluídas em veículos eletrônicos e midiáticos, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis e Brasília. O acesso às informações sobre técnicas de movimentação e os fundamentos da modalidade eram escassas e obtidas através de websites internacionais.

Concomitantemente, foram criados fóruns e grupos em redes sociais no país para debates e compartilhamento de informações.

Para organizar e direcionar a prática no país, praticantes de diferentes regiões criaram a Associação Brasileira de Parkour (ABPK), registrada em 2006. Em 2011, a ABPK oficializa o “Manifesto Parkour”, um documento que conceitua, defende e promove o Parkour, e considera incoerentes as iniciativas de esportivização da modalidade (ABPK, 2012).

Em relação aos eventos, destacam-se as competições de Parkour, por desencadear debates na comunidade. Em 2014, foi organizada a primeira competição brasileira de Parkour, o Desafio Urbano de Parkour, com uma segunda edição em 2015. A primeira edição foi repudiada por parte da comunidade que considera a competição como evento que rompe com a essência altruísta da modalidade. Logo, observa-se que 80% dos blogs publicaram sua posição a respeito do evento e cerca de 15 declarações públicas de repudição foram compartilhados por diferentes grupos de Parkour. Na segunda edição do evento, percebem-se poucas publicações e debates sobre o mesmo, denotando certa “aceitação” da comunidade no tocante aos eventos competitivos que, paulatinamente, estão sendo agregados ao Parkour.

CONCLUSÕES

A internet foi decisiva na trajetória do Parkour no Brasil, perpassando pela criação de grupos e eventos e, na atualidade, observa-se a modalidade apropriando-se das características dos esportes tradicionais, como as competições. Através da análise do seu desenvolvimento, atenta-se para o esforço da comunidade em sistematizar e conquistar um espaço de reconhecimento da modalidade no país.

REFERÊNCIAS

ABPK. *Manifesto Parkour*. Associação Brasileira de Parkour, São Paulo, 23 jul 2012. Disponível em <<http://www.abpk.org.br/2012/07/manifesto-parkour-finalizado/>>. Acesso em: 05 abr 2016.

HERRING, S. Web content analysis: Expanding the paradigm. In: HUNSINGER, J. et al. (eds.). *International Handbook of Internet Research*. London: Springer Verlag, 2010, p. 233-249.

LORDÊLLO, A. F. *Abordagem histórico-crítica do parkour, seu processo de expansão e realidade na cidade de Salvador/BA*. 2011. 58 f. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

STRAMANDINOLI, A. L. M.; REMONTE, J. G.; MARCHETTI, P. H. Parkour: história e conceitos da modalidade. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 11, n. 2, p. 13-25, 2012.

¹Bacharela em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Grupo de Estudos do Lazer (GEL), alessandrafernandes.ale@gmail.com.

²Doutor em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, GEL, ggapimentel@uem.br.

CONVICÇÕES DE GEORGES HÉBERT: REUNINDO OS FRAGMENTOS

Ronaldo Businaro Ribeiro¹
Telma Adriana Pacifico Martineli²

PALAVRAS-CHAVE: Georges Hébert; Método Natural; Educação Física; História da Ginástica

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

No presente trabalho, será realizada uma aproximação da vida e da obra do oficial da marinha francesa Georges Hébert (1875-1957), que no início do século XX elaborou um sistema geral de Educação Física, considerado um dos mais completos em seu contexto, mas também muito criticado e, de certa forma, ocultado na medida em que se difundia dentre outros métodos. Na intenção de colaborar na compreensão dos princípios e fundamentos do Método Natural de Educação Física de Georges Hébert, esta pesquisa aborda para além do simples levantamento de dados históricos a respeito de sua vida, busca a compreensão da dimensão de seus ideais, ainda que construídos num outro tempo, remetem junto com sua obra a problemáticas do presente (SOARES, 2003a, p. 35).

OBJETIVOS

Identificar e analisar os aspectos históricos-sociais e as concepções teórico-filosóficas que contribuíram na formação de Georges Hébert e suas convicções no século XX.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de cunho teórico-bibliográfico (GIL, 2008), em que foi realizado um levantamento de dados de livros, artigos, ensaios e outros tipos de produção em periódicos indexados sobre a história da Educação Física produzidos no Brasil e na França que tratam ou referenciam Georges Hébert e seu Método. Os dados foram analisados com vista à compreensão do pensamento do autor com base no período histórico, da cultura, dos meios sociais e pensamentos políticos da época a que este cresceu e vivenciou, tomando como principal referência as ideias trazidas nas seções sistematizadas por Hébert em seu livro “Guide pratique de l’éducation physique”.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nascido em família burguesa, em 27 de abril de 1875 em Paris, morreu aos 82 anos, em 08 de agosto de 1957 na comuna de Deauville, Calvados (França). Aos sete anos deixou sua casa para viver em uma escola cristã de irmãos e aos seus 18 anos de idade foi admitido na Escola Naval Francesa (SOARES, 2003b, p. 1). Hébert cresceu em uma vida de coletividade, e com o seu ingresso na marinha francesa, teve a oportunidade de conhecer

povos e lugares ainda não alcançados pela civilização europeia. Em suas viagens deparou-se com seres humanos que costuma chamar de primitivos ou selvagens, no entanto seu olhar atento e curioso permitiu-lhe enxergar a partir desses povos, um ideal de beleza, saúde e força que foi esquecido pelo tempo. Suas experiências na marinha francesa e educação na escola cristã, assim como as influências pelos métodos ginásticos de Francisco Amorós e Georges Demeny, o aproximaram das ideias de Rousseau (SOARES, 2003a), e lhe propiciou um espírito utilitário e guerreiro semelhante ao *Gargantua* de Rabelais. Buscou atingir a todos sem exceção, jovens, militares, crianças, mulheres, etc., constituindo uma base fortemente prática e pedagógica em seu Método, traçando um percurso para se alcançar o que acreditava ser o objetivo final da Educação Física, “[...] fazer seres fortes. [...] ser aperfeiçoado fisicamente de uma maneira completa e útil” (HÉBERT, 1912, p. 30).

CONCLUSÕES

Observa-se que seu pensamento foi influenciado principalmente por três grandes fatores: suas experiências na marinha francesa; pelo pensamento hegemônico higienista da época; pelos estudos e sua vivência com o método de ginástica ou Educação Física francesa até então fundamentados por Amorós e Demeny, pelas teorias de Rousseau e que por fim estabelece forte conexão e apreço pela formação de um caráter semelhante ao *Gargantua* de Rabelais.

Ao que nos parece, os princípios norteadores do pensamento de Hébert estão na ordem do dia e merecem um estudo e análise contextualizada e crítica, por isso acredita-se a relevância científica deste trabalho, de maneira a fornecer subsídios para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 6 ed. São Paulo: Atlas S.A. 2008.
- HEBERT, Georges. *Guide pratique d'éducation physique*. 2 ed. Paris: Librairie vuibert, 1916.
- SOARES, C. L. George Hebert e o Método Natural: Nova Sensibilidade, Nova Educação do Corpo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, 2003a.
- SOARES, C. L. Natureza, vida ao ar livre e educação física no início do século XX: fragmentos da obra de Georges Hébert. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XIII, 2003, Caxambu. *Anais...* Caxambu: 2003b.

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Participante do Grupo de Pesquisa: Educação Física, Arte e Cultura (GEFAC/Cnpq). e da Pesquisa Institucional proc. 2488/2014. E-mail: ronaldo.busi@gmail.com.

² Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa: Educação Física, Arte e Cultura (GEFAC/Cnpq) e coordenadora da Pesquisa Institucional proc. 2488/2014. E-mail: tapmartineli@uem.br.

SOBRE A ADOÇÃO E CIRCULAÇÃO DE MANUAIS DE GINÁSTICA NO BRASILDiogo Rodrigues Puchta¹

PALAVRAS-CHAVE: história do livro didático; manuais de ginástica; história do ensino de educação física; ginástica.

No século XIX é notória uma maior preocupação com a educação física de homens e mulheres, adultos e idosos, mas, principalmente, de crianças e jovens, ou seja, das novas gerações. Entre as iniciativas relacionadas aos cuidados com o corpo e sua educação destacam-se a crescente publicação de livros sobre a prática e o ensino da ginástica, bem como sua inserção no currículo do ensino público primário ofertado tanto no Brasil, quanto em outros países da América Latina, na esteira do que já vinha acontecendo na Europa e América do Norte¹. Diante dessa crescente publicação de manuais de ginástica, quais foram os títulos que circularam em nosso país? É sobre a adoção e a circulação desses manuais em parte do território brasileiro nas últimas décadas do século XIX e anos iniciais do século XX que o presente trabalho irá tratar. Tem-se como objetivo identificar quais manuais de ginástica foram adotados nas escolas públicas primárias e que circularam no Brasil, mais especificamente em quatro Estados da federação, a saber: São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, neste último notadamente na cidade do Rio de Janeiro, então município da Corte e Capital Federal. Como referencial teórico metodológico encontram-se estudos relacionados à história do livro didático, como os desenvolvidos por CHOPPIN (2000 e 2004) e BITTENCOURT (2008). No que diz respeito ao corpus documental, além dos manuais de ginástica, encontram-se fontes como a legislação do ensino, relatórios da instrução pública, ofícios, requerimentos, notas de compra e venda, e inventários escolares. Analisando a documentação catalogada, foram identificados ao todo nove manuais de ginástica adotados em pelo menos um dos Estados pesquisados. Tais manuais foram divididos em três grupos: os de maior circulação (presentes nos quatro Estados); os circunscritos a um Estado (onde foram publicados); e os que circularam em mais de um Estado. Entre as obras de maior circulação encontra-se a “Ginástica Doméstica, Medica e Hygienica” de Daniel Moritz Schreber. Adotado no Estado do Paraná em 1882, o livro de Schreber também circulou nos demais Estados e, possivelmente, foi um dos manuais de ginástica que mais circulou no país, nos anos finais do século XIX. Outro livro de grande circulação, ao menos no universo geográfico

¹ Fragmentos sobre a história da educação física no ocidente podem ser encontrados em SCHARAGRODSKY (2011).

aqui delimitado, foi o “Manual de Gymnastica Escolar” compilado por M. Caldas e E. de Carvalho. Publicado pela Francisco Alves & Comp., o referido manual também circulou em todos os quatro Estados. No âmbito das iniciativas regionais, títulos como o “Compendio de gymnastica e jogos escolares” e o “Compendio de Gymnastica Escolar”, ambos de autoria de Arthur Higgins, foram aprovados e adotados no Rio de Janeiro. Outra iniciativa regional foi o “Compendio Pratico de Gymnastica”, publicado em Ouro Preto por Antonio Martiniano Ferreira e adotado pelo Estado de Minas Gerais. Entre as obras que circularam em mais de um Estado encontra-se a “Gymnastica nas Aulas” de Manoel Baragiola, publicada e adotada em São Paulo, e que também circulou no Paraná. Fazendo o caminho inverso, títulos como o “Homem Forte”, de Domingos Nascimento, foi publicado e adotado no Paraná e também adotado pelo Estado de São Paulo. Outra obra que circulou em São Paulo, mas que teve grande difusão em Minas Gerais foi o “Tratado Pratico de Gymnastica Sueca”, de Ludwig Kumlien. Por outro lado, livros como o “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar” de Pedro Manuel Borges, publicado e adotado do Rio de Janeiro, também circulou no Estado de Minas. Mesmo produzidos em contextos diferentes, por autores diferentes, todos esses manuais foram adotados, adquiridos e enviados às escolas, seja através de compras e remessas feitas pelos Estados, seja constando nos acervos das bibliotecas escolares. Nota-se, em alguns casos, a solicitação de exemplares por parte dos diretores das escolas ou até mesmo pelos próprios professores. Foi através desses manuais que os professores puderam se basear para ministrar as aulas de ginástica, garantindo, com isso, a educação física das crianças.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. BH: Autêntica, 2008.

CHOPPIN, A. Pasado y presente de los manuales escolares. In: BERRIO, J. (Org.). *La cultura escolar de Europa*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000.

_____. História dos livros e das edições didáticas. In: *Educação e pesquisa*, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

SCHRAGRODSKY, P. (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

FONTE DE FINANCIAMENTO

O presente trabalho contou com o apoio financeiro da CAPES.

¹ Doutor em Educação pela UFMG. Endereço eletrônico: diogopuchta@yahoo.com.br.

O DIÁLOGO ENTRE O MÉTODO NATURAL AUSTRIACO E A GINÁSTICA FEMININA NO BRASIL (1950 A 1970)

Cássia Danielle Monteiro Dias Lima¹

Fernanda de Melo Grifo Taveira²

PALAVRAS-CHAVE: Método Natural Austríaco; Ginástica Feminina; Formação Docente

INTRODUÇÃO

Neste texto nos propomos a apresentar o diálogo estabelecido entre o Método Natural Austríaco e a Ginástica Feminina no âmbito da formação de professores de Educação Física, entre 1950 e 1970. O estudo foi desenvolvido segundo os procedimentos metodológicos da pesquisa histórica, utilizando fontes documentais de natureza diversa.

Vários questionamentos motivaram a realização deste estudo, entre eles: O que foi definido como Ginástica Feminina? Quais saberes eram considerados importantes para a formação docente? O que se esperava da formação feminina era correspondente ao que fora proposto no Método Natural Austríaco?

A citação do protagonismo de Streicher e Gaulhofer no processo de sistematização e aplicação do Método Natural na Áustria foi uma constante nas fontes analisadas. Segundo Amsler (1957, p. 49) Streicher e Gaulhofer apresentaram quatro tipos de exercício: I – exercícios de compensação; II – exercícios formativos; III – exercícios de *performance*; IV – exercícios de movimento artístico. Na lista de exemplos encontram-se movimentos: cotidianos, esportivos, de base, acrobáticos, rítmicos e de dança (AMSLER, 1957). Mais tarde, o sistema é retomado por Burger e Groll que mantiveram a divisão de movimentos, entretanto estabeleceram entre eles uma hierarquia, na qual a compensação e a estética do movimento se subordinam à Eumorfia e à *performance*.

O plano de aula sugerido no Método era estruturado em quatro partes: 1^a) Introdução; 2^a) Formação corporal e educação de movimentos; 3^a) *Performance* ou habilidades artísticas; 4^a) Volta à calma (SCHMIDT, 1965).

Analisamos os planos de ensino das disciplinas ofertadas nos cinco cursos da Escola de Educação Física de Minas Gerais: Superior de Educação Física, Técnica Desportiva, Educação Física Infantil, Medicina Aplicada e Massagem Aplicada à Educação Física.

No ano de 1968 o Método Austríaco foi uma unidade didática da cadeira de Ginástica Feminina, dos Cursos Superior de Educação Física e Educação Física Infantil, ministrada

pelas professoras Marluce G. Gomes e Maria da Conceição M. Bomfim³. Para a primeira série do Curso Superior era solicitado que as alunas compusessem aulas sobre o método Natural Austríaco, bem como Calistenia, Ginástica Sueca. Já para a segunda série do Curso de Educação Física Infantil, a proposta era formular aulas e aplicar o Método na prática. As alunas da terceira série do mesmo curso elaboravam planos de aula e faziam a prática profissional através de estágios para aplicar os métodos supracitados. Parece que o Método não foi abordado com o intuito de substituir outro anteriormente adotado, mas sim que ocorreu a coexistência dos mesmos, sendo o Método Natural tratado como uma das possíveis opções de sistematização do ensino da ginástica feminina.

Encontramos menção ao Método nos pontos sorteados para as provas teóricas e práticas prestadas por professores candidatos às cadeiras de educação física em escolas estaduais e encontramos seis provas práticas sobre o Método Natural Austríaco dentro do tema Ginástica (OLIVEIRA, 2014). O que aponta uma correlação entre o método e a ginástica. Ainda não conseguimos precisar a origem e destino de tal influência. Mas identificamos algumas correspondências: na didática de ensino, nas sugestões de atividades, na construção dos roteiros de ensino, nas bases teóricas, entre outros.

Localizamos o livro “Ginástica Rítmica Escolar”, escrito por Erica Saur (n.d), que utiliza como uma de suas referências a obra de Burger e Groll, publicada em 1959. Inezil Penna Marinho (n.d) afirma que a “influência austríaca” na ginástica foi muito mais evidente na ginástica feminina e que as professoras Érica Saur, Margareth Froelich e Illona Peuker intermediariam esse diálogo.

Acreditamos na importância de investigar mais sobre o tema para sua melhor compreensão.

REFERÊNCIAS

AMSLER, J. (1958, dez). A doutrina austríaca de Educação Física. *Boletim de Educação Física*. Ano VII, n. 16.

MARINHO, I. P. (s/d). *Sistemas e Métodos de Educação Física*. São Paulo: Cia Brasil, 4ª edição.

LIMA, C.D.M.D ; TAVEIRA, F. M. G (2015). A participação do professor Gerhard Schmidt nas Jornadas Internacionais de Educação Física e a circulação do Método Natural Austríaco em Belo Horizonte (1957-1962). In: *Anais do 8º Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação de Minas Gerais - COPEHE-MG*.

OLIVERIA, G. (2014). *Concursos Públicos para provimento de Cadeira de Educação Física em Escolas Estaduais Mineiras (1960-1974): o lugar da Escola de Educação Física de Minas*

Gerais. Dissertação (Mestrado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte.

SAUR, E. (n.d). *Ginástica Rítmica Escolar*. São José do Rio Preto: Editora Tecnoprint S.A.

SCHMIDT, G. (1965). *Gimnasia natural y recreación*. 2ª edición, Buenos Aires: Vertical XX Editora, SEA.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pela FAPEMIG (Edital 07/2014/PIBIC/UEMG/FAPEMIG) e realizada no período de março de 2015 a fevereiro de 2016.

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Faculdade de Educação da UFMG-Brasil. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais. Membro e pesquisadora do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF-UFMG) e do Grupo de Pesquisa em História do Corpo, da Educação Física e do Esporte da UEMG – Unidade Ibitité. Endereço eletrônico: cássia.danielle@yahoo.com.br

² Graduanda do Curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG. Membro do Grupo de Pesquisa em História do Corpo, da Educação Física e do Esporte da UEMG – Unidade Ibitité. Endereço eletrônico: fernandagriffo@yahoo.com.br

³ Plano de ensino da disciplina Ginástica Feminina - Marluce Guimarães Gomes e Maria da Conceição Moura Bomfi. Acervo do CEMEF. Acervo Institucional.

EDUCAÇÃO, CORPO E NATUREZA – APONTAMENTOS SOBRE O EMÍLIO DE
ROUSSEAURachel Ramos de Souza¹*PALAVRAS-CHAVE: educação do corpo; natureza; Emílio; Rousseau*

INTRODUÇÃO

Emílio, ou da Educação é uma obra escrita por Jean-Jacques Rousseau em que são apresentadas uma série de discussões que passam a permear o âmbito pedagógico a partir da segunda metade do século XVIII. Rousseau desenvolve uma proposta pedagógica sustentada na vivência de experiências proporcionadas em meio à natureza. E, neste sentido, o corpo aparece como um instrumento pelo qual se configura a aprendizagem; o primeiro meio de interação da criança com o mundo externo tanto que o autor explica que: “No que diz respeito ao que chamaremos a parte sistemática, que aqui não é senão a marcha da natureza, é ela que mais desconcertará o leitor; será também por aí, sem dúvida, que me atacam, e talvez com alguma razão”. (ROUSSEAU, 2014, p.4)

Na busca da natureza Rousseau escolhe um discípulo imaginário que seria acostumado a sentir a terra, a água, o ar e ter contato com as plantas e elementos da natureza que o rodeiam. O autor enuncia, através de sua proposta pedagógica, uma crítica ao uso da razão e mostra, com a existência de uma natureza física, um caminho pelo qual seria capaz de se educar plenamente o homem. As prescrições expostas no **Emílio** concebem uma formação através das práticas e vivências corporais, das vestes, da interação com o ambiente e com os elementos da natureza.

O objetivo deste trabalho é expor algumas das considerações levantadas por Rousseau, na obra **Emílio** a respeito da educação do corpo pela natureza, bem como apontar algumas particularidades da proposta pedagógica apresentada nesta obra que posteriormente seriam absorvidas por pedagogos e teóricos dedicados à educação corporal.

A educação natural, como definida por Rousseau, consistiria em vivenciar a natureza e a partir desta interação desenvolver não só o corpo, mas também a mente. Inclusive a apreciação do espaço e do comportamento dos elementos naturais são importantes para a educação do discípulo. O autor propõe que seu discípulo explore a natureza através de seus sentidos e aprenda não só a refinar suas sensações como também a conhecer o mundo que o rodeia tanto que ele explica: “Na procura das leis da natureza, começai pelos fenômenos mais

comuns e mais sensíveis, e acostumai vosso aluno a não tomar esses fenômenos por razões e sim por fatos”. (Rousseau, 2014, p.231)

A natureza, para Rousseau, é a fonte de conhecimento mais confiável e o erro das outras educações encontra-se em separar o homem da natureza e priorizar apenas o saber da razão. O corpo em conjunto à razão deveria ser educado e, para Rousseau, é concebido como um elemento importante do processo de aprendizagem. O conceito de educação apresentada no **Emílio** e as prescrições referentes ao fortalecimento e constituição do corpo fazem parte de um novo movimento que irá se configurar a partir do século XVIII através de médicos e pedagogos, impulsionando um novo direcionamento das pedagogias referentes ao corpo. Esta obra traz à tona a importância da natureza para o desenvolvimento de uma nova corrente para a educação dos corpos.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editora Ltda, 2002.
- CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1999. 141 p.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Tratado das sensações**. Trad. Denise Bottman. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- LENOBLE, Robert. **Historia da ideia de natureza**. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 1990. 367p.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio, ou, Da educação**. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2014.
- SILVA, Ana Márcia e DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In:__(orgs). **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em Educação Física**, Florianópolis: Naembla Ciência e Arte, 2005a. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume1.pdf> Acesso em 16 de março de 2015
- SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo in GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo(Orgs.). 3ª. Ed. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2014, p. p. 219-225.
- STAROBISNKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo - Seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. Campinas: Companhia das Letras, 2010.
- VIGARELLO, Georges. **Le corps redresse : histoire d'un pouvoir pedagogique**. Paris : A. Colin, 2004. 237p.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Schwarcz, 1989.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Este trabalho é fruto de uma dissertação de Mestrado que foi financiada pela CAPES.

¹ Mestre em Educação pela UNICAMP. Contato: rachel.ramos@gmail.com

**A RELAÇÃO BRASIL /ALEMANHA NA EEF-UFMG:
VESTÍGIOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (DÉCADA DE 1970)**

Fernanda Cristina dos Santos¹

Meily Assbú Linhales²

PALAVRAS-CHAVE: Relação Brasil/Alemanha; Formação de professores; EEF-UFMG; Regime Militar pós-1964;

Este trabalho é parte constitutiva de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no campo da História da Educação, que objetiva investigar os modelos de cientificidade e de ensino tomados como referências na formação de professores realizada na EEF-UFMG, a partir das relações estabelecidas entre Brasil e Alemanha durante o Regime Militar pós-1964. Para o recorte aqui apresentado, abordaremos um curso de extensão universitária ministrado na Escola durante a década de 1970, que contou com a presença de professores, conhecimentos e práticas vindos do país europeu. Nesse sentido, este pequeno ensaio propõe, a partir de fontes pertencentes ao Acervo do Cemef/UFMG, e ancorado nos pressupostos da abordagem micro-histórica (REVEL, 1998), desenhar a presença alemã no processo de aperfeiçoamento de professores de Educação Física, analisando os possíveis modelos de ciência e de ensino a ele atrelado.

Os anos da ditadura militar se caracterizaram como um período importante na produção de políticas referentes à Educação Física e ao Esporte pelo governo federal. Além de uma “atmosfera popular” de incentivo a prática de esportes e atividades físicas era de preocupação do Estado o investimento na produção de pesquisa empírica para Educação Física, o aperfeiçoamento do corpo docente das universidades e o melhoramento da formação de professores. Como uma importante medida, encontrava-se o *Convênio de Assistência Técnica Brasil/Alemanha*, e através deste, o projeto “*Intercâmbio Técnico Internacional relacionado à Educação Física e Desportos*”, do DED-MEC. Esta parceria possibilitou a circulação de métodos científicos e de ensino entre a Escola Superior de Esportes de Colônia, na Alemanha, e várias instituições de Educação Física do Brasil, mediada tanto por professores brasileiros que foram se especializar no país europeu, quanto por professores alemães que vieram ministrar cursos de especialização e extensão.

No âmbito da EEF-UFMG, durante a década de 1970, foram realizados cursos de pós-graduação e de extensão universitária, viabilizados pela parceria DED-MEC e DAAD

(Serviço Alemão de Intercâmbio). O *Curso de Atualização de Métodos e Processos de Aprendizagem nos Esportes*, realizado em 1977, destinado aos professores com Licenciatura Plena em Educação Física, mas com prioridade para os da área universitária, ficou a cargo de Lisellot Diem e August Kirsch, ambos professores da Escola de Colônia. Em linhas gerais, o curso abordou questões afeitas ao processo de aprendizagem dos esportes que vão desde a conduta do professor, passando pelo planejamento de aulas, organização dos conteúdos, metodologias de ensino, entre outras. Fator importante a ser destacado na análise da documentação é a abordagem do curso por um viés primordialmente didático-pedagógico, que buscava considerar tanto questões referentes à aprendizagem dos gestos motores, quanto das condições de contexto do processo de ensino. Tal característica aponta para uma diversificação de propostas trazidas pelos alemães, no período estudado, em relação ao campo da Educação Física, visto que em outras iniciativas do Convênio, como por exemplo o Curso de Especialização em Biomecânica Desportiva, de 1976, a ênfase era dada aos conhecimentos referentes ao campo biológico, com destaque para processos de aferição do corpo e de suas capacidades (SANTOS, 2012).

Assim, propõe-se nesse estudo operar com a hipótese de que a presença alemã na EEF-UFMG nos anos do regime se deu de forma multifacetada, veiculando conhecimento e práticas de diferentes matrizes teóricas e metodológicas, contribuindo para a produção de distintas representações de Educação Física e para a complexidade de constituição do campo.

REFERÊNCIAS

LINHALES, Meily Assbú. (Relatório de pesquisa) **Modelos pedagógicos, formação docente e práticas escolares: o ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1947-1977)**. Belo Horizonte, 2014.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: a Experiência da Microanálise..** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Fernanda Cristina Dos. Da especialização a formação docente: vestígios de práticas no Curso de Especialização em Biomecânica Desportiva da Escola de Educação Física da UFMG, 1976 **In: Anais da VII Semana de História Política e IV Seminário Nacional de História: Política Cultura & Sociedade**. Rio de Janeiro, 2012.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, da FaE/UFMG (nandacsantos00@yahoo.com.br).

² Prof.^a Dr.^a do Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, da FaE/UFMG (meily_linhales@yahoo.com.br).

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL (1976-1979): A IMPRENSA DE
EDUCAÇÃO E ENSINO EM QUESTÃO**Bruno Duarte Rei¹

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação Física; Educação Física escolar; imprensa de educação e ensino; ditadura militar (Brasil).

A configuração da Educação Física escolar no período da ditadura militar é um campo de investigação pouco explorado. Após levantamento bibliográfico, constatei que, fora os trabalhos de Beltrami (1992), Taborda de Oliveira (2001), Pinto (2003; 2012), Rosa (2006), Araújo (2011) e Rei (2013), não existem estudos que abordam especificamente o assunto. Entre outros objetos, o que escapou aos poucos estudiosos do tema foi uma análise mais detida dos periódicos especializados em Educação Física. Dos treze em circulação no país (FERREIRA NETO *et al.* 2002), apenas a “Revista Brasileira de Educação Física e Desportos” (1968-1984), editada pelo Ministério da Educação e Cultura, e a “Revista de Educação Física” (1976-1979), editada pela Escola de Educação Física do Exército, receberam olhares mais detidos por parte de pesquisadores (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001; REI, 2013). Neste trabalho, discuto notas preliminares de uma pesquisa que analisa, entre 1976 e 1979, as tensões entre as concepções de Educação Física escolar expressas na imprensa especializada da área e na documentação oficial referente ao ensino desse componente curricular. Debato, mais especificamente, as estratégias iniciais por mim utilizadas para verificar a hipótese que a imprensa especializada da área, mais do que uma porta-voz do regime militar, caracterizou-se, potencialmente, como um elemento dificultador da implementação das estratégias oficiais de conformação da Educação Física escolar no Brasil (1976-1979). Suspeito que, ao pôr em circulação concepções alternativas sobre o componente curricular, os impressos especializados em Educação Física geraram, muitas vezes contraditoriamente, condições para que os profissionais da área pudessem se apropriar de fundamentos distintos dos contidos no modelo propagado pela ditadura militar por meio da “Política” e do “Plano Nacional de Educação Física e Desportos” (BRASIL, 1976).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wesley Batista. *Educação Física escolar no período da ditadura militar em Jundiaí - SP (1964-1985)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2011.

BELTRAMI, Dalva Marin. *A Educação Física no âmbito da política educacional no Brasil Pós-64*. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Filosofia da Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.

BRASIL. *Lei nº 6.251/75. Política Nacional de Educação Física e Desportos. Plano Nacional de Educação Física e Desportos – PNEFD*. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1976.

FERREITA NETO, Amarílio *et al.* *Catálogo de periódicos de Educação Física e esporte (1930-2000)*. Vitória: PROTEORIA, 2002.

PINTO, Joélcio Fernandes. *Memórias de professores/as de Educação Física sobre formação e práticas pedagógicas (1950 a 1970)*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

_____. *Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos DEDINHO (1968-1974)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

ROSA, Juliano de Melo da. *Nas vozes de um mesmo tempo: a Educação Física institucionalizada no período da ditadura militar em Cacequi - RS*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Filosofia da Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

¹ Doutorando em História (Universidade Federal Fluminense). Doutorando em Educação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). E-mail: <br.duartere@gmail.com>.

O ARQUIVO PESSOAL DO PROFESSOR ODILON FERRAZ BARBOSA: INDÍCIOS SOBRE O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DA RECREAÇÃO EM BELO HORIZONTE (DÉCADAS DE 1950 A 1970)

Anderton Taynan Rocha Fonseca¹

Jean Carlo Silva Chagas²

Meily Assbú Linhales³

PALAVRAS-CHAVE: história da educação física; recreação, arquivos pessoais; Belo Horizonte.

No Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer (CEMEF), na UFMG, estão organizados variados acervos cuja potencialidade para a pesquisa histórica podemos reconhecer. Dentre eles destacamos os Arquivos Pessoais de Professores, com especial atenção ao Fundo Odilon Ferraz Barbosa (FOFB). Este professor, de presença marcante na Educação Física mineira, também atuou como representante da Associação Brasileira de Recreação e como professor no Colégio Estadual Central, onde lecionou no período de 1956 a 1980. O processo de organização física e intelectual desse Fundo nos permitiu identificar a pertinência de se investigar esse sujeito, em face à sua atuação nas escolas, bem como na formação de novos professores, destacando aí o seu protagonismo no processo de organização da disciplina de Recreação, que ministrou na Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG) por mais de uma década. As atividades profissionais do Prof. Barbosa nos permitem analisar conexões entre a Educação Física e a Recreação, bem como investigar o papel de um professor nos processos de constituição de disciplinas escolares.

Metodologicamente, esse estudo se estabelece a partir de uma revisão da literatura e do levantamento e análise das fontes disponíveis no acervo do CEMEF/UFMG. Concordamos com Gabriela Arantes (2013) quando afirma que as disciplinas escolares são constituídas por dispositivos diversos (tanto internos como externos à escola), e que são também participantes da construção das instituições escolares. Tais constatações nos fazem refletir sobre o fato de que as disciplinas são modeladas e modelam a escola. Os estudos da autora confirmaram que a configuração construída para a Educação Física no Colégio Estadual esteve sempre permeada pelas relações que seus professores estabeleceram com a instituição, com as escolas anexas, a cidade, o esporte, etc.

Arantes (2013) identifica que o Professor Odilon Ferraz Barbosa teve participação ativa na organização, no planejamento e no desenvolvimento da disciplina de Educação Física no Colégio Estadual, destacando-o como uma presença central na escolarização da Educação Física dessa instituição. Tal aspecto é confirmado por diferentes documentos existentes em seu acervo pessoal. Além disso, vale ressaltar, que uma das formas de se tornar professor naquela escola era por meio de indicação e o Prof. Barbosa recomendava alguns de seus ex-alunos na EEF-MG para ocupar o cargo, tornando-se uma referência pedagógica para esses jovens docentes. O estreito relacionamento que este professor tinha com seus alunos é dado a ver nas placas de homenagem, nos bilhetes de agradecimento, dedicatórias e outros tipos documentais que, no FOFB, revelam uma forma peculiar de agir e de ser professor. Também analisamos o protagonismo do Professor Barbosa na Recreação e na forma como contribuiu para que este tema fosse apropriado pela Educação Física. Ele ministrou diversos cursos sobre o assunto em cidades de Minas Gerais e em outros estados, como fica evidenciado nos diplomas, certificados e na correspondência de agradecimento encontrada no seu Arquivo.

Nosso propósito de melhor conhecer o professor Barbosa, a partir de seu Arquivo Pessoal, permite confirmar que “preservar e pesquisar o passado do que fomos e fizemos em tempos sociais diversos são maneiras de lutar contra o apagamento de experiências humanas”, como afirma Linhales et al. (2011, p. 2).

REFERÊNCIAS:

ACERVO DO CEMEF. Arquivos Pessoais de Professores. Fundo Odilon Ferraz Barbosa. EEEFTO/UFMG, Minas Gerais.

ARANTES, Gabriela Villela. A Educação Física em Cena: Olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973) Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/UFMG, 2013.

LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. Ensino e formação: “os mais modernos conceitos e métodos” em circulação nas jornadas internacionais de Educação Física (Belo Horizonte, 1957 -1962) Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/UFMG, 2012.

LINHALES, Meily Assbú et al. Organização de Acervos Arquivísticos: A Experiência do Centro de Estudos sobre a Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG), 2011. Trabalho apresentado no 6º CBHE, Vitória, 2011.

¹ Graduando de Educação Física na EEEFTO/UFMG. Endereço eletrônico: anderton@hotmail.com.

² Graduando de Educação Física na EEEFTO/UFMG. Endereço eletrônico: chagas1912@gmail.com.

³ Prof.^a Dr^a do Departamento de Educação Física da EEEFTO e do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG. Endereço eletrônico: meily_linhales@yahoo.com.br.

**HISTÓRIAS DA HISTÓRIA DO ESPORTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA:
RELATOS DE UMA DÉCADA DE PESQUISAS E APLICAÇÃO.**Fernando Paulo Rosa de Freitas¹Luiz Gustavo Bonatto Rufino²*PALAVRAS-CHAVE: História; Esporte; Escola; Educação Física.*

Dentre as diversas orientações que o atual Currículo do Estado de São Paulo trouxe para a Educação Física a partir do ano de 2008, destaca-se a que propõe o ensino do processo histórico do esporte e de outros conteúdos dessa disciplina, entre o 6º ano do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio (SÃO PAULO, 2012, p. 233 a 258). Para tanto, o próprio material didático oferecido pelo Estado traz informações históricas e sugere aos alunos que as complementem por meio de pesquisas, trabalhos individuais ou em grupo.

A importância dada a abordagem do processo histórico dos conteúdos da Educação Física durante as aulas, porém, não se restringe ao currículo paulista. Outros documentos oficiais, ainda que não utilizem o termo “processo histórico”, também valorizam seu conhecimento. Exemplo disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais, que sugerem que os conteúdos da Educação Física deveriam ser abordados “[...] como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos”. Tal proposta se baseava no conceito de um “corpo sociocultural”, e buscava superar aspectos predominantemente biológicos da disciplina (BRASIL, 1998, p. 29). Já a Base Nacional Comum Curricular, documento que deve orientar a educação brasileira nos próximos anos, destaca que um dos objetivos gerais da Educação Física é levar o aluno a “[...] compreender a origem e a dinâmica de transformação das representações e práticas sociais que constituem a cultura corporal do movimento (BRASIL, 2016, p. 97) ”.

Amparados por essas orientações oficiais e, realizando projetos em parceria com a Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Rio Claro, a abordagem da história dos esportes e de outros conteúdos da Educação Física na E.E. Prof. Odilon Corrêa teve início no ano de 2006. O aprofundamento e os desdobramentos desse trabalho resultaram na preservação de parte da memória esportiva local e regional, na elaboração de materiais pedagógicos e projetos interdisciplinares e, na produção e implementação de aulas diferenciadas, especialmente no que se refere a motivação e aprendizado dos alunos e a

articulação de conhecimentos. Esses trabalhos, por sua vez, vêm sendo divulgados por diferentes meios, como: livros, artigos científicos, apresentações em congressos, entre outros.

Ao mesmo tempo em que se realizam esses trabalhos, a história da própria escola e da participação de seus alunos nas aulas de Educação Física e nos eventos esportivos também são objetos de preservação. Arquivos de imagens e vídeos têm ajudado a contar as novas gerações de alunos as transformações pelas quais a escola passou e as lutas e conquistas da comunidade escolar em anos passados.

Ainda que o ensino do processo histórico do esporte e de outros conteúdos da Educação Física já conste em documentos oficiais, pelos trabalhos realizados na E.E. Prof. Odilon Corrêa observou-se que tal proposta pode avançar para além da questão conceitual, apresentada, geralmente, de maneira introdutória ou ilustrativa nas aulas. A história dos esportes nessa unidade escolar tem servido, por exemplo, como base para discussões e elaboração de atividades práticas.

Dado a continuidade desses trabalhos, diferentes objetivos e aplicações para a história dos esportes e de outros conteúdos da Educação Física vêm sendo implementadas ao longo dos anos nessa unidade escolar. Sendo a história tão vasta e, sendo as necessidades e interesses de uma escola tão dinâmicos, visualizam-se grandes possibilidades nesse sentido, sendo que algumas já estão em andamento e, outras, ainda idealizadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Versão Inicial**. Brasília: ME, 2016. 302 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 115 p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: SE, 2012. 260 p.

¹ Mestre em Ciências da Motricidade Humana, Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, fer_edfis@hotmail.com

² Doutorando em Ciências da Motricidade Humana, Universidade Estadual Paulista, gustavo_rufino_6@hotmail.com

OS PRIMEIROS ANOS DO RÚGBI EM SÃO PAULO (1891-1933)

Victor Sá Ramalho Antônio

Universidade de São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: História do Rúgbi; República Velha; Esporte em São Paulo

“[...] não cremos que o cestobol possa competir com o futebol [...] O mesmo, porém, não se dá com o rúgbi [...] quando surgir em São Paulo a Federação de rúgbi e de beisebol, com seus campeonatos regularmente disputados, estamos a profetizar, senão a decadência, pelo menos a perda de parte da popularidade do futebol associação” (Suplemento Esportivo de A Gazeta, de 18 de março de 1929)

Regulado pela primeira vez em 1845, na Escola de Rugby (Rugby School), na Inglaterra, o rúgbi tem seu desenvolvimento intimamente ligado à Inglaterra da Revolução Industrial, ao “processo civilizador”, como teorizado por Norbert Elias, e ao contexto da pedagogia inglesa do século XIX, como defendem Eric Dunning e Kenneth Sheard (DUNNING & SHEARD, 2005), debruçando-se sobre os esportes no século XIX inglês.

No Brasil, o rúgbi tem longo histórico de prática, ainda que tímida. A expansão recente do rúgbi no país aliada à reintrodução do esporte nos Jogos Olímpicos, fazendo sua reestreia nos jogos do Rio de Janeiro em 2016, levaram à sua “descoberta” pela grande mídia, alimentando a falsa impressão de que o rúgbi é uma prática nova no Brasil ou exótica, de passado obscuro. A ideia de um esporte sem memória é incondizente com o passado ainda não devidamente sistematizado de uma prática antiga no Brasil.

Este trabalho a ser apresentado é fruto das impressões preliminares do trabalho de mestrado em andamento, que se propôs a realizar um primeiro estudo sistemático e crítico acerca da introdução e difusão inicial do rúgbi em São Paulo, dialogando com os estudos sobre os processos análogos relativos ao futebol. Trata-se do questionamento norteador do porquê da ampla difusão da prática do futebol no Brasil, em oposição a outras práticas esportivas coletivas introduzidas no mesmo contexto, tomando por foco o rúgbi, cuja origem britânica e período de introdução no país estão intimamente conectados ao futebol.

A vasta literatura nos campos da História Social, da Sociologia e da Antropologia acerca da introdução do futebol em São Paulo, sua difusão, popularização, profissionalização e apropriação cultural processadas entre a última década do século XIX e os anos 1930, por exemplo, contrastam com a ausência de pesquisas acerca do rúgbi no mesmo período, mas oferecem uma gama de reflexões e análises para nortear trabalhos que se voltem para o rúgbi.

O trabalho se restringe ao contexto específico da cidade de São Paulo e busca compreender o espaço e o papel destinados ao rúgbi nos *clubs* esportivos paulistanos. Temporalmente, o período selecionado vai dos anos 1890 – a partir da instauração da República no Brasil e dos primeiros documentos identificados que atestam a prática do rúgbi no Brasil – a 1933 – data que coincide com a oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro e com mudanças políticas significativas no Brasil, com o fim da Primeira República.

Tal escolha espacial e temporal se fez necessária a fim de restringir o trabalho a um período já muito estudado acerca do futebol e dos esportes no país, associando as práticas aos projetos modernizadores das elites brasileiras e às transformações que as cidades sofreram no período. São Paulo, nessa perspectiva, se torna um espaço privilegiado e acessível para a investigação, pela forte presença de imigrantes, pelo poder econômico e por suas intensas transformações urbanas (GAMBETA, 2013).

O maior volume de fontes documentais utilizadas é composto de jornais pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, pela qual foi possível constatar a prática do rúgbi em regiões onde parte da historiografia sobre o futebol pouco analisou (GIGLIO & SPAGGIARI, 2010) e abarcar o longo período de 1891 a 1930. Soma-se à consulta de vinte e dois títulos, nos quais foram encontradas referências ao rúgbi, entre as décadas de 1890 e 1930, a busca nos jornais *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, por meio de seus arquivos digitais.

Para compreender as relações sociais que envolveram a prática do rúgbi na República Velha, lançou-se mão tanto da sociologia configuracional de Elias, colocando a institucionalização do esporte, e suas constantes mutações, como aspecto essencial para se compreender as relações entre a penetração e significação do rúgbi dentro dos círculos de praticantes, quanto da teoria dos campos de Bourdieu, objetivando identificar e trazer à crítica os objetivos dos agentes sociais envolvidos e as disputas entre os mesmos, colocando o rúgbi dentro de uma perspectiva maior no campo esportivo daquele momento.

REFERÊNCIAS

- DUNNING, E. & SHEARD, K. *Barbarians, Gentlemen and Players: A sociological study of development of rugby football*. London and New York: Routledge, 2005.
- GAMBETA, Wilson R.. *A bola rolou: O Velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895 – 1916)*. São Paulo: Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, 2013.
- GIGLIO, Sérgio Settoni & SPAGGIARI, Enrico. *A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)*. São Paulo: Revista de História, n. 163, p. 293-350, 2010.

TOUCHDOWN: ESPORTE ESPETÁCULO CIRCUNSCRITO NA OBRA “QUEBRA DE CONFIANÇA” DE HARLAN COBENLaís Cristyne Alexandre dos Santos¹Larissa Jensen²André Mendes Capraro³*PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Espetáculo; Literatura; Romance Policial.***INTRODUÇÃO**

A obra “Quebra de Confiança” (2011), de Harlan Coben, apresenta em seu enredo o primeiro caso do personagem Myron Bolitar, um ex-jogador de basquete que se tornou agente esportivo e atua como investigador, uma vez que um de seus atletas agenciados envolve-se em um crime.

Enquanto fenômeno social contemporâneo, o espetáculo já foi abordado por diferentes estudiosos, que relacionaram o tema à diferentes aspectos, por exemplo, espetáculo televisivo (MARTINS, 2013) e esporte-espetáculo (BOURDIEU, 1983. O espetáculo esportivo, enquanto manifestação específica do espetáculo, refere-se ao esporte como entretenimento, que influencia a apropriação de significados sobre o fenômeno esportivo. Bourdieu (1983, p.9), ao apresentar o conceito de esporte-espetáculo, infere que “O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business”. Portanto, o objetivo do presente estudo é analisar as manifestações do esporte espetáculo refletidas no primeiro caso da série literária Myron Bolitar, de Harlan Coben.

Desse modo, utilizar-se-á como metodologia a análise literária, sob a proposta de Antônio Candido (2000), que considera como estruturantes das obras literárias o texto e o contexto, bem como elementos constituintes da própria obra. E, tendo o elemento histórico como constituinte da literatura, segundo o autor emergem diferentes modalidades de estudos sobre as obras, um dos quais aqui empregar-se-á: “Estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade[...] consistindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro” (CANDIDO, 2000, p.10).

O livro, destaca, por meio de reflexões do personagem principal, elementos das modalidades esportivas, mas principalmente o futebol americano, esporte praticado pelo atleta

investigado, desvelando as corrupções que envolvem as negociações no esporte, bem como interesses financeiros que envolvem os patrocinadores da modalidade, como é possível verificar: “Christian ganharia mais dinheiro gravando um comercial hipócrita por três dias do que trombando com marmanjos suados e superdesenvolvidos durante toda a temporada” (COBEN, 2011, p. 53).

Fernanda Massi, ao estudar romances policiais tradicionais e romances policiais contemporâneos, constatou que o segundo passou a destacar nos enredos aspectos de relevância social, tais como corrupção, falta de ética, impunidade, hipocrisia, entre outros (MASSI, 2011, p. 134).

Por meio da análise do primeiro livro da série policial “Myron Bolitar”, do autor americano Harlan Coben, foi possível constatar que a obra reflete características do meio esportivo, com críticas ao esporte espetáculo e referências constantes à distintas modalidades, além do futebol americano. Harlan Coben, enquanto escritor contemporâneo, abarca tais características no livro por meio do personagem principal, constituindo elementos escusos presentes nas negociações esportivas, rivalidades entre atletas, diplomacia nos esportes, assédio moral e profissional, estabelecendo junto ao público leitor, uma apropriação unilateral do fenômeno esportivo.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo?. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-156. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202015/ELS/WM-Como%20C3%A9%20poss%C3%ADvel%20ser%20esportivo%20P.%20Bourdieu.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2016.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, T. A. Queiroz, 2000.
- COBEN, H. **Quebra de Confiança**. São Paulo: Arqueiro, 2011.
- MARTINS, C. **O que merece ser notícia na televisão? O domínio da informação-espetáculo**. 57 f. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. Relatório de Estágio de Mestrado. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/23663/1/Relat%C3%B3rio%20de%20est%C3%A1gio.pdf>>. Acesso em: 30 de março de 2016.
- MASSI, Fernanda. **O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579832130. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109189>>. Acesso em: 30 de março de 2016.

¹ Mestranda em Educação Física – Universidade Federal do Paraná. lais.cris@hotmail.com.

² Mestranda em Educação Física – Universidade Federal do Paraná. lari-jensen@hotmail.com.

³ Doutor em História – Universidade Federal do Paraná. andrecapraro@onda.com.

MATCH-FIXING: UMA VIOLAÇÃO DE REGRAS NAS COMPETIÇÕES DE ESPORTS

Larissa Jensen¹

Laís Cristyne Alexandre dos Santos²

André Mendes Capraro³

PALAVRAS-CHAVE: E-Sports; Games; Jogos; Match-fixing.

INTRODUÇÃO

De maneira geral, esportes eletrônicos são games que são jogados de forma competitiva. Fenômeno recente, somente a partir da primeira década do novo milênio games passaram a ser conhecidos como “e-Sports”, pois foi nesse momento que o índice de audiência desses campeonatos cresceu significativamente, em conjunto com o aumento do número de jogadores e equipes profissionais e, também, com as premiações em dinheiro (PEREIRA, 2014). Esses games competitivos têm se aproximado mais dos preceitos esportivos do que dos de jogo. O jogo é uma atividade voluntária, logo um game, que na maioria das vezes é praticado em tempo de lazer, também é ocorre pela vontade de seu jogador, ao mesmo tempo é evasão da “vida real”, portanto lúdico (HUIZINGA, 1999). A ludicidade que contém um jogo é vista como algo que estimula, diverte, desafia, surpreende e possibilita diferentes estímulos sensoriais. “Todas as situações ocorridas ou originadas a partir de um jogo eletrônico são, de alguma forma, pré-concebidas em sua programação” (ABREU, 2003, p.10), ou seja, todos os games são configurados, mesmo que previamente, por programadores. Porém, um jogo deixa de ser considerado como tal a partir do momento que o acaso ou a sorte não tem mais um papel predominante no mesmo (HUIZINGA, 1999).

Atualmente, alguns games bastante populares e com praticantes profissionais, vem buscando a sistematização e a regulamentação na tentativa de alçar o jogo ao status de esporte. Isto implica em parte, na perda das características lúdicas desse, pois, o caráter de obrigatoriedade e responsabilidade tendem a transformá-lo em uma atividade semelhante a atividade profissional. Serão apresentadas nesse estudo fontes jornalísticas, com enfoque nos fatos ocorridos recentemente acerca das combinações de resultados nesse meio também conhecido como e-Sports.

O objetivo desse artigo é apresentar uma análise do fenômeno social dos e-Sports, pautando-se nos casos recentes de combinações de resultados nos jogos: League of Legends,

CS:GO e Starcraft II, tendo em vista que as punições dadas por parte de suas organizações responsáveis foram, na maioria dos casos, bastante rigorosas. A metodologia utilizada para a análise foi a da História do Tempo Presente pois ela se aproxima da narrativa jornalística. Para a historiadora Tania Regina de Luca, só o fato do ocorrido ter se tornado notícia, faz-se levantar diversas questões acerca do caso, já que esse pode revelar aspectos da realidade que não são alcançados através de outros meios, (LUCA, 2005). As fontes analisadas nesse estudo foram encontradas no formato online, visto que fontes referentes aos jogos eletrônicos são mais acessíveis através do meio no qual os praticam e as demais fontes pela velocidade que a informação chega ao público.

Alguns fóruns mostram a insatisfação de alguns jogadores em relação a punição adotada pelas empresas responsáveis. Todas as empresas desenvolvedoras dos jogos citados, de um modo geral, se pronunciaram afirmando que baniriam todos os jogadores profissionais, managers ou membros de organizações que estivessem envolvidos com esquemas de apostas ou manipulações de resultados, pois para elas é uma forma de proteger o valor de entretenimento criado através dessas competições profissionais. A respeito disso, pode-se pensar que essas atitudes são estratégias para evitar que esses casos polêmicos se repitam no cenário competitivo dos games como ocorre, frequentemente, nos esportes tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. Videogame: um bem ou mal? Um breve panorama da influência dos jogos eletrônicos na cultura individual e coletiva. São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.andredeabreu.com.br/docs/videogames_bem_ou_mal.pdf. Acesso em: 24 março 2016.
- ESPN. "CS:GO": Valve bane permanentemente jogadores envolvidos em esquemas de matchfixing. 6 jan. 2016. Disponível em: . Acesso em: 20 março 2016.
- _____. League of Legends: Hong Kong Esports é multada por manipulação de resultado. 30 out. 2015. Disponível em: . Acesso em: 20 março 2016.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo, 1999.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.
- PEREIRA, S. K. O videogame como esporte: Uma comparação entre esportes eletrônicos e esportes tradicionais. Monografia – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Essa pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹ Mestranda em Educação Física – Universidade Federal do Paraná. lari-jensen@hotmail.com

² Mestranda em Educação Física – Universidade Federal do Paraná. lais.cris@hotmail.com

³ Doutor em História – Universidade Federal do Paraná. andrecapraro@onda.com.br

O ESPORTE NA IMPRENSA LONDRINENSE (1934-1960)Gabriel da Costa Modenuti¹Giulianna Cynara Vaz de Lima da Silva²Júlio Alberto Oliveira da Costa Moreira³Tony Honorato⁴*PALAVRAS-CHAVE: História; Esporte; Londrina; Imprensa.***INTRODUÇÃO**

Em 1934, o município de Londrina-PR emancipou-se politicamente passando, em curto tempo, de centenas de pessoas vivendo da cultura do campo para um aglomerado urbano na atualidade de aproximadamente 550 mil habitantes. Isso implicou em relações cada vez mais complexas, e provoca-nos a questionar qual foi o lugar ocupado pelo esporte na produção do modo de vida urbano. Assim, o presente estudo teve como objetivo identificar as práticas esportivas presentes no processo de constituição da cidade de Londrina, entre 1934 e 1960.

Para a pesquisa histórica contou-se com dois impressos: *Jornal Paraná Norte* (1934-1953) e *Jornal Folha de Londrina* (1952-1960). A periodização está circunscrita a partir do momento que o *Paraná Norte*, primeiro jornal local, começou a circular em 1934 e o fechamento, em 1960, remete ao tempo em que o *Jornal Folha de Londrina* apresenta-nos um volume substancial de notícias oportunizando um amplo conjunto de práticas esportivas. No período delimitado, o *Paraná Norte* tem 1.154 edições publicadas e o *Folha de Londrina* (1952-1960) tem 2.151 edições. Em Londrina, os exemplares dos jornais estão acondicionados no acervo do Museu Histórico “Pe. Carlos Weiss”, da Biblioteca Pública Municipal e do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

Os jornais foram tratados como fonte histórica. Para Luca (2006), a partir de 1960 com a emergência de *novas fontes*, emerge a possibilidade de *novas abordagens* temáticas, extrapolando assim o tradicionalismo da chamada *Escola Metódica*⁵. Temos assim a possibilidade de análise da dinâmica urbana empreendida pelos homens e propagada pelos periódicos, que são, conforme Cruz e Peixoto (2007), canais de informação e tomadas de posição de poder dos homens em sociedade.

No *Paraná Norte*, diversas práticas esportivas foram identificadas resultando em 87 notícias catalogadas, sendo 52 de futebol, 12 de agremiações esportivas, 11 de cestobol e 12

de modalidades individuais. Já no Folha de Londrina, até o presente momento da pesquisa, foram catalogadas 4.380 notícias sobre o esporte na cidade.

As notícias selecionadas e catalogadas estão distribuídas em 15 subcategorias: 1) Basquete; 2) Campanhas em prol do esporte; 3) Competições internacionais e nacionais; 4) Convocatórios de reuniões; 5) Equipes de futebol; 6) Ligas; 7) Contratação de jogadores e técnicos; 8) Jogos, excursões e chegada de clubes; 9) Notícias e entrevistas com técnicos e personalidades esportivas; 10) Notícias esportivas sobre a região; 11) Turfe, jóquei clube; 12) Partidas esportivas beneficentes; 13) Visitas e viagens de personalidades esportivas; 14) Vôlei; 15) Esportes diversos.

As fontes indicam que alguns esportes tinham mais espaço na imprensa local, sobretudo o futebol, o basquete e o turfe. O futebol, amador e profissional, foi se tornando cada vez mais popular em Londrina atendendo diferentes estratos sociais, nesse sentido seguiu o caminho de outras cidades brasileiras (MELO, 2010). O basquete, por sua vez, também era retratado enfaticamente pelos jornais que veicularam notícias sobre a construção de quadras e as regras da modalidade com o intuito de (in)formar os cidadãos para tal prática. E o turfe trazia, naquele tempo, marcas de uma elite da cafeicultura, do “ouro verde” londrinense tão propagandeado pelo jornal Paraná Norte. Em escala menor, outras modalidades eram noticiadas, entre elas: tênis, boxe, atletismo, vôlei, natação, beisebol.

Por fim, tem-se revelado que a imprensa local esteve atenta aos acontecimentos esportivos na constituição da cidade. Em Londrina, as práticas esportivas representaram, em um contexto de propaganda jornalística, elementos da riqueza das terras do café em uma sociedade do campo com o desejo de vir a ser uma urbes de destaque da região sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. São Paulo, 2007, 35 (1), p. 253-270.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto 2006. p. 111-154.

MELO, V. A.; et al. *Sport, cidade e modernidade*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

FONTE DE FINANCIAMENTO

PROIC/UEL; CNPq.

¹ Graduado em Educação Física, graduando em História e bolsista IC\UEL. Modenuti.gabriel@gmail.com

² Graduada em Educação Física pela UEL. giuliannacynara@hotmail.com

³ Graduando em Educação Física pela UEL e bolsista de IC\CNPq. jaoc.moreira@gmail.com

⁴ Professor Doutor do Departamento de Educação Física (DEF\CEFE) da UEL. tony@uel.br

⁵ A escola historiográfica formada por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, cujo marco fora o lançamento da obra intitulada *Introduction aux études historiques*, publicada em 1898.

AS CORRIDAS DE CAVALOS EM CAMPINAS: VIDA URBANA E NOVAS RELAÇÕES COM A NATUREZA NO FINAL DO SÉCULO XIX

Nara Romero Montenegro¹

PALAVRAS-CHAVE: corrida de cavalos; Campinas; natureza; vida urbana

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

O turfe, prática popularmente conhecida também como corrida de cavalos, começou a aparecer e se institucionalizar em importantes cidades do Brasil na segunda metade do século XIX. Nesse período, a sociedade brasileira passava por transformações muito relevantes para sua reconfiguração e para a emergência do que se chama de moderno. É, portanto, em meio a esse cenário de mudanças socioculturais, que o turfe, prática surgida da Europa, se torna possível.

A presente pesquisa objetiva analisar o contexto do surgimento e do desenvolvimento inicial das corridas de cavalo na cidade de Campinas, no final do século XIX, com ênfase nas possíveis representações sociais oriundas desta prática. Objetiva, também, refletir sobre uma nova concepção de natureza emergente naquele período, que permitiu o surgimento das corridas, apoiada por uma elite agrária, e que tem um animal, o cavalo, como central nesta prática.

METODOLOGIA

De cunho bibliográfico e documental, este trabalho apóia-se no escopo teórico-metodológico da história cultural, tendo como principal fonte o jornal Gazeta de Campinas. Utiliza-se também de fontes imagéticas constituídas a partir de acervos fotográficos. As fontes para esta pesquisa foram encontradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Centro de Memória da Unicamp e no Museu da Imagem e do Som de Campinas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

No final do século XIX, a economia de Campinas era alimentada principalmente pela densa produção de café. A elite que surgiu dessa nova economia, conhecidos como *barões do café*, exerceu uma forte influência sobre outras camadas da sociedade com seus novos hábitos. Os barões viajavam à Europa e buscavam seguir costumes aristocráticos. Com o forte

poder dessa elite, portanto, houve um esforço para tornar a cidade de Campinas mais “civilizada”. (BARRETO, 1995)

Por volta do ano de 1870, já existia na cidade de Campinas uma raia onde aconteciam as corridas de cavalos e devido a popularidade dessa prática, em 1878, é inaugurado o Hipódromo Campineiro. (LAPA, 1996, p. 153).

Antes mesmo de se tornar um animal essencial da prática das corridas, o cavalo já era um animal familiar na vida rural, servindo de transporte, entre outras atividades: “A equitação se difundia. Homens, mulheres e crianças, podendo, usavam os cavalos como meio de transporte, trabalho ou lazer.” (DEL PRIORE, 2009, p.31).

Melo (1999) explicita o envolvimento do turfe como forma de afirmação de status pela elite. Além das claras manifestações por parte dessa elite, que desfilava nos hipódromos com roupas distintas e possuía hábitos modernos, “Ser proprietário de um animal campeão e/ou de destaque era um importante símbolo de distinção social” (SILVA, 2011, p.7). No entanto, a corrida de cavalo não era uma prática que se encerrava unicamente na elite. Esta, certamente, foi a principal responsável por tornar possível a prática no país. Mas é incontestável que o turfe tenha se tornado popular, sobretudo depois da vinculação com as apostas. (MELO, 1999)

Além de discutir sobre este contexto de surgimento da prática das corridas de cavalo em Campinas, outra dimensão a se refletir é sobre a relação entre os seres humanos e a natureza, neste caso, delimitada em torno das representações acerca do cavalo. O animal, naquele período, não é mais utilizado somente para transporte e para auxílio em trabalhos agrícolas, mas, assume um lugar de importância e centralidade no âmbito de uma prática regular que tem como finalidade última a diversão e a distinção.

CONCLUSÕES

As corridas de cavalos passam a ser já no final do século XIX, grandes eventos, cuidadosamente organizados e calculados. Uma racionalidade vanguardista, impressa em uma prática de divertimento foi a porta de entrada para o fenômeno esportivo no século seguinte na cidade de Campinas.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. *Vivendo a história de Campinas*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

DEL PRIORE, Mary. “*Jogos de cavalheiros*”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (Org.). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.13-33.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1860-1900*. São Paulo: Edusp, 1996.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade “Sportiva”: O Turfe e o Remo no Rio de Janeiro (1849 – 1903)*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1999.

SILVA, Marcelo Moras e. *A emergência das práticas esportivas em Curitiba: O Turfe e a Pelota Basca*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul 2011.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Esta pesquisa de iniciação científica foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) iniciada em março de 2015 e finalizada em fevereiro de 2016 sob orientação da prof^a dr^aa Carmen Lucia Soares.

¹ Aluna de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – email: nararomerom@hotmail.com

**AS PRÁTICAS CORPORAIS EM UM MOMENTO DE DISPUTA PELA
IDENTIDADE NACIONAL: O CASO DOS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL
(1945-1950)**

Igor Cavalcante Doi¹

PALAVRAS-CHAVE: identidade; práticas corporais; imigração; esporte.

INTRODUÇÃO

Considerando as práticas corporais como práticas culturais, este trabalho propõe que haja uma relação entre essas práticas e a identidade de um povo, aquelas influenciando na manutenção desta. O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender os possíveis vínculos entre a identidade nacional e as práticas corporais dos imigrantes japoneses no Brasil entre 1945 - ano de rendição do Japão na Segunda Guerra - e 1950 - último relato encontrado na literatura sobre o funcionamento da sociedade secreta Shindo Renmei (SR). Para tanto, baseamo-nos no conceito de nação como uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008).

Em nossa pesquisa, percebemos que sociedades secretas fundadas durante a Segunda Guerra exaltavam a identidade nacional japonesa e puniam os considerados traidores da pátria. Ao fim da guerra, muitos imigrantes japoneses imaginaram que o Japão não havia se rendido, o que gerou ainda mais conflitos. Notamos ainda que havia três critérios para poder ser considerado japonês entre esses nacionalistas: a devoção ao Imperador, o culto ao espírito expansionista japonês e a afirmação da não derrota do Japão.

Mas qual seria, então, o papel das práticas corporais em meio a essa disputa sobre a identidade nacional na colônia a partir de 1945, quando se iniciam os conflitos entre “vitoristas” e “derrotistas”? Para investigar a questão, selecionamos 20 artigos do *Jornal de Notícias* (de uma coleta de 340 recortes de vários jornais na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional) que faziam menção ao mesmo tempo a práticas corporais e à colônia japonesa. Ainda consultamos fontes auxiliares: um inventário de fotos (MIYAGI; YAMASHIRO, 2004) e documentos transcritos por Miyao e Yamashiro (1992).

DISCUSSÃO

As matérias analisadas revelam a forte presença das práticas corporais na colônia japonesa naquela época. As notícias têm foco especialmente nos esportes, sendo que outras manifestações ficaram subsumidas, provavelmente devido ao maior potencial dos esportes para integrar os imigrantes à sociedade brasileira. Outras práticas, confinadas à colônia, não tiveram visibilidade. Constata-se que algumas modalidades esportivas eram tradicionais na

¹ Graduação em Educação Física, Unicamp. Contato: igorcavalcantedoi@gmail.com.

colônia japonesa, sendo o beisebol excepcionalmente reconhecido como uma prática nipônica.

No que diz respeito à relação entre práticas corporais e identidade, os recortes do jornal foram pouco elucidativos. Todavia, um organograma da SR (MIYAO; YAMASHIRO, 1992) coloca as artes marciais como um dos encargos do setor de educação dessa sociedade. Segundo Espartero, Villamón e Gonzáles (2011), na tradição japonesa os saberes são intuídos através do corpo, antes mesmo de serem compreendidos pela incursão da razão. Talvez por isso a prática das artes marciais tenha sido importante: educar-se-ia para ser japonês através do corpo, com uma prática corporal tradicionalmente japonesa.

Por fim, um grupo de dança tradicional empenhado em “unir” os patricios naquele momento de conflito foi encontrado no inventário de fotografias (*op. cit.*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas corporais estavam presentes na colônia japonesa no período estudado e eram um meio de integração dos japoneses na sociedade brasileira. Os colonos nipônicos se agremiavam nos esportes, o que possivelmente favorecia o fortalecimento da sua identidade. A presença de artes marciais no projeto educacional da maior sociedade secreta nacionalista desses imigrantes sugere a importância de uma prática corporal para a manutenção da identidade nacional. Com isso, este trabalho fortalece a hipótese de uma relação importante entre práticas corporais e identidade, embora a elucidação dessa relação para o caso estudado careça de mais dados.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ESPARTERO, J.; VILLAMÓN, M.; GONZÁLES, R. Artes marciales japonesas: prácticas corporales representativas de su identidad cultural. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.3, p.39-55, jul/set de 2011.

MIYAGI, A.; YAMASHIRO, I. **1 século de história em fotos: a comunidade okinawa no Brasil 1908 – 2008**: centenário da imigração. São Paulo: Paulo's, 2004.

MIYAO, S.; YAMASHIRO, J.. Período em branco na corrente imigratória e os distúrbios na comunidade japonesa. In: **SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. Uma epopéia moderna**: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1992, p.247-381.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de

EL “CUERPO” DE MAESTROS DE GIMNASIA Y ESGRIMA Y LOS ACTORES QUE CONSTITUYEN EL “CUERPO”. ANÁLISIS DE TRAYECTORIAS EN EL EJÉRCITO ARGENTINO ENTRE 1897-1934.

Alejo Levoratti¹

PALAVRAS-CHAVE: Trayectorias; Maestros de Gimnasia y Esgrima; Ejército; Argentina.

Resumo:

Desde fines de siglo XIX la educación de los cuerpos en movimiento se instituyó como disciplina escolar tanto para civiles como militares y en las unidades militares con las denominaciones -“ejercicios físicos”, “ejercicios gimnásticos”, “evoluciones militares”, “batallones escolares” “educación física”, “gimnasia militar”, “gimnasia metodizada”- ligándose dichas prácticas con la formación ciudadana. En este campo, se suscitaron una serie de disputas entre diferentes actores y agencias estatales por la definición de los lineamientos y por la caracterización de las prácticas del cuerpo que comprendían estas asignaturas. Distintos analistas como Lilia Ana Bertoni (2001), Ángela Aisenstein (2006) y Pablo Scharagrodsky (2011), reconocen la participación en este proceso de militares, principalmente del Ejército, caracterizando por ello estas definiciones de la educación física como expresivas de una corriente militarista.

A partir del año 1897 el Ejército Argentino, en distintos periodos 1897-1903/1925-1934, fue formando sus maestros de gimnasia y esgrima en la Escuela Militar de Gimnasia y Esgrima. Sus egresados eran destinados a las unidades operativas para encargarse de la instrucción/enseñanza de la gimnasia y de la esgrima tanto de la tropa como del cuerpo de oficiales. Los abordajes sobre el cuerpo de maestros de gimnasia y esgrima del Ejército se han focalizado en distinguir su propuesta formativa de las realizadas por los profesores civiles de los Institutos Nacionales. Pero no se hallan trabajos que se concentren en analizar quienes conformaban ese cuerpo del Ejército y sus trayectorias dentro del ámbito militar y civil. En este trabajo nos concentraremos en analizar las trayectorias de estos maestros retomando la noción de estrategia social, propuesta por Jacques Revel (1995), a partir de la cuales consideramos en este análisis la pluralidad de los destinos particulares posibles, buscando reconstruir un espacio de lo posible, tanto de los individuos como del grupo.

El presente trabajo tiene como objeto realizar un primer análisis de las trayectorias de los maestros de gimnasia y esgrima formados en el periodo 1897-1903. Para abordar esta

tarea en primer lugar analizaremos el perfil social y educativo de estos. En segundo lugar, indagaremos en sus trayectos formativos dentro y fuera del Ejército, el proceso de ascensos en la carrera profesional, sus destinos en instituciones educativas o unidades castrenses, así como las funciones específicas que cumplían. Del análisis de las trayectorias y de los perfiles de los maestros de gimnasia y esgrima, lo primero que salta a la vista son las heterogeneidades tanto de perfiles socio-educativos, trayectorias dentro del ejército y funciones que cumplieron dentro y fuera del ámbito militar. En ese sentido, ese “cuerpo” que fue presentado como homogéneo y cohesionado en los análisis producidos en el ámbito local, presenta una pluralidad que resulta necesario considerar para no reificar sus representación y prácticas. El recorrido realizado, nos lleva a proponemos un abordaje que considere a este colectivo maestros de esgrima integrado por actores plurales que transitaron su carrera de forma singular y al mismo tiempo con el resto de los camaradas, dentro de una institución estatal particular que establecía lineamientos y tramas de significación singulares sobre las prácticas gímnicas y deportivas.

Para llevar a cabo esta labor se analizarán diversas fuentes documentales oficiales: reglamentos de servicio, cartillas programáticas, planes de estudio, los legajos militares personales de los maestros de gimnasia y esgrima y el “Boletín Militar” del Ejército Argentino. Este primer abordaje, nos posibilitara comenzar a desentramar la conformación de este cuerpo del Ejército.

Bibliografía:

AISENSTEIN, Ángela. La educación física en el currículo moderno o la historia de la conformación de una matriz disciplinar (Argentina, 1880-1960). En ROSENGARDT, Rodolfo. Apuntes de Historia para profesores de Educación Física. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006. p. 69-84.

BERTONI, Lilia Ana. Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas. La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2001.

REVEL, Jacques. Micro-análisis y construcción de lo social. Anuarios del IEHS. N°10, p.125-143. 1995.

SCHARAGRODSKY, Pablo. La construcción de la educación física escolar en las Argentina. Tensiones, conflictos y disputas con la matriz militar en las primeras décadas del siglo XX. En: SCHARAGRODSKY, Pablo (comp.) La invención del “homo gymnasticus”. Fragmentos

históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en Occidente. Buenos Aires:
Prometeo Libros, 2011. p. 441-476.

¹ Magister en Antropología Social por la UNSAM. Profesor y Licenciado en Educación Física por la UNLP. Doctorando por la UNQ. Docente- Investigador de la Universidad Nacional de La Plata. Email: levoratti@gmail.com

A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA CONFIGURAÇÃO DO CAMPO ESPORTIVO EM BELÉM DO PARÁ: REGATAS FESTIVAS (FINAL DO SÉCULO XIX).

Verônica Moreira Souto Ferreira¹

Douglas da Cunha Dias²

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres e esporte; Campo esportivo; Belém do Pará.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

A pesquisa tematizou a configuração do campo esportivo em Belém do Pará a partir da participação de mulheres em regatas ocorridas ao final do século XIX, nosso recorte espaço-temporal. A pesquisa justifica-se ao ampliar os estudos sobre o campo da História do Esporte e gênero, em especial em Belém do Pará, e se configura como historiografia de caráter documental, que adotou como fontes jornais e revistas da época, sendo que a história cultural foi nosso referencial teórico-metodológico. Destacam-se como bases teóricas, entre outros, os estudos de Victor Melo e Laércio Lucena. Objetivou-se compreender a configuração do campo esportivo em Belém do Pará no que diz respeito à participação de mulheres no período aqui já evocado, a partir da participação das mesmas em regatas festivas.

ENTRE REMOS E VELAS, EIS QUE CHEGAM AS MULHERES

O esporte é uma construção histórica que no Brasil foi consolidando-se no entre séculos XIX e XX, sendo a prática de remo pioneira do que adiante se configuraria como esporte moderno (MELO, 2001; 2010). Sobre a participação das mulheres nesse processo os estudos são poucos se considerarmos a Amazônia e, em especial, Belém do Pará. Ao longo da pesquisa afirma-se que no Brasil o esporte foi importante mecanismo para a inserção de mulheres em espaços-tempos de sociabilidades então inéditos, sendo, em um primeiro momento, como espectadoras e, posteriormente, como esportistas (LUCENA, 2001; MELO, 2007). Em Belém, as fontes indicam que tal mecanismo ocorreu em meio às regatas festivas, essas, ainda distantes do modelo esportivo que seria posteriormente adotado. Com efeito, a primeira regata disputada em Belém teve caráter festivo e ocorreu em 1876, promovida pelo “Club de Regatas” como evento inaugural do clube, homenageando também a vitória brasileira na Batalha de Riachuelo (DIAS; SOARES, 2014), sendo que a presença de mulheres nessa regata reduziu-se ao papel de espectadoras. Entretanto, o alargamento do campo das sociabilidades já se evidencia pois, ao final do evento, dizem as fontes que um “[...] grande numero de senhoras, das q’s se achavam a bordo feminino.do ‘Belem’ se inscreveram para socias do Club de Regatas (O LIBERAL DO PARÁ, 10.09.1876, p.2). Esse papel foi atribuído às mulheres ao longo dos primeiros anos

dessas festividades (DIAS; SOARES, 2014). Esse quadro muda ao final dos anos de 1880, quando as mulheres começam a aparecer como remadoras e também na função de “patrão”. Foi o caso da regata ocorrida em junho de 1888, quando em dois páreos “[...] moças da nossa melhor sociedade concorrerão gentilmente para dar mais realce á festa [...]” (O LIBERAL DO PARÁ, 15.06.1888, p.1). Entretanto, mesmo no papel de remadoras, o olhar das crônicas não desvincula, ou ainda, reforça a mulher associada à imagem gentil, conforme as mentalidades da época, discurso que será recorrente até o final do recorte temporal adotado pela pesquisa (DIAS; SOARES, 2014). Afinal, uma crônica publicada em 1898 descreve a prova disputada por mulheres como “[...] lindo pareo de gentis e graciosas meninas [em] Escaleres a trez remos” (O PARÁ, 15.11.1898, p. 4).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao final do estudo é possível afirmar que a participação de mulheres no processo de constituição do campo esportivo em Belém do Pará a partir das regatas festivas deu-se, em um primeiro momento, com aquelas cumprindo o papel de espectadoras e, posteriormente, na figura de remadoras. Tal participação alargou o campo de sociabilidades das mulheres belenenses. Entretanto, nas duas configurações, as mentalidades coevas construíram, ou reforçaram a imagem da mulher como vinculada à beleza e graciosidade, não lhes dando protagonismo como remadoras, discurso que acompanhou todo o processo que levou à esportivização das regatas em Belém do Pará ao final do século XIX.

REFERÊNCIAS

DIAS, D. C.; SOARES, C. L. *Entre velas, barcos e braçadas*: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). Projeto História (PUCSP), v. 49, p. 19-49, 2014.

LUCENA, R. F. *O esporte na cidade*: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MELO, V.A. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, pp. 127-152, dez. 2007.

_____. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Pará. vnferreira94@gmail.com

² Doutor. Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Pará. douglasdc_dias@hotmail.com

AMBIÇÕES “PERIFÉRICAS”: AS CIDADES ASIÁTICAS COMO SEDES DOS JOGOS OLÍMPICOS

Bárbara Schausteck de Almeida¹

Wanderley Marchi Júnior²

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Ásia; Tóquio; Seul; Pequim.

INTRODUÇÃO

Recentemente, o caso dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em Pequim 2008, seguido da eleição do Rio de Janeiro para 2016, reacende o debate sobre o interesse de cidades e países “periféricos” em sediar megaeventos esportivos. A oportunidade de sediar esses eventos possibilita aos países questionar, simbolicamente, a ordem global tradicional e identifica-los como representantes de territórios e culturas emergentes (BLACK; VAN DER WESTHUIZEN, 2004). A impressão precipitada sobre a novidade na “descentralização” de cidades sede estimula a revisão da história dos Jogos Olímpicos. Reconhecendo que há uma diferença significativa, no contexto político e dos Jogos Olímpicos em si, propomos identificar quais foram os principais motivos que justificaram ou motivaram a candidatura e escolha de cidades asiáticas – Tóquio 1964, Seul 1988 e Pequim 2008. Devido às barreiras linguísticas, esse estudo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas de publicações (artigos e livros) em inglês. Pesquisamos 16 bases de dados a partir das palavras-chave *Tokyo*, *Seoul* e *Beijing* (uma por vez) + *Olympic* (Jogos Olímpicos) + *bid* (candidatura). Foram excluídas as publicações que traziam esses termos de forma desconectada e/ou não tratavam das motivações e justificativas para a candidatura e escolha dessas cidades como sede.

RESULTADOS

A análise da literatura pode ser dividida em quatro pontos: similaridades e especificidades dos casos; ambiente interno e externo. As duas principais similaridades foram o cenário de relevante crescimento econômico nos anos de candidatura e eleição, bem como a mobilização das esferas públicas nesses períodos. Japão, Coreia do Sul e China, nos períodos respectivos, apresentaram crescimento de 8-10% em seu PIB nos anos anteriores às candidaturas (KIM; VOORHEES, 2011). O envolvimento dos governos nacionais foi nítido nos três casos, com variação do envolvimento de instituições esportivas e empresas privadas. Para os governos, as candidaturas eram projetos nacionais que viam os Jogos Olímpicos como

plataforma privilegiada para gerar visibilidade internacional, reforçando ou modificando as imagens dos países e demonstrar as conquistas econômicas (SEH-JIK, 1991; ASO, 2002; LEEDS; MIRIKITANI; TANG, 2009).

Os interesses locais convergiram com diversas demandas externas, políticas e econômicas, especialmente quanto ao posicionamento do Comitê Olímpico Internacional e as dinâmicas do Movimento Olímpico. Embora algumas dessas eleições sejam hoje condenadas, pela indicação dos jogos durante governos não democráticos, especialmente o caso de Seul foi a opção viável, considerando o desinteresse dos países após os desastres econômicos de Montreal 1976. Quanto às especificidades, em Tóquio 1964 observava-se a intenção de reconstruir sua imagem internacional e mostrar sua recuperação anos após os danos gerados pela II Guerra Mundial (ASO, 2002). Seul 1988 e Pequim 2008, em certo sentido, seguiram os passos de Tóquio, mas nesses casos buscando legitimar seus sistemas políticos internacionalmente; Seul reagindo à publicidade negativa da Coreia do Norte (SEH-JIK, 1991) e Pequim em seu comunismo de mercado (ROWE, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as circunstâncias, compreender a candidatura e eleição de uma cidade sede, mesmo que localizadas num mesmo continente, exige uma consideração caso a caso. Entretanto, algumas similaridades podem ser identificadas e até estendidas, especialmente nos aspectos que são recorrentes, sobre os quais destacamos a intenção de visibilidade internacional e a identificação dos países como poderes regionais.

REFERÊNCIAS

- ASO, N.. Sumptuous Re-past: The 1964 Tokyo Olympics Arts Festival. **Positions: East Asia Cultures Critiques**, v. 10, n. 1, p. 7-38, 2002.
- BLACK, D.; VAN DER WESTHUIZEN, J.. The allure of global games for ‘semi-peripheral’ politics and spaces: a research agenda. **Third World Quarterly**, v. 25, n. 7, p. 1195-1214, 2004.
- KIM, M.; VOORHEES, M.. Government Effectiveness and Institutional Trust in Japan, South Korea, and China. **Asian Politics & Policy**, v. 3, n. 3, p. 413-432, 2011.
- LEEDS, M.; MIRIKITANI, J. M.; TANG, D. Rational Exuberance? An Event Analysis of the 2008 Olympics Announcement. **International Journal of Sport Finance**, v. 4, n. 1, p. 5-15, 2009.
- ROWE, D.. The Bid, the Lead-up, the Event and the Legacy: Global Cultural Politics and Hosting the Olympics. **The British Journal of Sociology**, v. 63, n. 2, p. 285-305, 2012.
- SEH-JIK, P.. **The Seoul Olympics: the inside story**. London: Bellew Publishing, 1991.

¹ Doutora em Educação Física. Universidade Federal do Paraná – barbara.edf@ufpr.br

² Doutor em Educação Física. Universidade Federal do Paraná – wmarchijr@gmail.com

A EDUCAÇÃO DO CORPO NA ESCOLA-PARQUE DE BRASÍLIAGeusiane Miranda de Oliveira Tocantins¹Ingrid Dittrich Wiggers²*PALAVRAS-CHAVE: educação do corpo; escola-parque; Brasília; Anísio Teixeira.***A ESCOLA-PARQUE**

O trabalho aborda o sistema escolar público de Brasília, enfocando o período em que foi originalmente implantado, em 1960. Trata-se de uma rede de ensino inovadora idealizada pelo eminente Anísio Teixeira. Esse foi, por sua vez, aluno de John Dewey, em fins da década de 1920, na Universidade de Columbia, em New York. A partir desse contato, Anísio Teixeira se apropriou da filosofia pragmatista, que forneceu as bases filosóficas para a elaboração do Plano de Construções Escolares de Brasília, em fins da década de 1950. (PEREIRA *et al.*, 2011). O programa foi estruturado em três grandes níveis: educação primária, educação média e educação superior. A educação primária seria oferecida em Centros de Educação Elementar, cada um formado por Jardins de Infância, Escolas-Classe e Escolas-Parque. A educação intelectual sistemática e tradicional de estudantes entre 7 e 14 anos caberia às Escolas-Classe. Visando completar a tarefa destas, seria construída, para cada grupo de quatro Escolas-Classe, uma Escola-Parque, com a finalidade de promover o desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança e ainda sua iniciação no trabalho (TEIXEIRA, 1961). O objetivo do trabalho é analisar atividades presentes no currículo original da Escola-Parque 307/308 Sul, a pioneira, dando ênfase ao exame da educação do corpo por ela promovida. Privilegiou-se como referência teórico-metodológica a história cultural, enfocando o tratamento de fontes históricas, como fotografias e documentos oficiais, além de publicações da época.

A EDUCAÇÃO DO CORPO

Segundo o currículo da época, a educação física seria constituída de “recreação, ginástica de solo, atletismo, ginástica moderna, grandes jogos e pequenos jogos e natação” (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 197-, p. 10). De acordo com esse registro, a educação física fazia parte do “estudo obrigatório” e era desenvolvida em três aulas por semana, sendo que os demais componentes da estrutura curricular, como é o caso de educação artística, educação religiosa, programas de saúde, artes industriais, técnicas do lar e técnicas

de serviço, se limitariam a apenas duas ou apenas uma hora-aula semanal. Ressalte-se ainda que entre as 226 fotografias catalogadas, 141 representavam situações em que a expressão corporal parecia ser tratada como parte das atividades educacionais, o que significa mais da metade do acervo. Ambas as evidências, ou seja, tanto o grande número de fotografias como o documento curricular da escola, denotam a importância da educação do corpo para o projeto sob análise.

O conteúdo das fotografias evidenciou ainda que a educação do corpo se realizava tanto em atividades artísticas quanto em atividades físicas e esportivas, tais como aulas de artes visuais e trabalhos manuais, aulas de dança e teatro, aulas de música, aulas de educação física e brincadeiras. As fontes evidenciaram, portanto, que a educação do corpo ocupava lugar de destaque na cultura escolar analisada. Esse aspecto parece afirmar os princípios da filosofia pragmatista, que valoriza a experiência no processo de aprendizagem, além da ampliação do repertório do programa escolar (DEWEY, 1996). De acordo com a literatura, as Escolas-Parque fizeram parte de uma política internacional mais abrangente, destacadamente o *Playground Movement*. Entretanto, a apropriação dessa em Brasília foi permeada por elementos particulares do contexto brasileiro, como a arquitetura, os eventos escolares, a formação de professores e as tradições pedagógicas, caracterizando-se como um movimento histórico de entrelaçamento cultural.

REFERÊNCIAS

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL/SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **A escola-parque em Brasília**. Brasília, [197-].

DEWEY, John. School and society. In: **The collected works of John Dewey, 1882-1953: the electronic edition**. Carbondale: The Center for Dewey Studies at Southern Illinois University, 1996. p. mw.1: 175-191.

PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (Orgs.). **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

FONTE DE FINANCIAMENTO

A co-autora recebeu bolsa de pesquisa do CNPq na modalidade Pós-doutorado Sênior.

¹ Mestre em Educação Física, Universidade de Brasília, geusi.nte@gmail.com

² Doutora em Educação, Universidade de Brasília, ingridwiggers@gmail.com

A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO PIAUÍ: da normalista a especialidade normal superior – 1939-1945

José Carlos de Sousa

Professor Me Universidade Estadual do Piauí – UESPI-Campus Floriano-PI

RESUMO

Este artigo é um recorte da dissertação apresentada na defesa de mestrado, a partir de uma pesquisa documental, de cunho histórico, tendo como objetivo investigar a configuração da formação de professores no Estado do Piauí no período de 1939 a 1945. O referido artigo pretende contribuir com os estudos relacionados à história da educação física, analisando como ocorreu a inserção da disciplina Educação Física e a formação dos professores dessa disciplina no contexto da escola pública no Piauí no período de 1939 a 1945. Utilizou-se para análise os relatórios, regulamentos, regimentos e decretos de ensino referentes à instrução pública da época como documentos de arquivos e fontes primárias localizados no arquivo público do Piauí. Os documentos oficiais, arquivo e fontes nos possibilitaram a analisar a formação do professor de Educação Física no referido lapso temporal pelos cursos “especial” de Educação Física da Inspeção de Educação Física, no período de 1939 a 1945. O que se pretendeu neste trabalho de pesquisa foi verificar e responder o nosso questionamento como se deu a configuração da formação de professores educação física no Piauí. Concluímos que não foi diferente do restante do Brasil, do ponto de vista da legalidade, mas diferente na sua legitimidade.

Palavras chave: História da Educação Física; Docente; Educação Física Escolar,

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa documental, de cunho histórico, tendo como objeto central de investigação a história da formação de professores de Educação Física no Piauí e a inserção como disciplina nas escolas públicas do Piauí, no período de 1939 a 1945. O referido artigo justificar-se a sua publicação por apresenta um corpus documental escrito, produzido por governos, inspetores e professores, bem como documentos como fontes de referencia que evidência a compreender a formação de professores de Educação física no período pesquisado. Utilizou-se da análise documental de fontes primárias preservadas no Arquivo Público do Estado do Piauí.

No contexto do Departamento de Educação do Estado do Piauí, conforme o que foi pesquisado nos documentos existente no Arquivo Público, em 1939, no Piauí, as instituições públicas educacionais estavam assim distribuídas: na capital Teresina, 11 grupos escolares, 2 escolas agrupadas, 15 escolas singulares e 15 escolas nucleares e no interior do estado, 21 grupos escolares, 29 escolas agrupadas, 38 escolas singulares e 161 escolas nucleadas, onde eram ministradas as disciplinas básicas do ensino, “não figurando na grade curricular a disciplina Educação Física” (DO, nº 156, 1939. p.4).

A primeira turma do curso Especial Normal Superior de Educação Física no Piauí ocorreu na administração do interventor Federal Leônidas de Castro Melo, inscreveram-se 50 professoras normalistas e militares, em 1939, desses 20 foram aprovados e apenas 16 concluíram o curso e passaram a atuar nas escolas públicas do Piauí. (Diário Oficial Piauí, 1939).

No ano de 1941, a Escola Nacional de Educação Física e Desporto licenciou em Educação Física, 32 professores, sendo 20 do sexo feminino e 12 do sexo masculino.

O Curso Especial de Educação Física do Estado do Piauí foi reconhecido pelo Decreto nº. 7.365, de 10 de junho de 1941. Nesta ocasião, foi indicado para assumir a Diretoria Técnica o Professor Manoel de Carvalho Anchieta, procedente do estado do Espírito Santo.

Acreditamos, portanto, que não é possível trabalhar uma investigação na sua totalidade, uma vez que o segredo da pesquisa científica está em proporcionar aos outros a curiosidade de realização de estudos a partir do objeto estudado. É com este objetivo que pretendemos socializar nosso trabalho.

O que se pretendeu neste trabalho de pesquisa foi verificar e responder o nosso questionamento como se deu a configuração da formação de professores educação física no Piauí. Concluimos que não foi diferente do restante do Brasil, do ponto de vista da legalidade, mas diferente na sua legitimidade.

REFERENCIAS:

MARINHO, I. P. **Contribuição para a História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Cia. Brasil, 1943.

_____, I. P. **Curso de Educação Física**. São Paulo: Cia. Brasil, 1952.

_____, I. P. **História da educação física no Brasil**. São Paulo: Cia. Brasil, 1956.

_____, I. P. **História Geral da Educação Física** São Paulo: Cia. Brasil, 1980.

Diário Oficial do Estado, Teresina, 1937

_____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1939

- ____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1940
- ____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1941
- ____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1942
- ____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1943
- ____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1944
- ____, Diário Oficial do Estado, Teresina, 1945

ESPORTE EM BRASÍLIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Letícia Paixão França¹

Barbara Fernanda Silva Diniz²

Felipe Rodrigues da Costa³

PALAVRAS-CHAVE: História; Educação Física; CIEF; Esporte.

INTRODUÇÃO

O Centro Interescolar de Educação Física, hoje conhecido como Centro Integrado de Educação Física de Brasília (CIEF) foi criado em 1977, para atender às demandas educacionais de três escolas e dar suporte às seleções esportivas estudantis que participavam de eventos locais e nacionais (SOUZA et al., 2014). A criação do CIEF se deu durante o período do regime militar, quando o cenário político brasileiro passava por momentos conturbados, implicando diretamente em mudanças nas diretrizes educacionais (BRASIL, 1977; FERREIRA NETO, 1997; OLIVEIRA, 2012). Esta pesquisa se justifica por contribuir com o desenvolvimento do campo da história da Educação Física e do Esporte no Distrito Federal, a partir da análise da organização política, social e pedagógica do Centro Integrado de Educação Física.

OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é compreender a história do CIEF, relacionando-a a importantes mudanças do cenário político, social, educacional e esportivo e também através da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) 2013-2016.

METODOLOGIA

Através de pesquisa documental (SEVERINO, 2007), buscamos no Arquivo Público do Distrito Federal e na Biblioteca do Tribunal de Contas do Distrito Federal documentos referentes ao tema. Autorizados pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, realizamos visitas ao espaço investigado com o intuito de encontrar outras fontes documentais que pudessem contribuir para a discussão.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os documentos encontrados até o momento mostram que o CIEF desde sua criação deu atenção à formação de equipes o que acompanha a política nacional de esportes e suas alterações ao longo do tempo. Dentro da instituição vários documentos remetem ao seu passado esportivo: boletins de competição, pedidos de autorização para viagens de atletas, solicitação de compra de material esportivo e projetos que visam à formação de equipes.

CONCLUSÃO

Podemos inferir até o momento que o CIEF teve sua abordagem pedagógica influenciada pelos diferentes momentos políticos do país, determinando diretamente o atendimento à comunidade. Como espaço de educação física escolar funcionou reforçando o conteúdo esportivizante, além da formação de atletas e equipes para o rendimento. Atualmente encontra-se estruturado como uma unidade educacional. O aprofundamento deste estudo permitirá melhor análise do contexto e possibilitará subsidiar o poder público para otimização de uso daquele espaço.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei 6.0503, de 13 de dezembro de 1977. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 dez. 1977.
- FERREIRA NETO, A. Projeto militar na Educação Física. In.: FERREIRA NETO, A. **Pesquisa histórica na Educação Física**. Espírito Santo: FACHA, 1997. v. 2. p. 83-119.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 155-174, out/dez. 2012.
- SOUZA, A. N. de. et al. Historicidade do CIEF. In. **Projeto Político Pedagógico CIEF 2014-2016**. 2014.
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Cortez. 2007.

FONTE DE FINANCIAMENTO: CNPq.

1 Discente do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Brasília. E-mail: lepaixao3110@gmail.com

2 Discente do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Brasília. E-mail: barbaradiniz.unb@gmail.com

3 Doutor em Educação Física. Faculdade de Educação Física - Universidade de Brasília. E-mail: fcostavix@gmail.com

**EVIDÊNCIAS DE PRÁTICAS CORPORAIS NOS ANUÁRIOS DO LICEU
NOSSA SENHORA AUXILIADORA - CAMPINAS 1913-1917**

Diego Ferreira Lima
Giovanni Vicente Pavan
Universidade Estadual de Campinas

Palavras Chave: Salesianos, História, Educação, Higiene, Campinas.

Fundada por Dom Bosco em meados do século XIX na Itália, a Sociedade São Francisco de Sales tinha como objetivo principal tratar os jovens marginalizados pela sociedade através da educação religiosa e profissional.

Após o progresso de seus trabalhos no território italiano, a Ordem expande seus cuidados por diversos continentes, entre eles a América. No ano de 1883, a “Ordem” chegou ao Brasil. Primeiramente, os Salesianos aproximaram-se da capital federal, onde fundaram no mesmo ano de sua chegada, o Colégio Salesiano Santa Rosa na cidade de Niterói. Posteriormente, continuaram sua expansão em direção ao estado de São Paulo.

Na capital paulista os missionários fundaram o Liceu Coração de Jesus que em pouco tempo passou a ser o principal estabelecimento de ensino salesiano no Brasil. No final do século XIX, na cidade de Campinas é fundado o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, uma das principais instituições do interior paulista e objeto de estudo desta pesquisa.

Caracterizados pelos ensinamentos e tradições propagados por Dom Bosco como a alegria, o sistema preventivo, o protagonismo juvenil e a vivência das práticas corporais, na proposta educativa salesiana, as atividades artísticas, esportivas, recreativas, os passeios e as festas, os movimentos livres estariam presentes nos cotidianos de suas unidades. O pátio era o *locus* destinado às práticas mencionadas.

O recorte do estudo perpassa um momento de grandes transformações na sociedade brasileira e principalmente na escola, o início do século XX. Novas disciplinas são formuladas e aplicadas para fortalecer o processo de inculcação dos novos hábitos como a higiene, a moral e cívica, e a educação física. Essa última, ministrada nas escolas, contribuiria para forjar o indivíduo forte, robusto, saudável e disciplinado que tanto carecia a nova sociedade brasileira em formação.

Essa pesquisa pretende através da análise dos anuários produzido pelo Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora no período 1913 – 1917 debruçar-se sobre as práticas corporais presentes no interior dessa instituição salesiana, no intuito de compreender as intermediações entre as práticas corporais tradicionais da Sociedade São Francisco de Sales vivenciadas no Liceu com as práticas corporais sistematizadas científicas e racionais

impostas ao ambiente educacional nesse período no contexto escolar. Em termos metodológicos, os dados empíricos foram coletados no acervo do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora em Campinas, Estado de São Paulo.

O Liceu Nossa Senhora Auxiliadora não negou as orientações legais que divulgava e incentivava no interior da instituição novas práticas que responderiam a necessidade de novos hábitos, entre elas, a ginástica. Porém, as tradicionais práticas corporais que Dom Bosco implementou não perderam espaço diante das novas, pois elas dividiam o gosto e a atenção dos educandos e do público que por diversas vezes assistiam as apresentações públicas da instituição. Juntas, constituiriam a formação integral do educando salesiano. A ginástica, além das aulas sistemáticas no interior do colégio, estaria presente, principalmente nos eventos cívicos, respondendo a necessidade de uma prática moderna para a formação da nova nação brasileira. O esporte e outras práticas tradicionais da ordem dialogavam diretamente com alguns princípios do sistema educativo salesiano como o Sistema Preventivo e o Protagonismo Juvenil.

REFERÊNCIAS

- AZZI, R. A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de história. Volume III. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa. Barbacena – Minas Gerais, 2002.
- BORGES, C. N. F. A significatividade das Atividades do Pátio na Educação Salesiana. Dissertação de Mestrado. PPGEF- Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000.
- CABRINO, J.P. Sistema Preventivo de Educação: Vivência e práticas da cultura escolar nas olimpíadas salesianas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade de Sorocaba. Sorocaba – São Paulo, 2009.
- DALCIN, A. Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas – São Paulo, 2008.
- FONSECA, J. M. Sistema Preventivo de Dom Bosco. Belo Horizonte: CESAP, 1998.
- GÓIS JÚNIOR, E.; SIMÕES, J.L. História da Educação Física no Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

Fontes

LICEU SALESIANO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, Anuários de 1913 a 1917.

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS CENTROS INTEGRADOS DE EDUCAÇÃO PÚBLICA (1983/1987-1991/1994)

Marina Paradela Gurgel. Faculdade de Educação – UFRJ

Luiza Moreira. Faculdade de Educação – UFRJ

Kalya Maroun. Faculdade de Educação – UFRJ

Antonio Jorge G. Soares. Faculdade de Educação – UFRJ

PALAVRAS-CHAVE: CIEP; Educação Física; Tempo Integral.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a história da educação no Brasil, percebemos que ocorreram tentativas de implantar uma educação básica, gratuita, laica e de qualidade, que inserisse um maior número de alunos no âmbito escolar, a exemplo do projeto dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs). Tal projeto foi desenvolvido a partir de dois Programas Especiais de Educação (I PEE e II PEE) no estado do Rio de Janeiro, no período de 1983/1987 e 1991/1994, com a proposta de uma educação pública em tempo integral (CAVALIERE, 2009). Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apontar as principais diretrizes que compunham o programa de Educação Física elaborado para o currículo escolar dos CIEPs nos dois momentos citados.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram analisados documentos administrativos (livros do I e II Programa Especial de Educação (PEE), relatórios gerais, regimentos internos, recursos humanos, entrevistas e material de campanha política) referentes à Secretaria Especial de Educação, que estão disponíveis na Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR). A partir da imersão nesta documentação, elaboramos um instrumento analítico para ressaltar as diferenças e semelhanças entre os dois momentos dos CIEPs para, em seguida, compará-los. Tal comparação resultou em dois quadros comparativos entre o I PEE e o II PEE, cujos indicadores foram: currículo e Arquitetura.

Darcy Ribeiro (1922-1997), na época vice-governador do governo de Leonel Brizola (1922-2004) pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), desenvolveu junto a uma Comissão Coordenadora de Educação e Cultura, integrada pelas Secretarias de Educação do Estado e do Município, e pelo Reitor da UERJ, o Programa Especial de Educação (PEE). Uma das principais metas do PEE pautava-se na implantação progressiva de uma nova rede de escolas de tempo integral, conhecidos como Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs). Essa

meta previa a construção de 500 CIEPs, projetados por Oscar Niemeyer (1907-2012), com a capacidade de atender 600 alunos em turno único e 400 à noite, na educação juvenil (MAURÍCIO, 2004, p. 40).

A escola, a partir da ampliação de tempos e espaços no processo educativo, tinha o dever de fazer o diálogo entre os conhecimentos prévios da criança e o conhecimento formal exigido pela sociedade letrada, buscando a integração entre as disciplinas e as práticas corporais sugeridas pelo PEE (RIBEIRO, 1986). Partindo disso, acreditava-se que trabalhar as atividades físicas integradas ao processo ensino-aprendizagem impulsionaria o desenvolvimento das crianças, melhorando o desempenho global de cada uma delas¹.

Desse modo, pretendia-se, com o programa de Educação Física dos CIEPs, tornar relevante as práticas corporais alicerçadas na educação corporal por meio da sua interdisciplinaridade com a higiene, saúde e esportes. A proposta era integrar os conteúdos educativos sem que a Educação Física fosse excluída, pois, costumeiramente, esta disciplina em escolas de tempo parcial migrava para o contraturno, ficando isolada e com um alto índice de faltas e abandono.

Assim, a partir do levantamento dos dados, percebemos como a disciplina Educação Física e as demais práticas corporais foram valorizadas do primeiro para o segundo programa. Os alunos foram contemplados com uma carga horária maior e com coordenações especializadas para garantir uma organização e planejamento de atividades de cunho desportivo. Identificamos, ainda, a ideia de incorporação de hábitos e atitudes na vida dos educandos e dos moradores da comunidade. O projeto previa uma maior aproximação da escola com a realidade dos envolvidos através de eventos e atividades que o CIEP oferecia.

Esse estudo documental pautou-se na análise da proposta do programa de Educação Física dos CIEPs, de modo que a discussão foi direcionada para o que se pretendia com essa experiência dentro de uma perspectiva de ampliação de jornada escolar. Salientamos que por mais que este estudo apresente diversos subsídios na discussão dos CIEPs, não focamos no que se efetivou de fato com os CIEPs e sim no que se pretendia com este projeto.

¹ Arquivo Fundação Darcy Ribeiro DR, gb II, pee 1994.00.00 pasta IV

REFERÊNCIAS

CAVALIERE, Ana Maria. Escolas **de tempo integral versus alunos em tempo integral**. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 51-63, abr. 2009.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Literatura e representações da escola pública de horário integral**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 27, p. 40-56, set./dez. 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O Livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1986.

O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA E A EDUCAÇÃO FÍSICA POR CORRESPONDÊNCIA EM 1965

Maria Luselma de Sousa¹

Thaiane Cecília Nogueira do Nascimento²

Ariza Maria Rocha³

PALAVRAS-CHAVE: História; Educação Física; Curso por Correspondência; Estadão

INTRODUÇÃO

O Ministério da Educação e Cultura através da Divisão da Educação Física – DEF publica, em 1965, um livro intitulado “Curso de Educação Física por Correspondência”. A obra tem como finalidade estabelecer as bases e fornecer os elementos essenciais para ministrar a Educação Física no Brasil.

Justificamos este trabalho para o resgate da história do ensino da Educação Brasileira por correspondência. Trata-se de uma obra disponibilizada pelo o Ministério da Educação e Cultura por meio do Departamento de Educação Física – DEF.

OBJETIVO

Analisar a obra publicada pela Divisão da Educação Física-DEF/MEC para o ensino da “Educação Física” em 1965.

METODOLOGIA

A investigação trata-se de um estudo bibliográfico e documental apoiado na obra disponibilizada pelo o Ministério da Educação e Cultura por meio do Departamento de Educação Física – DEF. A referida obra foi publicada pelo o Ministério da Educação e Cultura, Divisão de Educação Física, composta por sete capítulos pedagógicos onde apresenta os métodos, regras e desporto adotados. Além da citada obra, recorreremos também ao Jornal “Jornal o Estado de São Paulo” na década de 1960 na busca de apreender o contexto daquela época.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Inicialmente, apresentaremos a obra que introduz a discussão do ensino da Educação Física, segundo DEF (1965, p. 1-2) “o ecletismo do método adotado permite-lhe receber qualquer nova forma de exercício, desde que autorizada pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura”. Assim, a referida divisão funcionaria como órgão que autoriza os métodos adotados, sendo as bases de fundamento visando a aquisição de hábitos e

prática saudáveis que tendam para o aperfeiçoamento da estrutura individual, proporcionando o aumento da capacidade de trabalho e melhora da saúde.

Analisando e expondo as modalidades de Educação Física e as suas regras gerais de aplicação, tais como: sessões de ginástica e sessões de desportos, a divisão acontece em sessões propriamente ditas e volta à calma. Consequentemente à sessão de desporto (coletivo e individual) e a prescrição higiênica que envolve a questão do local para a prática, o horário de execução e o tipo uniformes adequado à prática e situação climática.

Para Morano (1969) o ensino fazia-se necessário, pois considerado como: “matéria de defesa nacional, cuja prática é indispensável à manutenção da saúde e à formação de um povo forte, digno e laborioso”. Sendo necessário para desenvolver em seus aspectos bio.psicologico.sociológico e filosófico, principal papel da Educação Física. (Jornal Estadão, 1969). A Educação Física fazia parte do estudo corpo e mente se constituía para melhor capacitar o indivíduo na atuação do trabalho e no papel da cidadania, como formação e manutenção.

CONCLUSÕES

A obra aqui tratada aborda os fundamentos essenciais para a Educação Física no cenário Brasileiro do ano de 1965, onde o ensino acontecia através de correspondências, sendo o mesmo estruturado pelo Ministério da Educação e Cultura por meio da Divisão de Educação Física. Entretanto, vale ressaltar que as publicações no Estadão se tornaram verídicas, uma vez que comprovaram a trajetória na década 60, a inserção do campo educacional da Educação Física da época vinculado ao DEF.

REFERÊNCIAS

BRASIL; Ministério da Educação e Cultura – Divisão da Educação Física. *Curso de Educação Física por Correspondência: EDUCAÇÃO FÍSICA*; 1965.

MINISTÉRIO, da educação e cultura. *Acervo Estadão*, São Paulo, 30 de jul.1969. Disponível em:<<http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/Minist%C3%A9rio+da+Educa%C3%A3o+e+Cultura/Acervo/acervo>>. Acesso em: 02 de mar. 2016.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Bolsa de Apoio Técnico – Universidade Regional do Cariri – BAT-URCA

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Regional do Cariri – URCA, Email: marialuselma@hotmail.com.

² Discente do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Regional do Cariri – URCA.

³ Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Regional do Cariri – URCA. Coordenadora do Curso de Educação Física; Líder do NUPEF.

**“MIXED MARTIAL ARTS”: AS PERSPECTIVAS E SILENCIAMENTOS DA
FOLHA DE SÃO PAULO NOS PRIMÓDIOS DA MODALIDADE**Riqueldi Straub Lise¹André Mendes Capraro²

PALAVRAS-CHAVE: Mixed Martial Arts; Folha de São Paulo; esportes de combate; violência.

INTRODUÇÃO

Ao longo da década de 1990 os primeiros torneios do *Ultimate Fighting Championship* (UFC) ganharam relativa notoriedade, em especial nos Estados Unidos. As regras eram pouco claras e flexíveis (THOMAZINI, MORAES, ALMEIDA, 2008). Em um curto período de tempo estes torneios obtiveram consideráveis níveis de audiência, mas também foram alvos de severas críticas de alguns setores da sociedade norte-americana, cujo argumento principal se pautava no excesso de violência existente em tais disputas (BOTTENBURG, HEILBRON, 2006). Em uma escala menor, os primeiros eventos do UFC também ganharam certa visibilidade no Brasil, onde eram transmitidos via TV a cabo ou comercializados em locadoras de vídeo no formato de fitas VHS.

O objetivo deste estudo consiste em analisar as matérias acerca do “*Mixed Martial Arts*” (MMA), publicadas no caderno esportivo do jornal Folha de São Paulo, com o sentido de perceber o posicionamento da referida mídia no que se refere a tais disputas. Assim, tendo em vista os aspectos acima citados questiona-se: qual o posicionamento do caderno esportivo do periódico Folha de São Paulo acerca do referido esporte?

A escolha do diário Folha de São Paulo se deu pelo fato de se tratar de um jornal de alcance nacional por ser o periódico de maior circulação no Brasil naquele período. O recorte temporal deste estudo compreende a primeira edição do evento, no ano de 1993 até a 23ª edição no ano de 1999, pois no ano 2000, comissões atléticas norte-americanas e organizadores do evento iniciaram o processo de sancionamento de um conjunto de regras que norteariam tais práticas esportivas, objetivando torná-las legais perante a legislação daquele país.

Com o sentido de analisar as fontes publicadas periódicos alguns cuidados devem ser tomados. Segundo Capelato e Prado (1980), estes veículos de informações não são neutros tampouco objetivos, portanto, não devem ser considerados como uma mera caixa de

ressonância da realidade. Luca (2011), ainda atenta para a necessidade de articular a fonte jornalística com o tempo, com o espaço e com a sociedade na qual aquela se insere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os debates e discussões acerca do MMA ganhassem notoriedade e visibilidade nos Estados Unidos durante a década de 1990, o mesmo não se pode notar, pelo menos no caderno de esportes do jornal Folha de São Paulo. Prova disso é a ausência quase completa de matérias que tratassem dos eventos do UFC ou mesmo dos debates que ocorriam naquele país. No período de pouco mais de seis anos da primeira edição do UFC até o final do ano de 1999, apenas cinco menções à modalidade foram encontradas, sendo que duas delas eram informativos da programação esportiva de canais a cabo e as três restantes eram pequenas notas do colunista Carlos Sarli, especialista em *surf*.

Possivelmente dois fatores influenciaram tal situação. O primeiro deles está assentado na premissa de que os combates de MMA não se tratavam de uma prática esportiva, mas uma série de eventos não normalizados, nos quais eram permitidos elevados graus de violência. A proibição do UFC em quase todos os estados norte-americanos, seguida da repercussão negativa dos debates, podem ter servido de motivação para tal silenciamento. O segundo fator se refere à linha editorial do caderno de esportes, a qual seria profundamente influenciada pela programação televisiva, haja vista que as modalidades mais recorrentes, via de regra, apresentavam altos índices de audiência na televisão aberta.

REFERÊNCIAS

- BOTTENBURG, M.V.; HEILBRON, J. **De-Sportization of Fighting Contests: the origins and dynamics of no holds barred events and the theory of sportization.** International Review for the Sociology of Sport, v.41, n.3, p. 259-282, 2006.
- CAPELATO, M. H.; PRADO, L. P. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: LUCA, T. M. R. de.; PINSKY, C. B. **O Historiador e suas Fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.
- THOMAZINI, S. O.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. A. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores (as) de Mixed Martial Arts. **Pensar a Prática**, Goiás, v.11, n.3, p.281-190, set/dez. 2008.

FONTES

- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: 13 jul. 1996, p. 12.
- _____. São Paulo: 04 jun. 1997, p. 12.
- SARLI, C. **Ganhou em Segundo.** São Paulo: Folha de São Paulo, 24 jul. 1997, p.02.

_____. **Slater, Pelé.** São Paulo: Folha de São Paulo, 16 out. 1997, p.02.

_____. **Brasileiros Excluídos.** São Paulo: Folha de São Paulo, 07 jan. 1999, p.16.

FONTE DE FINANCIAMENTO

CAPES.

¹ Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: liseriqueldi@gmail.com.

² Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: andrecapraro@onda.com.br.

A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO KARATE SHOTOKAN EM LONDRINA:

MEMÓRIAS E PROCESSOS

Marcelo Alberto de Oliveira^I

Ricardo João Sonoda-Nunes^{II}

PALAVRAS-CHAVE: Karate; Shotokan; Londrina; Norio Haritani;

INTRODUÇÃO

A introdução do Karate Shotokan no Brasil está intimamente ligada à imigração japonesa que se estabeleceu após a Segunda Guerra Mundial. (FROSI, 2011, p. 7 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 11). Com a formação da colônia japonesa em São Paulo a partir de 1955, foi estabelecida a primeira academia de Karate naquela cidade, pelo sensei Mitsusuke Harada do estilo Shōtōkan (FROSI, 2011, p. 7 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 11).

No Paraná, precisamente no norte deste estado, na cidade de Londrina, podemos considerar um dos pioneiros da introdução do estilo Shotokan, segundo as fontes analisadas, o sensei (mestre) Norio Haritani pela sua chegada em 1967 em Londrina. Norio foi motivado pelas facilidades que havia na época para a imigração com fins agrícolas ao Brasil.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo reconstituir o processo histórico de introdução e difusão do Karatê Shotokan em Londrina na década de 1970, bem como ressaltar personagens como Norio Haritani, que colaboraram na difusão dessa luta no Estado do Paraná.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos trabalhamos com a revisão de literatura e a História Oral. Como base da revisão utilizamos os estudos de Horner (2004) e para História Oral realizamos uma entrevista com o Sr. Luiz da Silveira um dos mais antigos alunos de Norio Haritani e os estudos de Alberti (2006).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir dos registros encontrados identificamos que Norio, ao chegar a Londrina, foi trabalhar numa fazenda de Massaro Hirooka. Com o passar do tempo Haritani conheceu Eikiti Hirooka que morava numa fazenda vizinha, em Londrina, e estudava Agronomia em Piracicaba, interior de São Paulo (SP). Assim, Norio que até então só treinava por conta própria e não tinha um lugar para ministrar as aulas de Karate, foi convidado por Hirooka para ministrar aulas na Faculdade Esalq, localizada em Piracicaba SP.

Em 1970 sensei Norio volta a Londrina a convite do mestre de Karate, Naiuki Hirakawa. Este mestre resolverá se mudar para o Rio de Janeiro e havia solicitado a Norio que assumisse sua academia de Karate. Com o passar do tempo, a escola de Karate, Associação Londrinense de Karate (ALK), fixa endereço na Rua Argentina¹, 685, Vila Brasil, Londrina, Paraná. Dos alunos daquela época que ainda seguem ensinando o Karate até os dias atuais em suas diversas proporções (técnica, filosofia e formação humana), são os professores Luiz da Silveira Rubem Cauduro e Paulo Tadeu Machado.

A década de 1970 sem dúvida foi um período que ajudou a moldar a ALK a ficar conhecida nacionalmente. Várias foram às conquistas dos alunos e atletas da ALK daquele período para cá. E com isso crescia a empolgação dos praticantes, o Karate Shotokan se popularizava em Londrina, e as formas de promoção extravasavam as paredes da academia.

CONCLUSÕES

Norio em 1960, aos 14 anos, iniciou sua prática com o Karate na cidade de Kyoto, Japão. Tinha 20 anos de idade quando veio ao Brasil já era faixa preta 3° Dan e chegou ao 4° Dan da modalidade. “Em 1982, formou-se em Educação Física pela FEFI. Viúvo, pai de 2 filhos - Magno Takeshi Haritani, faixa preta 1° Dan, e Alex Ossamu Haritani. Além de milhares de alunos (oito mil somente entre aqueles registrados na Associação Londrinense de Karate e outras escolas onde lecionou), Norio sempre esteve envolvido com as atividades da ALK. (ALK, 2015, p.1). A pesquisa nos trouxe hipóteses de como pode ter sido a introdução e difusão do Karate Shotokan em Londrina. Assim, contribuindo para uma pesquisa em desenvolvimento, onde se busca conhecer como foi a introdução deste estilo de Karate no Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da história in. PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas (org.), 2ªed., São Paulo: Contexto, 2006.

ALK - Associação Londrinense de Karate. MESTRE NORIO HARITANI. p. 1. Disponível em: <http://associacaolondrinensedekarate.blogspot.com.br/2011/01/mestre-norioharitani.html>. Acesso em 13/12/2015.

HORNER, Alexandre G. Norio Haritani – Karatê. Livro. Londrina: Moriá Editora, 2004. p. 25.

OLIVEIRA, M. A. A introdução e difusão do karate shotokan em Curitiba: memórias e processos. Monografia em Licenciatura de Educação Física. Universidade Federal do Paraná. 2015. p. 11.

¹ Graduando de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, marcelokan@hotmail.com

^{II} Doutor em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, ricardo.sonoda78@gmail.com

¹Para ter uma ideia de como é atualmente a estrutura física da Academia de Karate da ALK acesse o link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bayZ6cG3Xys>. Acessado em: 28/03/2016.

AS MULHERES GUERREIRAS DO ESPORTE LONDRINENSE

Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires¹

Anisio Calciolari Júnior²

Morgana Claudia da Silva³

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Esporte; Gênero; Poder.

INTRODUÇÃO

O estudo é um dos projetos desenvolvidos no Núcleo de Estudo da Educação Física e Esporte, sendo um corte da pesquisa “As Mulheres Guerreiras do Esporte Londrinense”. Considerando os objetivos da pesquisa utilizamos os princípios teórico-metodológicos da História Oral como matriz básica. Sua realização é relevante em função de sua temática – processo de constituição de identidade esportiva, e de seu objeto - mulher como sujeito do processo de (res)significação do campo esportivo. A pesquisa é uma ferramenta importante para compreendermos o esporte do ponto de vista de mulheres que ocupam lugares dominantes na produção da história do atletismo de alto rendimento, historicamente de dominância masculina. O foco é o olhar que uma atleta especialista em “corridas de rua” produziu sobre a relação que se estabelece entre sua identidade individual, social e sua identidade atlética ao longo de sua vida.

OBJETIVOS

- a) Resgatar a memória esportiva da atleta londrinense Cleusa Maria Irineu.
- b) Identificar o processo de formação da identidade social de uma atleta de alto rendimento do atletismo.

METODOLOGIA

É uma pesquisa de natureza qualitativa/exploratória, focando o objeto a partir de seus significados e valores estabelecidos historicamente. A leitura do fenômeno aqui apresentada não pode ser tomada como conclusiva, pois é ela uma das possibilidades de análises (MINAYO, 1996).

Utilizamos uma entrevista aberta individual por ser ela apropriada à condição - liberdade do entrevistado – para um mergulho em profundidade na memória da atleta, levantando indícios e pistas dos modos como representa o acontecimento. A inserção e o

papel que a atleta desempenhou no campo esportivo de elite nos autoriza dizer que sua memória será considerada única a partir de uma orientação geral sobre o acontecimento em foco. Segundo Votre (1993, p. 60) “resume-se a umas poucas questões muito gerais, normalmente uma só, formulada a uma pessoa considerada especialista ou autoridade reconhecida no assunto, para que fale à vontade sobre os aspectos que o pesquisador focaliza”.

A pergunta deflagradora foi: “Como foi sua chegada ao mundo do atletismo, em especial nas *corridas de rua*”, permitiu a atora social discorrer sobre a temática ao mesmo tempo em que explorou de forma radical o objeto da pesquisa, o que certamente proporcionou dados de excelente qualidade. As respostas espontâneas associadas a maior liberdade e tempo não controlado para produzi-las garantiram a atora social condições necessárias para fazer emergir elementos inesperados sobre o objeto que podem se tornar úteis à pesquisa (MINAYO, 1996).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Identificamos, nos discursos reificados da literatura científica, como nos discursos produzidos pelo senso comum, que a corrida de rua é uma prática socialmente democrática e livre de qualquer forma de preconceito. Em ambos os universos os discursos sobre a corrida são estruturados tomando como referencial a ideia de que a prática da corrida, de competição ou estética/saúde, está relacionada à busca de um estilo de vida que seja dinâmico, saudável e prazeroso. Ou seja, a prática da corrida remete o imaginário das praticantes que o treinamento lhes garantirá uma melhora na qualidade de vida ou desempenho atlético. Pelo contrário, o estudo aponta que a prática da corrida, no campo do rendimento, ainda está permeado por relações assimétricas de poder existentes na sociedade, que se manifestam de forma travestida no campo do atletismo de alto rendimento.

CONCLUSÕES

O estudo mostra que mesmo com as transformações e avanços acontecidos no mundo esportivo passou nas últimas décadas ainda persiste a assimetria nas relações de poder entre homens e mulheres. Os aspectos que merecem um olhar mais radical são: a desqualificação que parte significativa dos atletas produzem sobre as “provas de rua”; à maneira como se está constituída a relação atleta x técnico; a forma silenciosa da exploração presente na relação técnico x atleta; as “provas de rua” como campo de emancipação da mulher atleta.

REFERÊNCIAS

- GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo: v. 19, n. 2, 2005.
- MINAYO, M. S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres no Tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011.
- VOTRE, S. J. **Metodologia da Pesquisa em Educação Física**. Vitória: UFES, 1996.

¹ Doutor. Universidade Estadual de Londrina. agmgpires@uel.br

² Mestre. Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL. anisiocalciolari@hotmail.com

³ Mestre. Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL.. morgfoz@gmail.com

CHIQUINHA GONZAGA E A DANÇA BRASILEIRA: CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO HISTÓRICA PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER¹

Eliane Regina Crestani Tortola¹

Larissa Michelle Lara²

PALAVRAS-CHAVE: Chiquinha Gonzaga; dança brasileira; condição de produção

INTRODUÇÃO

Este estudo buscou refletir acerca da condição de produção histórica que permitiu Chiquinha Gonzaga tornar-se uma personalidade singular no empoderamento da mulher no campo artístico brasileiro, envolvendo música e dança. Utilizou-se como recorte temporal a segunda metade do século XIX e início do século XX, período em que a maestrina produziu suas composições. Realizou-se uma pesquisa histórica por meio da biografia de Chiquinha, escrita por Edinha Diniz (1999), além das considerações do escritor Mário de Andrade (1976), com orientações da Análise do Discurso de linha francesa, empreendida por Michel Foucault.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu, em 1847, no Rio de Janeiro-RJ, filha de oficial do exército brasileiro e escrava alforriada. Segundo Diniz (1999, p. 27), cresceu em um período em que se destacava a abolição do tráfico de escravos (1850), a expansão da cafeicultura e a formação de uma classe intermediária formada por homens e mulheres livres que passaram a participar do processo de urbanização da cidade e do “crescimento considerável do trabalho intelectual e artístico”. Andrade (1976, p. 329) afirma que ela foi a “primeira regente mulher que já tivemos, profetizadora [...]”. Viveu por pouco tempo maritalmente, se revoltou e fugiu com o primeiro filho, sofrendo repúdio da família e da sociedade, marcada pelo sistema patriarcal, em que a mulher, que até então só saía às ruas para ir à igreja, sofre a clausura religiosa utilizada como castigo e ameaça às “moças inquietas”, e o “pecado da carne” (DINIZ, 1999, p. 51) era encarado exclusivamente como patrimônio feminino. Ameaçada e ridicularizada pela imprensa libertina, Chiquinha sofria investidas desse estilo jornalístico, sendo comparada a prostitutas, uma vez que ela

¹ Pesquisa vinculada ao projeto Abordagens Socioculturais em Educação Física, realizado pelo Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá-PR.

representava a dança, “numa fase em que a música é, basicamente, música de sala de visitas e a dança é um grande ornamento da vida social”. O autor, ainda completa: “ninguém conhecia melhor que ela a fórmula do sucesso no gênero de dança de salão” (DINIZ, 1999, p. 145).

Chiquinha Gonzaga, portanto, apropriou-se do estilo musical da época para vender, além de suas canções, a dança. Andrade (1976, p. 331) explica que a compositora, que se dedicou ao maxixe e à polca, pertence a uma condição de produção em que “a música de dança e das revistas de ano ainda não se degradaram cinicamente, procurando favorecer apenas os instintos e sensualidades mais reles do público urbano”. Para empoderar-se como mulher e musicista, enfrenta a interdição, ou seja, vai de encontro ao que era imposto: “não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo” (FOUCAULT, 1988, p. 81).

O papel empreendido por Chiquinha Gonzaga no empoderamento da mulher no período elegido para este estudo foi de denúncia ao preconceito e à repressão de seu tempo. Trata-se da mulher que rompeu com o verdadeiro da época, restrita ao casamento, aos filhos e ao anonimato. Ao assumir a própria vida e compor para teatro e dança, essa personagem singular anuncia a possibilidade de inserção feminina no trabalho, nas manifestações artísticas e corporais emergentes.

CONCLUSÕES

A condição de produção histórica que constituiu a danças brasileira embalada pelas canções de Chiquinha Gonzaga possibilitou compreender o enfrentamento que essa compositora sofreu ao romper com o discurso que legitimava a submissão atribuída à mulher na sociedade carioca, tendo, por exemplo, a instituição religiosa como superfície de interdição. Como primeira mulher a compor, interpretar e reger a música no Brasil, essa personalidade singular representa, por meio de suas canções, as danças apresentadas nas operetas musicadas por ela, o empoderamento da mulher que assume o controle de sua vida e deixa o legado da possibilidade de inserção feminina no campo artístico brasileiro em funções de direção, tarefa que, até sua aparição, era restrita ao homem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. **Música, doce música**. 2 ed. São Paulo: Martins, 1976.

DINIZ, E. **Chiquinha Gonzaga: uma história de vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 1.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, docente colaboradora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Faculdade Metropolitana de Maringá. Email: elitortola@gmail.com.

² Doutora em Educação pela UNICAMP, docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL. Email: laramlara@hotmail.com

MEMÓRIA DO TÊNIS: TRAJETORIA E PROFISSIONALIZAÇÃO FEMININA NO ESPORTE

Luiza Darido da Cunha¹

Guy Ginciene²

Pedro Lucas dos Santos Pêgo³

Evandro Antonio Corrêa⁴

PALAVRAS-CHAVE: tênis; gênero; esporte; profissionalização.

INTRODUÇÃO

Definir a origem do tênis é difícil, pode ser o harpastum romano, o jogo francês datado dos séculos XII a XVI *jeu-de-paume* (“jogo da palma”). Todavia, há consenso entre os autores (MUELLER; MIRANDA, 2006; SIQUEIRA, 1991; COLODETO; OLIVEIRA; SPOLIDORI, 2012; PINTO; CUNHA, 1998) que foi em 1874 que o major inglês Walter Clopton Wingfield, apresentou sua ideia do jogo de tênis à câmara dos oficiais de Londres. Desde então o tênis ganhou destaque entre os esportes, praticado por homens e mulheres e a relação desta modalidade com o Brasil é datado do final da década de 1880, na cidade de Niterói-RJ, trazido por esportistas ingleses.

De acordo com Fontoura (2003) os primeiros Grand Slam como em Wimbledon - 1877, a participação feminina aconteceu pela primeira vez neste torneio no ano de 1884 quando Maud Watson sagrou-se campeã. No Brasil, a referência no tênis é Maria Esther Bueno, tricampeã em Wimbledon (1959/60/64) e tetracampeã no US Open (1959/63/64/66). Foi número um do mundo em 1959/60/64/66 e tem um total de 589 títulos internacionais na carreira (MUELLER; MIRANDA, 2006).

Outro fato interessante é a profissionalização do tênis, Balbinotti *et al.* (2009) pontuam que a transição do amador para o profissional ocorreu até meados do século XX, quando iniciou o seu processo de profissionalização, mas vai se consolidar a partir da década de 1970. Assim, o objetivo consistiu em reconstruir via história oral a memória do tênis referente ao processo de profissionalização no esporte de uma atleta brasileira.

METODOLOGIA

Esta investigação foi de natureza qualitativa e foi realizada por meio da história oral. É necessário lembrar a necessidade de resgatar a história do tênis e, sobretudo, das mulheres,

que, nas palavras de Goellner (2012) encontram-se muitos documentos que se propõem a contar a história de diversas modalidades esportivas e o que se encontra é a narrativa histórica dos homens. Para o autor pouca ou nenhuma menção se faz as mulheres na composição do esporte brasileiro e afirma que a falta de registro sobre as mulheres no esporte não significa a sua ausência, mas a ausência de registros sobre essa participação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesse momento apresenta-se um recorte da entrevista realizada, já que há interesse em compreender a história recente do tênis feminino no Brasil e como ela é apresentada por meio do depoimento da participante envolvendo a sua trajetória nessa modalidade.

A participante desta investigação nasceu em 1981 em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, iniciou sua trajetória aos seis anos. O primeiro contato se deu com seu pai, professor de tênis de um clube e era a mais nova e a única menina entre os meninos.

Com nove anos participava de torneios e foi encarado como natural. A partir dos 12 anos se deslocava para treinar em outra cidade e foi campeã sul americana no Chile e aos 16 anos disputou o Roland Garros. Aos 17 anos ainda não tinha noção do que estava acontecendo e já era a 12^a do mundo na categoria juvenil e rapidamente houve a transição, não é mais juvenil, agora é profissional, *“e agora? o que você é? Nada”*. Nessa transição de acordo com o relato *“hoje o que eu sempre indico é deixar essa transição mais light (...) nos dois últimos anos”*. A transição do amador para o profissional é algo difícil, identificou-se também a relevância dos treinadores e as possibilidades do tênis no Brasil. Nesse processo surgem as lesões as quais atrapalharam a carreira e *“parei cedo por causa da lesão (...) com 26 anos (...) realmente já tava cansada de lutar com a dor”*. Consequentemente, isso levou a escolha da profissão como treinadora.

CONCLUSÕES

Durante a trajetória percebeu a iniciação, a transição e a relevância dos treinadores, a melhora do tênis no Brasil nos últimos anos e que há poucas atletas e também mulheres treinadoras nessa modalidade.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis**: novas perspectivas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COLODETO, I. B.; OLIVEIRA, C.; SPOLIDORI, W. L. História do tênis e processo pedagógico. In: **Anais...** 10^o Simpósio de Ensino de Graduação, Unimep, Piracicaba, 2012.

FONTOURA, F. C. **Tênis para todos**. Canoas: Editora da UBRA, 2003.
MUELLER, J.; MIRANDA, M. Tênis. In: DACOSTA, L. (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
PINTO, J. A.; CUNHA, F. H. G. O tênis como alternativa no currículo escolar para crianças entre 8 e 12 anos. **Motriz** - Volume 4, Número 1, Junho/1998.
SIQUEIRA, M. **Tênis: jogando melhor**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda. e. 1, 1991.

¹ Graduado, Unesp, ldarido@yahoo.com.br

² Doutor, Unesp Rio Claro, guy_ginciene@hotmail.com

³ Graduado, Unesp, pedrolucas_ef@hotmail.com

⁴ Mestre, Unesp-Bauru, prof.evandrocorrea@gmail.com

OS CORPOS PRESENTES NAS OBRAS DE HOMERO “ILÍADA” E “ODISSEIA”

Cahuane Corrêa¹

Marcelo Moraes e Silva²

PALAVRAS-CHAVE: Homero; Odisseia; Ilíada; Corpo.

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo visualizar e identificar as diferentes concepções de corpo presentes nas obras “Ilíada” e “Odisseia” do rapsodo grego Homero, na tradução de Carlos Alberto Nunes (2015), bem como quais são os corpos mais valorizados e os mais estigmatizados. Para alcançar tais objetivos, há a análise de “Ilíada” e “Odisseia”, identificando as diferentes concepções de corpo e suas funções sociais. Foram identificados e analisados os seguintes corpos: do guerreiro, do velho, da mulher, do escravo e do mendigo.

OS CORPOS DE HOMERO

No período que a obra retrata, a questão do cuidado com corpo era bastante enaltecida, visto que o corpo belo e forte era exaltado, pelo intenso controle corporal e a utilização do mesmo para benefício dos indivíduos e da sociedade. Então surge o corpo do guerreiro, responsável por manter a segurança da cidade e a captação de recursos. Para um guerreiro ser considerado um herói, enaltecido e temido por todos, deveria ter algumas excelentes características, como: boa estatura, membros fortes, agilidade, força, expertise no manejo de armas, caráter impecável, inteligência, engenhosidade e boa fala. Na sequência dessa “hierarquia” de divisões sociais, encontramos o corpo do velho, que vem a ser um guerreiro de outrora que não goza mais da vitalidade.

O velho era considerado sábio, aconselhava nas questões do funcionamento da cidade e nas questões de guerra, ensinando e acompanhando os jovens nesse quesito. Ainda utilizava seus conhecimentos e a força restante para proteger e manter o bom funcionamento da cidade. No outro extremo ao respeito pelo guerreiro e pelo velho, encontramos as mulheres, escravos e mendigos, que serão abordados a seguir.

A mulher é considerada frágil e passível de aceitar as imposições dos homens, pois é vista como fraca fisicamente e das suas faculdades mentais. Porém, em contrapartida a essa

fragilidade, encontramos as Amazonas, muito citadas por Homero, por tratar-se de mulheres guerreiras que combatiam como homens.

Abaixo das mulheres na hierarquia social encontramos os escravos e mendigos. Os escravos eram predominantemente mulheres, pois eram usurpadas de suas cidades derrotadas e destruídas, pois ao ganhar uma guerra, ao vencedor reserva-se o direito de saquear e “recrutar” escravos da cidade derrotada. Como a maioria dos homens participavam das batalhas, restavam vivas somente as mulheres e crianças. Essas mulheres eram utilizadas como domésticas, cuidando da casa e dos filhos dos nobres. Muitas vezes eram utilizadas também para trabalhos sexuais. Os escravos se caracterizam pela “coisificação” do corpo, pois há um enorme ultraje do mesmo, visto que deixa de se ter um controle sobre ele. Já o mendigo caracteriza-se como escória da sociedade, pois há a falta de cuidado com o corpo e a recusa do trabalho, sendo assim não contribui em nada com o bom funcionamento da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou-se à conclusão de que o corpo do guerreiro recebe maior prestígio e respeito, por ser altamente treinado e desempenhar um importante papel na sociedade, como a segurança e a captação de recursos para a cidade. Como corpo mais estigmatizado podemos elencar o corpo dos escravos e mendigos, pois se caracterizam pelo descuido com o corpo, dessa forma são considerados inferiores. Outro corpo considerado inferior é o da mulher, pois por ser considerado frágil, não desempenha um papel significativo na sociedade.

REFERÊNCIAS

HOMERO. *Ilíada (em versos)*. Trad. Carlos Alberto Nunes, 25.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015-a.

HOMERO. *Odisseia (em versos)*. Trad. Carlos Alberto Nunes, 25.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015-b.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física/ UFPR.

² Professor Dr. da UFPR e do Programa de Pós-graduação em Educação Física/ UFPR.

A RELAÇÃO COM O MÍSTICO DAS BATALHAS DE GLADIADORES EM ROMA

Leonardo do Couto Gomes¹
Jeferson Roberto Rojo²
Marcelo Moraes e Silva³

PALAVRAS-CHAVE: Gladiadores; Munera; Místico, Morte.

INTRODUÇÃO

Batalhas de gladiadores costumam fascinar pessoas, sejam através de livros, contos, e principalmente pelo cinema (MONTALVÃO, 2015). Porém, a visão cinematográfica tende a ser sensacionalista transmitindo imagens das batalhas de gladiadores geralmente voltadas a violência, a selvageria e ao massacre. Fato este que pode ser analisado por diferentes visões, pois as batalhas foram mais do que um mero espetáculo brutal, tendo papel relevante na economia e política romana, e em sua origem ligação com a religião e a morte (SOARES; VENTURINI, 2014).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma descrição histórica da origem das batalhas de gladiadores e sua relação com a morte e o místico. Para a realização do trabalho, nos apropriamos de fontes como artigos e livros disponibilizados em sítios eletrônicos especializados na temática abordando estes temas relacionados ao período do império romano.

AS BATALHAS DE GLADIADORES

As primeiras batalhas ocorreram na cidade de Roma em 264 a.C, como parte de um ritual funerário (GUARINELLO, 2007), sendo este recorrente do funeral do senador Decimus Brutus Pera. Combates raros e ligados a homenagear um morto ao sagrado. Eventos que foram denominados *Munera*, nome decorrente as obrigações devidas pelos herdeiros a um morto, e eram oferecidos a estes entes queridos os combates para acalmar a alma do falecido (MONTALVÃO, 2015).

Eventos estes organizados pelos entes do falecido, no *múnus fúnebre* local onde era realizado estes eventos, e não passavam de lutas simuladas em honra a um falecido (PAUL VEYNE, 1998). Havendo um grande comparecimento da população que ao final das contas se tornava popular, sendo distribuída comida e diversão em honra ao finado.

Com a implantação da república romana em 509 a.C, massificou-se os eventos focados nas batalhas de gladiadores. Batalhas agora com novas finalidades, o lucro e alienação por parte do imperador e seus submetidos. Porém, o evento ainda mantinha ligações com o místico. Tendo ainda espetáculos com temáticas e finalidades religiosas como o *Lemuria e Parentalia*. Eventos consagrados ao culto dos mortos. Outro evento com finalidade de homenagear o místico foi o *Ludi Romani*, destinado ao consagrao ao templo de Júpiter (SOARES; VENTURINI, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das fontes analisadas, observa-se que a as batalhas de gladiadores não são apenas selvageria e violência, e esta tem como sua origem o místico religioso da morte para os romanos, ficando evidente que os romanos valorizavam a religião transcrevendo traços desta em seus espetáculos. Mesmo com a massificação das batalhas após o surgimento da república e de uma nova visão de como utilizar-se dos combates, ainda assim podemos ver traços da religião e o místico presente nestas batalhas entre gladiadores.

REFERÊNCIAS

GUARINELLO, N.L. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. **HISTÓRIA**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 107-114, 2007.

MONTALVÃO, S. A. Jogos de Gladiador como Rito Romano: das origens religiosas como celebração popular até seu caráter de entretenimento de massa. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, v. 50, n. 11, p. 27-42. 06/2015

SOARES, T. A. B.; VENTURINI, R. L. B. GLADIADORES ROMANOS: ENTRE O MÁRMORE E A AREIA. **Revista Eletrônica de Antiguidade**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.354-365, 30 abr. 2014.

VEYNE, P.M. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora versidade de Brasília, 1998.

¹ Aluno de graduação em Educação Física/UFPR.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Física UFPR.

³ Prof. Dr. do Departamento de Educação Física da UFPR, Prof. do Programa de Pós-graduação em Educação Física UFPR

**OS MANUAIS DE GINÁSTICA DE PAULO LAURET E ANTONIO
MARTINIANO: UMA ANÁLISE COMPARADA**Ana Paula Gontijo da Fonseca¹Meily Assbú Linhales²

PALAVRAS-CHAVE: manuais de ginástica; circulação cultural; Paulo Lauret; Antonio Martiniano Ferreira

Os manuais de ginástica foram importantes meios para a circulação de saberes, procedimentos e modos de ensinar, tanto no Brasil como em Portugal, no século XIX e nas décadas iniciais do XX. A construção de um dispositivo com características de um guia de ensino foi estratégia adotada para organizar os conhecimentos de ginástica na forma de lições simples, facilitando a compreensão e aplicabilidade dos saberes vulgarizados pelos e nos manuais. O presente estudo tem como objetivo analisar e comparar dois manuais. O primeiro, elaborado pelo mestre português Paulo Lauret intitula-se “*Manual theorico-practico de gymnastica para uso dos lycéus, collegios, escolas municipaes e primarias*”, e foi publicado em Lisboa, em 1881. O segundo, de Antonio Martiniano Ferreira, denominado “*Compendio Pratico de Gymnastica para uso das escolas normaes e primarias*”, foi publicado em Ouro Preto, Minas Gerais em 1897. A escolha dos mesmos se justifica pela similaridade existente entre eles.

Paulo Lauret nasceu na região de Lisboa, foi conduzido à Casa Real Pia de Lisboa para ter a sua formação educacional, onde teve contato com a ginástica, se destacando como aluno de Jean Rouger. Lecionou em educandários de Lisboa e Porto. Entre 1881 e 1887, produz quatro manuais de ginástica que tiveram expressiva circulação em Portugal e, alguns deles, também no Brasil (LINHALES, 2014). Antonio Martiniano Ferreira nasceu em Ouro Preto, foi mestre de ginástica da Companhia de Aprendizes Militares e professor da cadeira de “Ginástica e evoluções militares” na Escola Normal de Ouro Preto. Acrescenta-se também a sua atuação como examinador dos concursos de Ginástica das Escolas Normais. Em 1897, publicou pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais o seu Compêndio (PUCHTA, 2015).

Ao analisarmos a obra de Antonio Martiniano, pareceu-nos estar diante de uma cópia do manual português. A obra de Lauret, com 254 páginas está assim estruturada: *Prologo*, seguido da *Primeira Parte* com descrições sobre a “*Anatomia do Aparelho Locomotor*”. Na

Segunda Parte, denominada *Pratica*, os exercícios ginásticos são apresentados em 11 lições, contendo 100 ilustrações. Com outras características em sua materialidade, o manual de Ferreira contém 48 páginas com a apresentação de 12 lições. Esta parte é antecedida de um parecer do “*Conselho Superior de Instrução Publica do Estado de Minas Geraes sobre o COMPENDIO PRATICO DE GYMNASTICA*” e logo em seguida, é apresentado um prefácio. Nas lições estão também incluídas 29 figuras. Além do formato das lições, as ilustrações presentes no Compêndio, são muito similares àquelas encontradas no manual de Lauret. Algumas frases, copiadas literalmente. No parecer que o relator Luiz Gonçalves Pessanha elabora para o Compêndio de Antonio Martiniano, menciona o fato de que tal obra constituiu-se como “*trabalho compilado*”(FERREIRA, 1897, p.4). Tais aspectos possibilitaram um estudo comparado de textos e imagens, permitindo conhecer o que foi apropriado e o que foi secundado.

Tal exercício, se pensado como fabricação cultural, nos oferece elementos de reflexão. Em momento algum, o professor Antonio Martiniano faz menção a Lauret. Outrossim, é relevante mencionar que o mestre português já estava em terras brasileiras, atuando na Capital da República como professor, ao mesmo tempo em que exemplares de suas obras eram lidos e adotados em outras instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Antonio Martiniano. (1897). *Compendio Pratico de Gymnastica para uso em Escolas Normaes e Primárias*. Ouro Preto: imprensa oficial do Estado de Minas.

LAURET, Paulo. (1881). *Manual theorico-practico de gymnastica para uso dos lycéus, collegios, escolas municipaes e primarias*. Lisboa: Empreza Horas Românticas.

LINHALES, M. A. (2014). Ginástica e Educação do Corpo na trajetória do mestre Paulo Lauret (Portugal e Brasil, 1876-1918. In: *Anais do X Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*. Curitiba: PUC - Paraná, v. 1. p. 1-10.

PUCHTA, Diogo Rodrigues. (2015). A escolarização dos exercícios físicos e os manuais de ginástica no processo de constituição da Educação Física como disciplina escolar (1882-1926). Programa de Pós-Graduação em Educação. FaE/UFMG. (Doutorado, Tese). Belo Horizonte, UFMG.

¹ Graduada em Educação Física, atuou como bolsista de apoio técnico (FAPEMIG) no CEMEF/UFMG. Membro do grupo de pesquisa “Modelos pedagógicos para a Educação Física e a formação de seus professores.” Endereço eletrônico: aninhagfonseca@yahoo.com.br

² Prof.^a Dr.^a do Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, da FaE/UFMG. Endereço eletrônico: meily_linhales@yahoo.com.br.



A RECEPÇÃO DAS IDEIAS NATURISTAS DE GEORGES HÉBERT NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS (1913-1940)

Carolina Nascimento Jubé¹

PALAVRAS-CHAVE: Georges Hébert; naturismo; Brasil

INTRODUÇÃO

Georges Hébert, passou por uma guinada naturista quando lançou o livro *Guide Pratique d'Éducation Physique* (1909). Ele promoveu os banhos e o trabalho ao ar livre ao afirmar que o “treinamento é feito naturalmente pelo trabalho, com o torso nu, o maior tempo possível, e também por meio dos banhos de ar em todas as estações.” (HÉBERT, 1916, p.VII). Muitos estudiosos afirmaram que a maior influência em sua proposta naturista foi conferida pela proximidade com Dr. Paul Carton (1875-1947). O naturismo cartoniano ofereceu uma originalidade singular à obra de Hébert, assim como, um caráter doutrinal e uma dimensão de filosófica de vida à seus adeptos.

As práticas naturistas, já populares na Europa, chegaram ao Brasil ainda nas primeiras décadas século XX. Inúmeras matérias sobre o tema circularam nos periódicos nacionais e narraram a importância dos banhos de sol, de ar e da seminudez. Associaram assim, os usos da natureza à cultura física e ao Método Natural de Hébert. Essa combinação seria a solução para o raquitismo, para o sedentarismo, e outros males que lesavam toda a sociedade brasileira. Combateria ainda o alcoolismo, o tabagismo, e demais vícios que desvirtuavam o caráter dos cidadãos e enfraquecia a raça.

OBJETIVO

Analisar as ideias naturistas de Hébert que chegaram ao Brasil por meio de periódicos nacionais que circularam entre os anos de 1913 a 1940.

METODOLOGIA

Para este trabalho foram utilizadas como fontes periódicos brasileiros que publicaram, entre os anos de 1913 a 1940, matérias sobre o Método Natural de Hébert e seus princípios. Foram elencados: Fon-Fon!; Jornal do Brasil; O Imparcial; O Imparcial Sportivo; Correio da Manhã; Gazeta de Notícias e O Paiz. A metodologia do trabalho consiste em confrontar estas fontes com as referências brasileiras e francesas como, Soares (2003), Delaplace (2005) e

Villaret (2005), a fim de compreender de forma aprofundada a recepção das ideias de Hébert no Brasil pelo viés da natureza.

DISCUSSÃO

As preocupações nacionais, recorrentes do início do século XX, com as epidemias, os vícios e a falta de vigor físico da mocidade, despontaram nas matérias dos periódicos brasileiros. Os princípios de cura pela natureza, por meio dos banhos de ar, de sol e a nudez controlada, foram publicados nos jornais em forma de recomendação médica. Higienistas, como Dr. Moncorvo Filho, colocaram em prática a “ginástica natural” pelo método de “Hébert e Carton” com a finalidade de curar as crianças. As observações médicas veiculadas nesse período defendem ainda, a importância dos banhos de sol e de ar na vida física e moral dos cidadãos. Seu papel fundamental estava na revigoração da saúde e da raça e também no tratamento, por exemplo, de crianças tuberculosas.

As matérias trouxeram referências contundentes aos princípios de Hébert. As qualidades viris e morais, a vontade, a coragem, o sangue-frio, assim como os deveres para com a pátria e o altruísmo, foram extraídos dos ensinamentos do autor francês e propagados nos periódicos brasileiros. Os jornais da época aconselhavam a prática de uma ginástica útil e metódica em contato com os elementos da natureza, com os banhos e com uma vida ao ar livre. Asseguraram a importância de estimular, desde cedo, o hábito do exercício físico como maneira de desenvolver o organismo e cuidar do corpo. Houve ainda, recomendações para a adoção do Método Natural nas instituições de ensino brasileiras.

CONCLUSÃO

Foi possível concluir que os princípios e as propostas naturistas de Hébert chegaram ao Brasil ainda na década de 1910 e se vincularam ao pensamento médico higienista por meio de uma abordagem voltada aos tratamentos terapêuticos de doenças e para conservação da saúde. Os processos de cura são, portanto, importantes indícios de um campo onde as ideias de Hébert penetraram. É possível certificar que, a ligação com Dr. Carton e com os fundamentos do naturismo francês, foram determinantes para que o nome de Hébert tenha chegado no Brasil. Desse modo, conseguimos compreender um ponto da recepção da obra e das ideias de Hébert, fato que corrobora para o melhor esclarecimento da relação histórica entre as práticas ginásticas propostas na França por meio do Método Natural e sua adaptação à realidade brasileira.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Apoio financeiro FAPESP/CAPES. Processo nº 2014/16989-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

REFEÊNCIAS

DELAPLACE, J-M. *George Hébert: Sculpteur du corps*. Paris: Vuibert, 2005.

SOARES, Carmen. L. Georges Hébert e o Método Natural: Nova sensibilidade, nova Educação do corpo. *Rev.Bras.Cienc.Esporte*. Campinas, v.25, n.1, p.21-39, set. 2003.

VILLARET, Sylvain. *Histoire du naturisme en France*. Depuis le siècle des lumières. Paris: Vuibert, 2005.

¹ Doutoranda, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: caroljube@gmail.com

A REDE EDUCACIONAL MACKENZIE E SUAS FORMAS DE PROMOÇÃO DA GINÁSTICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX NA CIDADE DE SÃO PAULO

Mateus Henrique de Oliveira¹

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima²

Matheus Antonio Gomes³

Isabela Favaro Massaro⁴

Myrian Nunomura⁵

Eliana de Toledo⁶

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica; Mackenzie; Ginástica Sueca; História da Ginástica

INTRODUÇÃO

A Escola Americana foi fundada em 1870, sendo que em 1890 cria-se o Gymnasio Mackenzie e o Mackenzie College, todos na cidade de São Paulo (ASSIS e VERANO, 1997). Segundo esses mesmos autores, rapidamente, essa rede se tornou referência educacional na cidade, pelo mérito de suas estratégias pedagógicas inovadoras e pela prática intensiva de inclusão social, étnica e política. Dado sua trajetória centenária, com destaque no cenário educacional e esportivo, não somente na cidade de São Paulo, objetivou-se identificar se a Ginástica fazia parte desse escopo de práticas educacionais, e caso sim, como ela se desenvolveu nesse contexto no início do século XX.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa histórica, de caráter documental, tendo-se como fonte os documentos disponibilizados pelo Centro Histórico e Cultural Mackenzie, à saber: 57 edições do Prospecto do Mackenzie College, Gymnasio Mackenzie e Escola Americana (1902 - 1946); 2 edições da Revista da Associação Athletica Mackenzie College (1931 e 1935); e 133 fotografias (de diferentes períodos e eventos do início do século XX).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Identificou-se que as aulas ocorriam em espaços ao ar livre e em ginásios (ambos multidisciplinares), com e sem aparelhos, e baseavam-se na Ginástica Sueca, em conjunto com aulas de Escotismo e Arte Militar. Essas aulas eram ministradas por oficiais do Exército e se estendiam por todo o curso, com relatos desde 1918, sendo obrigatória na educação básica, e com planos de torná-la também obrigatória na educação superior. Destacou-se nesta análise os objetivos dessas aulas, que, pareciam visar tanto o condicionamento físico (numa perspectiva individual) como a sincronia de movimentos com música (numa perspectiva

coletiva), almejando-se um trabalho coreográfico a ser apresentado publicamente. A Ginástica tinha caráter demonstrativo, tendo grande destaque nas apresentações dos alunos nos eventos anuais denominados “*Mackenzie Day*”.

Criado em 1895, estendendo-se durante o século XX, e nele, as turmas realizavam diversas atividades físicas e esportivas, com caráter competitivo (jogos) e demonstrativo, nas quais estavam as apresentações de Ginástica. Reunia alunos diante de instrutores para realizarem uma sequência de elementos ginásticos, com aparelhos (arcos, bolas, bastões) e à mãos livres, tanto em pequenos grupos como em grandes. Identificou-se que as grandes, com amplas formações coreográficas e grande número de participantes, assemelhava-se às encontradas em festividades na Europa no final do século XIX e início do XX (HOBSBAWN e RANGER, 1997; SOARES, 1998), assim como em grandes festivais, à exemplo dos Slets (GADJOŠ et al, 2012) e do Deutsch Turnfeste (NEUMANN, 1987).

CONCLUSÕES

Concluiu-se que a rede educacional Mackenzie mostrou-se como uma grande promotora da Ginástica no início do século XX, pois já tinha a Ginástica como conteúdo/prática obrigatória e estendida por toda sua rede (especialmente no ensino básico), com instrução militar, com um forte caráter demonstrativo, fundamentada na Ginástica Sueca, sendo apresentada em pequenos e grandes grupos, nas festividades escolares, com destaque para o evento “*Mackenzie Day*” que potencializava anualmente sua apreciação e visibilidade.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, C. e VERANO, P. N. **Mackenzie, 126 anos de ensino: valores acima do tempo**. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 1997.
- GAJDOŠ A., PROVAZNIKOVA M., BEDNAR K., BANJAK S.J. SOKOL SLETS: the essence of gymnastics in Czechoslovakia, Czech and Slovak Republic (celebrating 150 years of gymnastics). In: **Science of Gymnastics Journal**, Vol. 4 Issue 3: 73 – 82, 2012.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- NEUMANN, H. **Deutsche Turnfeste – Spiegelbild der Deutschen Turnbewegung**. Berlin: Limpert, 1987.
- SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1998.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Apoio FAPESP e Centro Histórico e Cultural Mackenzie.

¹ Graduando. Curso de Ciências do Esporte, FCA-UNICAMP, Limeira. matthenri0@gmail.com.

² Mestre. Depto. de Educação Física – Inst. Biociências. UNESP. leticia_queiroz@hotmail.com.

³ Graduando. Curso de Ciências do Esporte, FCA-UNICAMP, Limeira. maatt.me@live.com.

⁴ Graduanda. Curso de Ciências do Esporte, FCA-UNICAMP. isabela.massaro@hotmail.com.

⁵ Doutora. Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP. mnunomur@usp.br.

⁶ Doutora. Curso de Ciências do Esporte, FCA-UNICAMP. eliana.toledo@fca.unicamp.br.

A “HORA DA GYMNASTICA” E A “HORA DA SAÚDE” PROPAGADAS PELO RÁDIO E JORNAL NO GOVERNO DE VARGAS (1930-1945)Ariza Maria Rocha¹*PALAVRAS-CHAVE: Gymnastica; Eugenia; Governo de Vargas; Rádio e Jornal;***INTRODUÇÃO**

A chamada “Era Vargas” representou um governo autoritário e modernizador. Buscando a unidade do país e o desenvolvimento econômico, Getúlio Vargas, no período de 1930-1945, utilizou o cinema, rádio, jornal, teatro para divulgar as ações do governo e chegar ao trabalhador de todas as partes deste imenso Brasil. Neste contexto, o ensino da ginástica no rádio e o jornal difundia o espírito nacionalista e eugenista da ginástica, esporte e Educação Física, juntos, esses eram os principais veículos de comunicação que através da “Hora da *Gymnastica*” e a “Hora da Saúde” ajudaram a divulgar a educação corporal na sociedade brasileira.

Este texto tem o objetivo de refletir a ginástica divulgada no rádio e jornal durante o governo do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) no período de 1930-1945. O termo ginástica correspondia a sistematização de exercícios físicos fundamentados em métodos provenientes de alguns países e adotados no Brasil, entre eles, a escola sueca (Jornal, O Estado de São Paulo, 05/03/1936, p.11) e alemã (JORNAL, O ESTADO DE SÃO PAULO, 23/06/1935, p.11) que prosperava naquele contexto e, posteriormente, foi incorporada na constituição da área da Educação Física, juntamente com o esporte, exercícios e outras atividades físicas.

Trata-se de um estudo bibliográfico, a partir da obra de Carvalho (1994) intitulada “Hora da Ginástica: um resgate da obra do Professor Oswaldo Diniz Magalhães” e também documental em que recorremos ao jornal “O Estado de São Paulo” compreendendo o período de 1930-1945 para buscar as programações divulgadas nas irradiações do rádio, principalmente, aquelas que transmitiam a “Hora da *Gymnastica*” e a “Hora da Saúde” a exemplo da Sociedade Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Rádio São Paulo, Sociedade Rádio Cosmos, Rádio Cruzeiro do Sul e a Rádio Educadora Paulista.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O poder de Getúlio Vargas perdurou por 15 anos divididos em diferentes momentos, a saber: o Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945). É nesse contexto de intensa disputa política em nome da defesa e unidade do país, que os veículos de comunicação de massa propagavam os ideias nacionalistas,

ufanismo e civismo para formar física, mental e moralmente o povo brasileiro cujo papel foi atribuído a ginástica emitida pelas ondas do rádio e nas páginas do jornal “O Estado de São Paulo” que anunciava diariamente a programação da “Hora da Saúde” e a “Hora da *Gymnastica*”. O referido período foi propício ao desenvolvimento da ginástica, esporte e Educação Física a partir de uma “base positiva de elevação *physica* e moral da raça” (JORNAL ESTADO DE S. PAULO, 16/06/1937, p. 3). Neste quadro, a sociedade apoiava qualquer boa iniciativa que visasse o progresso de uma “vida *physica* nacional”.

O jornal Estado de S. Paulo como veículo de comunicação de massa divulgou essas e outras ações propagando a ginástica na sociedade brasileira, desde a escola aos clubes e associações, atingindo um público variado: crianças e adultos, jovens e velhos, homens e mulheres, trabalhadores e homens de negócio.

Os programas de rádio comungavam com as mesmas ideias e foi nesse contexto que teve a inserção da “Hora da *Gymnastica*” e “Hora da Saúde” nas irradiações na Sociedade Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Sociedade Radio Cosmos e Radio Cruzeiro do Sul. Nessa participação, teve destaque o prof. Oswaldo Diniz Magalhães na Rádio do Ministério da Cultura, e que foi antecedida pela Sociedade Rádio Nacional do Rio de Janeiro-PRE8. Considerado um exemplo, o professor cujo pseudônimo era Dom, levou para os radioginastas, ao vivo, a “ginástica para todos em toda parte” (MAGALHÃES apud CARVALHO, 1994, p.61) que iniciou em 16 de maio de 1932 e estendeu-se até 1983.

CONCLUSÕES

Este trabalho tomou como pressuposto o papel desempenhado pela ginástica durante o governo de Getúlio Vargas e que teve importância ao ponto de ser um espaço especial no rádio e no jornal. Tais veículos propagaram as ideias e ações vigente no mencionado governo, tais como a melhoria da raça e a educação cívica na formação corporal do brasileiro.

REFERÊNCIAS

ESTADÃO, JORNAL ESTADO DE S. PAULO (1930-1945). Acervo. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/1916092613790nac00049994not/busca/alimenta%C3%A7%C3%A3o+gymnastic%C3%A1>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

CARVALHO, Sérgio. *Hora da ginástica: resgate da obra do professor Oswaldo Diniz Magalhães*. Santa Maria: UFSM, 1994. Disponível em <http://cev.org.br/biblioteca/hora-ginastica-um-resgate-obra-professor-osvaldo-diniz-magalhaes> acesso no dia 19/12/2015. Acesso em: 13 fev. 2015.

¹Doutora, Universidade Regional do Cariri, arizarocha2000@yahoo.com.br

A REVISTA *MOCIDADE* NA CIRCULAÇÃO DA GINÁSTICA E DO ESPORTE NAS ASSOCIAÇÕES CRISTÃS DE MOÇOS BRASILEIRAS (1898-1925)Anderson da Cunha Baía¹Carolina Fernandes da Silva²Andrea Moreno³

PALAVRAS-CHAVE: Revista Mocidade; Associação Cristã de Moços; Esporte; Ginástica.

A Revista *Mocidade* contribuiu com a circulação de práticas e saberes nas Associações Cristãs de Moços (ACMs) brasileiras. Instituição criada na Inglaterra, em 1844, implantou-se no Brasil em 1893, no Rio de Janeiro, por intermédio do norte-americano Myron Augusto Clark. Seu projeto de formação, seguindo um padrão norte-americano, apresentava-se alicerçado no tripé: formação intelectual, moral e física (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 2002).

Para proporcionar uma formação física aos associados, a ginástica e o esporte apresentaram centralidade, foram eleitos e colocados em evidência, para todos os associados por diversos meios de comunicação, entre eles – e o principal – a *Mocidade: Revista Mensal das Associações Christãs de Moços no Brasil*. Tratava-se de um *órgão oficial* das ACMs no Brasil, de publicação mensal, que era distribuída a todos os seus associados. É a partir da importância desse periódico que temos como propósito compreender a circulação de saberes e práticas referentes à ginástica e ao esporte na revista *Mocidade*.

Foram analisados 88 números da revista. Não se pode precisar o período final do periódico, mas se nota, nos exemplares presentes na Biblioteca Nacional, que, a partir de meados da segunda década do século XX, as publicações começaram a tornar-se menos frequentes, finalizando, para este estudo, no ano de 1925. Todos os números produzidos pela ACM foram analisados como um impresso que nas palavras de Limeira (2012), forjam, legitimam e ratificam valores, ideias, projetos, mobilizam discursos na produção de verdades. Elegem fatos que chegam ao público, assim como a forma como estes fatos serão recebidos. A Revista *Mocidade* contribuiu com a circulação de discursos que diziam de saberes e práticas acerca do esporte e da ginástica, os quais foram centrais no projeto de formação física da instituição.

O esporte e a ginástica foram utilizados na Associação Cristã de Moços para sustentar o discurso institucional da formação de um corpo viril, forte (mas sem exageros de hipertrofia), saudável, eficiente, preparado para o trabalho, passível de controlar as vontades,

recatado. O corpo deveria, portanto, ser tratado como tal. A alimentação adequada, as formas de comportar e agir e as orientações de como deveria ser a atuação do esportista nos momentos de competições e pós-competição eram elementos que conduziam a uma “reforma dos costumes”.

A Associação não aconselhava a prática de atividades físicas de forma desorientada, ao contrário disso, indicava somente os exercícios físicos organizados a partir dos princípios científicos e com orientação adequada. Essas ideias integraram um debate que, em grande parte, foi incorporado ao discurso acmista brasileiro por meio de um conjunto de textos que circularam pela Revista Mocidade (BAIA, 2012).

A ginástica, mais do que uma prática corporal, incidiu sobre a moral do indivíduo, possibilitando-o controlar a vontade e os desejos, conformando o seu corpo aos propósitos acmistas. O esporte, por sua vez, mesmo não sendo percebido, no início, como uma prática que permitia um desenvolvimento harmonioso do corpo, como era vista a ginástica, foi, aos poucos, conquistando espaço e sendo incorporado e trabalhado de forma a contribuir no projeto das Associações Cristãs de Moços, no Brasil.

Contudo, o projeto de formação física das Associações Cristãs de Moços no Brasil contribuiu para o adensamento do debate acerca da necessidade do exercício físico na formação da mocidade. Assim, o ambiente institucional e o ambiente fora da ACM constituíram-se como espaços de intervenção que, por meio das prescrições e ações acmistas, elegeram e legitimaram a ginástica e o esporte como práticas capazes de contribuir na formação do caráter do jovem brasileiro.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. *100 anos da Associação Cristã de Moços de São Paulo (1902-2002)*. São Paulo: Árvore da Terra, 2002.

_____. *Mocidade: Revista Mensal das Associações Christãs de Moços no Brasil*. 1898-1925.

BAIA, Anderson da Cunha. *Associações Cristãs de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)*. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2012.

LIMEIRA, Aline de M. *Impressos: veículos de publicidades, fontes para história da educação*. Cadernos de História da Educação – v.11, n.2, jul-dez, 2012.

¹ Doutor em Educação. Professor na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: andersonbaia@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências do movimento Humano. Professora na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: Carol_ed.fis@hotmail.com

³ Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: andreafeufmg@gmail.com

**EDUCAÇÃO DO CORPO NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO:
AS SEMANAS DE EDUCAÇÃO (1928-1935)**Leonardo Mattos da Motta Silva¹Edivaldo Góis Junior²*PALAVRAS-CHAVE: educação física; semana de educação; corpo; Brasil;***INTRODUÇÃO**

No Brasil urbano das décadas de 1920 e 1930, a higiene, a saúde e a educação pública eram temas corriqueiros nas discussões dos articulistas dos periódicos, dos médicos, dos intelectuais. Todos esses estavam interessados no desenvolvimento social e econômico daquele país que paulatinamente consolidava estratégias de educação do povo. Uma das necessidades mais relevantes residia na educação do corpo. Naquele momento eram evidenciadas práticas e discursos que sustentariam novos hábitos nas esferas pública e privada. Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar as estratégias de educação do corpo traçadas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), tendo como objeto de estudo as Semanas de Educação promovidas por esta instituição nos anos de 1928, 1929, 1930, 1931, 1933 e 1935. A análise que permitiu construir uma narrativa centrada nos sentidos, nos significados e nas representações de um evento que tinha como objetivo “educar”, vieram da História Cultural, pois permitiu valorizar todas as dimensões da cultura, não somente a econômica e a social. Entende-se ser muito difícil apreender a cultura em uma determinada área do conhecimento, mas ainda assim é ela que nos ajuda a (abre aspas)

pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos — ou, por outras palavras, das representações do mundo social — que, a revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1990, p. 19).

Esta pesquisa torna-se justificável e relevante na medida em que procura expor de forma objetiva como foi trabalhada a questão da educação do corpo dentro de um espaço (ABE, Rio de Janeiro, Brasil) e tempo (início do século XX) específicos, investigando assim a história da relação do corpo com a pedagogia, escola, gênero, sexualidade e saúde. Para esta construção, utiliza-se de fontes primárias e inéditas.

A Semana de Educação, em seu nascedouro, nos EUA, previa uma ação em todas as Américas. Articuladas no sentido de dar visibilidade à importância da escola no meio social,

buscando familiarizar toda a sociedade com os hábitos e práticas ditas “modernas”. Para isso as atividades eram orquestradas para que não se limitassem somente às escolas, Todas as instancias e atores sociais (família, vizinhos, igreja, poder público) eram convidados a participar. Isso demandava patrocínio não só da Diretoria de Instrução Pública, no caso do Brasil, mas igualmente de várias outras instâncias da sociedade civil. Dessa maneira, os temas como educação (moral, intelectual, profissional, cívica, physical), mestre, escola, lar, higiene (do corpo, da casa, das roupas), natureza e trabalho eram esmerados a fim de socializar as maneiras “corretas” que deveriam ser empreendidas em cada questão da vida. O evento, claramente sustentado pelas ideias da Escola Ativa, buscava não impor os conhecimentos, mais sim possibilitar que os indivíduos o assimilassem, entendendo o motivo de suas ações pela via científica e tinha na infância o seu principal alvo.

Foi assim que o corpo da criança foi exposto aos mais diferentes estímulos, trabalhos manuais, palestras, excursões pela cidade, cinema, exercícios físicos, testes vocacionais, etc. E como meio, foi utilizado para difundir e exibir os “modernos” hábitos de higiene e educação propostos durante o evento e contrapor os hábitos viciosos e corruptíveis dos adultos. Para cada dia da “Semana de Educação” o corpo deveria se portar e se relacionar de uma forma pré-determinada perante a natureza, a escola, o lar, o mestre, a saúde.

Este trabalho sustenta que, de fato, as Semanas de Educação, em solo brasileiro, não ofereceram toda essa originalidade e avanço que os abeanos fizeram vender. Muitas das iniciativas já existiam no contexto brasileiro, o que o evento norte-americano possibilitou foi aglutina-las sob sua chancela. Os “pelotões de saúde”, “copo de leite”, atividades extraclasse (fora da escola), e até mesmo o “círculo de pais” já buscavam trazer pais e mães para dentro da escola, o que era uma das propostas chave do evento americano. Esta iniciativa possibilitou através do seu selo “norte-americano”, uma maior propaganda da causa educacional, a aglutinação de todas essas atividades, a participação de uma maior parcela da sociedade e também uma maior abrangência da ABE no cenário nacional.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

¹ Professor mestre, Universidade Federal Fluminense. leomattosms28@gmail.com

² Professor doutor, Unicamp. egoisjunior@gmail.com

**SER UN CUERPO EDUCADO EN EL URUGUAY (1875-1918):
UN ANÁLISIS DE LOS PROCESOS DE EDUCACIÓN DEL CUERPO A PARTIR DE
LA NOCIÓN DE *URBANIDAD***

Gianfranco Ruggiano¹

PALABRAS CLAVE: Educación, Cuerpo, Urbanidad, Uruguay.

INTRODUCCIÓN

¿Qué es un cuerpo educado? Un cuerpo educado puede ser entendido como un cuerpo que ha sido introducido dentro de un territorio de pensamiento en el cual tiende a asegurarse el funcionamiento que una cultura construye en torno a los usos y modos de ser de los cuerpos, podríamos decir, un cuerpo que ha sido atravesado por las tensiones inherentes a esa construcción.

Una de las principales tensiones del Uruguay entre 1875 y 1918 se constituyó en torno a las relaciones que se establecieron entre los espacios urbanos y los espacios rurales, no tanto por la inauguración de un vínculo antes inexistente, sino por una reconfiguración a partir del lugar –material y simbólico– que algunas ciudades pasaron a ocupar. Parece pertinente señalar, en este mismo sentido, que si es cierto que nuestras sociedades se estructuran a partir de la oposición entre el medio urbano y el rural, igualmente cierto es que esta oposición no implica una mutua negación, sino que por el contrario entre ellos se establecen relaciones y se tejen solidaridades. Mucho más que como una negación de “lo rural”, la imposición de “lo urbano” como fundamento de organización de la vida debe ser entendida como una configuración particular de cómo se establecen estas relaciones.

Por otra parte, siguiendo los aportes realizados por el historiador uruguayo José Pedro Barrán (1979) y considerando que Uruguay durante esos años atravesó un proceso de transformación importante, el cual implicó una urbanización a nivel de la mentalidad y la sensibilidad de su población, podemos avanzar un paso y preguntarnos ¿cómo la urbanidad contribuyó a construir cuerpos educados en ese escenario?, ¿de qué modo esta noción se constituyó como un mecanismo de educación de los cuerpos?

Como un primer elemento a considerar, convendría señalar la imposibilidad de entender a la urbanidad por fuera de una red de significaciones que le asignan un lugar dentro de un espacio de pensamiento en particular. En esa red encontramos otros conceptos que fueron determinantes; en este sentido, las fuentes a partir de las cuales este trabajo fue realizado dan cuenta de la imposibilidad de entenderla de manera independiente, por ejemplo,

de la virtud, de la moral o de la higiene. De este modo, por urbanidad no se deberá entender solamente el crecimiento de las ciudades desde el punto de vista arquitectónico, es decir no tanto la transformación de un espacio “rural” en un espacio “urbano”, sino, mucho más, todo el conjunto de prácticas directamente vinculadas a este crecimiento urbano, y a la forma de organizarse la vida en las ciudades, que al tiempo que suponen la existencia de estos espacios urbanos y rurales, tienden a su organización, y de este modo contribuyen a asegurar su continuidad.

FUNTES

- BERRA, Francisco. **Nociones de Higiene privada y pública**. Montevideo: Librería nacional de A. Barreiro y Ramos, 1887.
- CARREÑO, Manuel Antonio. **Manual de urbanidad y buenas maneras para uso de los jóvenes de ambos sexos; en el cual se encuentran las principales reglas de civilidad y etiqueta que deben observarse en las diversas situaciones sociales; precedido de un breve tratado sobre los deberes morales del hombre**. Paris: Librería de Garnier Hermanos, 1892.
- HUDSON, William. **La tierra purpúrea**. Montevideo: Cuadernos de Marcha, 1968.
- LAMAS, Alejandro. **Educación Física y manual de gimnasia escolar**. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1903.
- LEGNANI, Mateo. **Esbozo de una higiene integral**. Montevideo: Imprenta artística de Dornaleche hermanos, 1918.
- MARTÍNEZ VÁZQUEZ, Francisco. **El cuerpo humano: Nociones elementales de Anatomía, Fisiología e Higiene**. Montevideo: Instituto Martínez Vázquez, 1912.
- RODÓ, José Enrique. **Obras completas de José Enrique Rodó**. Bs. As.: Ediciones Antonio Zamora, 1956.
- SINUÉS, María del Pilar. **La mujer en nuestros días. Obra destinada a las madres y a las hijas de familia**. Montevideo: Imprenta Rural, 1878.
- STAFFE, Blanche Augustín. **Usos y prácticas sociales: Reglas y consejos para conducirse en la sociedad**. Montevideo: Barreiro y Ramos Editor, 1893.
- STAFFE, Blanche Augustín. **De la Necesidad y los medios de agradar**. Montevideo: Barreiro y Ramos Editor, 1896.
- URUGUAY. Dirección General de Instrucción Primaria. **Programas Escolares aprobados por resolución gubernativa de fecha 1° de febrero de 1897**. Montevideo: El siglo ilustrado de Mariño y Caballero, 1907.
- URUGUAY. Dirección General de Instrucción Primaria. **Programa de enseñanza primaria para las escuelas urbanas**. Montevideo: El siglo ilustrado de Gregorio Mariño, 1917.

¹ Doctorando en Educação, por la Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil; Profesor y Director del Departamento Educación Física y Prácticas Corporales, del Instituto Superior de Educación Física (ISEF-UdelaR), Uruguay. algoasicomofranco@gmail.com

MEMÓRIA CULTURAL AFRO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO PARA/PELO LAZER NO MUSEU AFRO BRASIL

Silvana dos Santos

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

PALAVRAS-CHAVE: lazer 1; Museu Afro Brasil 2; exposições 3; afro brasileiro 4; educação física.

INTRODUÇÃO

Observamos poucos estudos no que concerne à fundamentação teórica, metodológica e estética para desenvolvimento de uma animação sociocultural afro brasileira. Logo, a fim de envidar avanços nessa lacuna, optamos por observar como a cultura afro brasileira é abordada em ambientes de educação não-formal diferentes da educação física, tendo como lócus de estudo o Museu Afro Brasil (MAB) em São Paulo, no período de 19 a 21 de abril de 2013, numa visita técnica a exposição permanente, cujo objetivo foi identificar as ações realizadas no Museu numa perspectiva de educação para/pelo lazer, tendo como metodologia o estudo de caso de cunho qualitativo.

Ações recorrentes do Museu Afro Brasil

De acordo com o plano museológico (2011) o MAB conta com 12 educadores, os quais possuem graduação concluída nas áreas de História, Ciências Sociais ou Artes Visuais, Pedagogia, História e Filosofia, com conhecimento em pesquisa em nível iniciação científica e assuntos relacionados à diáspora africana. Os educadores atendem grupos agendados e público espontâneo (individual ou em grupo) mediando as visitas. Estes educadores precisam organizar estratégias de atendimento adequadas às diretrizes do Museu e às demandas de visitantes, bem como zelar pelo acervo e espaço expositivo, participando da elaboração de materiais educativos e demais projetos culturais.

Dentre as atividades propostas pelos educadores destacam-se o Programa de Acessibilidade Singular Plural, oficinas, visitas mediadas, encontros com educadores, aos pés do Baobá, visitas temáticas, e encontro com o artista.

A exposição permanente encontra-se organizada em seis núcleos: África – diversidade e permanência; trabalho e escravidão; as religiões afro-brasileiras; o sagrado e o profano; história e memória; artes plásticas – a mão afro brasileira.

Análise e discussões

Compreendemos que o museu é um espaço de aprendizagem capaz de provocar novas práticas educativas, envolto por uma animação educativa mediada pela estética, fruição, sonho, espanto e até mesmo pela curiosidade. Por outro lado, devemos explicitar que a montagem do acervo, acontece de forma intencional, possibilitando formas de comunicação entre o objeto e o sujeito. Neste aspecto, Costa (2012, p. 5) pondera que a construção/elaboração deve ser “a partir da postura de reflexão dos docentes em sua experiência de ensinar e aprender em ambientes não formais”.

Também, não se pode negar que a aquisição de conhecimento no âmbito museu é centrada nas exposições, de modo que os visitantes estabelecem estilos e formas distintas de interpretação das obras contidas no interior deste espaço relacionando com seu próprio cotidiano. Assim, “o cotidiano do público é o mediador de sua participação interpretativa, ou seja, o público em museus interpreta a partir da sua experiência” (CURY, 2006, p. 33).

Em síntese, o museu, por si só, é capaz de realizar o papel educativo por meio de suas obras expostas. No entanto, a educação para e pelo lazer nessa instituição se acentua com as propostas educativas ofertadas pelos educadores em suas intervenções.

Conclusão

A partir das ações educativas realizadas pelos educadores, podemos afirmar a existência do diálogo sujeito/obra/educador, ampliando o acesso às mais variadas manifestações da cultura africana e afrobrasileira. Evidenciando que as propostas de intervenção por meio das manifestações culturais afrobrasileiras também se expandem ao campo do lazer. Assim, as formas de intervenção/atuação realizados no MAB relacionam-se em parte com o que chamamos de cultura do movimento corporal na Educação Física. Dessa forma, como profissionais dessa área, podemos nos apropriar da cultura afrobrasileira enquanto recurso fundante para atuação no lazer, proporcionando novas vivências e reflexões aos sujeitos, pautado numa educação para e pelo lazer.

REFERÊNCIAS

COSTA, J.C.V. O ensino de história mediado pelo museu: tempos, conceitos e patrimônio. **Anais XVIII Encontro Regional Associação Nacional de História seção Minas Gotas** (ANPUH-MG), Minas Gerais, 2012.

CURY, M.X. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no MAE/USP. **Revista CPC**, v. 3, p. 69-90, São Paulo, 2006.

MUSEU AFRO BRASIL. **Plano museológico**, São Paulo, dezembro de 2011.

CREED: BOXE E MASCULINIDADEGustavo Elias Zaniol¹Sabrina Coelho dos Santos²*PALAVRAS-CHAVE: Boxe; masculinidade; esporte;***INTRODUÇÃO**

O boxe tem sido retratado em diversos filmes ao longo do tempo, trazendo perspectivas de ascensão social, ideal de atleta e ídolo esportivo, além de ressaltar características masculinizantes. Desse modo, se propôs aqui levantar tais características a partir do filme ‘Creed: nascido para lutar’, lançado no ano de 2015 nos Estados Unidos e no Brasil em janeiro de 2016, através de uma pesquisa de caráter histórico. Tendo por justificativa ser o boxe um dos esportes mais utilizados pela indústria cinematográfica, nos oferecendo assim material para descrição dessa masculinidade.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é de caráter histórico, por entender que o boxe é um esporte que vem sendo utilizado há certo tempo na indústria cinematográfica, entre outras linguagens artísticas como a literatura, como aponta Melo e Vaz (2009, p.102). E por escolher um filme que traz a continuação da série *Rocky um lutador, Rocky 2 a revanche, Rocky 3 o desafio supremo, Rocky 4, Rocky 5 e Rocky Balboa*. Lançados nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Creed: Nascido Para Lutar, é um drama dirigido por Ryan Coogler. Um filme emblemático do contexto social, esportivo e mercadológico do boxe, que figura a maioria de suas cenas em ambientes predominantemente masculinizados, como a própria estrutura simbólica e social da academia, que governa a transmissão das técnicas da arte masculina e a produção da crença coletiva na *illusio* pugilística (WACQUANT, 2011). Essa crença se reafirma quando analisamos o diálogo entre os personagens Adonis Johnson (filho de Apollo Creed) e Rocky (que viria ser seu treinador):

“Esses garotos entram aqui para poder sobreviver, eles tem que lutar para viver, é matar ou morrer, os caras morrem no ringue.”

¹ Graduando em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Email: gustavoeliaszaniol@gmail.com

² Mestranda em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Email: sabrinaed.fisicax@gmail.com

“O Apollo não se machucou, ele foi morto, as pessoas são mortas.”
“Talvez ele quisesse morrer lutando, talvez você tenha feito o que ele queria.” (CREED: Nascido para lutar, 2015).

Através deste diálogo é possível observar que, assim como Melo e Vaz (2009, p.105) apontam, que o boxe tem ocupado o papel de construir e difundir imagens ligadas à masculinidade. E assim como Cecchetto expõe a partir de sua pesquisa com homens praticantes de jiu-jítsu é:

[...] de se considerar o esporte um território masculino. O esporte, como “área reservada masculina”, para usar uma expressão de Dunning e Maguire, seria o lugar para ensino, a expressão e a manutenção da masculinidade hegemônica. (CECCHETTO, 2004. p. 142-143)

Desse modo, o boxe sendo um esporte violento aos olhos da sociedade, não seria um espaço adequado para mulheres, mas sim para homens. Como geralmente é ilustrado nos filmes, as academias são dominadas por homens e seus técnicos. Os grandes combates são protagonizados por homens, como uma certa afirmação e manutenção desta masculinidade.

CONCLUSÃO

Observa-se que através deste filme o mercado cinematográfico se volta muitas vezes para o boxe como elemento principal de uma história para enaltecer a masculinidade presente no esporte, além de retratar quase sempre apenas homens treinando, se enfrentando em combates e sendo os vencedores, quando não se tornam ídolos nacionais.

REFERÊNCIAS

CECCHETTO, Fátima R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CREED: Nascido para lutar. Direção de Ryan Coogler. Estados Unidos: Warner Bros., 2015. 1 filme (133 min), sonoro, dublado, color.

MELO, Victor Andrade; VAZ, Alexandre Fernandez. Cinema, corpo, boxe: Reflexões sobre suas relações e a questão da construção da masculinidade. In: MELO, Victor Andrade; DRUMOND, Maurício. **Esporte e cinema: novos olhares**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. p. 95-143.

WACQUANT, Loïc. **Habitus como assunto e ferramenta**. Estudos de Sociologia, v. 2, n.17 (2011).

**MEMÓRIA E FEMINILIDADE: PERSPECTIVAS EM PRATICANTES DE JIU-
JÍTSU NA CIDADE DE CURITIBA**Sabrina Coelho dos Santos¹André Mendes Capraro²Fernando Marinho Mezzadri³*PALAVRAS-CHAVE: memória; feminilidade; jiu-jítsu.***INTRODUÇÃO**

As mulheres têm se inserido cada vez mais nos esportes de combates e as suas principais justificativas para realizar tais práticas são: a busca pela estética (socialmente estabelecida), a saúde e a sociabilidade. Desse modo, este estudo tem por objetivo apresentar as percepções de mulheres curitubanas praticantes de jiu-jítsu acerca do seu corpo e feminilidade através do uso do conceito de memória e técnicas da História Oral. Tendo por justificativa apresentar questões ainda não estudadas sobre a mulher no esporte pesquisado em uma das cidades que foi palco e pioneira em manifestações de esportes de combate e artes marciais.

METODOLOGIA

Utilizou-se das técnicas da História Oral para realizar as entrevistas com quatro praticantes/competidoras de jiu-jítsu da cidade de Curitiba. Tendo como conceito elementar a memória, que tem um papel fundamental na vida dos indivíduos. Como afirma Paul Thompson (2006, p.18), a memória “[...] é a parte mais central da consciência humana ativa, e é essencialmente oral. Para nos lembrarmos dela, podemos ser auxiliados por documentos escritos, mas grande parte depende só de nossa memória oral”.

Dessa forma é a partir da entrevista que é possível conhecer esta(s) memória(s) e, assim, tentar trazer a tona perspectivas ainda não pesquisadas no campo esportivo tendo as mulheres como foco. As entrevistas foram realizadas com caráter temático e semiestruturada. Também foram formalizadas por um termo de livre consentimento, no qual optou-se por não revelar suas identidades, chamando-as aqui de “colaboradoras”. As escolhas se deram pela sua graduação e por possuírem certo destaque no esporte: a Colaboradora 1 é faixa preta

¹ Mestranda em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, email: sabrinaed.fiscax@gmail.com

² Prof. Dr. André Mendes Capraro, Universidade Federal do Paraná, email: andrecapraro@onda.com.br

³ Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri, Universidade Federal do Paraná, email: fmezzadri@uol.com.br

primeiro grau, a Colaboradora 2 é faixa azul quarto grau, a Colaboradora 3 é faixa roxa terceiro grau e a Colaboradora 4 é faixa marrom.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O ser feminina há muito é delineado pela sociedade hegemônica, sendo visto basicamente como o oposto do ser masculino, como aponta Ferreti (2011, p. 11). Dessa forma, o ser masculino estaria vinculado a características viris, e no jiu-jítsu muito relacionado à coragem, à agressividade, à competitividade, já que visa mostrar a sua superioridade física e técnica.

Sendo assim, as colaboradoras expressaram suas percepções sobre seus corpos e suas respectivas feminilidades, principalmente ao se tratar de um esporte que exige contato físico intenso e, em sua maioria, praticado com homens e/ou em espaços predominantemente masculinos. Para elas estar nesses espaços não interfere em sua feminilidade, pelo contrário, por vezes a sua feminilidade acaba por ser acentuada quando os seus corpos começam a ser delineados pelos exercícios físicos. Além de cada uma delas entender sua feminilidade de forma singular, ou seja, se utilizar de características femininas estabelecidas socialmente (como escovar os cabelos, pintar as unhas e se maquiar, por exemplo) não quer dizer que elas são mais ou menos femininas, até porque seus corpos recebem o que Le Breton (2007, p.59) chama de “inscrições corporais”, cicatrizes provenientes de uma prática ou cultura específica. Neste caso, a do jiu-jítsu são hematomas, calos nos dedos, orelhas com a cartilagem quebrada (orelhas de “couve-flor”), entre outras.

CONCLUSÃO

Entende-se que o ser feminina para as praticantes de jiu-jítsu é subjetivo, umas preferem estar sempre caracterizadas como femininas, já outras se sentem mais a vontade sem essas características, até pelas suas atividades diárias e pelos treinamentos intensos. Mas isso não as qualifica como não femininas, pois elas se sentem femininas cada uma ao seu modo.

REFERÊNCIAS

- FERRETI, Marco Antônio de Carvalho. **A formação da lutadora:** estudos sobre mulheres que praticam modalidade de lutas. 2011. 111p. Dissertação (Mestrado e Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 2 ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- THOMPSON, Paul. HISTÓRIAS DE VIDA COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Org.). **História Falada, memória, rede e mudança social.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006. p. 17-20.

**CULTURA MATERIAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: POTENCIALIDADES DO USO DOS
OBJETOS TRIDIMENSIONAIS DE ESGRIMA DO CEMEF – UFMG COMO
FONTES.**

Guilherme Mantovan de Almeida¹
Carlos Vagner Gomes Dias²
Maria Cristina Rosa³

PALAVRAS-CHAVE: Esgrima; Cultura Material; Cemef; Objetos tridimensionais;

Esse trabalho visa apresentar as potencialidades da Cultura Material para a escrita da História da Esgrima utilizando como fontes os objetos tridimensionais dos Arquivos Institucionais do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef). A escolha por objetos de esgrima se deu pelas possibilidades de relação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com suas memórias referentes a prática esportiva no contexto educacional da universidade.

A Cultura Material, como dimensão historiográfica, busca compreender a relação do homem com sua materialidade (BARROS 2009), expandindo o olhar sobre objeto, seus usos, seu contexto de utilização, e suas transformações físicas, mais facilmente perceptíveis, e de significados, muitas vezes abstratas, pouco compreensíveis na materialidade por si só (REDE 1996). O alvo de análise deve ser a relação social (MENESES, 2003) que envolve o homem e suas expressões materiais. Reconfigurar o lugar da cultura material nos estudos do passado esportivo, como propõe este trabalho, abre inúmeras possibilidades de relação entre a memória e o passado (PHILLIPS; O'NEILL; OSMOND, 2010).

Os objetos de esgrima do Cemef¹ estão passando atualmente por um processo de triagem para serem em breve catalogados². Boa parte do material é da década de 1970. Existem indícios de que nesse período foi utilizado na Escola de Educação Física (situada ainda no bairro Gameleira) da UFMG, na disciplina “Esgrima”. Já na década de 1990, já na atual EEFFTO situada no campus Pampulha, o material foi reutilizado pelo Professor Carlos Moreira³, em um projeto de extensão a partir de 1996. Nesse momento, outros objetos

¹ O Cemef possui diversidade de objetos acadêmicos científicos, pedagógicos, administrativos e outros. Guia de fontes disponível: http://www.eeffto.ufmg.br/cemef/download/consulta_tridimensionais.pdf.

² Utilizamos como fonte de informação os próprios objetos e os depoimentos do Professor Carlos Moreira. O trabalho está sendo organizado em uma planilha geral. Constam entre os objetos de esgrima: aparelhos de sinalização, máscaras, jubetos para florete, alvos de parede, luvas, mangas de lição, plastrons, calça, veste de lição de florete, protetores, sabres, floretes, espadas, um porta espadas, bolsas e peças de reposição.

³ Carlos Henrique Costa Moreira é professor do Departamento de Matemática da UFMG e Coordenador de esgrima no Barroca Tênis Clube, em Belo Horizonte – MG.

acabaram sendo adicionados ao material. Existe ainda uma parte dos objetos que compõem um lote doado pela família do Professor Almir Figueira⁴. São objetos de sua coleção particular.

Todo o material apresenta sinais de usos que variaram de acordo com o momento em que a Esgrima se relacionava com os contextos educacionais na Escola de Educação Física: o uso de tiras de couro costuradas nas máscaras posteriormente a fabricação, inscrições em uma máscara e em uma jaqueta, a presença de jubetos infantis praticamente sem uso desde a década de 1970. Como foram utilizados esses objetos ao longo do tempo e o que representaram para as pessoas e para a universidade? Em suma, ao enxergarmos esses objetos como arcabouço de relações sociais que envolvem os homens e sua própria materialidade ao longo do tempo, podemos pensar em um questionamento amplo e bastante enriquecedor para a escrita da história.

REFERENCIAS

BARROS, José D'Assunção. História da Cultura Material: notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares. Revista Patrimoniuss n. 1 março/2009.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45, 2003.

PHILLIPS, Murray. O'NEILL, Mark. OSMOND, Gary. Expandindo Horizontes na História do Esporte: Filmes, Fotografias e Monumentos. Recorde: Revista de História do Esporte Artigo volume 3, número 2, dezembro de 2010.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. Anais do Museu Paulista, N. Sér. v.4, p.265-82, jan./dez.1996.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura - UFMG

¹ Graduado em História pela UFOP e graduando em Educação Física pela UFMG. mantovandealmeida@gmail.com

² Graduando em Educação Física pela UFMG carlosgomes.edfisica@yahoo.com.br

³ Doutora em Educação pela UNICAMP. m.crosa@hotmail.com

⁴ Almir Wildhagen Figueira foi professor de Cinesiologia e de Esportes de Combate na Escola de Educação Física da UFMG.

POLÍTICA DE ACERVO DO CEME-UFRGS: IMPORTÂNCIA E DEMANDAS

Christiane Garcia Macedo¹

Leila Carneiro Mattos²

Silvana Vilodre Goellner³

PALAVRAS-CHAVE: documentação; acervo; memória; conservação.

Os lugares de memória têm como função “coletar, tratar, recuperar, organizar e colocar à disposição da sociedade a memória de uma região específica ou de um grupo social retida em suportes materiais diversos” (VON SIMSON, 2000, p. 65). Mas se esses lugares recebessem todo e qualquer material ficaria impossível tratá-los adequadamente. O Centro de Memória do Esporte (CEME)¹ da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) percebeu a necessidade de enfrentar essas questões iniciando o processo de construção de um documento que oficializasse suas decisões. O trabalho para sua composição foi iniciado em 2012 e o documento foi finalizado em março de 2016. Assim, este trabalho tem como objetivo discutir a importância e as demandas que o documento de Política de Acervo trouxe ao CEME.

Como política de acervo estamos entendendo a oficialização, por meio de um documento, de critérios para aquisição, planejamento, gerenciamento e desenvolvimento de coleções, além da missão e comprometimento institucional, singularidade do acervo, importância científica e cultural, e valor permanente das coleções (PINHEIRO, 2009).

Os itens que comportam esse documento final são: apresentação, histórico do CEME, as coleções e suas dimensões, critérios e procedimentos para aquisição e incorporação, organização e documentação, conservações e condutas, plano de ação a curto e médio prazo, referências utilizadas, apêndices. Em vários pontos avaliamos que não é um documento ideal, mas uma sistematização do que é realmente possível, considerando o estudo sobre o próprio Centro, os recursos estruturais, físicos e de pessoal e as suas intenções.

O documento do CEME foi importante para orientar decisões para cada coleção, dar transparência e respaldo aos processos decisórios, otimizar o trabalho tornando-o mais consciente e direcionado, viabilizar o descarte de acervos não pertinentes à política do CEME, orientar as ações de organização e conservação, e a busca por garantias de segurança.

Durante a produção do documento destacamos as seguintes demandas: estudo da missão, realidade e limitações do próprio Centro de Memória; busca por conhecimentos da

¹ Implantado em dezembro de 1996. Para maiores informações: www.ufrgs.br/ceme.

área das ciências da informação; reflexão sobre cada coleção e discussão das suas delimitações; definição de formas de aquisição; decisões sobre padrões de documentos e condutas. Uma das questões mais debatidas foi a cerca da natureza dos acervos que tinham características de museu e arquivo. Priorizamos, no geral, o entendimento museológico pela história do CEME e das coleções, mas optamos por utilizar ferramentas das duas áreas, de acordo com a necessidade do material e seu histórico de chegada ao CEME.

As demandas que surgiram após o documento pronto foram: a formação de pessoal; mudanças de rotinas e condutas; o direcionamento de pessoas, equipamentos, tempo e espaço para a concretização das ações previstas; e revisão de toda a documentação já existente (cartas de cessão e doação, listagens de acervo, livros de visitação, registro de pesquisadores).

Esse tipo de documentação ainda não é comum nos Centros de Memória ligados à Educação Física e Esporte. Temos o conhecimento de sua produção também no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (UFMG). Acreditamos que sua divulgação pode incentivar e facilitar essa ação, tão importante no trabalho com acervos. Entendemos que esse documento se tornou fundamental devido ao aumento de doações e a ampliação de acesso aos documentos. Outra questão que se destaca nesse processo foi o trabalho interdisciplinar entre pessoas das ciências da informação e a equipe do CEME que é composta por pessoas da educação física, integrando os conhecimentos para aprimorar o trabalho realizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro, 1994.

PINHEIRO, A. V.. Livro Raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H. C., BARROS, M. H. T. C. (orgs). **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. Marília: Unesp, 2009, p. 31 – 44.

VON SIMSON, O. R. M. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: Faria Filho, L. M. (org.). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000, p. 63 – 74.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Bolsa Capes (Doutorado).

¹ Doutoranda do PPG em Ciência do Movimento Humano, UFRGS, chrisgmacedo@gmail.com.

² Licenciada em História, Especialista em pedagogias do corpo, UFRGS, leila@esef.ufrgs.br.

³ Professora doutora da ESEFID, UFRGS, vilodre@gmail.com.

**OS DESENHOS INFANTIS DA COLEÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADE E
SUAS INTERFACES COM A NATUREZA (1930 A 1940)**Ingrid Dittrich Wiggers¹Carmen Lucia Soares²

PALAVRAS-CHAVE: natureza; desenho infantil; práticas corporais; Mário de Andrade.

DESENHOS INFANTIS

O presente trabalho tem por objetivo analisar desenhos de crianças que viviam na cidade de São Paulo, das décadas de 1930 e 1940, considerando suas interfaces com a natureza. O desenho, ato estritamente humano e uma das manifestações típicas da infância, realiza a integração da ação e do pensamento, expressando e ao mesmo tempo produzindo uma cultura visual (MÈREDIEU, 1997; MARTINS; TOURINHO, 2010). A pesquisa apoiou-se na coleção de Mário de Andrade, que se encontra sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Essa é composta por 2160 peças produzidas em boa parte nos Parques Infantis de São Paulo, inaugurados na década de 1930 (COUTINHO, 2002; GOBBI, 2011). Trata-se da única coleção de desenhos infantis conhecida no Brasil aberta à consulta para pesquisadores, o que sugere sua importância como fonte de pesquisa histórica (MEDA, 2014).

A PRESENÇA DA NATUREZA

Os desenhos apreciados tematizam inúmeros cenários urbanos nos quais ganham destaque meios de transporte, a figura humana, ambientes domésticos, flores, frutas, paisagens naturais e, ainda, práticas corporais. Entre essas se destacam as brincadeiras tradicionais, como pular corda, e alguns esportes, como, por exemplo, o futebol. Além dessas foram representadas brincadeiras em equipamentos que os Parques Infantis ofereciam, como o balanço e o chamado passo do gigante, e ainda manifestações folclóricas, como a Nau Catarineta. Os elementos da natureza estão presentes na maioria dos desenhos em que as águas de rios e do mar surgem em diferentes composições, tal qual os raios de sol, ou, a placidez da lua e das estrelas. As muitas formas das nuvens que cobrem o céu são também ali representadas, assim como as árvores, os pássaros, as borboletas, além das inúmeras formas que assumem as montanhas. A natureza e seus elementos, contudo, não surgem somente na composição das paisagens, ou, em representações individualizadas, mas, também, no formato

de jardins, em contextos urbanos remetendo, assim, à ideia de uma natureza controlada também ali presente (DALBEN; DANAILOF, 2009; SOARES, 2016). A partir dos desenhos analisados, foi possível considerar a natureza como uma dimensão significativa da vida das crianças, uma dimensão que dialoga de modo profundo com tudo o que a cidade de São Paulo aporta no que concerne ao progresso tecnológico, o que pode ser constatado pela presença constante de meios de transporte, assim como de grandes obras da arquitetura. Em uma cidade banhada por muitos rios, as pontes e os barcos não ficaram ausentes dos desenhos analisados, assim como os trens, bondes, ônibus e carros, se misturam com a fumaça das fábricas, as flores e frutas, jardins e montanhas. Assinalamos, por fim, que o desenho é, também, uma brincadeira, dimensão não esquecida em nossa análise sobre as práticas corporais de crianças.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Rejane Galvão. **A coleção de desenhos infantis do Acervo Mário de Andrade**. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DALBEN, Andre; DANAILOF, Kátia. Natureza urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 163-177, set. 2009.

GOBBI, Márcia. **Desenhos de outrora, desenhos de agora: Mário de Andrade colecionador de desenhos e desenhista**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2011.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: EDUFISM, 2010.

MEDA, Juri. Los dibujos infantiles como fuentes históricas: perspectivas heurísticas y cuestiones metodológicas. **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá, v. 14, n. 3(36), p. 151-177, set./dez. 2014.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016.

FONTE DE FINANCIAMENTO

A primeira autora recebeu bolsa de pesquisa do CNPq na modalidade Pós-doutorado Sênior. A co-autora é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

¹ Doutora em Educação, Universidade de Brasília, ingridwiggers@gmail.com.

² Doutora em Educação, Universidade Estadual de Campinas, soares.carmenlucia@gmail.com

OS LUGARES DO ESPORTE NAS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS PAULISTAS (1930-1940)

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros¹

PALAVRAS-CHAVE: esporte; estâncias hidrominerais; natação; natureza

INTRODUÇÃO

Buscaremos, ao longo deste texto, traçar algumas relações entre a prática esportiva e sua relação com a natureza através de um dos locais receitados pela medicina higienista como apropriado para o repouso e regeneração: as estâncias hidrominerais.

Tais estâncias eram conhecidas desde a antiguidade pelo poder curativo de suas águas. Entretanto, a medicina higienista brasileira do século XX tomou tais destinos para si e deu ares de ciência, incluindo-as em seus discursos como ambientes capazes de contrapor a fadiga e o ritmo frenético das grandes cidades que se formavam. Trataremos neste trabalho de duas estâncias paulistas que viveram seu auge neste período: Serra Negra e Águas de Lindoia. Um dos destinos de viagens mais indicados pelos médicos e mais procurados pelos curistas e turistas brasileiros nas décadas de 1930 e 1940, estas estâncias também acolheram e construíram lugares específicos para a prática esportiva.

Estas práticas cumpriam bem o papel a elas destinado nas estâncias, que ia das curas aos divertimentos lá propostos, e, por esta razão, os médicos que ali trabalhavam as indicavam com frequência no conjunto dos tratamentos. Tais práticas esportivas serão analisadas no interior destas estâncias no trabalho aqui apresentado.

OBJETIVO

Analisar os lugares do esporte nas estâncias hidrominerais paulistas (Serra Negra e Águas de Lindoia) entre as décadas de 1930 e 1940.

METODOLOGIA

As fontes constituídas para este trabalho são: 1- legislações relacionadas à implantação das estâncias hidrominerais; 2- revistas e jornais da época; 3- fotografias, cartões postais e outros artefatos da cultura material que revelem a importância do lugar dos esportes nas estâncias hidrominerais paulistas nesta época. Nossa metodologia busca trabalhar com o cruzamento de diferentes fontes e discursos nelas presentes, com a finalidade de escrever uma

possível história das viagens de férias a estas estâncias hidrominerais e das práticas esportivas nelas contidas.

DISCUSSÃO

As fontes elencadas para a definição deste trabalho seguem duas possibilidades de usufruto e educação do corpo nas estâncias aqui citadas; de um lado, reafirmam um discurso médico higienista que as indicava como local de cura e regeneração do corpo, e que procurava definir a adequada forma de utilização das estâncias; do outro, apontavam para uma nova organização social da elite brasileira que encontrava nas estâncias hidrominerais do período a perfeita possibilidade de diferenciação através dos divertimentos. Os exercícios físicos e os esportes se faziam presentes em ambos discursos de bom aproveitamento das estâncias, e figuravam tanto como reduto de divertimentos quanto de cura e regeneração do corpo.

Entre os esportes praticados destacam-se o tênis e a natação. O primeiro, por ser um esporte praticado pelas elites, era amplamente divulgado na tentativa de atrair este público para as estâncias. O segundo, por atrair grande número de turistas, uma vez que nestas estâncias, as piscinas se equiparavam àquelas dos grandes clubes paulistanos, restritos aos associados. A natação, esporte também indicado como auxiliar dos tratamentos realizados nas águas, fez parte do receituário médicos nestas cidades. O espectro esportivo era completado por competições e excursões de bicicletas e automóveis, grandes propulsoras do turismo na região. Concebido ora como forma de divertimento, ora como forma de cura, o esporte é constitutivo do desenvolvimento e divulgação das estâncias hidrominerais paulistas no período aqui delimitado.

CONCLUSÕES

Concebido como prática corporal importante para o período, o esporte foi constitutivo do desenvolvimento das estâncias hidrominerais paulistas em seu período áureo. Ligado ora às curas propostas pelos médicos nestas cidades, ora aos divertimentos procurados por aqueles que desejavam passar um período de férias nestas cidades, os esportes se constituíram como um dos principais bastiões de educação do corpo nas cidades aqui estudadas em seu período áureo, as décadas de 1930 e 1940.

REFERÊNCIAS

HASSE, M. *O divertimento do corpo: corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o XX*, em Portugal. Lisboa: Ed. Temática, 1999.

MARRICHI, J. M. O. *A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931*. 2009. 157 p. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RAUCH, A. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). In: CORBIN, A. ; CSERGO, J. *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa, Portugal: Teorema, 2001.

¹ Mestranda, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Email: danieli_ccm@hotmail.com

FLASHES DA 3ª TRAVESSIA MAR GRANDE – SALVADOR: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO “BELO SEXO”Lygia Maria dos Santos Bahia¹Maria Cecília de Paula Silva²

PALAVRAS-CHAVE: História da natação no Brasil; memórias de mulheres; Travessia Mar Grande – Salvador; natação em águas abertas.

Na 3ª edição da Travessia Mar Grande – Salvador (20/01/1957) o destaque da prova foi uma mulher: Marília Barreiros, então com 18 anos, a “campeoníssima” (A TARDE, 1957, n. 14.967). Era considerada a mais extensa prova brasileira e sul americana de natação realizada em águas abertas à época. O presente artigo busca contar um pouco dessa história, por meio das memórias desta nadadora e de notícias de jornais. Estudo no marco da história oral / memória de mulheres ainda é escasso quanto a esta temática. A arte de contar histórias aproxima-nos, conforme pressupõe Benjamin (2000), da arte de narrar. No tempo presente a „história das mulheres“ é um campo consolidado, compreendendo que a mulher não apenas tem história, mas também fez e faz (a sua) história.

Um aspecto importante da reconstrução desta história são as memórias que “podem modelar seu passado e, na verdade, recompor sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores que, na linguagem corrente de hoje são chamados „ideológicos“ (BOSI, 1995, p. 63). Isto porque até o momento não há sistematizações ou pesquisas sobre esta travessia, o que justifica esse trabalho. Reconhecemos também a importância deste estudo ao mostrar as primeiras participações femininas na natação em águas abertas na Bahia e no Brasil. Desde o surgimento desta prova havia a expectativa que a Prova Baía de Todos os Santos, como foi denominada, viesse a ser mundialmente conhecida, conforme noticiava o Jornal A Tarde (1955, n. 14.379): “A travessia Ilha de Itaparica (Mar Grande) – Salvador [...] vai figurar entre as grandes competições natatórias de resistência que se realizam no mundo”.

Contar um pouco dessa história é fundamental para a sistematização desse conhecimento. O volume e a natureza das fontes das mulheres e sobre as mulheres é muito variável e, por este motivo, a constituição de um arquivo, “da mesma forma que a constituição ainda mais sutil da memória, é o resultado de uma sedimentação seletiva produzida pelas relações de força e pelos sistemas de valor [e o] mesmo ocorre no que concerne à narrativa histórica, outro nível destes silêncios encaixados uns nos outros” (PERROT, 2005, p. 14).

Optamos pela abordagem qualitativa, privilegiando a história oral e memórias, por compreendermos ser capaz de elucidar, por meio da linguagem, a história do passado recente e do presente. Para isso, apóia-se nas memórias da primeira mulher que concluiu a 3ª Travessia Mar Grande – Salvador, Marília Barreiros. Para Delgado (2006, p.16), “a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico”. Optamos também por fontes primárias e secundárias que nos remetam a essa Travessia.

Evidencia-se na análise das fontes pesquisadas a importância que a Travessia despertava para a população soteropolitana, mobilizando vários segmentos da sociedade de modo que o evento resultasse num grande espetáculo esportivo. Fica explícito o crescente gosto pelo esporte e sua crescente consolidação. Porém a participação feminina era incipiente, haja vista a participação de apenas quatro mulheres na 3ª Travessia. Vale ressaltar que estas gozavam do privilégio de não participarem das provas eliminatórias, o que denota uma certa “proteção ao esforço físico”. Referências às nadadoras como “o belo sexo estará prestigiando de forma decisiva a grande prova de natação” (A TARDE, N. 14.967), revelam a existência da graça e beleza feminina em detrimento da esportiva. Para a nadadora, entretanto, representou “uma valorização total, por causa do esforço, do sacrifício empreendido para me preparar para a competição” (BARREIROS, 2016). Constatamos que a Travessia Mar Grande – Salvador, desde a primeira edição, representou um grande evento esportivo, contribuindo para a sua consolidação na Bahia e a 3ª Travessia revela o momento inicial da participação feminina que, mesmo tímida, abriu outros caminhos para as mulheres.

REFERÊNCIAS

A TARDE. Salvador. n. 14.379, 25 jan. 1955.

_____. Salvador. n. 14.967, 21 jan. 1957.

BARREIROS, Marília. Entrevista concedida a Lygia Maria dos Santos Bahia, 31 mar. 2016.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 2 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Obras escolhidas; v. 3).

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

¹Mestranda em Educação, Universidade Federal da Bahia, lygia.bahia@hotmail.com.

²Pós-doutorado Universidade de Strasbourg. Prof. Associada 4; PPGE FACED UFBA, cecilipaula@gmail.com.

PENSAMENTOS E PRÁTICAS DO LAZER E DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA DÉCADA DE 1930 NO BRASIL

Rafaela Peres Alves de Lima¹

PALAVRAS-CHAVE: lazer; teoria do lazer; teoria da educação física; história do lazer.

INTRODUÇÃO

Simultaneamente ao processo de modernização que alcançou as principais capitais brasileiras a princípios do século XX, alavancado por um novo projeto de nação, é possível observar um cenário de progressiva regulamentação do trabalho (RAGO, 1987), resultado de concessões e lutas operária. O nascimento de uma área do conhecimento interessada em investigar as atividades realizadas pela população durante o tempo livre foi resultado, em grande medida, desse cenário. Intelectuais e atores do setor público se propuseram a compreender e, muitas vezes, normatizar os hábitos e padrões do “novo homem” brasileiro. A educação física e o lazer se apresentaram como importantes ferramentas nesse processo. A década de 1930 foi um momento de destaque para a educação física e para o lazer no Brasil. Para a primeira, os anos 30 marcaram a consolidação do campo no país e a obra de Fernando de Azevedo apresenta importantes debates sustentados na época. Para a área do lazer, foi o período de implementação de políticas públicas, como as elaboradas por Arnaldo Sussekind e Nicanor Miranda: o Serviço de Recreação Operária no Rio de Janeiro e a Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura e Recreação em São Paulo, respectivamente.

OBJETIVOS

O objetivo dessa pesquisa é analisar se existem e quais são as convergências entre os estudos do lazer e a educação física a partir da década de 1930 no Brasil, por meio do conceito metodológico de “afinidades eletivas” (WEBER, 2005; LÖWY, 2011).

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio da análise da produção teórica de Fernando de Azevedo, Arnaldo Sussekind e Nicanor Miranda. Realizou-se levantamento prévio das publicações dos autores nas bibliotecas da Unicamp e USP e no Arquivo Histórico de São Paulo e foram selecionadas as principais obras de cada autor, privilegiando aquelas de viés fortemente teórico e adequadas à periodização histórica determinada (décadas de 1930-1940).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Podemos perceber que o cuidado e o controle do corpo, como forma de desenvolvimento físico, moral e intelectual, estavam presentes na nova concepção de indivíduo que se construía, e tanto o lazer quanto a educação física foram orientados para esse objetivo. As categorias de educação, saúde e corpo aparecem nos textos dos três autores com a função do controle do corpo e da ordem social. Essas categorias foram propagadas e articuladas dentro dos discursos da educação física e do lazer, de maneira que seu pensamento e suas práticas se apresentavam sob uma lógica de interação e complementaridade. A educação física e o lazer, portanto, conformavam um espaço-tempo privilegiado (seja dentro da escola, seja durante o tempo livre) para colocá-los em prática.

CONCLUSÕES

A análise das obras indicou que existem elementos que apresentam convergências entre o campo da educação física e os primeiros estudos do lazer que indicam a aproximação e, posteriormente, a consolidação dos estudos do lazer na área da educação física no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando. *A evolução do esporte no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- LÖWY, Michael. *Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber*. Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17.2, 2011, pp. 129-142.
- MIRANDA, Nicanor. *Atividade gímnica e atividade lúdica*. São Paulo (SP): Departamento de Cultura, 1941. p. 259-307. (Publicações da Divisão de Educação e Recreio).
- MIRANDA, Nicanor. *200 jogos infantis*. Rio de Janeiro: Globo, 1947.
- RAGO, Margareth. *Do cabare ao lar: utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- SÜSSEKIND, Arnaldo. *Trabalho e recreação: fundamentos, organização e realização da S.R.O.* Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.
- SÜSSEKIND, Arnaldo. *Recreação operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

FONTE DE FINANCIAMENTO

A presente pesquisa foi desenvolvida durante a realização do mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Unicamp, com financiamento da bolsa CAPES.

¹ Mestranda do programa de Educação Física da Faculdade de Educação Física da Unicamp.
Email: peres_rafa@yahoo.com.br

RUAS DE RECREIO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS: UM ESTUDO SOBRE BELO HORIZONTE

Jennyfer Thais Alves Ferreira¹

Maria Cristina Rosa²

PALAVRAS-CHAVE: Ruas de recreio; espaços urbanos; recreação; cidade; educação física

As ruas de recreio foram formas de intervenção no âmbito de lazer, especificamente da recreação, realizadas em Minas Gerais e em outros estados. Segundo Silva; Lima (2011), Oliveira et alii (2009) elas foram difundidas em Belo Horizonte e em algumas cidades do interior mineiro a partir do final da década de 1950. Este estudo, parte de um projeto que busca compreender a constituição das ruas de recreio no estado de Minas Gerais entre as décadas de 1950 e 1980, tem por objetivo estudar a apropriação dos espaços urbanos da cidade de Belo Horizonte a partir dessas práticas.

A pesquisa seguiu procedimentos metodológicos da pesquisa histórica. Foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental, priorizando o estudo de fontes nos acervos da Coleção História Oral e nos Arquivos Institucionais do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O recorte temporal escolhido deu-se em detrimento das fontes encontradas sobre a temática. Foi dada ênfase a cidade de Belo Horizonte, pioneira na realização das ruas de recreio no estado.

Aas ruas de recreio ocorreram em várias cidades de Minas, como Pedro Leopoldo, Ouro Preto, Ibitité, Pará de Minas e Ouro Fino. Em Belo Horizonte elas foram realizadas em diversos bairros, como Gameleira, Vista Alegre, Vera cruz, Padre Eustáquio e Cidade Nova, mostrando a abrangência de diferentes regiões da cidade e, conseqüentemente, de públicos diversos. Organizadas por instituições de ensino superior e outros órgãos, públicos e privados, como a Diretoria de Esportes de Minas Gerais, a sua realização ocorria especialmente por solicitação de prefeituras, escolas e/ou líderes políticos, geralmente em datas comemorativas, como inauguração de uma praça, semana da Pátria, semana das crianças e dia do escoteiro. O objetivo era promover para as crianças, público alvo, acesso a atividades recreativas e esportivas, além de estimular o interesse e a adesão popular pelas atividades oferecidas.

A organização padrão das ruas de recreio era mediante a divisão e distribuição das atividades em setores, que se adequavam aos variados espaços das cidades, respectivos

bairros e público, proporcionando aos participantes a oportunidade de vivenciar ao ar livre uma gama de atividades que possibilitavam a reapropriação e novos usos de diferentes espaços urbanos, nem sempre criados para esse fim.

Apesar do nome “ruas de recreio”, o espaço utilizado para a sua realização não se restringia apenas as ruas. Elas foram realizadas também em praças de esporte, praças de lazer, parques, jardins, campos de futebol e escolas públicas e privadas. Segundo Ramos (1958), a justificativa para explicar a realização das ruas de recreio, um meio de intervenção utilizado por profissionais da área de educação física, em diferentes espaços urbanos surgiu a partir da necessidade de diminuir os malefícios que consumiam áreas livres da cidade destinadas às horas de lazer das crianças, como os inúmeros edifícios que ocupam essas áreas, problema esse que seria uma deficiência existente no planejamento da cidade ou mesmo uma imprevidência dos responsáveis pelos traçados urbanos das cidades.

As ruas de recreio abrangiam, para além da recreação e dos esportes, ginástica, artes e danças. Entre as atividades estavam presentes banco sueco, combinado alemão, solo com colchão, brinquedo cantado, pequenos jogos, voleibol, handebol, queimada, futebol, banda rítmica, cama elástica, modelagem, pintura e dança. Poucos estudos tentam compreender essas práticas, sendo escassa a produção acadêmica científica sobre o assunto e menor ainda os trabalhos que o abordam a partir da perspectiva historiográfica, sendo importante salientar a necessidade de abordar essas práticas analisando sua constituição e seus espaços.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, G. de S. L.; ROSA, M. C.; VILHENA, K. N.; FERNANDES, J. C.; SANTOS, S.. Memórias das ruas de recreio: trajetórias iniciais de uma pesquisa. In: *Anais XI Congresso Nacional de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança*, 2009, Viçosa, MG.
- RAMOS, J. J. Ruas de Recreio, *Boletim de Educação Física*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, p. 147-152, dez. 1958.
- SILVA, L. V R.; LIMA, C. D. M. D. Vestígios de uma história: memórias das ruas de recreio em Minas Gerais (1950-1960). *Anais IV Conice, XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, 2011. p. 1-8.

FONTE DE FINANCIAMENTO

FAPEMIG

¹ Jennyfer Thais Alves Ferreira, graduanda em Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, jennyferthais55@yahoo.com.br

² Maria Cristina Rosa, doutora, Universidade Federal de Minas Gerais, Cemef, m.crosa@hotmail.com

TRADICIONAIS CORRIDAS DE RUA DO BRASIL: O CASO DA CORRIDA DO FACHO DE CURITIBA – PR.

Jeferson Roberto Rojo¹
Marcelo Moraes e Silva²

PALAVRAS-CHAVE: Corrida do Facho; Corrida de rua; História; Esporte.

INTRODUÇÃO

As corridas de rua estão em evidência no cenário esportivo nacional. O número de provas e praticantes da modalidade aumenta a cada ano (DALLARI, 2009). Porém, há corridas que se tornaram tradicionais, como é o caso da corrida de São Silvestre, em São Paulo, criada em 1924; e a Prova Rústica Tiradentes, realizada pela primeira vez em 1974, na cidade de Maringá/PR (ROJO, 2014).

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é realizar uma descrição histórica da Corrida do Facho. A mesma pode ser considerada uma das mais relevantes para história das corridas de rua da cidade de Curitiba. A Corrida do Facho, atualmente, é a corrida mais antiga que continua a ser realizada na cidade e no estado do Paraná. Para realização da pesquisa nos apropriamos de fontes como reportagens disponibilizadas em sítios eletrônicos de jornais, *blogs* especializados em corridas e outro que abordam temas relacionados a história da cidade de Curitiba.

A CORRIDA DO FACHO

A Corrida do Facho acontece em Curitiba, sendo uma das corridas mais tradicionais e históricas do país. Ocorre no mês de agosto, em comemorações ao dia do soldado (MATTIOLLI, 2013; PARANA, 2007). Organizada pelo exército brasileiro da 5ª Região Militar e 5ª Divisão do Exército (5ª RM 5ª DE), é destinada aos militares. A corrida foi criada no ano de 1937 e continua ativa até os dias atuais (BRUM, 2009; MATTIOLLI, 2013; PARANA, 2007).

Durante o período de sua existência, passou por algumas transformações. No início, a corrida era realizada em “estrada de chão” e com um percurso de 40 km (BRUM, 2009). A corrida era uma prova noturna, aonde utilizavam uma tocha para iluminar o percurso, o

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física UFPR. Email: jeferson.rojo@hotmail.com.

² Prof. Dr. Universidade Federal do Paraná – Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

chamado facho, o que deu o nome da corrida. O nome da corrida permaneceu, com a realização diurna da prova, devido à tradição (PARANA, 2007). Essa mudança da noite para o dia ocorreu na década de 1960, e como não havia mais a necessidade da utilização do facho durante o percurso, foi substituído pelo bastão.

O número de corredores de cada equipe passou a ser de 12, o que antes era composto por 40, e também se reduziu a distância do percurso. A localização do percurso da corrida também foi alterada, o que passou por vários locais. A participação da sociedade civil só foi liberada anos mais tarde. Até o ano de 1982 a prova foi exclusiva para militares na ativa, passando a permitir posteriormente ex-militares, e após permitiu-se a participação da sociedade civil (BRUM, 2009, s.p.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das fontes analisadas, observa-se que a Corrida do Facho se consolida como uma das corridas de rua tradicionais no estado do Paraná. Sendo uma das mais duradouras provas que ainda são realizadas. Além de ter passado por diversas transformações até se consolidar no modelo atual.

REFERÊNCIAS

BRUM, A (Brasil). Facho leva rivalidade às ruas. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 28 ago. 2009. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/facholevarivalidadeasruasbswqhcbk8voih3q9dqdxpoytq>. Acesso em: 14 out. 2015.

DALLARI, M.M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. São Paulo: USP, 2009. 130p. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

MATTIOLLI, I. Imprensa. **76ª Corrida do Facho é realizada em Curitiba**. 2013. Disponível em: <http://www.fecomerciopr.com.br/saladeimprensa/noticia/76acorridadofachoerealizadaemcuritiba/>. Acesso em: 14 out. 2015.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Comunicação Social (SECS). **Corrida do Facho, que comemora Dia do Soldado no Paraná, faz 70 anos**. 2007. Disponível em: <http://www.historico.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=30958>. Acesso em: 14 out. 2015.

ROJO, J. R. **PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS CORRIDAS DE RUA: UM ESTUDO DA PROVA RÚSTICA TIRADENTES**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2014.

“FUI ATLETA POR CAUSA DA ESCOLA”: AS MARCAS DO ESPORTE ESCOLAR NA MEMÓRIA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICAAlantiara Peixoto CabralⁱFelipe Eduardo Ferreira Martaⁱⁱ

Apoio financeiro do FUNPED/PRPGI/IFBA

*PALAVRAS-CHAVE: Memória; Esporte Escolar; Professores de Educação Física.***INTRODUÇÃO**

O Esporte é um fenômeno social rico e multifacetado. Bracht (1999) afirma que após a Segunda Guerra Mundial o esporte ganha a cena da Educação Física Escolar. O cenário esportivo é forte na memória dos professores entrevistado, mesmo com questionamentos no meio intelectual a partir da década de 80 e 90 do século XX, a experiência esportiva no ambiente escolar é o motor para a escolha da educação física enquanto profissão.

Este resumo parte de um projeto mais amplo de mestrado, pautou-se em analisar a memória de 4 professores de Educação Física da rede Estadual de Ensino da Bahia, especificamente do Núcleo Regional de Educação (NRE) 22, cidade de Jequié, destacando as experiências de Educação Física do período escolar.

Para chegarmos às memórias dos professores utilizamos como metodologia de trabalho a história oral, almejamos a trajetória de vida destes atores durante a educação básica, especificamente da disciplina educação física, seguindo os apontamentos de Portelli (1997), os relatos orais são documentos do presente sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador, ou seja, é um documento do presente compartilhado.

Alberto Ferreira, Eduardo Vieira, Suzyanne Munaro e Rogério Teixeira são os professores entrevistados que compõem este estudo. Os professores vivenciaram a educação básica durante a década de 80 e 90 do século XX em escolas do interior Estado da Bahia e demonstraram em suas entrevistas a importância da vivência esportiva em suas vidas durante o período escolar e também trazem pistas a respeito de como a prática se dava, com destaque neste sentido para a influência militar nas aulas.

Eduardo Vieira afirma que “... eu me lembro que tinha um professor na 5ª série que era militar”. Sobre esta questão Rogério Teixeira lembra “tinha educação física no horário oposto, isso em 85... mas a educação física era totalmente exercito né?”. Estes mesmos professores respectivamente relatam a característica esportiva da educação física, “6ª série começou a trabalhar com a educação física em prática esportiva”. “nós tínhamos aulas de educação física e na aula de educação física era identificada aqueles alunos que tinham uma pré disposição para uma modalidade”.

Outra característica marcante apontada pelos professores Alberto Ferreira e Suzyanne Munaro referiu-se ao reconhecimento daqueles que alcançam destaque nos jogos escolares, Alberto Ferreira pontua “*Representava a escola nos jogos. Aí fui chamado para a seleção da cidade, aí fui estudar no Centro Educacional Ministro Spinola, com bolsa de estudo*”. Estes momentos são lembrados com alegria pelos professores, todos obtiveram destaque no esporte durante o período da educação básica. Suzyanne Munaro deixa claro em suas lembranças a alegria do momento “*e aí ganhava muitas medalhas, meu Deus do Céu! É muito bom lembrar esses...*”

Os relatos destes professores colocam em posição de destaque a memória em torno da prática esportiva em suas experiências escolares.

O esporte ambiente escolar aparece enquanto um elemento importante para os entrevistados durante a educação básica. O fato de o cotidiano das aulas de educação física durante a década de 80 e 90 do século XX nas escolas do interior do Estado da Bahia, pelas quais nossos colaboradores passaram, serem fortemente marcadas por um já “desbotada”, porém ainda presente influencia militar, mas sobretudo pelo esporte produziria seus efeitos na memória destes professores justificando ações e escolhas entre elas a escolha da própria profissão. Em outras palavras, a escolha da profissão, no caso deste atores, baseou-se fortemente em uma memória afetiva que remonta a um relativo “sucesso” no esporte escolar.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, Espírito Santo, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, n.15. São Paulo, Educ. 1997.

Suzyanne de Almeida Pereira Munaro, entrevistada em 18 de julho de 2014 na cidade de Jequié-BA.

Rogério Santos Teixeira, entrevistado 14 de Julho de 2014 na cidade de Jequié-BA.

Alberto José Andrade Ferreira, entrevistado em 09 de Abril de 2014 na cidade de Jequié-BA.

Eduardo Costa Vieira, entrevistado em 11 de setembro de 2014 na cidade de Jequié-BA.

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal da Bahia, campus Seabra. Email: alantiara@gmail.com

ⁱⁱ Pós-Doutor pela Virginia TEch. Professor Titular do Departamento de Ciências Naturais (DCN) e docente do programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: fefmarta@gmail.com

**A LONDRINA ESPORTIVA: O ENQUADRAMENTO DO FUTEBOL
CITADINO NOS PRINCÍPIOS DA MALHA URBANA E RURAL (1934)**

André Xavier da Silva¹

Tony Honorato²

PALAVRAS-CHAVE: História; Imprensa; Futebol; Cidade.

INTRODUÇÃO

A cidade de Londrina projetada por empreendedores capitalistas ingleses da CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná) e emancipada do município de Jatahy em 1934, apresenta inicialmente uma paisagem rural intrínseca aos princípios racionais e higienistas de sua urbanização. Neste bojo, o jornal *Paraná Norte* configura-se como principal porta voz da CTNP divulgando as terras férteis para venda na localidade, em outros estados brasileiros e no exterior.

A CTNP condicionara o desenvolvimento da cidade assim como o desenvolvimento social do futebol citadino. O *Paraná Norte* também representara a difusão de práticas de lazer e futebolísticas dos grupos hegemônicos quando da formação da cidade. Assim, os primeiros jogos de futebol são marcados pelo discurso do Jornal, do consequente poder público local e do “enquadramento” das práticas de lazer no que diz respeito à sua localização dentro dos princípios da malha urbana e rural. Os discursos representaram os interesses em jogo no campo social e o silenciamento de práticas futebolísticas de grupos que ficaram à margem do “Futebol Oficial”, pois equipes de funcionários da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná nem eram noticiadas em detrimento das equipes criadas e patrocinadas pela CTNP.

Considerando o cenário acima, o objetivo geral foi pesquisar a gênese social do futebol em Londrina por meio do jornal *Paraná Norte* (1934). A metodologia de caráter historiográfico lançou mão de fontes impressas como o *Paraná Norte* e iconografias acondicionadas no Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”, bem como da literatura sobre a formação social e histórica da cidade em tela. Para a leitura da imprensa periódica tomamos como referência as orientações de Luca (2006) e de Cruz & Peixoto (2007).

As fontes têm permitido compreender que em 1934 a CTNP apresenta o primeiro desenho projetado para a cidade pelo o qual a delimitação do rural e do urbano, e

especificamente o perímetro central, já apontava as áreas destinadas ao *Foot Ball* abaixo da linha do perímetro central desenhado pela Companhia. Neste sentido, coube à quadra 26 do desenho original, o “enquadramento”, das primeiras pejeas. Se por um lado, o espaço destinado ao *Foot Ball* ficou fora do perímetro central, por outro, as práticas de lazer dos colonos ingleses e de uma pequena elite local foram contempladas dentro daquele perímetro.

O campo da quadra 26 recebera as pugnas de diferentes grupos sociais com parcelas de poder também distintas. Neste sentido, o *Paraná Norte* divulga os jogos do *Esporte Clube Londrina* e do *CTNP F. C.* e de jogos envolvendo times do município de Jatahy e do distrito do Heimtal, da zona Rural da cidade. Assim, as relações foram favorecidas pelas aproximações políticas entre os grupos das localidades. Destaca-se, ainda, que em 14 de outubro de 1934, o Jornal trazia o enunciado *LONDRINA ESPORTIVA*. A reportagem apontava o primeiro registro jornalístico sobre as práticas do “esporte bretão” na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a divulgação das primeiras pugnas representou o interior das relações políticas e econômicas de grupos sociais em detrimento de outros, evidenciamos com mais ênfase tal processo nas imagens de práticas futebolísticas anteriormente ao descrito pelo Jornal. Data de 1932 um time de funcionários da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, denominado *Pá e Picareta*. A simbolização dos instrumentos de trabalho cruzados inclinadamente no distintivo do time sugere uma caracterização mais ampla no que diz respeito à efetivação daquela prática de lazer. A sua não divulgação ou marginalização merece estudo mais detalhado. Porém, a cidade racionalizou os espaços colocando a escanteio as contradições do processo de urbanização por meio da higienização dos espaços e de práticas sociais expressas pelo futebol, ainda verificamos que o time *Pá e Picareta* era majoritariamente composto por jogadores negros.

REFERÊNCIAS

- ADUM, S. M. S. L. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina – 1930-1960*. Assis-SP, UNESP, 1991.
- CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. São Paulo, 2007, 35 (1), p. 253-270.

GUEDES, S. L. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 6, n.16, Nov.2010/Fev2011.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto 2006. p. 111-154.

¹ Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina, Pós-graduando em Comunicação Popular e Comunitária pela UEL. andrepqf@gmail.com

² Professor Doutor da Universidade Estadual de Londrina – UEL. tony@uel.br

À PROCURA DO PASSO ENTRE CAPOEIRAS E MULHERES: ESTUDOS DE PESQUISAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O FREVO EM PERNAMBUCO

Maria Helena Câmara Liraⁱ
Rayssa Hellena Almeida de Vasconcelosⁱⁱ
Andreza Kamylla Pena Barrosⁱⁱⁱ
Anderson Luiz Vieira Barbosa^{iv}
Universidade Federal Rural de Pernambuco

PALAVRAS-CHAVE: Frevo; Capoeira; Mulheres; História.

INTRODUÇÃO

O Frevo, considerado uma das principais manifestações artísticas e culturais do estado de Pernambuco, não se define apenas como uma música ou uma dança, mas sim como um binário, a ponto de não haver registros que gerem segurança e precisão para definir quem dá origem a quem (OLIVEIRA, 1974).

Estudos sobre o carnaval pernambucano, a exemplo de Araújo (1996) e Rabello (2004), mostram que esta festa foi o cenário mais relevante para o frevo, em especial quando aderiu aos moldes europeus civilizatórios, na segunda metade do século XIX, gerando, com isso, proibições e normatizações para controlar o que chamavam de excessos praticados no carnaval. O Recife se destaca neste contexto por se rebelar contra estas normatizações, dando origem aos clubes pedestres compostos por grupos de trabalhadores(as), os(as) quais faziam de seus próprios instrumentos de trabalho e do cotidiano adereços para os movimentos ritmados, a exemplo das sobrinhas/guarda-chuvas.

O presente trabalho é fruto de estudos sobre a história do frevo em Pernambuco, a fim de atender às necessidades pedagógicas de um projeto de extensão universitária o qual teve o Frevo enquanto protagonista, investindo na sistematização deste enquanto um conhecimento histórico e cultural, evidenciando sua gestualidade, movimentos e passos, assim como, destacando as relações de gênero que por ele perpassaram, dando destaque às mulheres presentes nesta manifestação.

O PASSO DOS OBJETIVOS E DA METODOLOGIA

A investigação se pautou em acessar e analisar a historiografia do Frevo, identificando suas principais fontes e a construção de suas narrativas, tendo enquanto inspiração as perspectivas da História Cultural delineada por Peter Burke (2008).

Para tanto, utilizamos duas categorias norteadoras, a partir das perspectivas de Análise de Conteúdo de Bardin (1988), sendo a primeira a *Capoeira*, recorrentemente utilizada para explicar o surgimento do Frevo/Passo, chegando a ser apontada como a mentora desta dança. A segunda categoria de análise foi *Mulher*, sobre a qual o grupo

investigou a ausência e o silêncio das mulheres na história do Frevo, através dos textos estudados.

Três documentos que traçam pesquisas historiográficas sobre o Frevo foram analisados: O livro de Valdemar de Oliveira (1974), *Frevo, Capoeira e Passo*; O Dossiê de Candidatura do Frevo a Patrimônio Imaterial do Brasil, coordenado por Carmen Lelis (2007) e a Dissertação de Mestrado de Juliana Dias Paes, intitulada: *Aqui, apesar do frevo, há moralidade: a presença de mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife na década de 1920*.

À PROCURA DE RESULTADOS

Os estudos apontam que as influências da capoeira em torno do frevo são passíveis de questionamentos. Os capoeiras estavam onde estavam as festas, a “ginga” do capoeira sempre antecedia os golpes, representando uma preparação para a dança, não lutavam capoeira ao som do frevo, eles criavam passos de frevo influenciados pela agilidade, flexibilidade e virilidade de seus corpos. Assim, pode-se dizer que o frevo/passo é um desdobramento dos capoeiras (praticantes) e não da capoeira (luta). Sobre a presença das mulheres, os indícios mostram que estas estavam nas ruas, entre as festividades e resistências populares que caracterizaram esta manifestação popular, contudo, a aceitação e visibilidade dada às mulheres associadas ao frevo está nas manifestações em espaços fechados e elitizados, como os clubes que organizavam bailes de carnaval.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rita de Cássia B. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1996.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- LELIS, Carmen. Frevo: Patrimônio Imaterial da Humanidade. *Dossiê de candidatura do Frevo a patrimônio imaterial do Brasil*. IPHAN, 2007.
- OLIVEIRA, Valdemar de. *Frevo, capoeira e passo*. Companhia Editora de Pernambuco, 1974.
- PALMEIRA, Juliana Dias. *Aqui, apesar do frevo, há moralidade: a presença de mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife na década de 1920*. *Dissertação de Mestrado*. Departamento de História. UFRPE. Recife, 2015.
- RABELLO, Evandro. *Memórias da folia: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa (1822-1925)*. Recife: Funcultura, 2004.

ⁱ Doutora em Educação, UFRPE, mhelenalira@gmail.com

A CIDADE EM DUAS RODAS: INTRODUÇÃO À PRÁTICA DO CICLISMO NA CIDADE DE SÃO PAULO (1890- 1910).

Yuri Vasquez Souza¹

Palavras chave: ciclismo, bicicleta, São Paulo, cultura.

INTRODUÇÃO

De origem europeia¹, o ciclismo, prática cultural do andar de bicicleta e a bicicleta, passaram a ser símbolos da modernidade e do progresso presentes no cotidiano através das diversas manifestações do seu uso e da sua incorporação às dinâmicas sociais.² A bicicleta, objeto dessa pesquisa é simples, porém versátil e o seu uso diário pode abranger diversas áreas da vida. Múltiplos podem ser os sentidos atribuídos ao objeto: meio de transporte de pessoas e mercadorias, práticas desportivas, lazer e turismo e realização de desafios.

Com o aprimoramento da técnica, a prática cultural de “*andar de bicicleta*”, sofreu adequações e passou a produzir espaços e estruturas próprias para a prática desportiva do ciclismo, criando novas instituições, reforçando a ideia de sujeito universal e promovendo novas relações sociais³. O ciclismo desportivo foi responsável em parte por incorporar o uso tecnologias modernas ao esporte.⁴

No final do século XIX, a bicicleta desembarcou em São Paulo e no Rio de Janeiro, trazida pela burguesia que frequentemente viajava para países da Europa e de lá importavam suas modas e formas de viver.⁵ Se inaugurava a prática dos *sports*⁶ que usam tecnologia moderna no Brasil.

OBJETIVO

Buscamos discutir como se deu a introdução da prática do ciclismo na cidade de São Paulo na última década do século XX. Para isso empreendemos uma pesquisa em torno da

¹ Para aprofundamento na origem do ciclismo ver: VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: Corbin, Alain. **História dos tempos livres**. Lisboa, 2001. p.231-262. e WEBER, Eugen. **França Fin-de-Siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

² MELO, V. A. de E SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. In: **Revista Estudos Feminista** vol. 17 no. 1 Florianópolis Jan./Apr. 2009 disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000100007&script=sci_arttext>.

³ Vigarello, Op. Cit., 2001

⁴ Idem

⁵ Sobre a chegada da bicicleta no rio de Janeiro e a cultura ciclística que por lá se desenvolve, ver: SCHETINO, André Maia. **Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo: uma análise comparada entre Rio de Janeiro e Paris na transição dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

⁶ Aqui utilizamos o termo *sport* assim como encontramos nos estudos de ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización México D.F.** Fondo de cultura econômica 1995.

cultura ciclística, afim de sistematizar as práticas produzidas a partir do uso da bicicleta⁷. A pesquisa se apoia nas publicações sobre o assunto: Correio Paulistano e O Estado de São Paulo publicados entre 1890-1910, no Semanário A Bicicleta, publicado em 1896, além de outras publicações esportivas da época.

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Ao chegar a São Paulo, em meados de 1890, a bicicleta trouxe consigo traços dos usos que a sociedade europeia lhe atribuiu, principalmente no que diz respeito ao uso esportivo.⁸ Se tratando de ciclismo de pista, a alta burguesia paulistana se deleitava nos páreos de bicicleta do Jockey Club, do Parque Antártica e no velódromo de Sant'Anna e principalmente nos realizados pelo Veloce Clube Olímpico Paulista no Velódromo Paulista.

No início de 1890, Antônio Silva Prado, cafeicultor e político, encomendou o projeto e contruiu um velódromo no interior da chácara de sua mãe, Veridiana Prado.⁹ Os semanários publicados na cidade destacavam o crescente gosto pelos “*sports*”: ciclismo, esgrima, football, remo e tiro ao pombo. No ano de 1892 foram fundados em São Paulo o Velódromo Paulista e o Veloce Club Paulista. A prática ciclística se difundiu entre as classes abastardas da cidade. Cabe salientar que era um esporte primordialmente masculino sendo ridicularizada pelo público a tentativa da participação feminina no Rio de Janeiro¹⁰.

A cidade inaugurava seus primeiros espaços de sociabilidade esportiva, o Velódromo, inspirado nos modelos europeus, contava com medidas oficiais¹¹ e passou a abrigar as corridas de bicicleta, o que possibilitou o surgimento de um dos primeiros clubes esportivos da cidade: o Veloce Club Olímpico Paulista. As disputas realizadas no Velódromo Paulista serviram para estabelecer um primeiro contato da bicicleta com a cidade. Ali se estabeleceram os primeiros recordes da modalidade no Brasil. O velódromo foi o berço do ciclismo competitivo na cidade e importante estádio para o desenvolvimento do futebol. O parque esportivo foi um espaço de sociabilidade da cidade frequentado por muitos paulistanos, mas principalmente pelas famílias da elite.

⁷CERTEAU, MICHEL de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, Vozes, 1996.

⁸ A semanário A Bicicleta demostras afinidades com o ciclismo francês e muitas vezes destaca os velódromos e provas ciclísticas disputadas nas França. A Bicicleta, 1896, nº 4, p.17

⁹ Para mais informações sobre o velódromo e as sociabilidades ver: NICOLINI, H. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo: Phorte Editora 2001. e RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, P. (Org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v. 3, p. 387-436.

¹⁰ O Semanário A Bicicleta noticiou o ocorrido, quando ao entrar na oixta para disputar um páreo, a ciclista foi recebida com vaias “sendo vexada e insultada gratuitamente”. A Bicicleta, 1896 nº18 p.72

¹¹ Situado na Rua da consolação, contava com uma raia de 380 metros de comprimento por 8 metros de largura e arquibancada para abrigas até 800 pessoas. MELO, V. **Bicicleta e ciclismo**. Rio de janeiro: Mimeo, 2005

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados de 1900 o crescente entusiasmo por outros esportes, o futebol e o automobilismo, contribuíram para o abandono parcial do ciclismo. O velódromo ganhou um campo de Futebol e passou a receber partidas de futebol¹² Com pouco apoio e infraestrutura necessários para sua popularização, pouco a pouco a prática do ciclismo esportivo foi se reduzindo aos poucos apaixonados pela modalidade já nos finais da primeira década do século XX. O Velódromo foi demolido em 1914 para possibilitar a abertura de uma avenida.

Contudo, após os primeiros anos da chegada da bicicleta em São Paulo, seu uso rompeu os limites das pistas dos velódromos e passou a estar presente no espaço urbano tanto para passeio como para transporte¹³. Ao longo das primeiras décadas do século XX, a bicicleta passou a transitar como veículo na cidade. Mesmo não contando com propulsão a motor elétrico e nem de combustão, como o automóvel e o bonde, e tendo apenas um simples sistema de engrenagem mecânica que potencializa a força humana, a bicicleta é considerada um veículo capaz de atingir elevada velocidade e de agilizar deslocamentos curtos e longos. Assim relação do uso da bicicleta e do ciclismo passou a ter uma relação estreita com os outros veículos que transitam pelas ruas e avenidas.

FONTES:

- Semanário Ilustrado A Bicycleta, 1896 nº 04, 11, 18, 19 e s/n.
- Semanário de Reclame Arte e Sport, 22/11/1903 nº3.
- A Bohemia, 1896 nº 10
- O Estado de São Paulo 1890 – 1910
- Correio Paulistano, 1890-1910

REFERÊNCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO.

CERTEAU, MICHEL de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, Vozes, 1996.

¹²O velódromo passou a ser a sede do Athletico Clube Paulistano fundado em 1900. A primeira partida do campeonato paulista foi realizado no velódromo paulista no mesmo ano.

¹³Muitas notas e anúncios no O Estado de São Paulo e No correio Paulistano, jornais de grande circulação na cidade no período estudado, 1890-1910, apontam presença das bicicletas em São Paulo. Multas, acidentes, atropelamentos, colisões, roubos dentre outras ocorrências apareciam com frequência entre 1890 e 1910 nas notas policiais. Lojas, importadores, mecânicas e alfaiatarias anunciavam seus produtos e serviços na busca por novos clientes.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manoela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand. 1990.

ELIAS, Norbert, Eric DUNNING, A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

MELO, V. A. de E SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. In: **Revista Estudos Feminista** vol. 17 no. 1 Florianópolis Jan./Apr. 2009 disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000100007&script=sci_arttext>

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, P. (Org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v. 3, p. 387-436.

SCHETINO, André Maia. *Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo: uma análise comparada entre Rio de Janeiro e Paris na transição dos séculos XIX e XX*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: Corbin, Alain. **História dos tempos livres**. Lisboa, 2001. p.231-262.

WEBER, Eugen. França Fin-de-Siècle. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FONTE DE FINANCIAMENTO:

Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 134332/2015-6.

¹Yuri Vasquez Souza: Graduado em Educação Física- Licenciatura e Bacharelado- pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Mestrando em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP com ênfase movimentos sociais contemporâneos, história da tecnologia e do E-mail: yuri.vsouza@gmail.com.

FRONTEIRAS DE GÊNERO EM FOCO – AS MEMÓRIAS DE MULHERES ATLETAS DE FUTEBOL SOBRE A PRÁTICA DESSE ESPORTE NA INFÂNCIA

Maria Thereza Oliveira Souza¹

André Mendes Capraro²

PALAVRAS-CHAVE: memórias; mulheres; futebol; fronteiras de gênero;

INTRODUÇÃO

Sabe-se que histórica e culturalmente são estabelecidos papéis que devem ser ocupados e comportamentos que devem ser seguidos por homens e por mulheres no convívio social. Os enquadramentos aos papéis delimitados tendem a ser ensinados e encorajados desde a infância, existindo atividades adequadas para cada sexo (LOURO, 1997; LE BRETON, 2006). No Brasil, por exemplo, o futebol acabou por se constituir como um esporte amplamente caracterizado como masculino e a mulher, conseqüentemente, esteve afastada da prática regulamentada da modalidade por um longo período de tempo, sendo que seu caminho em tal esporte se caracterizou como irregular e repleto de interdições, regulamentações e proibições (GOELLNER, 2005). Muito em decorrência disso, o futebol também foi historicamente pouco praticado pelas meninas em escolas e espaços de lazer na infância, fazendo com que se perpetuassem as diferenças no número de praticantes e nas oportunidades entre os dois sexos. Tais espaços – escola e de lazer – se constituíram como de manifestação de domínio masculino (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002). Apesar disso, sempre existiram meninas que romperam com as fronteiras de gênero, termo que se refere às construções sociais estabelecidas sobre os sexos (SCOTT, 1995), e passaram a interagir com o sexo masculino na prática do futebol.

Nesse sentido, o presente trabalho se propôs a discutir as construções memorialísticas de quatro ex-atletas da seleção brasileira de futebol sobre as experiências vividas na iniciação esportiva dessa modalidade, quando, na grande maioria das vezes, as meninas que anseiam por praticá-la têm de fazê-lo em um meio majoritariamente masculino. Assim, as perguntas que nortearam tal estudo foram: de que forma narram as suas memórias sobre a infância no futebol, mulheres que seguiram caminhos profissionais em tal esporte? Como os meninos as tratavam a partir do momento em que elas manifestavam interesse pela prática?

No anseio de responder a tais questionamentos, optou-se pela utilização da metodologia de História Oral, a qual tem como principal característica a produção de fontes orais por meio de entrevistas no encontro entre o pesquisador e seus colaboradores, que

devem ser “[...] indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2008, p. 155). Tal metodologia necessita de apoio nos estudos referentes à utilização da memória como fonte, já que as narrativas dos colaboradores são baseadas amplamente em seus esforços para relembrar. Nesse sentido, tal pesquisa pautou-se principalmente nos pressupostos metodológicos e teóricos de Alessandro Portelli (2010) e Michael Pollak (1989). As entrevistas com as atletas duraram entre quarenta e cinco minutos e uma hora e vinte minutos, sendo que todas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual havia a opção para que solicitassem a manutenção de anonimato, se assim achassem necessário. Os conteúdos das narrativas foram transcritos seguindo os pressupostos metodológicos de Verena Alberti (2008).

As entrevistas permitiram aferir que o preconceito em relação às meninas no futebol se deu principalmente pelo fato da inabilidade técnica, e não propriamente pelo fato de se tratarem de pessoas do sexo feminino. Sendo assim, no que tange suas memórias, a partir do momento em que estavam inseridas em um meio majoritariamente masculino para a prática do futebol e apresentavam qualidades técnicas similares às deles, essas atletas eram bem aceitas e passavam a fazer parte do grupo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*, São Paulo: Contexto, p. 155-202, 2008.
- GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista brasileira de Educação Física e Esportes*, São Paulo: v. 19, n. 02, p. 143-151, abr./jun. 2005.
- LE BRETON, D. A sociologia do corpo. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 03, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, A. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Essa pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹Mestranda em Educação Física – Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: mariathereza_souza93@yahoo.com.br

²Doutor em História – Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: andrecapraro@onda.com.br

